

VERBO, CLASSE DOMINANTE DA NARRAÇÃO?

por

ANA LUÍSA AMÊNDO LA

Dissertação apresentada ao
Departamento de Lingüística
do Instituto de Estudos da
Linguagem como requisito par
cial para obtenção do grau
de Mestre em Lingüística.

Campinas

1981

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, através de bolsa de pesquisa durante o meu curso de Mestrado em Linguística no Departamento de Linguística, então no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Quero agradecer aqui ao Professor Haquira Osakabe pela orientação paciente para esta dissertação; a todos os entrevistados que colaboraram para o levantamento do corpus de narrativas realizado; à Daniela, pela ajuda na transcrição das gravações; à Rosa Helena Blanco Martínez, pelo permanente incentivo e troca de idéias durante a pesquisa e a redação deste trabalho.

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO: DIFERENTES ABORDAGENS DA NARRATIVA	1
CAPÍTULO I. ABORDAGEM LINGÜÍSTICA DA NARRATIVA	8
1. Preliminares	8
2. Dados: Narrativas Oraís	14
3. O Trabalho de Labov e a análise dos dados coletados	16
3.1. Estabelecimento das cláusulas narrativas	16
3.2. A Subordinação que não impede juntura temporal	19
3.2.1. Oração Subordinada Adverbial Temporal	20
3.2.2. Oração Subordinada Adverbial Consecutiva	26
3.2.3. Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta	27
3.2.4. Oração Subordinada Substantiva Predicativa	31
3.2.5. Oração Subordinada Adjetiva	31
3.3. Verbos "Dependentes"	35
3.4. Elipse Verbal	37
3.5. Subordinação através de Coordenação	40
3.6. A Cláusula "Abstract"	42
4. Elementos Estruturais da Narrativa	45
4.1. Ciclo Narrativo e Juntura Temporal	45
4.2. Núcleos Narrativos e outros Elementos Lingüísticos da Narrativa	52

CAPÍTULO II: CARACTERIZAÇÃO LINGÜÍSTICA DOS ELEMENTOS

ESTRUTURAIS DA NARRATIVA	62
1. Preliminares	62
2. Halliday: Tipos de Oração	63
2.1. Sobre a Classificação das Orações segundo Halliday	65
3. Vendler: Aspecto e "Tipo de Verbo"	67
3.1. Halliday e Vendler: concordâncias e divergências	70
4. Classificação dos núcleos narrativos a partir de Halliday e Vendler	74
4.1. Orações de Ação com Núcleo verbal "Activity"	76
4.2. Orações de Ação com Núcleo verbal "Accomplishment"	91
4.3. Orações de Ação com Núcleo verbal "Achievement" Involuntário	103
4.4. Orações de Ação com Núcleo verbal "Achievement" Voluntário	113
4.5. Verbos sujeitos a diferentes Classificações	117
5. Aspecto e Combinação de Constituintes. Dowty	131
5.1. A Contribuição de Dowty para a análise das Cláusulas Narrativas	135
III: CONCLUSÃO	151
BIBLIOGRAFIA	161
APÊNDICE:	
Anexo I. O corpus: os cem textos narrativos coletados ...	165
Anexo II. As "cláusulas narrativas" de cinquenta textos narrativos	

INTRODUÇÃO: DIFERENTES ABORDAGENS DA NARRATIVA

Este trabalho pretende ser um estudo da Narrativa do ponto de vista lingüístico. Um exame dos Trabalhos mais significantes sobre narrativa nos levou aos estudos de Propp, (1) Brémond, (2) Lévi-Strauss, (3) Barthes (4) e Labov. (5) Dentre eles, o de Labov foi o que mais se aproximou da análise que pretendíamos fazer, que constava exatamente de uma investigação acerca dos elementos (verbos, nomes, advérbios, etc.) que estão presentes nas narrativas.

Até Propp reinavam as concepções que consideravam nos contos o motivo e o assunto como unidades narrativas indecomponíveis. Propp busca os elementos constantes no conto, aqueles que estão sempre presentes. Esses elementos - invariantes - e sua correlação na composição do conto constituem a estrutura do conto. Essas invariantes são as partes fundamentais do conto - as funções dos personagens. As funções são definidas como a ação de uma personagem do ponto de vista de sua significação no desenvolvimento da intriga, isto é, o significado da ação para o desenvolvimento da trama - ações idênticas podem ter significados diferentes, e diferentes ações o mesmo significado. As funções dos personagens são em número limitado, vinte e uma, cada uma podendo ser descrita por um substantivo que a resume - proibição, transgressão, falta, mediação, reparação da falta, castigo, etc. Nem sempre estão presentes todas as funções, porém seu número é limitado. Também os papéis que os personagens concretos assumem são sempre os mesmos - antagonista (agressor), doador, auxiliar, mandatário, herói, falso herói. A partir desses

elementos Propp elabora dois modelos estruturais, o primeiro sendo composto pela sucessão temporal das ações, e o segundo tendo como base os personagens - como as funções se repartem entre os personagens.

Brémond chama a atenção para a sucessão dos acontecimentos como característica específica da narrativa, e para a integração numa unidade de ação, "a narrativa consiste em um discurso integrando uma sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação". (6) A partir do exame do método de Propp, Brémond convence-se da necessidade de traçar, anteriormente a toda descrição de um gênero literário definido, o mapa das possibilidades lógicas da narrativa. Tomando como unidade de base (átomo narrativo) as funções de Propp, estuda a lógica das funções, isto é, reconstitui a sintaxe dos comportamentos humanos empregados pela narrativa, traçando o trajeto das "escolhas" às quais cada personagem é submetido a cada ponto da estória. Os acontecimentos se distribuem em melhoramentos e degradações. O circuito narrativo se constitui em melhoramento, degradação e reparação, ciclo que pode se repetir indefinidamente.

Lévi-Strauss em seu estudo sobre o mito encara-os como uma forma de discurso que deve ser pesquisada acima do nível habitual da expressão lingüística. Isto porque o mito tem propriedades particulares, participando de uma só vez tanto do tempo reversível característico da língua como do tempo irreversível característico da fala (em sua condição de narração histórica do passado é irreversível no tempo, e como instrumento de explicação do presente e do futuro é sincrônico e reversível). Por outro lado, o mito é formado por 'mitemas' que se

caracterizam como 'feixes de relações'. Cada feixe é constituído por relações paralelas, ou entre situações ou entre ações, e para se compreender o mito deve-se relacionar cada feixe (mitema) com um outro, embora isso altere as sequências das ações do ponto de vista diacrônico. A estrutura que caracteriza o mito permite ordenar seus elementos em sequências diacrônicas que de vem ser lidas sincronicamente. Todas as versões do mito que es tã sendo analisado devem ser levadas em conta.

Barthes tenta estabelecer a estrutura da narrativa a través de um procedimento dedutivo, concebendo um modelo hipotético de análise. O modelo fundador da análise estrutural da nar rativa será a própria lingüística. A partir da concepção de níveis de significação, retoma a proposta de Benveniste sobre níveis de análise, (7) que revela relações distribucionais - dentro do mesmo nível e relações integrativas - de um nível para o outro. Chega, assim, a três níveis de análise: o nível das funções, o das ações, e o da narração. As unidades de cada nível são encontram significação num nível superior de análise-as funções só são significativas quando se integram ao nível das ações, e essas só se estabelecem significativamente na medida em que se integram ao nível da narração.

William Labov e Joshua Waletzky trabalham com narrativas orais, gravadas em entrevista pessoal, que são analisadas do ponto de vista formal-funcional. Formalmente, as narrativas são divididas em cláusulas de diferentes espécies: livres, narrativas ou restritas, conforme o potencial de deslocamento que apresentam. Os verbos são considerados núcleos das cláusulas narrativas. As funções narrativas, que governam a estrutura da narrativa, são: orientação, complicação, avaliação, resolução e

coda. A complicação e a resolução compõem o corpo principal da narrativa, que formalmente é constituído pelas cláusulas narrativas - orações ordenadas temporalmente (não podem ser deslocadas). (8)

Todos esses trabalhos apresentam idéias sugestivas sobre narrativas, mas com exceção do trabalho de Labov, que indica os verbos como núcleos narrativos e apresenta uma análise das cláusulas, nenhum outro oferece análises dos elementos lingüísticos encontrados nas orações que compõem a narrativa.

A sucessão temporal de que fala Propp, por exemplo, ou os diferentes significados que uma ação pode adquirir na narrativa, conforme ele propõe, são idéias interessantes, mas que não estão fundamentadas em elementos formais da linguagem. Do mesmo modo, o trabalho de Brémond, embora apresente uma definição de narrativa baseada na sucessão de acontecimentos, que coincide com a definição que adotamos neste trabalho, não se centra numa investigação lingüística mas em categorias interpretativas cujo interesse, para nós, é limitado, dado o interesse lingüístico de que partimos.

Quanto a Lévi-Strauss, seu trabalho representa mais uma análise da estrutura do pensamento mítico do que propriamente da narração mítica, pois interessando-se acima de tudo pela lógica mítica, o autor vincula as funções de modo vertical - para extrair um paradigma da confrontação de variantes.

O trabalho de Barthes, embora se proponha nitidamente como partindo da Lingüística, opera com conceitos intuitivos e de difícil detecção no plano de uma análise concreta. Isso não minimiza a importância e riqueza de sua reflexão sobre a narrativa, que pode servir a uma reflexão sobre a linguagem

em geral, mas cuja abordagem não nos ajuda a empreender uma descrição das características linguísticas da narrativa.

Daí ter chamado especialmente nossa atenção a abordagem de W. Labov, pois levanta problemas de natureza linguística que os outros autores citados não consideram. Nossa análise parte, portanto, dos trabalhos de Labov, que serão expostos no Capítulo I, e segue caminhos próprios, afastando-se desses trabalhos e buscando outros modelos sempre que necessário. Logo de início, fixamo-nos no estudo da parte do texto narrativo que denominamos de essencialmente narrativa, que funcionalmente compõe-se, conforme Labov, de complicação e resolução, e que formalmente é composta pelas cláusulas que apresentam juntura temporal (cláusulas ordenadas temporalmente, que não podem ser tiradas das posições em que aparecem no texto sem alterar a significação original da narrativa).

Como estabelece o título da dissertação: "Verbo-classe determinante da narração?", nossa pesquisa está voltada para a investigação do verbo em comparação aos outros elementos linguísticos que porventura sejam importantes para a realização da narrativa, de modo a decidir se o verbo, que Labov considera como núcleo das cláusulas narrativas pode, de fato, ser assim considerado. No decorrer do trabalho veremos a importância relativa do verbo tomado isoladamente, pois ele necessita combinar-se com outros elementos para a realização das diferentes características das cláusulas narrativas e da "narrativa propriamente dita" (parte essencialmente narrativa).

Nosso trabalho, no entanto, não fornecerá uma análise dos elementos que compõem todo o texto narrativo, mas somente dos elementos encontrados na parte do texto que nos propo-

mos a estudar - a parte essencialmente narrativa. Uma visão global de todos os elementos que funcionam no texto poderá, entre tanto, ser estabelecida se além de nossa dissertação, tomarmos a tese de mestrado de Rosa Helena Blanco Martinez, elaborada para lealmente à nossa, e que aborda exatamente as partes do texto narrativo que não são consideradas "essencialmente narrativas", que deixamos de lado neste trabalho. Assim, os elementos lingüísticos relevantes na "orientação", na "avaliação", e na "coda", as características das formas verbais que aparecem nesas partes do texto ditas "não narrativas", são dados que não aparecem no presente trabalho, mas sim na tese de Rosa Helena, acima referida.

Notas da Introdução:

- (1) Propp, V. - Morphologie du Conte, Seuil, 1965.
- (2) Brémond, Cl. - "A lógica dos possíveis narrativos", in Análise Estrutural da Narrativa, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- (3) Lévi-Straus, Cl. - "Análise Estrutural do Mito", in Antropologia Estrutural, E. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970.
- (4) Barthes, R. - "Introdução à Análise Estrutural da Narrativa", in Análise Estrutural da Narrativa, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- (5) Labov, W e Waletzky, J. - "Narrative Analysis. Oral Versions of Personal Experience", in J. Helm Essays on the Verbal and Visual Arts. University of Washington Press, 1967.
- (6) Brémond, Cl. - "A Lógica dos possíveis Narrativos", op.cit. pp. 113-114.
- (7) Benveniste - Problèmes de Linguistique Générale I, Éditions Gallimard, 1966, pp. 120 a 131.
- (8) No Capítulo I apresentamos uma análise mais detalhada do trabalho de Labov.

CAPÍTULO I - ABORDAGEM LINGÜÍSTICA DA NARRATIVA

1. Preliminares

Nosso trabalho é uma tentativa de identificar e analisar os elementos lingüísticos que definem a narrativa como um tipo específico de discurso. Segundo a tradição da retórica é possível pensar-se em três tipos de discurso: narração, descrição e dissertação. O discurso englobaria, portanto, todas as formas, enquanto a narração se definiria por características específicas que distinguem-na das outras formas que o termo discurso engloba. É o que estabelece Genette na citação abaixo:

(...) o discurso (...) é o modo 'natural' da linguagem, o mais aberto e o mais universal, acolhendo por definição todas as formas; a narrativa, ao contrário, é um modo particular, definido por um certo número de exclusões e de condições restritivas. (1)

A especificidade da narrativa do ponto de vista de sua "função" está na instauração de um acontecimento, daí vários autores terem definido a narrativa como sendo a parte do texto que veicula as ações. Nesse sentido, diz Gérard Genette:

Toda narrativa comporta com efeito, embora intimamente misturadas e em proporções muito variáveis, de um lado representações de ações e de acontecimentos, que constituem a narração propriamente dita, e de outro lado representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina hoje a descrição. (2)

O objeto de estudo do presente trabalho é a parte da narrativa que veicula ações e acontecimentos, a qual Genette chama de "narração propriamente dita". Nossa tarefa foi sele-

cionar os elementos lingüísticos que encontramos nessa parte do texto e efetuar a análise desses mesmos elementos. Se Genette nos apresenta, no texto acima citado, a distinção entre narrativo e não narrativo, do ponto de vista teórico, não analisa os elementos lingüísticos que constituem essas diferentes partes do texto. Daí iniciarmos nosso estudo a partir dos trabalhos de W. Labov, (3) que incluem uma tentativa de detectar os elementos lingüísticos que aparecem na narrativa.

No texto "Narrative Analysis: oral versions of personal experience", Labov trabalha com narrativas orais de experiências pessoais, gravadas em dois contextos sociais distintos: entrevista pessoal onde o narrador fala para o entrevistador (que não pertence ao grupo de origem do narrador), e entrevista onde o narrador fala a um grupo formado por membros que pertencem ao grupo de origem do narrador, e mais o entrevistador. Em sua pesquisa os narradores incluem falantes de comunidades negras e brancas, de áreas rurais e urbanas, e cobrem uma faixa de idade de dez a setenta e dois anos, não havendo, no entanto, narrativas de falantes com educação superior completa. Seu objetivo último será relacionar as características sociais do narrador com a estrutura de suas narrativas, mas nos textos em questão ele apenas analisa as narrativas nas suas características formais-funcionais, sem maiores considerações a respeito das características sóciolingüísticas. Labov define a narrativa como método de recapitular a experiência passada correspondendo uma sequência verbal de cláusulas a uma sequência de eventos que realmente ocorreram. Essa recapitulação deve respeitar a ordem dos eventos originais. Daí a questão fundamental a ser respondida pela sua análise ser como nós podemos

relacionar a sequência de cláusulas na narrativa com a sequência de eventos "inferida" da narrativa? As unidades narrativas serão as cláusulas independentes, pois as cláusulas subordinadas não são jamais relevantes para a sequência temporal. As cláusulas independentes que não podem ser mudadas de ordem sem alterar a sequência de eventos inferida na interpretação semântica original são denominadas cláusulas narrativas. As cláusulas independentes podem ser ainda: livres, quando podem ser deslocadas para qualquer ponto da narrativa; coordenadas, quando são ordenadas entre si, indicando ações simultâneas; e restritas, quando deslocam-se somente através de parte da narrativa, e não da narrativa inteira, como as livres. Duas cláusulas ordenadas temporalmente estão em juntura temporal, e entre duas cláusulas ordenadas temporalmente pode aparecer uma ou mais cláusulas livres ou restritas. A juntura temporal é semanticamente equivalente a "então", e a relação a então b é o tipo de relação entre cláusulas mais característico da narrativa. Algumas narrativas se constituem exclusivamente com esse tipo de relação, e todas, por definição, o usarão pelo menos uma vez: qualquer sequência de cláusulas que tenha pelo menos uma juntura temporal é uma narrativa. Os núcleos narrativos serão os verbos finitos das cláusulas narrativas. As formas verbais desses núcleos serão passado simples (perfectivo) e presente simples. O tempo contínuo (passado e possivelmente presente) pode aparecer ocasionalmente. A última operação formal para a análise da narrativa será a de deslocamento de todas as cláusulas livres para o início da narrativa e as cláusulas restritas para o ponto mais extremo que elas puderem alcançar. No entanto, a estrutura narrativa a que se chega se assim procedermos se a

fastará, constantemente, de maneira significativa, da ordem de sequência original. Isso porque as funções narrativas governam a estrutura da narrativa. As funções narrativas que Labov propõe são: orientação, complicação, avaliação, resolução e coda. As cláusulas que compõem a orientação têm por função orientar o leitor em relação a pessoa, lugar, tempo, situação comportamental, correspondendo, formalmente, ao grupo de cláusulas livres que precede a primeira cláusula narrativa. A complicação, corpo principal da narrativa, é constituída formalmente pelas cláusulas ordenadas temporalmente, terminando com a resolução. Para isolar a resolução da complicação é obrigatório o uso de critério semântico. A avaliação pode ser definida como a parte da narração que revela a atitude do narrador em relação à narração, enfatizando o ponto em que a complicação alcança o ápice, incidindo, assim, sobre a complicação. A resolução é mais facilmente isolada quando a narrativa apresenta avaliação, pois será a parte de sequência narrativa que vem imediatamente após a avaliação. A coda é um mecanismo funcional que faz com que a perspectiva verbal volte ao momento presente, isto é, ao momento da enunciação. Dentre esses elementos funcionais, a complicação e a resolução são indispensáveis para que uma narrativa se estabeleça, enquanto que a orientação, a avaliação e a coda podem não aparecer em todas as narrativas. Esse é, em resumo, o estudo da narrativa que Labov apresenta no texto "Narrative Analysis: oral versions of personal experience".

Esse estudo é retomado em "The Transformation of Experience in Narrative Syntax", onde as mesmas definições de narrativa, cláusulas narrativas, juntura temporal são reafirmadas, e há um estudo mais minucioso de cláusulas e núcleos nar-

rativos em termos linguísticos, focalizando inclusive a sintaxe interna das cláusulas isoladas. Em termos da narrativa como um todo, Labov estabelece que "a fully-formed narrative may show the following: 1. Abstract; 2. Orientation; 3. Complication action; 4. Evaluation; 5. Result or Resolution; 6. Coda". A única novidade em relação ao texto anterior é a caracterização de um novo elemento funcional na narrativa, o "Abstract", descrito como 'uma ou duas cláusulas que resumem a estória toda'.
(4)

Pelo exposto nota-se uma diferença fundamental entre a extensão das análises de Labov e a nossa: enquanto Labov analisa o texto narrativo como um todo, nós pretendemos analisar, dentro do texto narrativo, aquilo que é especificamente - "narrar", ou seja, a "narração propriamente dita" a que nos referimos acima. Em outras palavras, denominamos "narrar" ao fenômeno de instauração linguística de um acontecimento - toda narrativa revela um encadeamento de eventos consequentes que se sucedem configurando um acontecimento: um evento liga-se a outro de tal modo que o conjunto deles revela o acontecimento na sua dinamicidade. É esse encadeamento, essa cadeia sucessiva de eventos, que constitui o objeto de estudo deste trabalho. O texto narrativo, como o analisa Labov, é composto de várias outras partes além da parte "essencialmente narrativa" que nos interessa por ora. Essa parte da narrativa coincide com o que Labov chama de "esqueleto da narrativa".

The skeleton of a narrative consists of a series of temporally ordered clauses which we may call narrative clauses. (5)

Bem, em relação ao trabalho de Labov, a nos interessará tal "esqueleto" composto por cláusulas narrativas, e as

funções de complicação e resolução que essas cláusulas desempenham no texto narrativo. Essas são, no entender de Labov, as partes indispensáveis da narrativa. As cláusulas que desempenham as funções de "orientação", "avaliação" e "coda" não serão analisadas no presente trabalho, e nem sempre, segundo Labov, estão presentes nas narrativas:

Not all narratives have orientation sections, (...) Furthermore, we find that orientation sections are typically lacking in narratives of children and less verbal adults (...) both narratives are lacking the evaluation section which is typical of narratives of personal experience. (6)

A "coda", por sua vez, não faz parte do encadeamento de eventos consequentes que a narrativa apresenta, sendo sua função fazer com que a perspectiva verbal volte ao momento da enunciação.

Nossa primeira tarefa foi, pois, a de separar, nos textos coletados, a parte essencialmente narrativa da parte "não narrativa". Como dissemos na Introdução, apresentamos nesse primeiro capítulo, a partir dos trabalhos de Labov, os problemas e as soluções que encontramos para a execução dessa tarefa.

Antes porém de entrarmos na descrição de nossa pesquisa, gostaríamos de esclarecer que entendemos que outras abordagens da narrativa são possíveis, mesmo porque a narrativa, além de apresentar um evento na sua dinamicidade, serve ainda para outras funções tais como a de interesse pessoal, como denunciar uma arbitrariedade, ou mesmo divertir o ouvinte. Nesse sentido, foi bastante interessante notar que mesmo na situação artificial de pesquisa com gravador e a pergunta direta para o falante contar uma narrativa, a maioria delas apresenta

esse fator de interesse pessoal, isto é, o estabelecimento de evento tem por função ou uma denúncia, ou tenta divertir ou impressionar o ouvinte. Nesse sentido, Labov coloca em seu trabalho a seguinte observação:

Narrative will be considered as one verbal technique for recapitulating experience (...) Furthermore, we will find that narrative which serves this function alone is abnormal: it may be considered empty or pointless narrative. Normally, narrative serves an additional function of personal interest determined by a stimulus in the social context... (7)

De fato, normalmente a narrativa, como ato de linguagem, terá efeitos perlocucionais os mais variados. No entanto, não estamos no presente trabalho interessados em tais aspectos, que examinados do ponto de vista linguístico provavelmente apresentassem elementos linguísticos que os indicassem dentro da narrativa. Nós, ao contrário, como já foi dito, estamos preocupados com o que caracteriza toda narrativa como ato de narrar, que pode ser definido como o ato de estabelecer, linguisticamente, um acontecimento na sua dinamicidade.

2. Dados: Narrativas Oraís

O Corpus, constante de 100 narrativas, foi obtido a partir da solicitação ao informante para que contasse algo que lhe interessasse, mais precisamente: "conte algo (ou um caso) que você goste de contar". Tal solicitação foi escolhida considerando-se o tipo de narrativa que nos interessava - narrativas em registro informal, onde o falante se interessasse pelo que contava de modo a narrar fluentemente, sem constrangimento. Ao mesmo tempo, resultou de uma pesquisa "prévia" em que

outras solicitações foram testadas, sem que no entanto fossem eficazes para a obtenção de narrativas.

As narrativas utilizadas por Labov em seu trabalho são obtidas de maneira um tanto diversa. O pesquisador pergunta se o entrevistado já esteve alguma vez em perigo de vida. Se o entrevistado responde que sim, o pesquisador indaga: "what happened?" E através desse método obtém as narrativas. (8) Usando uma pergunta mais genérica como a por nós escolhida, pretendemos obter narrativas de assuntos variáveis, assim como com objetivos diversificados.

Os textos por nós obtidos são de extensão e assuntos variados, gravados em entrevista pessoal. Os narradores incluem falantes de níveis sociais variados, assim como diferentes níveis de escolaridade, desde analfabetos a falantes com educação superior completa. As idades dos informantes variam de 18 a 65 anos, não havendo portanto narrativas infantis, pois a inclusão de narrativas infantis nos remeteria ao problema de aquisição de linguagem, ou seja, de estabelecer a partir de que idade a narrativa infantil passa a apresentar todas as características da narrativa adulta, o que nos afastaria do objetivo principal do presente trabalho.

As gravações foram iniciadas após a pergunta ser formulada e o falante ter-se recordado do caso que iria contar. O diálogo anterior, entre pesquisador e narrador, embora pudesse ser relevante para o estudo sobre a interação discurso-língua-tipo de discurso, não foi levado em conta pois consideramos que tal estudo pode ser posterior a uma primeira investigação a respeito da narrativa. Preferimos nos deter no que o narrador considerou como a estória que ele queria contar. Desse modo, a parte

tir do início da gravação não há mais interferência do pesquisador. O narrador não é mais interrompido até terminar sua história, não sendo submetido a perguntas tais como: "e então o que aconteceu?", "e daí?", etc.

A maioria das narrativas (sessenta e cinco entre cem) é narrativa de experiência pessoal, sendo que são narradas em primeira pessoa, tendo o autor participado do fato que relata. Oito são narrativas em terceira pessoa (9) cujos fatos foram presenciados pelos narradores, treze são narrativas ouvidas pelos narradores de alguém, (10) e catorze são narrativas em terceira pessoa com narrador onisciente cuja fonte não é conhecida. (11)

3. O Trabalho de Labov e a Análise dos Dados Coletados

3.1. Estabelecimento das cláusulas narrativas

As narrativas são analisadas, de início, através das técnicas utilizadas por Labov, ou seja, separação das cláusulas independentes e isolamento das cláusulas narrativas (aquelas que apresentam juntura temporal), as quais constituirão o objeto de estudo do presente trabalho. Para o estabelecimento das cláusulas narrativas, Labov analisa as orações independentes, que denomina de 'cláusulas livres', e portanto passíveis de serem cláusulas narrativas. Dessa maneira, não leva em conta as orações subordinadas.

(...) it can quickly be seen that only independent clauses are relevant to temporal sequence. Subordinate clauses (...) may be placed anywhere in the narrative sequence without disturbing the

temporal order of the semantic interpretation. (12)

(...)

It is also the case that subordinate clauses do not serve as narrative clauses. Once a clause is subordinated to another, it is not possible to disturb the original semantic interpretation by reversing it. (13)

Labov considera, portanto, que somente as orações independentes (em oposição às dependentes, subordinadas) é que são relevantes para o estabelecimento da narrativa. Por outro lado, sustenta que as orações independentes devem se relacionar semanticamente através da "juntura temporal" para que possam ser consideradas cláusulas narrativas.

No entanto, em nossas narrativas, muitas orações subordinadas apresentam o que Labov denomina de juntura temporal. De fato, as catorze narrativas apresentadas por Labov (14) não apresentam esse problema, o que pode nos levar a pensar que em inglês as orações dependentes não possam se submeter à juntura temporal. Entretanto, uma outra hipótese foi por nós cogitada. É a de que essas narrativas possam apresentar tais fenômenos em partes não transcritas por Labov. Essa hipótese foi levantada levando-se em conta que a narrativa sete (15) do texto: "Narrative Analysis:..." é apresentada sob o número de narrativa 3 no texto "Transformation..." (16) e apresenta três cláusulas a mais. Logo, Labov não se preocupou em transcrever integralmente as catorze narrativas que apresentou em "Narrative Analysis:...".

Bem, para nós, o que importa é que em português esse problema apresentou-se em muitas de nossas narrativas, impedindo que a análise prosseguisse sem que o resolvêssemos.

Para resolvê-lo, procuramos definir o "status" semântico e sintático das orações subordinadas, pois se Labov usa de um critério sintático para separar as cláusulas dependentes das independentes, (17) usa um critério semântico para estabelecer as cláusulas em junctura temporal - é através da interpretação semântica das cláusulas que se decide se há ou não junctura temporal entre elas.

A oração dependente é aquela que exerce função sintática em outra oração - dita principal. O significado das orações, no entanto, nada tem a ver com a classificação das orações em dependentes e independentes, mesmo porque, como diz Mário Barreto, "essas duas formas diferentes (coordenação e subordinação) (...) são equivalentes muitas vezes quanto ao sentido (...)", (18) e a oração independente principal nem sempre é a de sentido principal, como aponta Evanildo Bechara:

A oração principal é determinada pela relação sintática da oração dentro do período, não importando se o sentido que encerra é ou não aquele de que dependem as outras orações. (19)

De fato, muitas das orações subordinadas de nossas narrativas apresentam 'junctura temporal', e mesmo Labov nota, em notas de rodapé, (20) que as orações subordinadas aos verbos "dizer" e "contar" podem apresentar 'junctura temporal'.

(...) Coordinated verbs are always analyzed separately if they are independent, and in most cases where they are subordinated to verbs of saying and telling. See example 2 below, "I said, 'you git back there and get that duck'".
(...) As noted above the subordination of "get back there" and "get that duck" to "I said" is not the type of subordination that removes clauses from temporal sequence.

De fato tais verbos permitem às suas subordinadas a

ordenação temporal, como veremos a seguir (em 3.2.) mas não são os únicos casos em que tal fenômeno ocorre. Muitos outros casos foram observados e serão todos analisados em 3.2.

Além desses casos de subordinação a qual não impede a "juntura temporal", o modelo de Labov não nos forneceu dados suficientes para a análise de algumas outras ocorrências que encontramos em nossas narrativas. Algumas são mesmo próprias do português, como o caso de verbos que não expressam uma ação independente em algumas de suas realizações, embora em outras sejam utilizados como verbos principais de cláusulas narrativas como os verbos "pegar", "virar", "ir", e até certo ponto "chegar", que são estudados em 3.3.. Outros são mais gerais, como o caso das omissões verbais, que analisamos em 3.4., ou o das orações coordenadas que funcionam como subordinadas, que são apresentadas em 3.5., além de problemas bastante específicos como o significado implicado pelo verbo "resolver", ou o uso de "que" expletivos no início de cláusulas narrativas, apresentados em grupo em 3.6..

3.2. A Subordinação que não impede a juntura temporal

Encontramos em nossas narrativas vários casos nos quais a oração subordinada está em sequência temporal com outras orações. Trataremos cada um desses casos separadamente, pois, como veremos, eles levam a diferentes soluções.

Entre as orações subordinadas cujas ações são determinantes para o desenrolar da narrativa encontramos Orações Subordinadas Adverbiais Temporais, Orações Subordinadas Adver-

biais Consecutivas, Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas, Orações Subordinadas Substantivas Predicativas e Orações Subordinadas Adjetivas.

3.2.1. Oração Subordinada Adverbial Temporal

À primeira vista, algumas orações desse tipo foram detectadas e consideradas igualmente Oração Subordinada Adverbial Temporal, como:

Nar. 17

"e durante o dia, estavam as duas sentadas do lado de fora quando chegou o capataz."

'e durante ... fora' - or. principal
'quando chegou o capataz' - or.sub.adv.temporal.

Nar. 28

"então quando ele estava prestes a se encontrar com o japonês, se revela a história."

'quando ... japonês'-or.sub.adv.temporal
'se revela a história'-or.principal

Nar. 3

"eu (estava) sentado assim tranquilo (...) quando de repente surge uma perua".

'eu ... tranquilo'- or.principal
'quando ... perua' - or.sub.adv.temporal

Observando-as com mais atenção, no entanto, veremos que trazem algumas diferenças importantes. Comparemos em primeiro lugar a Nar. 17 com a Nar. 28. Ambas apresentam, dentro da narrativa, o que Labov chama de "juntura temporal" - não podem ser deslocadas sem alterar a interpretação original. Como temos dito diversas vezes, para Labov apenas as orações independentes contribuem para a juntura temporal. Assim, as ora-

ções principais, tanto na Nar. 17 como na Nar. 28 'estavam as duas sentadas do lado de fora' e 'se revela a história', respectivamente, é que estariam em dependência temporal com as outras sentenças da narrativa. No caso da Nar. 28, perfeito. É exatamente isso que ocorre, sendo que a ação importante para o desenrolar da história vem dado exatamente nessa oração, enquanto a Or.Sub.Adv.Temporal serve para indicar o momento em que se deu a ação da Or. principal. Já com a Nar. 17 não ocorre o mesmo. A Or. principal não está em junção temporal com as outras cláusulas narrativas, podendo ser deslocada através de várias cláusulas narrativas para baixo, até depois de '(o sujeito) foi embora'. No entanto, a sentença toda está presa em tal posição. Cabe-nos perguntar por que isso ocorre. Bem, é fácil verificar que há uma ação em curso nessa sentença, e tal ação é a de chegar, que nos é apresentada na Or.Sub.Adv.Temporal - 'quando chegou o capataz'. Também na Nar. 3 a ação importante para o desenrolar da narrativa é veiculada pela Or.Sub.Adv.temporal. Como dissemos, a Or.Sub.Adv.temporal é usada para indicar o momento em que a ação da oração principal se deu. Assim, teríamos na Nar. 28 no momento em que 'ele estava prestes a se encontrar com o japonês', se revela a história, onde 'no momento em que' vem no lugar de quando. Essa substituição não é possível na Nar. 3 justamente pelo uso da locução adverbial 'de repente'. Isso nos indica que o 'quando' da Nar. 3, assim como o da Nar. 17 e diferentemente do 'quando' da Nar. 28, não é uma conjunção mas um advérbio. No caso das Nar. 3 e 17, têm um significado semelhante ao 'senão quando', locução adverbial que significa "de repente", como em

'senão quando, uma tarde, já escuro, por

volta das 7 horas, apareceu-me na casa de pensão o meu amigo Elisiário.' (Machado de Assis, Páginas Recolhidas, p. 39). (21)

Há portanto uma diferença entre as ocorrências das Nar. 3 e 17 de um lado, e a da Nar. 28 do outro, embora à primeira vista possamos considerá-las semelhantes. Enquanto na Nar. 28 temos uma Or.Sub.Adv.temporal e uma Or.principal, nas Nar. 3 e 17 temos orações independentes, tanto que podemos substituir o "quando" por um "e".

- e durante o dia, estavam as duas sentadas do lado de fora, (e) chegou o capataz. 17.
- eu (estava) sentado assim tranquilo, (e) de repente surge uma perua. 3.

Já na Nar. 28 é impossível substituir o "quando" por "e":

- ... quando ele estava prestes a se encontrar com o japonês se revela a história, não pode ser substituída por:
- e ele estava prestes a se encontrar com o japonês se revela a história.

A presença do "quando" é indispensável para relacionar as duas orações.

Isso porque, embora nos três casos o "quando" marque um tempo determinado, na Nar. 28 esse tempo é estabelecido através do nexo de dependência entre as duas orações - a adverbial temporal e a principal, enquanto que nas Nar. 3 e 17 o "quando" não estabelece tal nexo, mas apenas marca o tempo, como o faz qualquer advérbio ou locução adverbial, como nos exemplos abaixo, tomados também de nossas narrativas:

Nar. 17 - e ela não conseguia dormir,

- de repente ela olha pra janela,
- e vê uma forma de homem

ou

Nar. 29 - bom, aí fica p. da vida,

- e um dia telefona um sujeito

nas quais não temos dúvida de que estamos frente à orações independentes. Do mesmo modo, teríamos:

Nar. 3 - eu estava sentado tranquilo

- quando de repente surge uma perua

Nar. 17 - e estavam as duas sentadas

- quando surge o capataz

consideradas todas cláusulas independentes.

Desse modo, embora aparentemente tivéssemos encontrado um caso de orações subordinadas que apresentavam juntura temporal, não foi isso que uma análise das ocorrências revelou. De fato, as orações consideradas subordinadas temporais que apresentavam juntura temporal (caso das Nar. 3 e 17) não eram de fato subordinadas, mas independentes com aparência de subordinadas.

Entretanto, não é esse o único problema com relação às subordinadas adverbiais temporais. Um outro caso desse tipo de oração foi encontrado, e parece que apresenta juntura temporal, sem que no entanto, possa ser considerado um caso semelhante ao discutido acima. Enquanto no já discutido o "quando" não estabelecia nexos de dependência entre as orações, nesse caso o nexo é estabelecido, e mesmo assim a oração apresenta juntura temporal. Vamos às ocorrências:

Nar. 8

"no que entrou no bar, tinha dois empregados do bar com porretes na mão, que desceram um cacete nele, mas um cace-

te incrível".

Nar. 9

"quando saiu, quebrou o motor do barco".

Nar. 10

"daí quando a gente entrou na rua que percebeu mesmo que a perua veio".

Nar. 27

"quando chegaram na porta o Guilherme convidou o A-luísio pra entrar".

Nar. 31

"e quando eu cheguei lá, a moça pediu o papelzinho".

Nar. 44

"quando parou a fila, o cara veio brigar comigo. (22)

Todas as orações subordinadas adverbiais temporais contidas nessas sentenças, ao mesmo tempo em que indicam o momento em que a ação seguinte se deu, tarefa própria da oração adverbial temporal, estabelecem por sua vez uma ação importante para o desenrolar da narrativa, porque sem tais ações as orações seguintes não se dariam. Algumas ocorrências apresentam uma sequência que corrobora com nossa análise de que há uma ação independente dentro de tal tipo de sentença. Vejamos as Nar. 8, 18, 20 e 21.

Nar. 8 - o português do bar falou ...

- no que ele falou isso todo mundo riu.

Nar. 18 - eu vi a d.Ermelinda afagando a fronte da marlene

- quando eu vi aquele negócio, fixei o olho.

Nar. 20 - começamos a entrar na casa

- quando começamos a entrar, o repórter tropeçou em alguma coisa.

Nar. 21 - bom, a casa do Alaor ficou pronta

- quando ficou pronto, Jorge e eu rodamos por lá.

Nesses exemplos os diferentes narradores explicitam as duas ações, de modo a não permitir que uma delas seja considerada como secundária dentro da sentença. Nesse sentido é entendida a ocorrência da Nar. 50.

Nar. 50 - e quando o pessoal leu,

- leu,
- e tava escrito assim.

Foi levando em conta tais ocorrências que interpretamos as Sub.Adv.Temporais das narrativas em questão, citadas acima, quais sejam, das Nar. 8, 9, 10, 27, 31, 44, mais as citadas em nota de rodapé, 33, 34, 36, 41 e 70 como resultantes da fusão de duas orações.

Uma hipótese para tais ocorrências é a de que a mo-
dalidade oral, coloquial de nossas narrativas, que se caracteriza, segundo Rodrigues Lapa, pelo "tom apressado", (23) se presta a tais fenômenos. É como se tivéssemos:

(ele entrou no bar) no que ele entrou no bar,...

(saiu) - quando saiu, quebrou.

(a gente entrou na rua) quando a gente entrou, a gente ...

Para encerrar essa discussão lembramos a observação de Rodrigues Lapa sobre as palavras invariáveis:

Pelo que diz respeito à categoria, não há limites bem definidos entre a preposição, o advérbio e a conjunção. (...) É por este motivo que não tem para nós grande importância a categoria, mas o verdadeiro significado da expressão e principalmente

o matiz mais ou menos sentimental das palavras invariáveis. Por isso não as separamos em grupos inteiramente distintos, como faz a Gramática. (24)

Assim, nas ocorrências por nós analisadas, o "quando" serve para estabelecer a relação entre as ações, para mostrar a proximidade entre elas, sem no entanto fazer com que a ação da oração que introduz deixe de ser importante para o estabelecimento da narrativa.

Outro tipo de oração subordinada adverbial temporal, agora introduzida pela locução conjuntiva "até que", normalmente usada para marcar "tempo terminal" (25) é encontrado em nossas narrativas introduzindo ações significativas para o desenvolver da narrativa, como:

Nar. 31 - e procurei, procurei,

- até que achei.

Nar. 38 - andou, andou, andou,

- até que procurou um amigo dela.

Nar. - aí começa a olhar pra baixo, pra baixo, pra baixo,

- até que encontra a mãozinha de N.N.

É indubitável que as ações veiculadas pelas orações temporais acima citadas estão "em juntura temporal" com as respectivas orações principais, e isso parece contradizer de vez a hipótese de Labov de que as subordinadas não apresentam "juntura temporal".

3.2.2. Oração subordinada consecutiva

Ocorrências:

Nar. 13 - ele ficou tão nervoso

- que deu uma garfada na mão da namorada.

Nar. 18 - fez um gesto de um tal amor,

- que eu virei pro lado.

Nar. 49 - e não bastou que ela desse três passos,

- que ela caiu na água.

Tais orações subordinadas adverbiais exprimem uma ação tão importante para o desenvolvimento da narrativa quanto a ação que as orações principais veiculam. Há duas ações em cada um dos exemplos - ficou nervoso; deu uma garfada; - fez o gesto, virei pro lado; - deu três passos, caiu na água. O fato do narrador ter enfatizado a relação de causalidade existente entre as duas ações não faz com que uma delas deixe de ser narrativa, mesmo porque a ordem cronológica é conservada, e elas apresentam "juntura temporal".

3.2.3. Oração Subordinada Substantiva Objetiva Dire ta

Vários verbos admitem subordinadas objetivas diretas com juntura temporal. Entre eles estão os casos admititidos por Labov, com os verbos "dizer" e "contar". Começamos pois com tais verbos.

a. verbos dizer e contar.

Ocorrências:

Nar. 17

"no dia seguinte chegou o capataz e disse:

- olha, dona Mary, (...) a senhora lembra do meu cu-
nhado?

- ele teve aqui ontem conversando com a senhora,

- imagine a senhora que durante a noite ele saiu pro
mar com a canoa dele,

- se embrulhou na rede,

- e se jogou no mar.

Nar. 6

então eu contei

- que fomos levar comida pra uma casa,
- e chegamos lá
- e demos leite quente
- e tratamos o velhinho
- então antes de ir embora, ele pegou e me deu...

Como observa Labov (26) esse não é o tipo de subordinação que impede a ordenação temporal, como de fato podemos ver nas ocorrências apresentadas, Isto é, as subordinadas aos verbos dizer e contar apresentam entre si a "juntura temporal".

Além disso, o verbo dizer se presta a um outro uso que pode ser exemplificado com a Nar. 8.

Nar. 8

aí disse que entrou uma menina, (...)

A ação importante para o desencadeamento da narrativa é dada pelo verbo entrar, enquanto o 'disse que' tem por função mostrar que o narrador não presenciou o fato, querendo manter um certo distanciamento em relação aos fatos narrados. De fato alguns verbos são usados nas narrativas apenas para indicar uma intromissão do narrador, e desse modo não se relacionam com os verbos das outras orações através da junção temporal, que, como vimos, diz respeito exclusivamente aos acontecimentos narrados. Vejamos pois alguns desses casos.

b. verbo achar, saber e imaginar.

- o moço correu,
- acho que ele não atirou nesse.

A ação importante para a narrativa é dada pelo verbo atirar. O verbo "achar" indica que o narrador, no momento em que está narrando, não tem certeza absoluta do que ocorreu.

Temos pois a situação inversa à prevista por Labov: a oração subordinada é passível de junção temporal, enquanto a oração principal não é. O mesmo ocorre com os verbos saber e imaginar:

Nar. 33

- eu sei que ele morreu logo depois, tuberculoso.
o verbo "saber" indica interferência do narrador, enquanto a oração subordinada apresenta a ação importante para o desenrolar da narrativa.

Nar. 17

Imagine a senhora que a noite ele saiu pro mar, se embrulhou...
o verbo "imaginar" não veicula ação narrada, mas chama a atenção do ouvinte para as ações que serão narradas. Desse modo pode-se dizer que ele se liga à função avaliativa.
c. verbos acontecer e ocorrer.

Esses verbos também indicam um tipo de intervenção do autor, enfatizando a ação que aconteceu. Nesse sentido, eles também apresentam uma espécie de avaliação.

Nar. 46

- acontece que nós atravessamos no sinal vermelho.

Nar. 83

- daí ocorreu que a mulher do dono da churrascaria se engraçou comigo.

obviamente os verbos acontecer e ocorrer são dispensáveis do ponto de vista do encadeamento das ações, mas têm função específica, isto é, se não veiculam a ação que vai contribuir para o estabelecimento do fato narrado, incidem sobre ela, enfatizando-a.

Nos casos a partir de "disse que", que incluem, além de dizer, achar, saber, imaginar, acontecer e ocorrer, há explicitamente a intervenção do sujeito falante na narração 'objetiva'. Se consideramos com Genette, (27) que na narrativa, em função de sua objetividade, os acontecimentos são colocados por si, narram-se a si próprios, em oposição ao 'discurso'; (28) que se caracteriza pela subjetividade, teremos nesses casos instâncias de 'discurso', interferências de "elementos discursivos" no interior da narrativa. O fato é que 'discurso' e 'narrativa' não se encontram em 'estado puro' nos textos. Daí também não se encontrarem em 'estado puro' em todas as cláusulas, fato não considerado por Labov e que é deveras importante para detectarmos os elementos lingüísticos das cláusulas narrativas, pois se não atentarmos para tal distinção, poderemos considerar como 'essencialmente narrativos' elementos que desempenham outras funções que não a função 'narrativa' que é a de instaurar o acontecimento.

Em termos de função da linguagem, podemos dizer que os elementos lingüísticos essencialmente narrativos ligam-se à função referencial, (29) enquanto os verbos acima apontados ligam-se à função emotiva (achar, saber) ou à apelativa ou conotiva (imaginar, acontecer, ocorrer).

d. verbo observar

Nar. 49

- aí a gente observou que a menininha continuou andando.

Nesse caso tanto "a gente observou" como "a menininha continuou" são importantes para o estabelecimento da narrativa, e isso acontece por um problema interno da narrativa 49,

que se desenrola com ações paralelas, diferentes personagens a gindo separadamente, até que as ações se cruzam.

3.2.4. Oração Subordinada Substantiva Predicativa

Ocorrências:

Nar. 6

- o engraçado é que ela falou: mas você lavou?

Nar. 21

- agora a coisa fantástica é (...) que no dia seguinte do jantar eu dei ordem para que tirassem tudo.

Nar. 46

- o resultado é que fomos parar todos na delegacia.

Também nesse caso nos parece que a oração subordinada da veícula a ação encadeada, enquanto a principal fica com a função avaliativa. Nos casos das Nar. 6 e 21 temos explicitamente avaliação, que as palavras "engraçado" e "fantástica" não permitem dúvida a respeito. Já no caso da Nar. 46, a avaliação é apresentada através da explicitação enfática de que a ação é resultado da ação anteriormente narrada, e se aproxima, como tipo de avaliação, às orações subordinadas substantivas objetivas diretas com os verbos acontecer e ocorrer analisadas em 3.2.3.c.

3.2.5. Oração Subordinada Adjetiva

Também as orações subordinadas adjetivas, em muitos casos, apesar de subordinadas, veiculam ações importantes para o desenvolvimento da ação da narrativa, e apresentam juntura temporal em relação a outras orações. Tais orações adjeti

vas que apresentam juntura temporal na maioria das vezes aparecem em seguida a uma oração que marca a existência de algo ou alguém através do uso dos verbos ter, haver ou estar.

Ocorrências:

Nar. 8

- tinha dois empregados do bar com porretes na mão, que desceram um cacete, ...

Nar. 27

- subindo no elevador tinha duas senhoras, que subiram junto.

Esse caso pode em parte ser explicado com os próprios argumentos de Labov sobre os pronomes:

It should be understood that the test for displacement range must include a procedure for adjusting anaphoric reference (...) pronom substitution would be made. (30)

Naturalmente ele não estava falando do pronome relativo nem de cláusulas subordinadas, mas não há razões que impeçam a substituição de pronomes também nesses casos. Por outro lado, mesmo considerando o papel anafórico do pronome relativo, nem sempre temos "ação narrativa" dentro das subordinadas adjetivas.

Consideremos as ocorrências:

Nar. 2

- a Elisinha tirou o telefone, que estava ao lado dela

Nar. 7

- a gente levou o Rodrigo, que era pequenininho.

Nar. 5

- eu pedi pro meu colega pegar a lanterna e iluminar

o bicho que eu matei.

As narrativas 2 e 7 apresentam orações adjetivas descritivas de estado, e não ações, sendo desse modo impossível tentar encontrar nelas uma ação importante para a ação narrativa em questão. Já a Nar. 5, embora apresente uma ação dentro da oração subordinada adjetiva, mesmo que façamos as substituições anafóricas, não encontraremos "juntura temporal". Para que uma oração subordinada adjetiva seja considerada cláusula narrativa deve satisfazer três requisitos:

Em primeiro lugar deve veicular uma ação. Em segundo lugar é necessário que tal ação seja posterior à ação anterior, e não o contrário, como na Nar. 5, onde "eu matei" é anterior à "eu pedi". "Peguei o sapato, matei, pedi pro meu colega iluminar o bicho que eu matei". A ordenação das ações é bastante importante para estabelecer as cláusulas que serão narrativas, como veremos em 2.4.. Uma outra observação se faz necessária nesse item, e diz respeito aos tempos verbais em português. Naturalmente em português formal teríamos - e pedi pro meu colega iluminar o bicho que eu tinha matado. (31) No entanto, na linguagem coloquial o uso do pretérito perfeito pelo mais que perfeito, simples ou composto, é bastante comum.

Finalmente, de certo modo ligado ao caso das orações subordinadas que são cláusulas narrativas, embora não se enquadre em nenhum dos itens abordados, temos o caso da Nar.14 onde a cláusula 'que ele foi visitar o tio' é considerada oração principal, embora assim isolada possa parecer uma oração subordinada. Vejamos porque.

Nar. 14

- a história que o Aluísio contou (...) foi a se-

guinte história:

- que ele foi visitar um tio, ...

O "que" introdutório pode ser explicado ou como um recurso estilístico da estória narrada, ou pode ser interpretado como conjunção, ligando a oração que introduz ao verbo "contar", da oração "o Aluísio contou..."

Como acabamos de ver através dos Ítems de 1.2., são vários os casos em que orações subordinadas devem ser consideradas cláusulas narrativas por veicularem ações importantes para que a narrativa se estabeleça. Nesse sentido, não concordamos que apenas as cláusulas independentes corroboram para a constituição de uma narrativa. Nossa análise mostrou a importância das subordinadas (ou pelo menos de alguns tipos de orações subordinadas, esquematizadas a seguir) na elaboração das narrativas.

Em síntese, essas orações subordinadas encontradas em nossas narrativas são as seguintes:

1. Orações Adverbiais	Temporais	a. introduzidas por "lo<u>cu</u>ção adverbial". b. originárias da fusão de duas orações. c. introduzidas pela lo<u>cu</u>ção conjuntiva "at<u>é</u> que".
	Consecutivas	
2. Orações Substantivas	Objetivas D	a. com verbo do tipo "di<u>z</u>er". b. com verbo do tipo "a<u>ch</u>ar". c. com verbo do tipo "o<u>c</u>orrer". d. com verbo do tipo "ob<u>s</u>ervar".
	Predicativas	frases do tipo: "o en <u>g</u> raçado é que..." ou "a coisa fantástica é que..."
3. Orações Adjetivas	Quando veiculam <u>a</u> ção e apresentam <u>o</u> rdenação temporal em relação à oração anterior.	

3.3. Verbos 'Dependentes'

Alguns verbos que aparecem em diversas cláusulas narrativas como verbos principais, em determinadas ocorrências não chegam a expressar ação independente, sendo que podemos dizer que eles perdem sua significação habitual. São os verbos "pegar", "virar", "ir", "chegar". Vejamos algumas dessas ocorrências:

Verbo pegar.

Nar. 6

- ele pegou e me deu essa pedrinha.

Nar. 18

- peguei fui pro pronto socorro.

Nar. 51

- aí nós pegamos chamamos o maitre.

Nar. 52

- aí eu peguei falei assim ...

- aí eu peguei e fui.

- aí eu peguei né, falei assim ...

- aí eu peguei, quando eu cheguei lá, bati palma.

Verbo virar.

Nar. 51

- aí o outro garçon vira, (diz) olha, tão chamando.

Verbo ir.

Nar. 1

- aí ele vai e diz assim: ...

Nar. 16

- aí eu fui falei com ele.

Verbo chegar.

Nar. 33

- um dia a dona Marlene chegou pra mim e disse assim

Nar. 44

- e o guardinha fica nervoso, daí o guardinha chega
e fala: bom, manda elas pararem.

Nessas ocorrências, tais verbos não veiculam ação in

dependente, mas são usados para dar um certo suspense aos fatos narrados ou talvez para dar tempo ao narrador de escolher o vocábulo que empregará em seguida. Nesse sentido observamos que tais ocorrências são encontradas apenas na "modalidade oral", sendo que na escrita o autor usa recursos de outra natureza, dado que tem tempo suficiente para escolher seus vocábulos cuidadosamente. De qualquer modo, não servem de núcleos para cláusulas independentes, e tampouco narrativas. Há no entanto uma pequena diferença entre eles: os verbos que indicam movimento - virar, ir, chegar, podem conservar um 'sentido' de movimento, como nas ocorrências das Nar. 16, 51, 33, onde pelo menos fica ambíguo se houve ou não um 'movimento' simultâneo à ação de 'falar', que aparece nas três ocorrências. No entanto, mesmo tais verbos afastam-se de qualquer significado de 'movimento' nas ocorrências 1 e 44 pois em 1 o menino não veio pois ele e o narrador estão sentados dentro de um taxi, e em 44, o guardinha não 'chega', pois está conversando com o narrador.

Já o verbo 'pegar' perde qualquer resíduo de seu significado original, podendo inclusive ser usado com o seu antônimo, sem nenhuma surpresa para o ouvinte:

- peguei larguei o carro lá, e fui embora.

de fato 'peguei larguei' significa 'larguei', sendo que o 'significado' do verbo pegar em tais casos parece ser o de reforço da ação ou melhor, enfatiza que a ação foi feita conscientemente pelo agente. 'Eu peguei e fiz' significa que eu fiz porque eu decidi fazer, e não apenas que eu fiz.

3.4. Elipse Verbal

A omissão verbal pode nem se constituir em pro

blema, como nos casos de omissão dos verbos falar ou dizer, previsíveis pelos gramáticos.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão: (...)...., a do verbo dizer (e semelhante) nos diálogos: e ela: você está zangado comigo? (32)

Eis alguns exemplos em nossas narrativas:

Nar. 1

- então, preparando o cacá para o irmão que ele ia ganhar: meu filho, ...

Nar. 2

- (...) pegou o telefone, discou: Sônia, ...

Nar. 19

- aí botei o meu paletô, a minha gravata - boa noite; fui embora.

Nar. 20

- e chega perto do microfone: eu vou cantar pra vocês 'tomo um banho de lua'.

Um outro caso em que consideramos que houve a omissão de um verbo aparece, por exemplo, nas seguintes narrativas:

Nar. 5

- pedi pro meu colega iluminar,
- ele iluminou,
- era um escorpião

Nar. 8

- veio a conta,
- era doze cruzeiros

Nar. 10

- olhamos,
- não havia ninguém

Nar. 18

- de repente (...) eu acordo,
- a Marlene tinha feito um negócio inacreditável

Nar. 28

- então se revela a estória,
- era o Aluísio que tinha mandado uma carta batida,...

Nessas ocorrências, que aparecem grifadas, consideramos que houve a omissão de um verbo para indicar "percepção":

Nar. 5 - (vi que era um escorpião)

Nar. 8 - (viram que era doze cruzeiros)

Nar. 10 - (vimos que não havia ninguém)

Nar. 18 - (vejo que a Marlene tinha feito um negócio inacreditável)

Nar. 28 - (descobre-se que era o Aluísio que tinha mandado uma carta batida, ...)

O que nos levou a postular a omissão de tais verbos é o fato de que essas cláusulas apresentam-se com 'juntura temporal' em relação às outras cláusulas narrativas. Em assim sendo, devem veicular uma ação, que, no entanto, não está explicitada. Uma comparação com ocorrências semelhantes onde "percepção" vem explicitada nos levou a concluir que a ação em causa é a própria percepção. Vejamos a Nar. 4 e 17, que se assemelham bastante à ocorrência da Nar. 10.

Nar. 4

- ela olhou, viu um sujeito de guarda chuva, ...

Nar. 17

- de repente ela olha pra janela, e vê uma forma de um homem.

Nessas duas últimas ocorrências a percepção está explícita, indicando que na Nar. 10 pode perfeitamente ter havido

do elipse verbal, e por extensão, também nos outros casos citados.

Postular ou não tais verbos será importante justamente para o estudo dos núcleos narrativos. Se não aceitarmos que houve em tais casos a omissão de um verbo de percepção que funcionaria como o núcleo de tais orações, então teríamos como núcleo dessas cláusulas os verbos "ser" e "haver".

3.5. Subordinação através de "Coordenação"

Esse caso fica mais fácil de apresentar através das ocorrências. Vejamos pois a Nar. 9.

- tinha mais um casal, a menina vomitou, ficou nervosa.

temos três cláusulas independentes - tinha mais um casal, a menina vomitou; e (a menina) ficou nervosa; e apenas uma cláusula narrativa - a menina vomitou. Se considerássemos 'a menina ficou nervosa' também como cláusula narrativa, teríamos de interpretar que ela ficou nervosa depois que vomitou, o que não é o caso. O fato é que 'a menina vomitou (porque) ficou nervosa', e a entoação foi importante para que chegássemos à interpretação correta. 'Ficou nervosa' é pois uma cláusula subordinada adverbial causal, que aparentemente está coordenada à anterior. Por outro lado, teríamos duas cláusulas narrativas se a ordem fosse diferente:

- tinha mais um casal,
- a menina ficou nervosa,
- vomitou.

isso porque, embora a oração 'ficou nervosa' continue a encer-

rar a causa da oração 'a menina vomitou', nesse caso a ordem cronológica é respeitada e elas são apresentadas em sua dinâmica própria, daí serem cláusulas narrativas propriamente ditas. É o que temos por exemplo na Nar. 5.

- (vi que) era um escorpião,
- todo mundo ficou com medo
- em cinco minutos acabou o acampamento lá.

Nesse caso temos três cláusulas narrativas, embora 'todo mundo ficou com medo' veicule a causa da oração seguinte, 'acabou o acampamento lá'.

Sendo as cláusulas narrativas aquelas que se estabelecem através do encadeamento de ações consequentes, a cláusula anterior é muitas vezes, de algum modo, "causa" da seguinte. Na narrativa 9, entretanto, temos um caso diferente, porque a causa segue a consequência, e não o contrário, como acontece nas cláusulas narrativas. A esse respeito, lembramos "o estilo assindético e a subordinação", a que se refere Rodrigues Lapa:

Note-se que a língua usual, que se caracteriza pelo seu tom apressado e afetivo, dispensa perfeitamente esses nexos lógicos que são as conjunções (...) Na chamada construção assindética, desaparece a ligação gramatical e em vez dela temos o jeito expressivo do falar, a entoação, que a substitui com vantagem. (...) O recurso foi, é claro, aproveitado pelos escritores (...): 'vieram as águas do inverno, tiveram de se afastar'. Era um modelo do bom raciocínio: primeiro registrava-se o fenómeno, em seguida explicava-se a causa. Mas o escritor (...) prefere representar vivamente os dois quadros na sua sequência cronológica, primeiro a causa, depois o efeito. (33)

É exatamente essa sequência cronológica que distingue as cláusulas narrativas das não narrativas. Se dissemos que na Nar. 9 a cláusula 'ficou nervosa' não é narrativa é justo

tamente porque não obedece à sequência cronológica, podendo assim ser considerada subordinada.

3.6. A Cláusula "Abstract"

Algumas narrativas apresentam certas cláusulas difíceis de serem classificadas como narrativas ou não em relação às outras cláusulas. Um exemplo de tais cláusulas aparece na Nar. 9:

- a. subimos uma montanha durante uma hora.
- b. e uma hora eu vi a cobra.
- c. uma hora o menino falou: uma cobra.
- d. eu olhei,
- e. e vi o rabinho da cobra sssim,
- f. aí (ela) foi ... (embora).
- g. daí depois de uma hora a gente chegou na outra praia.

O problema que se coloca é: a cláusula b. está ou não em junção temporal com a cláusula c, d, e, e f. O fato é que a cláusula b relata o mesmo fato que as demais, constituindo-se num resumo do que será relatado nas cláusulas c, d, e e f.

Observamos cláusulas desse tipo em outras ocorrências, tais como:

Nar. 9

- O Nelson foi correndo lá pedir pro cara se ele levava a gente.
- ele falou que podia
- e levou.

- quando saiu,
- quebrou o motor do barco,
- daí eles ficaram uma hora tentando,
- daí eles foram a remo, dois velhinhos.

Nar. 34

- e daí começou um rosário, mas terrível.
- os caras apreenderam o carro, nê.
 - bom, viram o carro caído lá embaixo
 - guincharam
 - levaram pro pátio da Dersa
 - e abriram uma ocorrência.

Nar. 46

- e aconteceu que (...) nós atravessamos no sinal vermelho.
 - eu olhei,
 - (vi) sinal vermelho,
 - atravessei.
- e andei uma quadra.
- de repente um jipe da polícia civil nos faz sinal pra parar,
- e eu parei, nê.
 - a turma (falou) para, para,
 - eu achei que não tinha problema,
 - parei.

Para analisar tais cláusulas utilizamos o conceito de Labov sobre a cláusula usada como resumo, que ele denomina de "Abstract". Labov localiza tais cláusulas no início das narrativas, e as caracteriza como cobrindo os mesmos fatos tratados pela narrativa toda.

It is not uncommon for narrators to begin with one or two clauses summarizing the whole story. ... they (the clauses) cover the same ground as the narrative as a whole. (34)

A função de tais cláusulas, segundo Labov, é a de revelar o assunto que a narrativa tratará, não se constituindo, por si mesmo, em cláusula narrativa. Só a seção de "complicação" é essencial para a narrativa, e constituída por cláusulas narrativas. (35)

Em nossas narrativas, como podemos observar, as cláusulas consideradas "abstract" não aparecem no início, resumindo a narrativa, mas sim encontra-se no meio das narrativas, resumindo parte delas. Exatamente por isso, tais cláusulas adquirem em nossas narrativas, um 'status' ambíguo, pois se por um lado servem para 'revelar' um fato que será narrado a seguir, por outro lado se encadeiam a outras cláusulas narrativas. (36)

A narrativa 46 é bem clara nesse aspecto:

a cláusula: nós atravessamos no sinal vermelho, considerada "abstract" em relação a - eu olhei,

- sinal vermelho,

- atravesssei,

é cláusula narrativa em relação a

- e andei uma quadra,

- ... polícia civil nos faz sinal,

- e eu parei.

do mesmo modo que essa última cláusula - e eu parei, é "abstract" em relação a

- a turma falou para,

- eu achei que não tinha problema,

- parei.

4. Elementos Estruturais da Narrativa

Como vimos no ítem 3, para chegarmos às cláusulas narrativas foi necessário transpor certas dificuldades que o trabalho de Labov não apresenta subsídios para resolver. Superadas tais dificuldades, estabelecemos as cláusulas narrativas propriamente ditas, o que nos habilitou a passar para a pesquisa dos elementos lingüísticos que as compõem, pesquisa a qual apresentaremos a seguir. Antes, porém, temos que fazer algumas considerações a respeito dos elementos narrativos que Labov estabelece. Em primeiro lugar examinaremos a "juntura temporal" (em 4.1), já que Labov a considera tão importante a ponto de sua presença bastar para que uma narrativa se estabeleça. Em seguida, como Labov coloca que os verbos são os elementos mais importantes das cláusulas narrativas, sendo considerados os "núcleos" narrativos, nos deteremos nesses elementos (em 4.2).

4.1. Ciclo Narrativo e Juntura Temporal

A "juntura temporal" é, de fato, um fator bastante importante para a narrativa, mas é preciso que se analise com mais detalhe seu papel. Para tanto, em primeiro lugar explicaremos porque há textos que se constituem para nós em mais de uma narrativa e outros que não apresentam narrativa alguma. Nesse sentido, examinaremos os textos 27 (composto de duas narrativas) e o texto 43 (onde não há narrativa). Excepcionalmente transcrevemos a seguir os dois textos completos.

Essa história os personagens são o Guilherme e o Aluísio, né, que viviam se passando trote mutuamente. E de resto cada um descarrega no outro as coisas de sagradáveis que inventa. Então aconteceu o seguinte: uma vez... Bem, o Guilherme, é preciso dizer, quando morava com a família dos pais e os irmãos morava num apartamento assim muito bem situado, em Higienópolis, um prédio assim muito circunspecto, né. E eles eram, o Aluísio e o Guilherme, eram colegas na faculdade de direito e na faculdade de filosofia. Viviam sempre juntos, eram amigos íntimos, e tal.

Então a noitinha, assim, numa quinta-feira, por exemplo, eles estavam voltando pra casa e o Aluísio deu carona pro Guilherme. Quando chegaram na porta do apartamento o Guilherme convidou o Aluísio pra subir tomar um café e tal. Bom, subindo no elevador eles estavam acompanhados. Tinha duas senhoras, assim, respeitosas, que eram vizinhas do Guilherme, que subiram junto. Aí nisso o Aluísio soltou um sonoro Prrrr..., né, e cinicamente falou: Guilherme, não faça isso, as senhoras presentes, fica feio, né. O Guilherme ficou roxo, queria sumir naquela altura, bom, foi o maior vexame.

Bom, dias depois, o Guilherme deu carona, saindo da faculdade de direito, deu carona pro Aluísio, levou o Aluísio até em casa. O Aluísio morava numa casa, não era um apartamento, morava numa casa, mas numa vizinhança assim também muito respeitada, tal, o pai do Aluísio tinha sido deputado pela UDN, quer dizer gente muito respeitada ali na vizinhança. E o Aluísio, muito seriamente, quando desce da rural, que o Guilherme tinha, não sei se é rural, bom, do carro que o Guilherme foi dar condução pro Aluísio, desce, tinha uma vizinha na porta, então o Aluísio cumprimenta, com todo o respeito, a vizinha, né, quando o Aluísio vai adentrando a casa, assim, tinha um jar-

dim, um corredor, assim, o Aluísio vai entrando, o Guilherme grita do automóvel: bemmmm, não vai esquecer, hein, quarta-feira próxima, hein?...

43

É o caso de uma menina que estagia no Franco da Rocha; ela falou que um rapaz que foi interno lá ficou seis meses internado. Inclusive disse que tinha um nível econômico assim, bom, ela não sabe direito porque ele foi pra lá. Disse que é um rapaz muito bonito, inteligente, e que até depois ele ficou noivo de uma funcionária de lá, deu o maior rolo. Os médicos se reuniam pra discutir o caso dele, e tal. Ela falou assim que era um rapaz muito bonito, que já tinha viajado pelo mundo todo, mas que tinha mais de falar de Marx, de Lenine, e dessas coisas, tal, ficou lá seis meses internado, e depois que ele saiu, e ele saiu, disse que ele já estava assim melhor, já conversava bem, e tal, inclusive o diagnóstico dos médicos, não sei bem qual o tipo de loucura eles puseram ele, mas que eles não tinham certeza do diagnóstico.

Iniciemos com a análise do texto 27.

Podemos dividir esse texto em duas partes: a primeira de 'essa história...' até 'vexame', e a segunda de 'bom, dias ... até o final', pois cada uma delas se constitui em texto narrativo completo, no sentido de ambas apresentarem um ciclo completo de ações consequentes.

Sobre ciclo narrativo, Labov fala muito pouca coisa. Coloca a possibilidade de aparecerem ciclos de narrativa simples dentro de narrativas que apresentam mais de uma seção de complicação, sendo que tais seções seriam detectadas a partir das "avaliações"; não entrã, no entanto, na análise deta -

lhada de tais ciclos:

The three evaluation sections of Narrative nº 1 raise the possibility that we can analyze this narrative as consisting of three distinct sub-cycles: that it is a complex narrative consisting of three structural units. The present paper is limited to the consideration of simple narratives, and this possibility must be postponed to a later study of sub-cycles and complex narratives. (37)

Dáí termos tomado esse conceito de "ciclo completo de ações" de outro autor: A.C.Danto, para quem a narrativa é composta por três momentos: (38)

- (1) x é F em t_1
- (2) h acontece a x em t_2
- (3) x é G em t_3

(código: x - personagem, h - história, f e g predicados, t - tempo) onde as situações inicial e final são 'enunciados de estado', indicadores do 'ser' que qualificam as personagens, apresentam as determinações espaço-temporais, e o segundo momento indica o 'fazer', expresso pelas ações.

Para nós, entretanto, o que importa é a ação do "segundo momento" de Danto, e esse segundo momento se dá duas vezes no texto 27. Na primeira parte temos mesmo o ciclo de Danto completo, com seus três momentos:

1 - cláusulas situacionais (iniciais), sem dinamismo:

- os personagens são ...
- cada um descarrega no outro ...
- bem, é preciso dizer, o Guilherme ...
- e eles eram colegas ...
- viviam sempre juntos ...
- eram amigos íntimos ...
- estavam voltando pra casa ...

2 - cláusulas narrativas - apresentam a ação:

- o Aluísio deu carona ...
- chegaram na porta ...
- (duas senhoras) subiram junto (no elevador) ...
- o Aluísio soltou um sonoro Prr ...
- falou: Guilherme, não faça isso ...
- o Guilherme ficou roxo.

3 - cláusulas finais:

- bem, foi o maior vexame.

A segunda parte do texto não apresenta as cláusulas finais, ao mesmo tempo que as cláusulas situacionais não são 'iniciais', mas intercaladas, sendo no entanto facilmente identificáveis:

1 - cláusulas situacionais:

- o Aluísio morava numa casa ...
- mas a vizinhança ...
- o pai do Aluísio tinha sido deputado pela UDN.

2 - cláusulas narrativas :

- o Guilherme deu carona pro Aluísio ...
- levou o Aluísio até em casa.
- (o Aluísio) desce ...
- cumprimenta (a vizinha) com todo respeito ...
- o Guilherme grita do automóvel ...

Temos, pois, em cada uma das partes um ciclo completo de ações instaurando eventos distintos. As ações do primeiro ciclo estão ligadas entre si no sentido em que uma ação é consequente em relação à outra, o conjunto delas formando um todo coerente, um acontecimento dinâmico. Já entre as cláusulas, 'o Guilherme ficou roxo', e o Guilherme deu carona pro A-

luísio', última cláusula da parte primeira e primeira cláusula da segunda parte, respectivamente, não há tal ligação consequente. Nesse ponto acaba um ciclo de ações e começa um outro.

Por outro lado, no texto 43 não temos narrativa justamente porque falta esse ciclo de ações dinâmicas, uma ligando-se à outra para instaurar um acontecimento. O que temos no texto 43 é um arrolamento de fatos. Vejamos as cláusulas:

- é o caso de uma menina que estagia no Franco da Rocha.
- ela falou que um rapaz que foi interno lá ficou seis meses internado.

(É necessário que expliquemos melhor essa cláusula. Pelo que ficou estabelecido em 2.1., poderíamos ter três cláusulas, já que o verbo falar não impede a juntura temporal. De fato, se o narrador tivesse dito: 'ela falou que um rapaz foi interno lá, ficou seis meses, ...', teríamos juntura temporal entre 'foi interno' e 'ficou seis meses'. No entanto, do modo que foi dito, 'que foi interno' é uma oração adjetiva especificando o artigo indefinido usado antes de rapaz em 'um rapaz que foi interno').

- inclusive disse que tinha um nível econômico ...
- disse que é um rapaz muito bonito, inteligente.
- e que até depois ele ficou noivo de uma funcionária,
- deu o maior rolo.

Não há junturas temporais: entre 'ficou seis meses internado' e 'ficou noivo' não temos 'juntura' porque elas são concomitantes. Se houvesse, teríamos que interpretar que 'ele ficou noivo' depois de ficar seis meses internado, o que não é

a interpretação correta. Obviamente ele ficou noivo enquanto estava internado. Uma possível 'juntura' se estabeleceria entre 'depois ele ficou noivo de uma funcionária lá', e 'deu o maior rolo'. Mas mesmo essas duas cláusulas não são narrativas. O fato do noivado é colocado apenas a título de 'argumento' para que se acredite no que foi afirmado na cláusula anterior: 'é um rapaz muito bonito, inteligente.' Daí o uso de 'a té', que ao introduzir a cláusula, mostra que ela não traz o 'tema', mas o argumento. (39) Outra cláusula, 'os médicos se reuniram pra discutir o caso dele', também não apresenta juntura temporal, pois mostra uma ação habitual, que ocorreu tanto antes quanto depois do 'noivado', não apresentando a singularidade da cláusula narrativa. Nas cláusulas seguintes também não temos 'juntura temporal', tanto que o narrador retoma a cláusula 'ficou lá seis meses internado'. Em seguida temos 'e depois que ele saiu, e ele saiu,...' Apenas entre essas duas cláusulas há juntura temporal - ficou lá seis meses, depois saiu. Mas não é suficiente para que tenhamos uma narrativa, apesar de Labov colocar que 'uma juntura é suficiente para termos uma narrativa'. (40) No caso apresentado por Labov: 'um menino atirou uma garrafa na cabeça de Harry', 'e ele teve que levar sete pontos', temos realmente uma narrativa, não apenas porque há juntura temporal, entre as duas cláusulas, - mas porque há a instauração de um acontecimento dinâmico, pois é uma narrativa que omite várias ações que no entanto ficam subentendidas, daí considerarmos essas duas cláusulas como uma narrativa. É um caso semelhante ao da criança que contando o caso do Lobo mau, disse: 'eles (os porquinhos) puseram um caldeirão' 'aí ele (o lobo) saiu correndo'. (41) Entre as du-

as ações o lobo se queimou, etc., como antes de ter que levar os sete pontos o Harry machucou-se, etc. Além disso, temos a natureza dos verbos 'ficar e 'atirar', que são dois verbos bastante distintos, o primeiro estando mais próximo de indicar 'estado' do que 'ação', enquanto que com o segundo se dá o contrário. No entanto, não podemos negar que há juntura temporal, tal qual a descrevemos no início do capítulo, entre 'o rapaz ficou ...' e 'saiu ...'.

A conclusão é que a existência pura e simples de 'juntura temporal' não nos coloca diante de uma narrativa, que necessita outros elementos para se caracterizar como tal.

4.2. "Núcleos Narrativos" e outros elementos lingüísticos da narrativa

Se a 'juntura temporal' não é suficiente para que obtenhamos uma narrativa, é por que outros elementos são necessários. Que elementos serão esses? Para responder a essa pergunta, partimos da análise do que Labov considera como núcleos das cláusulas narrativas: os verbos. Naturalmente o verbo não é o único elemento lingüístico utilizado para concretizar a ordenação das cláusulas, mas de fato desempenha papel importante nessa ordenação. (42)

Nem todo tipo de verbo funciona como núcleo das cláusulas narrativas, assim como apenas alguns de seus possíveis significados aparecem em cláusula narrativa. É devido a esse fato que os verbos merecerão atenção especial de nossa parte, tendo o aspecto verbal se mostrado de capital importância para o encadeamento narrativo, como podemos observar na Nar. 21:

(...)

- juntei aquela coisa toda,
- chamei o Jorge ...
- e batemos lá pra casa do Alaor.

(...)

o Alaor estava (...) entusiasmado,
 passeava pelo apartamento enquanto as coisas entravam
 e entravam (coisas) aos borbotões
 os sujeitos afastavam o Alaor
 e punham cômodas,
 tiravam tapetes,
 afastavam,
 eu ordenava coisas: não, para esse lado
 uma brigada de eletricitas pendurava coisas
 modificava,
 arrancava as coisas do Alaor
 eu mandava: jogue na cozinha,
 - bom, duas horas e meia depois, a casa do Alaor fi-
 cou pronta.

(...)

Todas as cláusulas desde 'o Alaor estava (...)até 'eu mandava: jogue na cozinha', são "livres", isto é, não estão orde-
 nadas temporalmente, sendo que podem ser invertidas sem alterar
 o sentido da narrativa. No entanto, se tivéssemos:

- batemos pra lá,
- o Alaor ficou entusiasmado,
- os sujeitos afastaram o Alaor,
- puseram as cômodas,
- tiraram os tapetes,

- eu ordenei para esse lado, etc,
 teríamos cláusulas ordenadas temporalmente, as ações sucedendo
 se ordenadamente, segundo o texto indicasse, sem a possibilida
 de de inversão. No entanto, como vem na Nar. 21, a ordem não é
 estabelecida pelo narrador, que enumera um rol de ações, sem or
 dená-las temporalmente.

Por ser esse um assunto muito controvertido, gostar
 íamos de tecer alguns comentários a respeito da possibilida
 de de inversão de cláusulas numa sequência de pretéritos imper
 feitos.

Seja a sequência acima --

'o Alaor estava entusiasmado, passeava (...) e en
 travam coisas (...) os sujeitos afastavam (...)'

Naturalmente que se invertermos as cláusulas tere
 mos um outro texto, diferente do primeiro, mas isso é verdade
 para todo e qualquer texto. No entanto, há uma outra espécie
 de inversão possível para alguns textos sem que haja mudança
 para o acontecimento inferido, e impossível para outros. Senão
 vejamos: se invertermos a sequência acima "o Alaor passeava pe
 lo apartamento; os sujeitos punham cômodas, afastavam (coisas)
 o Alaor estava entusiasmado; (coisas) entravam aos borbotões;
 os sujeitos tiravam tapetes, uma brigada de eletricitas pendu
 rava coisas, eu ordenava coisas (...)' , não teremos uma mudan
 ça na interpretação dos fatos inferidos do trecho em questão,
 pois tais fatos não vêm ordenados temporalmente. Um não vem ne
 cessariamente depois do outro, eles não se ligam através de
juntura temporal 'a então b', como poderemos observar na se
 quência: 'ele correu, pulou o muro, caiu do outro lado'. Nesse
 último caso, se invertermos 'ele pulou o muro, correu (...) te

remos um sentido completamente diferente, pois estaríamos dizendo que ele pulou o muro, e depois correu, enquanto que na sequência original é dito que ele correu antes de pular o muro. No caso de "Alaor (...)", o narrador não diz que as coisas entravam antes, e que depois eles afastavam, etc. A ordem em que se deram as ações não é importante para o autor, pois não está marcada. Naturalmente o autor pode ter tido mil motivos para falar uma ação antes da outra, mas esses motivos não nos cabe aqui investigar. O que nos interessa é que ele não ordenou as cláusulas temporalmente, daí a possibilidade de inversão. Portanto, não temos cláusulas narrativas, pois essas são ordenadas temporalmente.

Um outro caso, diferente desse, que diz também à possibilidade ou não de inversão de cláusulas e sua relação com a instauração de uma narrativa pode ser exemplificado por: 'ele saía do apartamento, pegava o elevador, descia'. Essas cláusulas sim, estão ordenadas temporalmente, no sentido de que não podem ser invertidas sem que tenhamos uma diferença na interpretação dos fatos. 'Ele descia, pegava o elevador (...) significaria que ele descia antes para depois pegar o elevador, que justamente o contrário do que a sequência original diz. No entanto, é interessante que, apesar dessa 'juntura temporal', não temos cláusulas narrativas, pois o autor não está relatando um acontecimento na sua dinamicidade. O 'acontecimento dinâmico' que uma narrativa instaura acontece no tempo, progride, é único. No caso, o tempo não existe: 'ele descia, pegava' (...) ' não se sabe quantas vezes; o autor não está narrando um acontecimento, mas descrevendo um hábito, um costume do personagem.

Uma terceira possibilidade é a sequência seguinte:

Hoje teve uma festa na minha escola
a gente não teve aula
de uma às três teve brincadeiras divertidas,
depois teve o recreio, igual ao de sempre,
e depois teve um show muito bom.

Se seguirmos o critério de juntura temporal, podemos considerar que é uma narração, pois a cláusula 'depois teve o recreio' e a cláusula 'depois do recreio teve um show' es tão ordenadas temporalmente, a sequência está pois ordenada temporalmente. No entanto, não há dinamicidade no relato acima.

O autor não está narrando ações, mas constatando a existência de estados. Uma sequência dos fatos acima seria con siderada narrativa se envolvesse ação:

Nós brincamos bastante,
depois fomos pro recreio
e depois assistimos um show.

Enfim, se o autor não apresentasse os fatos de maneira estática, mas sim de maneira dinâmica, isto é, as cláu sulas envolvessem ações.

Veremos que tanto o 'tipo de verbo' como o 'aspecto verbal' são elementos importantes na estruturação da narrativa, e nesse sentido, foi bastante importante para nossa análise o trabalho de Vendler, (43) que localiza no verbo, independente de sua flexão, as noções de aspecto e tempo, apresentando uma sugestiva classificação dos mesmos, que foi utilizada por nós para uma primeira abordagem dos verbos que ocorrem nas cláusulas narrativas dos textos gravados, análise essa que é apresentada no capítulo II.

A importância do aspecto verbal para a estruturação das cláusulas narrativas não se esgota com o estudo dos verbos, pois o aspecto é veiculado muitas vezes, não apenas pelo verbo, mas por uma combinação de constituintes, sendo que tanto os predicados verbais como os sujeitos podem alterar o aspecto veiculado normalmente por um verbo. (44) Além disso, advérbios e locuções adverbiais também influenciam o aspecto das orações, como veremos mais adiante.

Notas do Capítulo I:

- (1) G.Genette, "Fronteiras da Narrativa", Análise Estrutural da Narrativa, Novas Perspectivas em Comunicação 1, 2a. edição, Editora Vozes Ltda, 1973, p. 272.
- (2) Idem, p. 262.
- (3) Os trabalhos de Labov aos quais nos referimos são: Labov, W., Waletzky, Joshua, "Narrative analysis: oral versions of personal experience", e Labov, W. "The transformation of experience in narrative syntax".
- (4) Labov,W., "The transformation of experience in narrative syntax", p. 374.
- (5) Labov,W., "The transformation of experience in narrative syntax", p. 361.
- (6) Labov,W., Waletzky,J., "Narrative Analysis:oral versions of personal experience", p. 32.
- (7) Labov,W., Waletzky,J., "Narrative Analysis: oral versions of personal experience", p. 13.
- (8) Labov,W., "The transformation of experience in narrative syntax", pp. 354-355. No entanto, no texto "narrative analysis: oral versions of personal experience", podemos observar que algumas das narrativas são obtidas através de perguntas diferentes, como as narrativas 9, 10, 11, 12 e 14.
- (9) Estão nesse caso as narrativas: 2, 11, 24, 25, 47, 78, 86, e 96.
- (10) São as narrativas: 13, 14, 17, 26, 38, 39, 41, 43, 50, 55, 58, 65 e 71.
- (11) Como as narrativas: 4, 8, 15, 27, 28, 29, 33, 37, 45, 53, 84, 85, 87 e 94.
- (12) Labov,W., Waletzky, J., "Narrative Analysis: oral versions of personal experience", p. 21.
- (13) Labov,W. "The transformation of experience in narrative syntax", p. 362.

- (14) Essas narrativas são apresentadas em Labov, W., Waletzky, J., "Narrative analysis: oral versions of personal experience", da p. 14 a p. 20.
- (15) Idem, p. 17.
- (16) Labov, W., "The transformation of experience in narrative syntax", p. 358 e 359.
- (17) "As orações, quanto às suas relações sintáticas dentro do período composto podem ser independentes e dependentes". Evanildo Bechara, Moderna Gramática Portuguesa, curso médio, Cia. Editora Nacional, 12a. edição, 1967, p. 266.
- (18) Citado por Evanildo Bechara, Moderna Gramática Brasileira, p. 273.
- (19) Idem, p. 268.
- (20) Labov W., Waletzky, J., "Narrative analysis: oral versions of personal experience", notas 4 e 5, p. 42.
- (21) Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Novo Dicionário Aurélio, p. 1175.
- (22) Outras ocorrências semelhantes podem ser encontradas nas narrativas 33, 34, 36, 41 e 70.
- (23) Rodrigues Lapa, A., Estilística da Língua Portuguesa, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959, 3a. edição, p. 234.
- (24) Idem, p. 198.
- (25) Evanildo Bechara, Moderna Gramática Portuguesa, p. 201
- (26) Labov, W., Narrative Analysis, p. 42
- (27) Gérard Genette, "Fronteiras da Narrativa", in Análise Estrutural da Narrativa, Novas Perspectivas em Comunicação 1., Editora Vozes Ltda, 1973, 3a. edição, pp. 255 - 274.
- (28) A palavra "discurso" é usada aqui com o sentido que lhe dá Benveniste quando apresenta a distinção entre "histoire" e "discours", no texto "Les relations de

temps dans le verbe français", in Problèmes de Linguistique Générale, Éditions Gallimard, cap. XIX.

- (29) Jakobson distingue seis funções básicas na comunicação verbal: a emotiva, a conativa, a referencial, a fática, a metalingüística e a poética. Jakobson, Roman, "Lingüística e Poética", in Lingüística e Comunicação, Editora Cultrix, São Paulo, 1969, p. 129.
- (30) Labov, W., "Narrative Analysis", p. 24.
- (31) Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo. 3a. edição, Editora Bernardo Alvares S.A., Belo Horizonte, 1972, p. 313.
- (32) Evanildo Bechara, Moderna Gramática Portuguesa, curso médio, p. 404.
- (33) Rodrigues Lapa, M., A Estilística da Língua Portuguesa, p. 234.
- (34) Labov, W., "The transformation of experience in narrative syntax", p. 363.
- (35) Idem, p. 369 e 370.
- (36) Nossa primeira tentativa foi classificar tais cláusulas como 'coordenadas', mas as coordenadas, tal como Labov as classifica, apresentam duas ações simultâneas, como em
- meus companheiros não me acreditaram.
 - pensaram que eu estivesse mentindo.
- ao mesmo tempo que não acreditaram, pensaram que eu estivesse mentindo. Difere bastante dos casos citados.
- (37) Labov, W., "Narrative Analysis: oral versions of personal experience. Nota 11, p. 43.
- (38) Citado por Salvatore D'Onofrio, Poema e Narrativa: Estruturas. pp. 48-49.
- (39) O estudo do 'até como argumento' pode ser encontrado em Vogt, Carlos, O Intervalo Semântico, Editora Ática, 1977, São Paulo, p. 53.

- (40) Labov, W., "Narrative Analysis: oral versions of personal experience", p. 28.
- (41) Meira, Maria Isis Marinho, Coordenação na narrativa de crianças de seis anos: aspectos semânticos e sintáticos, Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciências, 1977, p. 68.
- (42) Labov, W., "Narrative Analysis: oral versions of personal experience", p. 28.
- (43) Vendler, Z., Linguistic and Philosophy, Cornell, Cornell University Press, 1967.
- (44) O aspecto e a combinação de constituintes é apresentada no Cap. II, seguindo o trabalho de Dowty, David Roach, B.A. Studies in the Logic of Verb Aspect and Time Reference in English, Dissertação apresentada em "The University of Texas at Austin", para a obtenção do grau de doutor em Filosofia, dezembro, 1972.

CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO LINGÜÍSTICA DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA NARRATIVA

1. Preliminares

Tendo no primeiro capítulo depurado o conceito de narrativa e isolado as cláusulas narrativas, neste segundo capítulo apresentamos a análise das principais características das cláusulas narrativas. Um exame pormenorizado de tais cláusulas apontou para a necessidade de localizar instrumentos de análise adequados para dar conta de problemas relativos à importância do verbo, considerado por Labov como núcleo narrativo, ou, mais particularmente, a importância do aspecto e dos elementos que influenciam a realização aspectual dentro da cláusula narrativa. Para tanto, convém explicitar a inexistência de modelos cabais e globais. A solução foi escolher um conjunto de trabalhos que no seu todo se revelasse o mais satisfatório possível para a interpretação desses problemas.

Desse modo, partimos do trabalho de Halliday "Estrutura e Função da Linguagem" (1) (que divide as orações em orações de ação, de processo mental e relacionais) e do trabalho de Vendler "Verbs and Times" (2) (que estuda o aspecto verbal). Assim sendo, no item 2. fazemos um resumo ainda que suscinto do trabalho de Halliday, e no item 3. apresentamos a análise de Vendler. A seguir, no item 4, apresentamos os resultados a que chegamos utilizando os trabalhos de Vendler e Halliday, e o modelo que utilizaremos para analisar as cláusulas narrativas do nosso corpus. No item 5 expomos o trabalho de Dowty, (3)

que demonstra como um constituinte pode combinar-se com outros para expressar o aspecto verbal, trabalho esse que foi de grande utilidade na complementação de nossa análise das cláusulas narrativas.

2. Halliday: Tipos de Oração

Halliday, em "Estrutura e Função da Linguagem", (4) elabora uma classificação das orações levando em conta o sistema e papéis de transitividade. Qualquer oração é constituída por uma combinação de papéis que refletem as funções da linguagem, isto é, suas três funções básicas: a ideacional (responsável pela manifestação de conteúdo), a interpessoal (que estabelece e mantém as relações interpessoais, sociais) e a textual (que estabelece a relação entre as orações e vínculos com a situação).

O ato de fala serve a cada uma dessas funções. O falante seleciona simultaneamente entre todos os tipos de opções - há diferentes tipos de opções, correspondendo às diferentes funções. A função ideacional está refletida na estrutura da oração através de configurações de papéis estruturais. Os papéis de transitividade que aparecem na expressão de processos são: "o próprio processo", "papéis de participação" - ator, objeto, beneficiário, e "funções circunstanciais" - lugar, etc.

Os papéis que aparecem na expressão de processos são de diferentes espécies. Há, primeiro, o próprio processo, usualmente representado por um verbo (...). Depois, há as funções de participação, os papéis específicos que são assumidos por pessoas e objetos, (...); e, finalmente, há o que podemos denominar funções circunstanciais, as condições e coerções relacionadas, tais

como as de tempo, lugar e modo (...). (5)

As funções circunstanciais parecem menos fundamentais para o processo que as funções de participação. O modelo de análise mais conhecido agrupa os processos em duas categorias: a da transitividade e a da intransitividade. Uma oração "transitiva" contém diferentes papéis de participação: "ator", "processo", "objeto". A distinção entre papéis de participação permite chegar a um sistema de tipos de orações, a partir dos papéis que a oração apresenta.

Halliday reconhece três tipos principais de orações de transitividade:

a. Orações de ação - envolvem ator como papel inerente, podendo ou não apresentar objeto.

Todas as orações de ação possuem "formas equiparáveis correspondentes" (paráfrases), nas quais aparecem o verbo fazer (to do) ou o verbo acontecer (to happen), como no exemplo abaixo:

Seja a oração "Leonel pulou do telhado". Essa oração admite paráfrase com o verbo fazer - "o que Leonel fez foi pular do telhado. Seja a oração "Leonel caiu do telhado". Essa já admite paráfrase com o verbo acontecer - "o que aconteceu a Leonel foi que ele caiu do telhado".

b. Orações de processo mental - não têm ator nem objeto. Os papéis de participação encontrados são: processador - ser humano ou animado cuja consciência é invadida, e fenômeno - fenômeno que invade a consciência.

As orações de processo mental não admitem as paráfrases com "fazer" e "acontecer", que as orações de ação admitem. Entre os verbos que aparecem nas orações de processo men-

tal, é possível identificar alguns "tipos", como os verbos de percepção (ver, olhar); os de verbalização (dizer, falar); os de reação (gostar, apreciar, agradar, deleitar); e os de doqnição (acreditar, convencer).

c. Orações relacionais - nesse tipo de oração o "processo" é simplesmente uma forma de relação entre dois papéis. Uma lista de verbos é apresentada como podendo aparecer nesse tipo de oração. São eles: ser, estar, parecer, tornar-se, representar, assemelhar-se, ficar, permanecer.

2.1. Sobre a classificação das orações segundo

Halliday

Antes de passarmos a expor outras análises, algumas observações a respeito da classificação das orações apresentada por Halliday se fazem necessárias. Em primeiro lugar, notamos que dentre as orações de ação algumas devem ser parafraseadas usando o verbo fazer, e outras usando acontecer. Isso já indica a possibilidade de estabelecer-se dois tipos de verbo de ação (como o trabalho de Vendler ajudará a demonstrar em item 3.), sendo que um tipo admitiria paráfrase como verbo fazer, e o outro com o verbo acontecer.

Além disso, sua classificação das "orações de processos mentais" merece algumas observações. Entre os "tipos de verbos" que aparecem nessas orações temos aqueles que indicam percepção - ver e olhar, e os que indicam verbalização - dizer e falar. (6) Segundo Halliday, tais verbos não admitem paráfrases iguais as admitidas pelos verbos de ação, com o uso dos verbos fazer ou acontecer.

a. verbos olhar e ver.

Nar. 17

(...) ela olha pra janela, e vê uma forma de homem.

b. verbos falar e dizer.

Nar. 12

(...) aí ele disse assim: Palaia Imobiliária ...

aí eu disse - não, o problema é esse: ...

Nar. 6

(...) ela falou: mas você desinfetou?

então eu falei que passei álcool ...

Em relação às ocorrências apresentadas em a, temos: com o verbo ver seria impossível a paráfrase 'o que ela fez ver a forma dum homem', mas poderíamos parafrasear a oração com 'o que aconteceu a ela foi que ela viu a forma dum homem'. Com a oração que apresenta o verbo 'olhar', por outro lado, podemos parafraseá-la por 'o que ela fez foi olhar para a janela'. Assim, essa oração enquadra-se entre os verbos de ação que admitem paráfrase com o verbo fazer, enquanto o verbo ver se enquadrará entre os verbos de ação que admitem paráfrase com o verbo acontecer.

Tratemos agora das ocorrências expostas em b. Nesse caso consideramos possível parafrasear as ocorrências com o verbo dizer, e as com o falar usando o verbo fazer:

- aí o que ele fez foi dizer ...

- o que eu fiz foi dizer ...

- o que ela fez foi falar: mas você desinfetou?

- o que eu fiz foi falar que passei álcool.

Assim, tanto o verbo falar quanto o dizer podem inserir-se entre os verbos de ação que admitem paráfrase com o

verbo fazer.

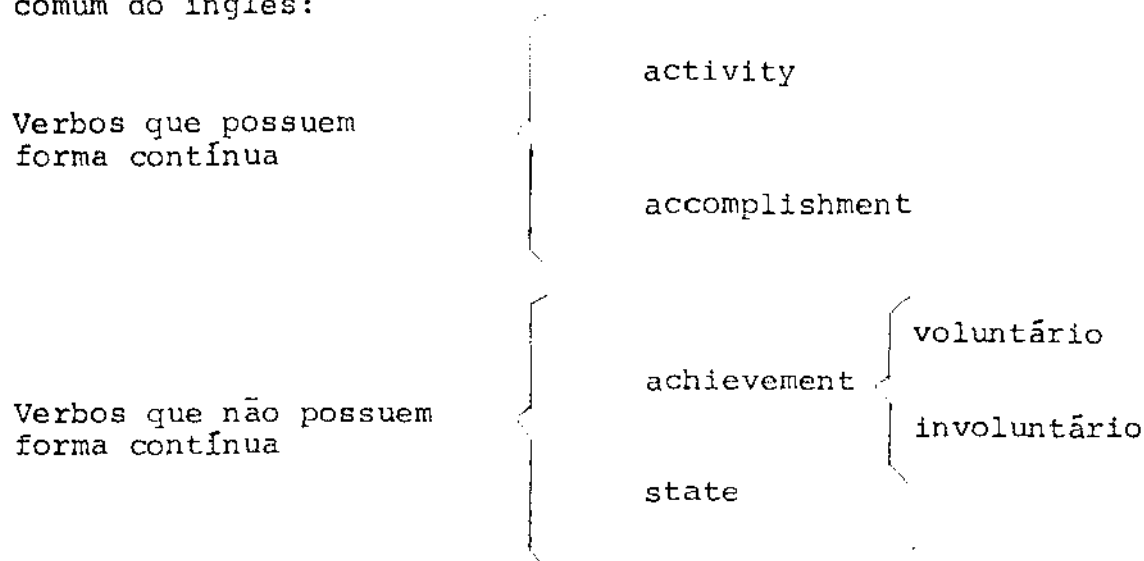
Essas observações indicam a possibilidade de um agrupamento das orações diferente daquele que Halliday nos apresenta, embora conservando os tipos de orações que ele estabelece. Vendler, como veremos a seguir, ao classificar as diferentes maneiras segundo as quais os verbos apresentam a noção "tempo", nos forneceu material que nos permitiu utilizar a classificação das orações de Halliday e ao mesmo tempo levar em conta as observações que acabamos de fazer a respeito das diferentes paráfrases com fazer e acontecer.

3. Vendler: Aspecto e "tipo de verbo"

Para Vendler, (7) o uso de um verbo pode sugerir a maneira particular pela qual o mesmo pressupõe e envolve a noção de tempo. Há verbos que sugerem "processos", outros que sugerem "estados", "disposições", "realizações", etc., e nem todas essas diferenças podem ser explicadas apenas como diferenças do fator tempo; entretanto, esse fator é considerado por Vendler como crucial no estudo do verbo. Assim, o uso dos verbos será descrito a partir de alguns "esquemas de tempo" (time schemata) que têm vasta aplicação como modelos de comportamento dos verbos em geral, embora tenham sido "descobertos" em exemplos típicos.

O fato de alguns verbos se encaixarem em dois ou mais desses "esquemas de tempo" não se constitui um problema, mas pelo contrário, aponta para a ambiguidade apresentada por certos verbos, ambiguidade essa que, por sua vez, poderá ser detectada através da análise de tais verbos segundo esses "esquemas de tempo".

Assim se apresenta o esquema de tempo verbal mais comum do inglês:



Os verbos que apresentam formas contínuas indicam processos que acontecem no tempo, e subdividem-se em "activities" - verbos que indicam uma atividade indefinida, isto é, processos que acontecem no tempo de maneira homogênea, e "accomplishments" - indicam uma atividade definida, isto é, processos que acontecem no tempo e necessitam ser completados (acabados), caminham em direção a um término (climax) - verbos que exigem um resultado concreto como fruto das ações que indicam. Ambas as categorias respondem à pergunta: "o que você está fazendo?" com uma oração que contém um processo que se desenvolve no tempo.

O teste para distinguir "activity" de "accomplishment" será o seguinte:

Sejam as orações:

- a. estou empurrando um carro.
- b. estou desenhando um carro.

que respondem à pergunta: "o que você está fazendo?"

Se a. e b. são verdadeiras num determinado momento, num momento seguinte teremos:

- c. empurrei um carro - que só poderá ser verdadeira, e

d. desenhei um carro - que poderá ser verdadeira ou falsa.

No primeiro caso, orações a-c, teremos encontrado um exemplo de "activity", e no segundo, das orações b-d, teremos um "accomplishment".

São exemplos claros de "activity": pintar, ler, escrever, jogar, correr, empurrar, empurrar um carro, procurar, procurar algo.

São exemplos claros de "accomplishment": fazer uma cadeira, construir uma casa, proferir um sermão, dar ou assistir aula, atravessar a rua, correr um quilômetro, escrever uma carta, pintar a casa, jogar uma partida de xadrez.

Os verbos que não apresentam formas contínuas não indicam processos acontecendo no tempo; eles podem ser preditados de um sujeito por um determinado tempo; se o tempo é definido, como em "que horas você conseguiu isso?", teremos "achievement"; se o tempo é um período (maior ou menor), como em: "quanto tempo você acreditou nisso?" temos "state".

"Achievements" não indicam pois processos que acontecem no tempo, mas sim algo que ocorre num momento único. Eles estão subdivididos em voluntários e involuntários. São exemplos de "achievements" voluntários: parar, começar. São exemplos de involuntários: reconhecer, perceber, descobrir, ver algo, perder, achar um objeto, alcançar algo, vencer a corrida.

Entre os "states" estão as qualidades, hábitos e operações imanentes (saber, amar, desejar). São exemplos de "states": ter, possuir, desejar, querer, gostar, desgostar, amar, odiar, saber, acreditar coisas.

Os "achievements" involuntários e os "states" não constituem ações propriamente ditas.

3.1. Halliday e Vendler: Concordâncias e Divergências

Uma comparação entre as análises de Vendler e Halliday nos mostra que elas não são incompatíveis, mas se complementam. Vejamos de que maneira: em primeiro lugar lembremos que Halliday divide as orações em:

1. orações de ação.
2. orações de processos mentais.
3. orações relacionais.

e Vendler classifica os verbos em:

1. verbos que possuem forma contínua.
2. verbos que não possuem forma contínua.

Nossa primeira observação é a de que os verbos que possuem forma contínua segundo Vendler encontram-se nas orações de ação de Halliday.

Exemplo:

- empurrei um carro, ou escreveu uma carta, são exemplos de verbos que apresentam forma contínua ('activity' ou 'accomplishment'), e inserem-se em orações de ação.

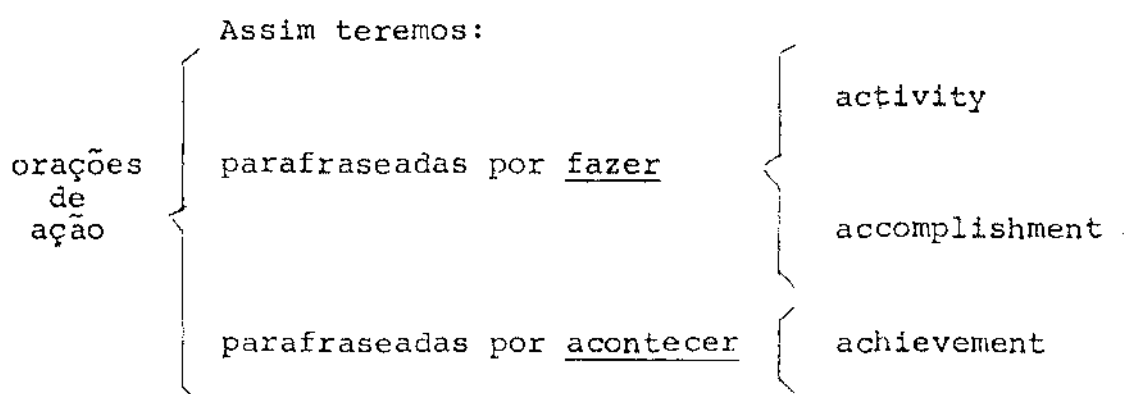
Mas as orações de ação englobam ainda um outro tipo de verbo, como por exemplo o verbo "cair" - Leonel caiu do telhado, que pode ser parafraseado por "o que aconteceu a Leonel foi que ele caiu do telhado", que classificamos como verbo de ação que pode ser parafraseado por acontecer.

Assim, as orações de ação comportam dois tipos principais de verbos, como as próprias paráfrases estabelecidas por Halliday indicam.

podem ser parafraseadas por fazer
 orações de ação

podem ser parafraseadas por acontecer

Essa distinção, separa, no trabalho de Vendler, as categorias "activity" e "accomplishment" da categoria "achievement" (as categorias "activity" e "accomplishment" só se distinguem pelo fato da segunda indicar ação terminada - no sentido de processo que necessita um ponto final).



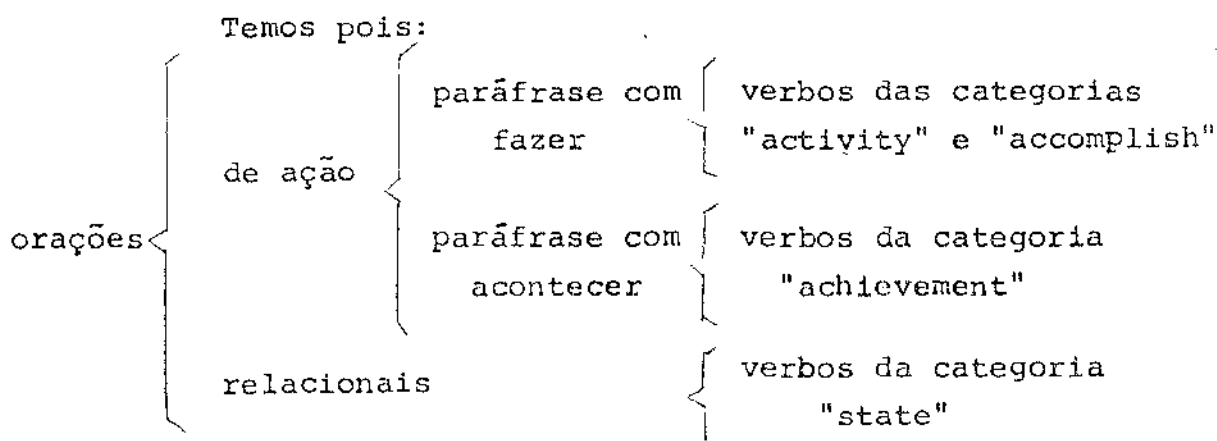
Quanto às orações de processos mentais, como vimos em 2.1. os verbos que indicam "percepção" - ver e olhar, e os que indicam "verbalização" - falar e dizer admitem paráfrases com os verbos fazer ou acontecer, podendo ser classificados, de acordo com Vendler, como "activity" e "accomplishment" ou como "achievement". (8)

As orações de processos mentais que indicam "reação" e "cognição", que apresentam os verbos: "reação" - gostar, apreciar, agradar, deleitar; "cognição" - acreditar, convencer, se enquadram na categoria "state" de Vendler, como podemos constatar verificando a lista de verbos que Vendler apresenta como sendo predominantemente verbos de categoria "state".

... liking, disliking, loving, hating ...
 knowing or believing things are manifestly
 states. (9)

Por outro lado, Vendler inclui entre os verbos da categoria "state" verbos que são considerados por Halliday como próprios das orações relacionais, como os verbos ser, estar, permanecer. (10) Em assim sendo, Vendler engloba numa só categoria os verbos das orações relacionais e os verbos das orações de processos mentais que indicam "reação" e "cognição". Portanto, as orações que indicam processos mentais se dividirão, sendo que as que indicam percepção e verbalização ficarão entre as orações de ação, e as que indicam "reação" e "percepção" se incluirão nas orações relacionais.

Desse modo, dois tipos de orações - de ação e relacionais englobam as quatro categorias estabelecidas por Vendler - "state", "activity", "accomplishment", "achievement".



Por fim, algo deve ser dito a respeito da categoria "achievement", em especial quanto aos "achievement" voluntários, que comportam os verbos parar e começar. Nem sempre esses verbos se encontram dentro da categoria "achievement voluntário". Vendler adverte para o fato de que muitos verbos podem pertencer a mais de uma categoria, conforme a realização. Mas no caso desses verbos, podemos dizer mais do que simplesmente que eles podem aparecer em mais de uma categoria.

Vejamos alguns exemplos:

Nar. 47

- começaram a descobrir

Nar. 12

- então eu comecei a expor cláusula por cláusula

Nar. 44

- parou a fila

Nar. 26

- o Fernando parou a exposição

Segundo Vendler, o que distingue o "achievement" voluntário do involuntário é o fato de podermos acrescentar os advérbios deliberadamente ou cuidadosamente à oração. Assim sendo, teremos "achievement" involuntário nas Nar. 47 e 44, e "achievement" voluntário nas Nar. 12 e 26. Pois é impossível dizer:

- começaram cuidadosamente ou deliberadamente a descobrir.

- parou cuidadosamente ou deliberadamente a fila,

sem alterar o significado. Mas podemos dizer:

- então eu comecei a expor cuidadosamente cláusula por cláusula

- o Fernando parou deliberadamente a exposição

Voltando ao trabalho de Halliday, veremos que seu conceito de "ator" pode esclarecer essa diferença. Podemos acrescentar "deliberadamente" ou "cuidadosamente" aos verbos que carregam implicitamente o papel "ator", enquanto que não podemos acrescentá-los aos que não o fazem.

Por outro lado, os verbos que subentendem o papel "ator" podem ser parafraseados por fazer, como:

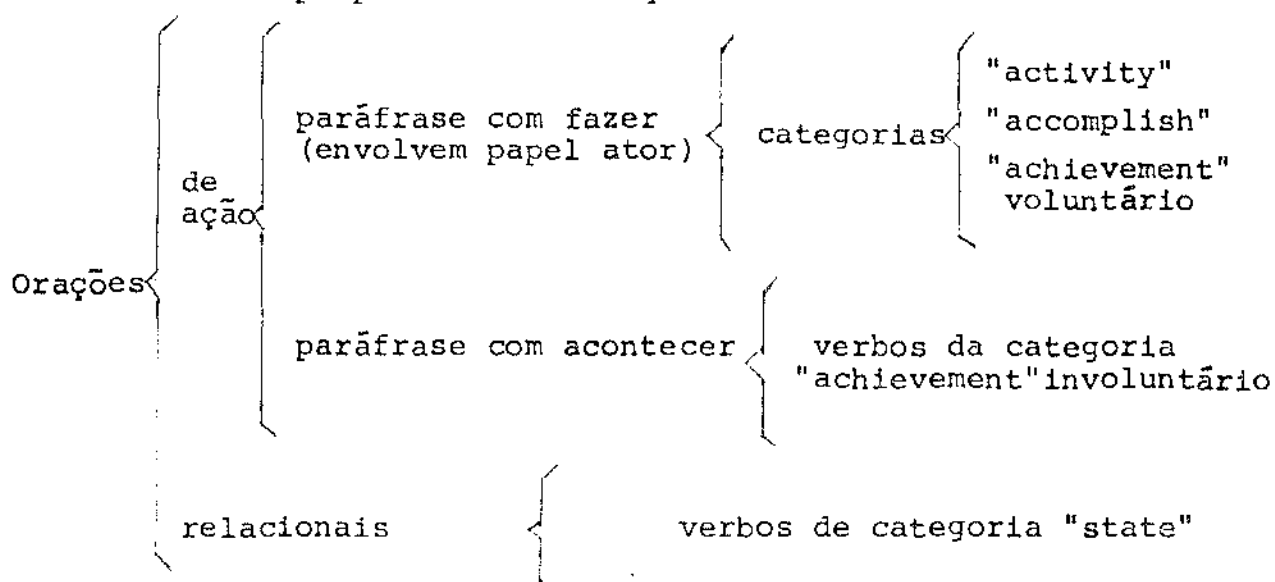
Nar. 12

- então o que eu fiz foi começar a expor, ...

Nar. 26

- o que o Fernando fez foi parar a exposição.

Dai propormos um novo quadro:



4. Classificação dos núcleos narrativos a partir de Halliday e Vendler

Tendo no primeiro capítulo isolado as cláusulas narrativas, que nos propomos a analisar neste trabalho, e tendo chegado a um quadro dos tipos de orações e categorias verbais que esses diferentes tipos de orações apresentam, passamos agora para a análise das cláusulas narrativas de acordo com esse quadro.

Analizamos as cinquenta primeiras narrativas, e observamos em primeiro lugar que a grande maioria das cláusulas narrativas são orações de ação. As orações relacionais que aparecem como cláusulas narrativas são em número bastante limitado:

Nar. 5

- era um escorpião

Nar. 9

- tinha um pessoal acampado

Nar. 10

- não havia nada na rua também

Nar. 11

- e em frente a nossa casa tinha um ou dois rapazinhos

Nar. 15

- um belo dia a Dora tem um ataque

Nar. 16

- e tive um sonho

Nar. 23

- e havia uma carrocinha de Kibon

Nar. 24

- e eu tive uma nova cliente

Nar. 41

- não tinha psiquiatra lá

Dentre esses casos, tirando as ocorrências das Nar. 15, 16 e 24, as outras explicam-se pela Elipse verbal, como vimos em 3.4. do I Capítulo. Quanto às ocorrências das narrativas 15, 16 e 24, todas apresentam o verbo ter, que será estudado no final do capítulo (11). Deter-nos-emos agora na análise das orações de ação, que compreendem a maioria das cláusulas narrativas. Classificamos as ocorrências verbais das cláusulas narrativas de acordo com o quadro exposto em 3.1., pág. 74, sobre as categorias verbais que as orações de ação podem apresentar.

Nas páginas que se seguem transcreveremos as cláusu

las narrativas ocorrentes em nosso corpus, devidamente classificadas e separadas de acordo com o tipo de núcleo narrativo que apresentem: "activity", "accomplishment", "achievement involuntário", "achievement voluntário".

4.1. Orações de ação com núcleo verbal "activity"

Nar. 1

- falei: a mamãe tá esperando um bebê,... o que você quer? menino ou menina?
- ele vai e diz assim: cavalo também pode, mamãe?

Nar. 2

- e a Elisinha ... dizia: escultor pra mim ... como é o nome dele?
- e aí cada um dizia um nome

Nar. 3

- e eu pergunto quem é.
- eles invadiram a casa.

Nar. 4

- ela olhou
- ela falou: esse cavaleiro ...
- ela vai em frente, reto

Nar. 5

- então eu peguei o sapato
- e pedi pro meu colega iluminar
- ele iluminou

Nar. 6

- então eu peguei essa pedra
- então eu contei

- mas ela falou: mas você desinfetou?
- então eu falei que passei álcool, e tudo.

Nar. 7

- o Rodrigo berrou que era um leão.

Nar. 8

- daí o português do bar falou assim
- o português chamou o Elcio
- falou assim: ...
- dois empregados desceram um cacete incrível
- chamaram a conta

Nar. 9

- aí um dia um menininho convidou o N. prum passeio
- o Nelson perguntou se tinha cobra
- o menino falou que não
- daí o pessoal convidou a gente pra comer
- aí ele falou que podia
- e fomos andando

Nar. 10

- nós olhámos
- ele falou: vai lá, tira o cavalete, passa
- e seguimos
- agradeceu...
- daí eu falei: olha, essa perua tá seguindo a gente.
- ele falou: imagine
- eu falei: é claro
- e eles falaram assim pra ele: onde se viu vocês
passarem assim?
- daí a gente falava: mas por que?
- ele perguntava: o que aconteceu?

- e eles não explicavam
- falavam assim: olha, seria mais um que a gente ia matar
- e aí não explicavam o que...
- falavam: não viu o cavalete lá?
- mas a gente explicou que a gente tinha mudado aquele dia
- então nós explicamos
- mas eles nem deixaram a gente explicar
- falou: doutra vez a gente atira.

Nar. 11

- daí depois mandou os dois levantarem
- mandou primeiro um correr
- o moço correu
- ele não atirou nesse
- depois ele falou pro outro correr.
- dou uns dois tiros na perna
- enquanto o outro ia correndo ele ia atirando
- mas o guarda chamou no radinho

Nar. 12

- e o cara só me respondia assim:
- aí (eu) disse:
- aí a Ana interveio
- (ela) disse : não
- aí ele disse: um minutinho
- eu disse: P.S.P.
- aí ele disse assim: Palaia Imobiliária. Que que é?
- aí a Ana interveio
- ele disse: olha, eu não falo com mulher

- a Ana disse:...
- e dissemos que não íamos assinar coisa nenhuma.

Nar. 13

- apertou o Pacheco

Nar. 14

- ele falou o seguinte: eu não quero aborrecer o senhor
- daí o tio responde o seguinte: ora, José, está muito bem.

Nar. 16

- aí eu fui falei com ele
- e eu disse: olha, o senhor tem que ficar vivo
- aí falou: vou, vou reagir
- então eu dizia pra ele assim: mas como é que o se-
nhor tá agora.
- ele dizia tō muito bem
- diz assim: olha, meu filho
- aí ele falou: a tua filha, a sua filha está preci-
sando de você
- dei uma batidinha nela, uma viradinha.

Nar. 17

- e disse assim a ela: olha, d.Mary, tem aí um cunha
do meu
- e disse a ela que era pescador
- a Mary disse: não, não tenho não
- de repente ela olha pra janela
- e deu um grito
- e gritou: Lígia
- a Lígia pula

- olha pra janela
- e diz: o que foi?
- a Lígia disse: não tem nada
- e disse: olha, dona Mary, eu hoje não posso trabalhar porque...

Nar. 18

- quando eu vi aquele negócio fixei o olho
- ela virou pra mim
- fez um gesto de tal passividade
- eu pequei o lençol
- pequei na cada dela

Nar. 19

- e vem um rapaz, psicótico, (...) atrás de mim
- e diz assim: senhor doutor, eu quero falar com o senhor, eu tenho um problema muito grave
- aí eu disse: olha, eu não sou doutor, eu sou encarregado, eu sou psicólogo estagiário, encarregado do setor de família
- ele disse: não, o senhor é o meu doutor, e o senhor tem que me ouvir porque eu só vou falar com o senhor.
- eu disse: olha, não há possibilidade, eu não posso falar com você, você vai falar com o médico
- e veio atrás de mim
- eu falei com todo mundo
- e disse: eu quero falar com o senhor
- e eu disse: olha, não há possibilidade, eu não posso ouvir
- (ele disse) mas é um problema, mas é um problema

que eu só posso falar com o senhor. O senhor tem que me ouvir.

- eu disse: eu não posso falar com você, você vai procurar o seu médico.
- ele disse assim: não, assim não
- eu disse: não, mas vai falar com o seu médico
- aí eu falei: quero dizer que aconteceu isso
- aí o chefe do setor falou que eu estava correto, podia dormir tranquilo

Nar. 20

- chegando um dia na casa do Adrian, ele falou que no dia seguinte teria a filmagem da TV Globo
- evidentemente me interessei pelo assunto
- aí ele falou que era a figura do N.N.
- bem, toca, toca, toca, e tal, lá perto de Santo Amaro
- aí tocou a campainha
- fomos atendidos
- o Adrian se vira
- aí todos nós batíamos palma
- (falou) - eu vou cantar pra vocês 'tomo um banho de lua'
- então ... (canta)

Nar. 21

- disse: olha, eu vou precisar recolher um caminhão
- chamei o Jorge Eduardo pra ver como é que era o negócio
- quando ficou pronto, Jorge e eu rodamos por lá
- vimos, e tal

Nar. 22

- então ele disse assim: bem, então vocês vão nos encontrar em tal lugar, etc
- disse assim: para a Cave tal, número tal.
- e dissemos: vamos esperar o J.C. que ele deve chegar por cá, né
- toca a esperar
- e pergunta o que que nós queremos
- bem, (dissemos) enquanto o Ministro não vem, nós queremos um sanduiche
- e pedimos um sanduiche
- e anuncia um show
- eu digo, não é possível que o J.C. nos tenha feito essa incrível desfeita
- e tento telefonar
- já não respondia ninguém na casa do J.C.
- aí nós chamamos o garçon
- eu digo assim: por favor, que horas tem o espetáculo de flamenco
- (ele disse) espetáculo de flamenco? non hay
- (eu disse) como non hay? aqui não é o lugar de espetáculo de flamenco?
- (ele disse) não senhor, aqui chama-se: 'la boîte flamengo', que é um restaurante
- eu digo: restaurante de Madrid, e lo flamenco, la dança flamenco?
- (ele disse) non hay, é restaurante flamingo, o pãssaro
- eu digo: flamingo, o pãssaro?

Nar. 23

- bom, aí eu tentei frear um pouco, né, o carro escorregando
- aí eu disse: vou soltar tudo pro lado
- aí o Humberto, ... (falou) desculpe, nós não pretendíamos

Nar. 24

- bom, e aí eu contei ao Humberto, depois que ele chegou, que ela era uma maravilha
- eu inventei aquele personagem, uma espécie de Laura, que sabia tudo.
- e fui conversando sobre ela
- e ele (disse) deve ser uma maravilha
- (disse) aliás, essa aqui é Jeanne Lacroix
- e fui andando
- aí eu andei um pouco

Nar. 25

- o Fausto também muito solícito, e concordou que a gente tinha razão
- e o Paulo já entra direto: é o cúmulo isso, precisamos lutar até o fim.

Nar. 26

- e em meio à exposição do F., alguém lá atrás diz não concordo com nada disso que o senhor está falando
- e falou por que é que o senhor não concorda com tudo que eu estou falando?
- aí o sujeito disse: bom é por que eu li um autor que contradiz tudo isso

- (fala) bom, então o senhor me diga o nome do autor por que provavelmente eu li, e posso fazer um comentário
- e o sujeito não dizia nada, né
- aí o F. repetiu: o senhor não quer dizer o nome do autor?
- aí o sujeito (balbuciou), um, um..
- até que finalmente ele diz nurururummm
- e o Fernando (diz) como?
- (fala) nururummm
- (pergunta) como?
- (fala) isquiciiii

Nar. 27

- e o Aluísio deu carona pro Guilherme
- o Guilherme convidou o Aluísio para subir tomar um café, e tal
- subindo no elevador, tinha duas senhoras, que subiram junto
- aí nisso o Aluísio soltou um sonoro ppprrr, né
- e clinicamente, falou - Guilherme, não faça isso, as senhoras presentes fica feio né
- bom, dias depois, o Guilherme deu carona, saindo da Faculdade de Direito, deu carona pro Aluísio
- o Guilherme grita do automóvel: beĩẽ... não vai esquecer, hein, quarta feira próxima, hein

Nar. 29

- bem, então a primeira pessoa que telefona, diz que é um amigo do Asdrúbal.
- e pergunta se tem um recado do Cardoso pra ele

- e pergunta se a Anete está
- ele diz que a Anete não está
- aí o sujeito fala: você não pode deixar um recado pra Anete aí?
- aí ele fala: tá bom, pode dar o recado
- pergunta quem é
- o sujeito fala: é o Nicos Poulantzas
- ele agarra no telefone
- e fala: vá para p. que te p.

Nar. 30

- os caras falam: para aí, nê, documentos
- falei: puta, Dalton, você vai ter que dar uma grana pra esses caras
- ele falou: nossa, mas será?
- falei: não Dalmo, entra com tudo
- o cara chamou lá pra dentro
- (falou) num sei o que, uma nota de multa, artigo num sei o que, e tal
- e o Dalmo falava: mas o senhor veja, olha, fica o meu amigo aqui
- ele falou: o que? vai deixar o seu amigo de refém? que que é isso? nós vamos ter que apreender o carro, e tem mais
- aí eu dei um cutucão nele
- e todo sem jeito, falou: mas será que se o senhor me quebrasse o galho, talvez eu pudesse quebrar o galho do senhor também, e tal
- aí o cara (riu) quã, quã, quã
- (falou) até que enfim o senhor começou a falar por-

tuguês, né

Nar. 31

- a moça pediu o papelzinho que eu devia levar pra fazer o exame.
- então eu procurei, procurei na bolsa
- então eu disse pra ela: eu acho que deixei aqui
- e me disse não, a senhora não deixou aqui
- então eu (disse) me dá licença, eu vou procurar mais um pouquinho
- e procurei, procurei
- eu falei: ah, tá aqui, tá aqui o papel
- daí a menina não falou nada
- falou pra outra menina que trabalhava junto: e ela tinha certeza que tava aqui
- uma outra do lado, moreninha, olhou pra minha cara assim
- e disse a mesma coisa: e ela tinha certeza, hein?
- falei: vocês não acham que eu tenho razão?
- dizia: a senhora tem razão, a senhora tem razão
- um lá então me disse: a senhora deve gritar por aqueles que não gritam
- e disse: olha, eu sei que vou ficar aqui até meio dia, mas não tem importância nenhuma
- daí dois minutos me chamaram
- pegaram minha bolsa
- mandaram sentar

Nar. 32

- então eu chegava pra lá, né
- ele vinha, chegava mais perto

- a Carolina botava a mão assim pra trás, assim
- (dizia) o que que é?
- daí eu mostrava o rapaz
- daqui a pouquinho ele vinha outra vez
- (falava) mas porque você quer uma boca tão bonita assim, tem que ser pra beijar, né
- e vinha chegando outra vez
- e eu (falava) Carolina
- a Carolina olhava pra trás
- falou assim olha, vocês podem descer que vocês são três chatas

Nar. 33

- mas não comentei nada com ninguém
- a Dirce deu parte na polícia
- chamaram o coitadinho do Alfredo
- aí ele disse que não era o pai da criança
- ela disse que então tinha sido o Dino Valerini
- ele disse que não, que ele ia se casar com a Elza
- aí o Alfredo disse; não, mas eu me caso, eu gosto muito dela, eu me caso
- ela judiou desse Alfredo

Nar. 34

- eu pedi pra ele me levar correndo prum Pronto Socorro de S.P.
- eu não fiz uma coisa que é telefonar pra Dirce

Nar. 35

- então eu bati numa porta
- e perguntei pela pessoa que eu tinha que fazer a entrevista

- então a moça falou: não, aqui é uma pensão, mas eu não conheço
- e eu falei assim: olha, é uma pessoa mulata
- aí ela falou: ah, se é mulata, então não é aqui mesmo

Nar. 36

- eu olhei
- eu perguntei: o senhor quer café
- e o homem olhava só pra minha cara
- e não respondia
- e disse: o senhor vai tomando o café aí
- e gritei pra cima: Amêndola, vai pro seu
- e falei pra ele assim: esses maridos são assim
- o homem olhou bem pra minha cara assim
- não falou nada

Nar. 38

- andou, andou, andou
- até que procurou um amigo dela
- contou
- e ele orientou, né

Nar. 39

- e depois acho que de uns dois dias que ela tinha morrido lá dentro do quarto, eles bateram, bateram

Nar. 41

- então mandaram para a assistente social
- e daí ele falava assim: oxum, estou com oxum

Nar. 42

- ela bateu no cara também
- o cara bateu nela

Nar. 44

- eu segui atrás dos carros que tinham passado na frente desse carro
- e discute de cá, discute de lá
- eu não dou pelota
- o cara (fala) oh, vou chamar o guarda
- falou com o guarda
- daí o guardinha chega e fala: bom
- e xingam o guarda
- (fala) desacato à autoridade, vamos todo mundo pra delegacia

Nar. 45

- então um dia que ia ter uma assembléia, o pai dela pediu pra ela não ir
- falou bom, então eu vou fazer outro programa
- o carro da polícia veio atrás

Nar. 46

- eu bebi pra burro
- eu olhei
- de repente um jipe da polícia civil, né, nos faz si nal pra parar
- a turma (falou) para, para
- me falou: olha, você pegou justamente um cara caxias

Nar. 47

- mas a família dela como ela era uma moça, o cara era casado, a família dela não aceitou
- então né, ela namorava com ele às escondidas, tal, né
- ela falou: bom, o jeito é eu esquecer ele
- ela impediu dele se encontrar com ela, e tal

- quando foi um belo dia, ela falou, olha, Cida, ele tá louco pra que eu vá morar com ele
- ela disse: olha, Cida, agora não pode passar, eu te nho que morar com ele
- falei: ah, minha filha, você que sabe, faz o que você achar melhor
- (falou) bom, hoje nós vamos
- convidou nós pra gente ir ajudar

Nar. 48

- até que um dia nós fomos convidadas pra ir numa fes ta em Itu

Nar. 49

- eu comentei com a minha cunhada: como que essa criança está sozinha assim
- falei: como que uma criança de roupa, calça comprida, bota, andando aí na margem da piscina
- e a gente observou
- o médico pegou a criança

Nar. 50

- disse que queria custear uma lavoura de arroz no sí tio dele
- e como garantia subsidiária pegaram um burrico dele também
- mandou um fiscal pra ver o que tinha acontecido
- e mandou de volta pro banco

Nar. 51

- o Nelson falou: ah, aqui é la carte, etc. e do outro lado é rodízio
- eu falei: ótimo, por que eu não gosto de rodízio

- eu falei: pera aí, né, nós queremos à la carte, né
- (falei) bom filé nós não temos
- eu falei então vem
- (falou) nós temos alcatra
- alcatra, falei, puxa como é que seria a alcatra?
- (falou) pode ser no espeto
- falei tá bom, né
- meu colega concordou também
- aí eu olhei pro Nelson
- falei: será que só tem rodízio aqui?
- e pergunta se nós já tínhamos sido servidos
- eu falei que não, que nós não queríamos rodízio
- daí ele fala que não tem a la carte, só rodízio
- aí ele chama o outro garçon
- (diz) ele não sabe nem o que é a la carte
- pergunta, você sabe o que é a la carte?
- aí o outro garçon vira (fala) olha, tão chamando na mesa seguinte
- aí o garçon (fala) tá vendo, ele não sabe o que é a la carte.
- aí nós pegamos chamamos o maitre
- pedimos a conta.

4.2. Orações de ação com núcleo verbal "accomplishment"

Nar. 2

- discou

Nar. 3

- o pessoal foi dormir na casa do seu Hortênsio

Nar. 4

- e o sujeito não muda de lugar
- e passa através dela
- atravessou

Nar. 5

- a gente foi dormir
- e matei, né

Nar. 6

- tirei toda a sujeira dela, né
- e levei pra menina
- então eu entreguei pra ela essa pedrinha
- e o Mário me explicou a estória

Nar. 7

- a gente levou o Rodrigo
- e fizemos o acampamento no meio do mato

Nar. 8

- eles saíram da reunião
- aí deu uma passada no bar do Zê
- tomou uma cerveja
- e foram num barzinho
- entrou uma menina
- daí eles deram a maior bronca
- aí o português veio com um estilete na mão
- aí o Elcio voltou

Nar. 9

- nós fomos passar o carnaval em Santa Catarina
- aí a gente foi
- então nós fomos de maiô
- subimos uma montanha durante uma hora

- foi correndo lá pedir pro cara levar a gente
- e levou

Nar. 10

- eu fui desci
- afastei um pouquinho o cavalete que desse pro carro passar
- os que vinham atrás de nós aproveitaram também
- passaram
- eu voltei
- pus o cavalete no lugar
- dali a meia quadra eu fiz a mesma coisa
- o casal também passou
- a perua veio
- desceram quatro homens armados com metralhadora
- e vieram dois do meu lado e dois do lado dele
- ele desceu do carro
- eles cercaram o Eleutério

Nar. 11

- aí nós abrimos a janela do quarto
- daí os rapazinhos deitaram no chão
- e tirou um pacotinho de um deles

Nar. 12

- depois de eu hesitar durante muito tempo, resolvi ir à Imobiliária
- foi lá dentro
- e veio um cidadão
- ele saiu
- e nós fomos embora

Nar. 14

- ele foi visitar um tio dele

Nar. 15

- e montou dentro da casa dele um verdadeiro hospital
- a enfermeira é despachada para longe
- primeiro abriu o olho
- depois sentou na cama
- depois se levantou

Nar. 16

- eu fui dormir
- põe a capa nele, né, assim por cima
- fecham
- aí ele vira pra mim
- e fui lá no quarto dela

Nar. 17

- um belo dia ela foi pra lá
- e de noite ela foi pro barracão
- e foram dormir, né
- acordou a Lígia que estava ao lado

Nar. 18

- eu virei pro lado
- saí correndo
- fui pro carro
- fui pro Pronto Socorro
- foi pra dar ponto

Nar. 19

- então um dia, eu entro no Pedro Ernesto, mais ou menos assim umas 3 hs.
- eu entrei na sala

- sentei na sala
- o cara sentou
- fiz a reunião durante uma hora
- o pessoal foi embora
- aí botei o meu paletô, a minha gravata, e tal
- fui embora
- daí relatei a história toda

Nar. 20

- o Adrian então explicou como seria, a que horas seria, etc.e tal
- bem, fomos na Globo
- e fomos pra casa de N.N.
- bom, aí nos levantamos e tal
- o repórter foi lá pra cosinha
- bom, aí serviram cafezinho (veio a empregada, serviu cafezinho)
- o Adrian se vira
- depois cumprimenta N.N. e tal
- bom, e senta N.N. no sofazinho perguntando se estava tudo pronto pra começar a entrevista
- então trouxe um brinquedinho que os filhos têm chamado o pequeno cantor
- instalou ali pertinho da lareira
- e entra por detrás do sofá uma figura de 40 centímetros assim, né
- e assistimos então posteriormente N.N. tocando violão no jardim

Nar. 21

- bom, eu resolvi aceitar o desafio de brincadeira

- e um belo dia, eu telefonei pruma série de fornecedores
- bem, fiz uma das rapinas aí que eu costumava fazer
- e batemos lá pra casa do Alaor
- e o Alaor deu o jantar
- no dia seguinte do jantar eu dei ordem pra que ti-rassem tudo
- então a mesma brigada entrou rodando, enrolando, ti-rando os móveis

Nar. 22

- ligamos
- aí nós descemos, de nariz duro
- aí tomamos um taxi
- nós saltamos
- e entramos num lugar deserto
- sentamos lá
- daqui a pouco vem um garçon
- daí a pouco vem um crooner tristíssimo
- e vem uma senhora

Nar. 23

- tinham aberto pra mim aquela bandeirinha verde de poder passar
- então manobrei feito um louco
- o carro deu duas voltas

Nar. 24

- o Humberto Janoti foi pra Europa
- e aí eu entrei no tal apartamento

Nar. 25

- bom, Luis e eu fomos então pro rio

- bom, aí nós fomos procurar o Paulo Sérgio, né
- aí demos uma volta pela cidade
- afinal, o Paulo e eu fomos

Nar. 26

- pôs o giz em cima da mesa, assim, do professor
- e virou-se pra pessoa que tinha dito isso

Nar. 27

- levou o Aluísio até em casa
- desce
- então o Aluísio cumprimenta com todo o respeito a vizinha

Nar. 28

- e resolveu mostrar essa carta aos amigos dele para saber o que ele faria

Nar. 29

- todos combinaram de telefonar pro Cláudio Volga di sendo que era o Asdrúbal
- e anota o recado do tal amigo do Asdrúbal
- bom, aí mais tarde telefona a Anete, dizendo ser se cretária do Asdrúbal
- dá outro recado mais estranho ainda pro Cardoso
- o Cláudio anota, e tal
- aí depois telefona mais outra pessoa dizendo que e- ra amigo do Asdrúbal
- dá outro recado
- e finalmente telefona o Asdrúbal
- e um dia telefona um sujeito
- ele dá o recado
- ele anota

Nar. 30

- bom, saiu ele com um M.G. velho, tudo, sabe
- aí fomos lá
- abriu lá aquele clássico gesto, abriu o código nacional de trânsito

Nar. 31

- ontem eu fui lá no INPS tirar um exame de sangue
- aí a moça foi procurar lá
- e voltou
- e tirei tudo da bolsa
- na mesma hora, entreou uma outra, doutra sala
- e daí um levantava
- sentei num canto
- abri um livro
- então uma hora eu levantei
- guardaram
- e me fizeram os exames
- e eu saí
- fui embora

Nar. 32

- veio o tal rapazinho, e o outro choferando
- nós três entramos
- daí o rapaz se endireitava
- o rapaz arredava

Nar. 33

- e foi atrás dele
- casaram-se

Nar. 34

- e eu subi correndo a ribanceira

- ninguém parava
- daí peguei o ônibus
- fui embora, tal
- fui no Pronto Socorro
- então fui dormir
- tomei uma cachaça
- na manhã seguinte fui lá ver o carro
- guincharam
- levaram pro pátio da Dersa
- e abriram uma ocorrência, quer dizer, um inquérito

Nar. 36

- e eu então enchi de leite uma xícara
- pus café
- levei depressa pro moço
- e dei pra ele
- mas eu corri na sala
- e corri outra vez pra cosinha
- pôs a xícara em cima da coisa
- saiu
- foi embora
- na mesma hora eu tranquei a porta
- sentei numa cadeira

Nar. 37

- e o cara foi tomar banho
- aí veio pro hospital

Nar. 38

- no terceiro dia ela resolveu sair
- foram no apartamento, e tal

Nar. 39

- arrombaram a porta
- entraram

Nar. 41

- um dia foi um cara lá na clínica dela
- encaminhou pro psiquiatra
- e uma estagiária atendeu ele
- e daí foram lá
- amarraram todo o cara
- e puseram numa maca
- ele deu um salto
- esvaziaram todo o edifício
- no fim chamaram a polícia, todos esses negócios
- e daí foram lá deram uma injeção
- e depois levaram ele lá pro INPS pra ser internado

Nar. 42

- eu fui viajar, fui pro interior, fui na casa de uma amiga minha
- eles saíram
- foram lá num lugar afastado

Nar. 44

- foi lá na frente
- eu não saí da faixa
- daí ele veio conversar
- daí veio um guarda civil PM
- eu saí do carro a essa hora
- daí eu avanço por cima do guarda
- vem um por trás de mim
- me dá uma chave de braço

- aí voltamos pro carro
- fomos todo mundo atrás do carro da polícia

Nar. 45

- então ela não foi
- passou na casa de uma amiga dela
- e foi num barzinho
- depois levou a amiga dela até a casa dela

Nar. 46

- saímos tudo num carro, abarrotado, né
- como tinha sobrado algumas garrafas, nós pusemos no carro
- nós atravessamos no sinal vermelho
- atravesssei
- e andei uma quadra
- daí me saiu de dentro um dos guardinhas
- fomos até tirar exame de sangue, né
- e daí só saímos no dia seguinte de manh-a, com a intervenção do pessoal do departamento jurídico de 22 de agosto

Nar. 47

- aí casou, né, casou com esse moço
- o cara desquitou da esposa dele, pra ficar com ela
- aí ele voltou
- aí eles foram
- o marido saiu pra trabalhar, né
- ele arrumou carro tudo
- e à noite fechou o salão mais cedo
- aí foi eu e a Nice, e ela, e o filho do rapaz, e o menininho de 6 anos

- aí carregou todinha as coisas

Nar. 48

- nós trabalhamos o dia inteiro
- a noite (foi) todo mundo lá
- ela resolveu voltar com ele (a Cida tinha um ex-na morado)
- então quer dizer, o Carlo foi (ela convidou ele)
- então ela foi no casamento
- às 10 horas ela voltou
- e daí fomos ao bar tomar alguma coisa
- a Lúcia saiu com o Humberto
- foi passear até uma certa hora
- até que nos cansamos

Nar. 49

- nós saímos um domingo, o Paulo, eu e as crianças e meu irmão com três filhos
- então meu irmão, que estava atrás, largou o nenê no chão
- saiu correndo
- pulou o cercado
- entrou na água de roupa e tudo
- tirou a menina, né

Nar. 50

- então o pessoal pegou fez o financiamento
- e penhorou a safra dele
- e o homem não veio pagar
- o fiscal fez o laudo
- o pessoal leu

Nar. 51

- marcamos em frente a churrascaria ali na entrada da cidade universitária
- aí nós fomos naquele rodízio que tem na esquina
- bem, sentamos lá
- vem uma linguiça
- bom, aí vem o garçon
- e fomos embora

4.3. Orações de ação com núcleos verbais

"achievement involuntário"

Nar. 2

- depois a conversa descambou para a escultura
- a perua para em frente de casa

Nar. 3

- surge uma perua
- surge um amigo de meu irmão, sete pessoas
- no dia seguinte eles sumiram
- gente não viu mais

Nar. 4

- viu um sujeito
- e chega nela
- ela sentiu o vento quando o carro passou

Nar. 5

- do meu lado apareceu uma sombrinha se mexendo
- todo mundo ficou com medo
- em cinco minutos acabou o acampamento lá

Nar. 6

- eu achei uma pedra verde
- a menina ficou toda assim, né

Nar. 7

- eu fui ficando com medo
- e de noite apareceu um bicho
- eu leve um susto

Nar. 8

- aí resolveram tomar cerveja
- chegou lá tava fechado o bar
- encontrou o Cláudio
- encontraram o Albertinho também
- todo o mundo caiu na risada
- aí resolveram pagar

Nar. 9

- daí depois de uma hora a gente chegou na outra praia
- daí o Nelson viu um barco de pescador

Nar. 10

- uma noite nós deparamos com um cavalete no meio do caminho
- nisso a gente viu que tinha um carro seguindo a gente
- depois a gente ficou sem saber o que ia acontecer

Nar. 11

- e nós ouvimos um barulho que parecia de revólver
- depois disso não deu pra gente ver mais o guarda direito

Nar. 12

- bom, hoje eu resolvi ir à Imobiliária

Nar. 13

- a namorada chegou por trás dele

Nar. 14

- e chegou em Santos

Nar. 15

- um belo dia a Dora tem um ataque

- fica completamente paralisada

- e a coisa chega a um ponto que ela não podia continuar a viver

- e mantém-se em vida por coisas artificiais

- e o tempo passa

- passa-se mais algum tempo

- passa um mês

- e acaba a coisa entrando numa rotina

- um belo dia chega ele em casa

- encontra a Dora no chão

- morre tio Sérgio

- Dora herda uma fortuna

- e começa a voltar a si

- começa a falar

- começa a fazer isso e aquilo

Nar. 16

- o meu pai morreu em agosto

- nasceu a Gabriela

- aí morreu

- e tive um sonho

- apareceram duas meninas pequenas

- começa nevar
- a capa fica assim cheia de neve
- daí eu escutei o choro da minha filha Gabriela
- e acordei
- e ela dormiu direto

Nar. 17

- e durante o dia chegou o capataz
- chegou um sujeito todo arrebitado
- e ela não conseguia dormir
- ela dormiu
- a Lígia dormiu
- e vê uma forma dum homem
- ela levou um susto
- no dia seguinte chegou o capataz

Nar. 18

- eu me lembro uma noite em que eu acordei
- e dormi
- bem, de repente eu acordo com a Lígia dando um berro

Nar. 19

- acabou a reunião
- no dia seguinte chego no hospital

Nar. 20

- o repórter que ia na frente tropeçou em alguma coisa, pluf.
- foi pro chão
- logo em seguida os outros dois também tropeçaram
- de repente aparece a mulher de M.N., que é uma morena assim, e tal
- e posteriormente chega por trás do Adrian o N.N.

- e não encontra ninguém na sua frente
- até que encontra a mãozinha do N.N.
- até que chegou o momento máximo do acontecimento, que era ele imitando eles cantando na televisão
- então chega perto do microfone

Nar. 21

- mas um dia ele surgiu apresentado por alguém, me pedindo um favor
- bom, duas horas e meia depois a casa do Alaor ficou pronta.

Nar. 22

- aí ficamos muito espantados deles nos oferecerem sanduíche de turista
- aí nós começamos a notar que tudo tinha o flamingo, bicho, o copo, as louças, os vidros, os tapetes, os homens.

Nar. 23

- e eu de repente vejo, crescendo sobre mim, um ônibus
- aí eu vi crescer diante de mim, assim, a esquina e um poste
- e (vi) (que) havia uma carrocinha de Kibon, e um fula no, vendedor de Kibon, e um casal de namorados
- bom, e eu senti que ia esmagar os dois, né
- e aí para, e o Humberto assim colado na cara da namorada
- virou

Nar. 24

- e eu tive uma nova cliente, que era Jeanne Lacroix

- aí eu passei de repente por um móvel
- vi que ele parou
- e eu só vi ele falar assim: puxa

Nar. 25

- aí finalmente apresentou-se a possibilidade de uma solução da crise aí de F.Z., e tal
- bem, chegamos lá
- aí depois chegamos no apartamento lá na Almirante Alexandrino
- aí o Fausto explodiu

Nar. 26

- ficou meio assim, né

Nar. 27

- chegaram na porta do apartamento
- o Guilherme ficou roxo, queria sumir naquela altura

Nar. 28

- aí um dia o Guilherme recebe uma carta desse japonês
- e o Guilherme então ficou preocupadíssimo
- então ... se revela a história
- (descobre-se) que era o Aluísio que tinha mandado u ma carta batida em papel cor de rosa

Nar. 29

- então o Cláudio pensa que é o F.H.C.
- e fica todo contente, e tal
- finalmente o C. descobre que não existia nem Asdrúbal, nem Cardoso

Nar. 30

- passa na polícia rodoviária
- ficou assim meio sem graça, e tal

- por fim ele se convenceu, né

Nar. 31

- eu cheguei lá

- e não achei

- até que achei

- eu já fiquei meio sem graça, humilhada

- ah, eu não aguentei mais

Nar. 32

- chegou ali pelas oito horas

- nós fomos parar em casa quase 10 horas da noite

Nar. 33

- então eu fiquei dentro da estória, né

- daí uns tempos rebentou a bomba

- e quando a Dirce chegou lá com a polícia e tudo

- ele morreu logo depois, tuberculoso

Nar. 34

- dormi

- e mergulhei na ribanceira da rodovia dos imigrantes

- cheguei lá em cima

- parou um ônibus, né

- (vi) que o carro já tinha sido apreendido

- e daí começou um rosário, mas terrível, assim, né

- bom, viram o carro caído lá embaixo

Nar. 36

- eu vi um preto mal vestido, todo maltrapilho, olhando sério pra mim.

- e então fiquei morrendo de medo

- então imediatamente me veio a idéia

- quase desmaiei de tanto medo

Nar. 37

- escorregou no banheiro
- quebrou a perna, a cabeça do fêmur
- aí ele conseguiu se arrastar até a sala
- não chegava ninguém
- daí depois de dois dias conseguiu chamar a mulher lá
- chegou, e tal

Nar. 38

- conheceu um cara
- e numa noite no hotel, o cara bate as botas
- e ela não sabe o que fazer, nê
- encontraram o cara morto

Nar. 39

- daí ela morreu agora

Nar. 41

- então o médico da clínica geral achou que ele não ti nha nada de clínica geral
- e daí o cara ficou nervoso
- e daí todo mundo ficou apavorado, nê
- daí até que quando ele viu a polícia
- ele se acalmou
- o cara ficou como morto

Nar. 42

- tiveram uma briga
- aí chegou em casa
- ela chegou chorando assim
- ela levou uma surra
- mas eu fiquei impressionada

Nar. 44

- de repente um carro para o motor
- e eu percebi
- o carro arrancou também
- e deu pra encaixar
- parou a fila
- e o guardinha fica nervoso
- fico bravo, etc.
- e acabou o pic-nic
- daí fomos parar todo mundo na delegacia

Nar. 45

- o carro bateu nela
- e ela foi contra o poste
- morreu

Nar. 46

- no fim da festa juntou um grupo de cinco
- (vi) sinal vermelho
- eu achei que não tinha problema
- fomos parar todos na delegacia

Nar. 47

- os pais dela começaram a descobrir
- depois passou uns três ou quatro anos que ela conhecia ele
- até que um dia faleceu o pai dela primeiro
- daqui a pouco, passou mais uns três ou quatro anos
- faleceu a mãe dela
- aí, né, ela resolveu
- quando foi um dia ela resolveu
- aí eles resolveram buscar a mudança dela tal dia

- o cara chegou lá
- o carro lotou, ficou lotado o carro
- no fim ela acabou ficando mesmo com o cara desquitado

Nar. 48

- ela resolveu voltar com ele
- deu a hora certa
- ele apareceu lá
- encontramos lá no salão
- chegamos lá
- aí resolvemos ir pra Itu
- aí resolvemos voltar
- chegamos em casa já era tarde, umas 4 horas

Nar. 49

- e nós chegamos lá mais ou menos umas 11 e meia
- e eu vi uma criança de um ano e três meses andando na beirada da piscina
- e aquilo preocupou
- chamou nossa atenção
- e chamou a atenção realmente desse rapaz que tava dentro da água
- mas ele não via a menina
- e ele pensou que fosse as crianças que estavam comigo
- daí o pai apareceu

Nar. 50

- bom, passou o tempo certo de financiamento
- venceu o financiamento

Nar. 51

- chegamos lá
- de repente aí, começa a vir

4.4. Orações de ação com núcleos verbais
"achievement voluntário"

Nar. 2

- começamos a falar sobre pintura
- e continuou calmamente a conversa

Nar. 7

- e começou a mexer nas panelas

Nar. 8

- e o Albertinho começou a contar uma história
- e o Albertinho começou a contar a mesma história

Nar. 10

- depois ele parou
- aí a gente continuou andando
- daí parou quase em cima da gente

Nar. 11

- o guarda da PM começou a revistar os dois deitados no chão

Nar. 12

- então eu comecei a expor cláusula por cláusula o que eu não concordava
- e começou a dizer que era má fé
- aí começamos um pequeno comício relâmpago
- bateu a porta com toda força

Nar. 15

- e o tio Sérgio voltou a trabalhar
- aí a família começa a falar

Nar. 19

- calou a boca
- e veio atrás de mim
- comecei a falar com as famílias
- ficou me ouvindo, olhando pra minha cara
- ele ficou olhando pra mim

Nar. 20

- começamos a entrar na casa
- aí começa a olhar pra baixo, pra baixo, pra baixo
- e começa então a falar
- e começou a emitir conceitos de família, da tradição
- e o N.N. começou a apresentar: agora apresento pra vocês o maior cantor

Nar. 22

- aí o chauffeur para no meio daquela coisa
- e começa a cantar
- e depois começa a cantar em inglês
- e começa a cantar em francês

Nar. 26

- o Fernando parou a exposição
- ficou em silêncio

Nar. 31

- e começou a tomar nota
- continuei ali firme, esperando ela acabar de escrever

- e a moça tornou a contar pra essa aí
- então eu comecei (a falar) o que vocês querem
- daí eu fiquei quietinha

Nar. 32

- pararam na esquina
- pararam o carro
- e lá no Guarujá comecei a flertar um rapazinho, né
- e ele então começou a querer pegar na minha mão
- começou a querer me beijar, né
- aí ele ficou de nos buscar à noite para darmos um passeio

Nar. 33

- o Alfredo começou a namorar a Dirce Lacerda

Nar. 41

- então começou a empurrar

Nar. 44

- daí os carros que estavam na minha frente começaram a sair
- e começa a discutir
- daí as quatro mulheres que tavam dentro do carro começam (a gritar)
- e começo a discutir
- numa dessas elas continuam falando, falando

Nar. 46

- eu parei, né
- parei

Nar. 47

- e aí começaram a dar em cima
- começou a namorar com outro rapaz

- ele começou a dar em cima, né
- aí eles começaram a se encontrar, se encontrar
- aí o cara começava a ameaçar

Nar. 49

- e nós paramos bem em frente à piscina
- nós paramos assim pra olhar
- e começou a andar assim na borda da piscina
- a menininha continuou avançando
- então eu comecei a gritar

Nar. 51

- começamos a conversar
- o cara parou assim

Como resultado observamos que as cláusulas narrativas apresentam como núcleos verbais as quatro categorias estabelecidas por nós como possíveis em cláusulas narrativas: "activity", "accomplishment", "achievement voluntário" e "achievement involuntário". O que nos chamou a atenção foram os verbos que aparecem em mais de uma categoria em suas ocorrências nas narrativas. Naturalmente não é o caso de dizer que esses verbos podem pertencer a mais de uma categoria, enquanto que os outros verbos não podem. Aqueles que apresentaram "realizações diversificadas" em nossas narrativas nos interessam no momento como casos a serem analisados. Temos claro que não esgotamos as "possibilidades" de realização diversificada de todos os verbos que aparecem em nossas narrativas. O que pretendemos com esse estudo dos verbos que se submeteram a mais de uma categoria é analisar como eles mudam de categoria, ou melhor, o que lhes permite tais

mudanças. Vendler já previra que os verbos podem pertencer a mais de uma categoria, mas será Dowty (12) que nos auxiliará nessa tarefa de analisar as diferentes realizações desses verbos.

São vinte e quatro os verbos em tais condições, que são apresentados a seguir:

4.5. Verbos sujeitos a diferentes classificações

1. ANDAR

activity - andou, andou, andou (N. 38)

- aí eu andei um pouco (N. 24)

accomplishment - andei uma quadra (N. 46)

2. ACORDAR

accomplishment - acordou a Lígia (N. 17)

achievement involuntário - e acordei (N. 18)

- e acordei (N. 16)

3. BATER

activity - bati numa porta (N. 35)

- o cara bateu nela (N. 41)

- ela bateu no cara (N. 41)

- batíamos palma (N. 20)

accomplishment - batemos pra casa do Alaor (N. 21)

achievement involuntário - o cara bate as botas (N. 38)

- o carro bateu nela (N. 45)

achievemente voluntário - bateu a porta com toda a força
(N. 12)

4. BOTAR

activity - botava a mão pra trás (N. 32)

accomplishment - aí botei o meu paletô, a minha gravata, e
tal (N. 19)

5. CHAMAR

activity - chamaram a conta (N. 8)
- chamou no radinho (N. 11)
- chamei o Jorge (N. 21)
- chama o outro garçon (N. 51)

accomplishment - chamaram a polícia (N. 41)

achievemente involuntário - chamou nossa atenção (N. 49)

6. CHEGAR

activity - então eu chegava pra lá, né (N. 32)
- ele chegava mais perto (N. 32)

achievement involuntário - a gente chegou na outra praia
(N. 9)

- a namorada chegou por trás dele
(N. 13)

- chegou o capataz (N. 17)

- chegou um sujeito todo arrebenta-
do (N. 17)

- chego no hospital (N. 19)

achievement involuntário - chegamos no apartamento (N. 35)
 (outras ocorrências nas narrati-
 vas, 31, 33, 34, 37, 47, 48, 49,
 50, 51)

7. COMEÇAR

achievement involuntário - começa a voltar a si (N. 15)
 - começa a falar (N. 15)
 - começa a fazer isso e aquilo
 (N. 15)
 - começa nevar (N. 16)
 - começou um rosário terrível (N. 34)
 - começaram a descobrir (N. 47)
 - de repente começa a vir (N. 51)

achievement voluntário - começamos a falar sobre pintura
 (N. 2)
 - e começou a mexer nas panelas
 (N. nº 7)
 - e o Albertinho começou a contar u
 ma história (N. 8)
 - e o guarda da PM começou a revis-
 tar os dois deitados no chão (N. 11)
 - então eu comecei a expor cláusula
 por cláusula o que eu não concordaa
 va (N. 12)
 - e começou a dizer que era mã fê
 (N. 12)
 - aí começamos um pequeno comício re
 lâmpago (N. 12)

- aí a família começa a falar (N.15)
- comecei a falar com as famílias
(N. 19)
- começamos a entrar na casa (N.20)
- aí começa a olhar pra baixo, pra
baixo, pra baixo (N. 20)
- e começa então a falar (N. 20)
- e começou a emitir conceitos de
família, da tradição (N. 20)
- e o N.N. começou a apresentar
(N. 20)
- e começa a cantar (N. 22)
- e depois começa a cantar em inglês
N. 22)
- e começa a cantar em francês (N.22)
- e começou a tomar nota (N. 31)
- então eu comecei (a falar) (N. 31)
- e lá no Guarujá eu comecei a fler-
tar um rapazinho (N. 32)
- e ele então começou a querer pegar
na minha mão (N. 32)
- o Alfredo começou a namorar a Dirce
Lacerda (N. 33)
- então começou a empurrar (N. 41)
- daí os carros que estavam na minha
frente começaram a sair (N. 44)
- e começa a discutir (N. 44)
- daí as quatro mulheres que tavam
dentro do carro começam (a gritar)
(N.44)

- e começo a discutir (N. 44)
- e aí começaram a dar em cima (N.47)
- começou a namorar com outro rapaz
(N. 47)
- ele começou a dar em cima né (N.47)
- aí eles começaram a se encontrar
(N. 47)
- aí o cara começou a ameaçar (N.47)
- e começou a andar assim na borda da
piscina (N. 49)
- então eu comecei a gritar (N. 49)
- começamos a conversar (N. 51)

8. CORRER

activity - o moço correu (N. 11)

accomplishment - corri na sala (N. 66)

- corri na cozinha (N. 66)

9. DAR

activity - deu uns tiros na perna (N. 11)

- dei uma batidinha, uma viradinha (N. 16)

- e deu um grito (N. 17)

- deu uma carona (N. 27)

- aí eu dei um cutucão nele (N. 30)

- deu parte na polícia (N. 33)

- eu não dou pelota (N. 44)

accomplishment - daí eles deram a maior bronca (N. 8)

- deu uma passada no bar do Zé (N. 8)
- o Alaor deu o jantar (N. 21)
- o carro deu duas voltas (N. 23)
- demos uma volta na cidade (N. 25)
- dá outro recado (N. 29)
- dá uma chave de braço (N. 44)
- eu dei ordem pra que tirassem tudo (N. 21)

achievement involuntário - deu pra encaixar (N. 44)

- deu a hora certa (N. 48)

10. DESCER

activity - desceram um cacete incrível (N. 8)

accomplishment - desceram quatro homens armados com metralha
dora (N. 10)

- eu fui desci (N. 10)
- ele desceu do carro (N. 10)
- aí nós descemos (do taxi) (N. 22)
- desce (da rural) (N. 27)

11. EXPLICAR

activity - a gente explicou que a gente tinha mudado aquele
dia (N. 10)

- então nós explicamos (N. 10)
- e eles não explicavam (N. 10)
- e aí não explicavam o que (eles queriam) (N. 10)

accomplishment - o Adrian então explicou como seria, a que
horas seria, etc. e tal (N. 20)

12. FICAR

achievement involuntário - todo mundo ficou com medo (N. 5)

- a menina ficou toda assim né

(N. 6)

- ficou sem saber o que ia acontecer (N. 10)

- fica completamente paralisada

(N. 15)

- a capa fica assim cheia de neve

(N. 16)

- a casa ficou pronta (N. 21)

- aí ficamos muito espantados deles
nos oferecerem sanduíche de turista
ta (N. 22)

- ficou meio assim, né (N. 26)

- o Guilherme ficou roxo (N. 27)

- o Guilherme então ficou preocupa-
díssimo (N. 28)

- e fica todo contente, e tal (N. 29)

- ficou assim meio sem graça, e tal
(N. 30)

- já fiquei meio sem graça, humilha-
da (N. 31)

- então fiquei morrendo de medo (N. 36)

- então eu fiquei dentro da estória,
né (N. 33)

- e daí o cara ficou nervoso (N. 41)

- todo mundo ficou apavorado lá (N. 41)

- o cara ficou como morto (N. 41)
- mas eu fiquei impressionada (N. 42)
- e o guardinha fica nervoso (N. 44)
- fico bravo (N. 44)
- o carro ficou lotado (N. 47)

achievement voluntário - fiquei quietinha (N. 31)

- aí ele ficou de nos buscar à noite (N. 32)

13. FAZER

activity - fez um gesto de passividade (N. 18)

- e não fiz uma coisa que é telefonar para a Dersa (N. 34)
- de repente um jipe da polícia nos faz sinal pra parar (N. 46)

accomplishment --fizemos o acampamento no meio do mato (N. 7)

- fiz a mesma coisa (N. 10)
- fiz a reunião durante uma hora (N. 19)
- fiz uma das rapinas (N. 21)
- e me fizeram o exame (N. 31)

14. IR

accomplishment - foram num barzinho (N. 8)

- e então nós fomos de maiô (N. 9)
- foi lá dentro (N. 12)
- fomos embora (N. 12, 51)
- fui lá no quarto dela (N. 16)
- o pessoal foi embora (N. 19)

- fui embora (N. 19, 34, 36)
- foi pra lá (N. 17)
- e de noite ela foi pro barracão (N. 17)
- fui pro carro (N. 18)
- fui pro Pronto Socorro (N. 18)
- foi pra dar ponto (N. 18)
- fomos na Globo (N. 20)
- fomos pra casa de N.N. (N. 20)
- o repórter foi lá pra cozinha (N. 20)
- o Humberto foi pra Europa (N. 24)
- Luis e eu fomos então pro Rio (N. 25)
- afinal, o Paulo e eu fomos (N. 25)
- aí fomos lá (N. 30)
- ontem eu fui lá no INPS (N. 31)
- fui embora (N. 31)
- e foi atrás dele (N. 33)
- fui no Pronto Socorro (N. 34)
- foram no apartamento (N. 38)
- um dia foi um cara lá na clínica (N. 41)
- e daí foram lá (N. 41)
- fui pro interior (N. 42)
- fui na casa de uma amiga minha (N. 42)
- foram lá num lugar afastado (N. 42)
- foi lá na frente (N. 44)
- então ela não foi (N. 45)
- e foi num barzinho (N. 45)
- então ela foi no casamento (N. 48)
- nós fomos no bar (N. 48)
- fomos naquele rodízio (N. 51)

achievement involuntário - foi pro chão (N. 20)

- foi contra o poste (N. 45)

14a. o verbo IR como auxiliar

accomplishment - o pessoal foi dormir na casa do seu Hortênsio (N. 3)

- a gente foi dormir (N. 5)

- fomos passar o carnaval em Santa Catarina (N. 9)

- foi correndo pedir pro homem (N. 9)

- foi visitar um tio dele (N. 14)

- eu fui dormir (N. 16)

- e foram dormir, né (N. 17)

- aí nós fomos procurar o Paulo Sérgio (N.25)

- aí a moça foi procurar lá (N. 31)

- então fui dormir (N. 34)

- o cara foi tomar banho (N. 37)

- eu fui viajar (N. 42)

- fomos tirar exame de sangue (N. 46)

achievement involuntário - nós fomos parar em casa quase 10 hs da noite, com medo do papai (N.32)

- daí fomos parar todo mundo na delegacia (N. 44)

- fomos parar todos na delegacia (N. 46)

activity - ia atirando (N. 11)

e fui conversando sobre ela (N. 24)

- e fui andando (N. 24)
- e fomos andando (N. 9)

15. LEVAR

- accomplishment - levei pra menina (a pedra) (N. 6)
- a gente levou o Rodrigo (N. 7)
- achievement involuntário - ela levou uma surra (N. 42)
- levei um susto (N. 7)
 - ela levou um susto (N. 17)

16. PASSAR

- accomplishment - passa através dela (N. 4)
- (aproveitaram), passaram (N. 10)
 - o casal também passou (N. 10)
 - passou na casa de uma amiga dela (N. 45)
- achievement involuntário - e o tempo passa (N. 15)
- passa-se mais algum tempo (N.15)
 - passa-se um mês (N. 15)
 - aí eu passei de repente por um mô
vel (N. 24)
 - passa na polícia rodoviária (N.30)
 - passou uns três ou quatro anos
(N. 47)
 - passou mais uns três ou quatro a-
nos (N. 47)

17. PEGAR

- activity - peguei o sapato (N. 5)

- peguei essa pedra (N. 6)
- peguei na cara dela (N. 18)
- eu peguei o lençol (N. 18)
- pegaram minha bolsa (N. 31)

accomplishment - peguei o ônibus (N. 34)

18. PARAR

achievement involuntário - a perua para em frente de casa
(N. 2)

- parou um ônibus (N. 34)
- de repente um carro para o motor
(N. 44)
- parou a fila (N. 44)
- fomos parar todos na delegacia
(N. 46)

achievement voluntário - pararam na esquina (N. 32)

- pararam o carro (N. 32)
- Fernando parou a exposição (N. 26)
- e eu parei, né (N. 46)
- depois ele parou (N. 10)
- daí parou quase em cima da gente
(N. 10)
- aí o chauffeur para no meio daquela
coisa (N. 22)

19. SUBIR

activity - duas senhoras subiram junto (N. 27)

accomplishment - subimos uma montanha durante uma hora (N.9)

20. TER

achievement involuntário - um belo dia a Dora tem um ataque
(N. 15)

- eu tive uma nova cliente (N. 24)

- tiveram uma briga (N. 42)

- tive um sonho (N. 16)

21. VIRAR

accomplishment - aí ele se vira pra mim (N. 16)

- eu virei pro lado (N. 18)

- o Adrian se vira (N. 20)

- e virou-se pra pessoa que tinha dito isso
(N. 26)

achievement involuntário - (o carro deu duas voltas), virou
(N. 23)

22. VER

activity - vimos e tal (N. 21)

achievement involuntário - a gente não viu mais (N. 3)

- viu um sujeito (N. 4)

- daí o N. viu um barco de pescador
(N. 9)

- nisso a gente viu que tinha um
carro seguindo a gente (N. 10)

- e vê uma forma dum homem (N.17)

- e eu de repente vejo crescendo sobre mim um ônibus (N. 23)
- vi que ele parou (N. 24)
- e eu sô vi ele falar assim: puxa (N. 24)
- bom, viram o carro caído lá embaixo (N. 34)
- eu vi um preto mal vestido (N.36)
- e eu vi uma criança de um ano e três meses andando na beirada da piscina (N. 49)

23. VIR

- activity - e vem um rapaz atrás de mim (N. 19)
- e veio atrás de mim (N. 19)
 - ele vinha (chegava mais perto) (N. 32)
 - e vinha chegando outra vez (N. 32)
 - daqui a pouquinho ele vinha (chegando mais perto) outra vez (N. 32)

accomplishment - aí o português do bar veio com estilete na mão (N. 8)

- veio um cidadão (N. 12)
- veio a empregada (N. 20)

achievement involuntário - me veio a idéia

24. VOLTAR

accomplishment - aí o Elcio voltou (N. 8)

achievement voluntário- e o tio Sérgio voltou a trabalhar (N.15)

Como dissemos, a elucidação dessas ocorrências só se rá possível a partir do trabalho de Dowty (13) que apresentaremos no ítem 5 do presente capítulo.

5. Aspecto e Combinação de Constituintes. Dowty.

O trabalho de Dowty (14) visa a estudar as propriedades aspectuais dos verbos em inglês, suas restrições de co-ocorrência com vários tipos de advérbios de tempo, e as correlações semânticas das várias combinações de tais verbos. Por aspecto, entende a distinções como "começo" versus "duração" de um estado, e "completion" versus "duração imperfectiva" de um ato.

Seu estudo é feito dentro do paradigma da Semântica Gerativa, na qual as sentenças são derivadas de "estruturas lógicas" mais abstratas e mais significantes semanticamente do que na Semântica Interpretativa, onde a gramática postula um nível de estrutura profunda na qual os ítems lexicais aparecem indecomponíveis. Na Semântica Gerativa a estrutura subjacente tem a forma de uma lógica matemática. Isto é, a Semântica Gerativa utiliza estruturas lógicas, estruturas profundas abstratas, como "estruturas subjacentes", das quais as estruturas superficiais são derivadas.

Para a classificação dos verbos com respeito às suas propriedades aspecto-temporais, o autor parte do estudo de Vendler, (15) que divide os verbos em quatro categorias: "states", "activity", "accomplishment", "achievement", que expusemos no item 3.2..Dowty distingue um predicado atômico envolvido na distinção de cada uma das categorias de Vendler. Assim "achievement"

teria como predicado atômico "come about", "activity" do "accomplishment" "cause".

No entanto, constata não ter encontrado um único verbo do tipo "activity" que não pudesse ter um sentido "accomplishment" em pelo menos algum contexto especial, e conclui que a tentativa de Vendler de classificar os verbos na superfície como de "accomplishment" ou "activity" de uma vez por todas é de algum modo errada.

One might just as well distinguish between a durative aspectual category and a perfective aspectual category, either of which a given verb may belong to, depending on tenses, time adverbials, and other parts of its syntactic and discourse environment.
(16)

Observa que verbos considerados "accomplishment" ou "achievement" passam a se comportar como "activities" devido a um objeto ou sujeito específicos. No caso de "accomplishment", objeto direto que seja plural indefinido ou "nome massa", e no caso de "achievement", sujeito ou objeto no plural trazem mudança de comportamento.

Por exemplo, com objetos diretos no plural ou "nome massa", a sentença perde seu sentido de tarefa concluída que caracteriza os verbos de tipo "accomplishment", como em:

João comeu o saco de pipoca (em uma hora).

João comeu pipoca (não admite 'em uma hora').

Uma das características que distinguem "activity" de "accomplishment" é que "accomp" admite a locução adverbial "in an hour" (em uma hora), enquanto "activity" não a admite.

Assim também em:

João construiu aquela casa (em um mês).

João construiu casas (não admite em um mês).

Também o verbo tipo "achievement" pode comportar-se como "activity":

João descobriu um tesouro em sua casa (não admite "por três semanas").

João descobriu pulgas em seu cachorro (por três semanas).

João encontrou uma concha na praia (não admite "todo o verão").

João encontrou conchas na praia o verão todo.

(o verbo de tipo "achievement" não permite locuções adverbiais durativas como "por seis meses", "o verão todo").

Essas observações levaram linguistas a concluir que as noções de aspecto durativo e aspecto perfectivo não podem ser encontradas em apenas um constituinte da estrutura superficial, mas aparecem na composição de alguns constituintes.

Para saber a que categoria o verbo pertence devemos submetê-lo a um teste que indique se a sentença contém ou não um "agente".

Uma sentença contém um agente se:

1. puder ocorrer como complemento de persuadir, comandar.
2. puder ter uma frase instrumental.
3. ou se advérbios como "inteligentemente", "avidamente", puderem ser acrescentados a essas sentenças.
4. ou puder ocorrer como um imperativo.

Os verbos tipo "achievement" não podem ocorrer com persuadir:

João reconheceu o assassino.

mas não: Pedro persuadiu João a reconhecer o assassino.

Nas "percepções físicas", Dowty distingue duas classes de verbos:

1. os cognitivos - ver, ouvir, sentir, cheirar, provar.

2. os ativos - olhar, observar, ouvir (listen to)

Os ativos imputam ao sujeito "intenção", "responsabilidade", enquanto os cognitivos não.

Os verbos do tipo "accomplishment" são caracterizados como sendo semanticamente bipartite, isto é, envolvem tanto a noção de uma atividade como uma mudança de estado que aparece como resultado daquela atividade. Eles se distinguem pelo fato de indicarem uma ação que resulta numa mudança de estado, que inclui a noção de tarefa a ser completada.

A análise de Dowty é utilizada em nosso trabalho de duas maneiras: em primeiro lugar, suas observações serão levadas em conta para que possamos compreender e analisar os vinte e quatro verbos selecionados acima (em 4.5), que apresentam diferentes realizações nas nossas narrativas, funcionando ou como "activity" ou como "accomplishment"; como "achievement" ou como "activity", ou como "state" e alguma outra categoria. Em segundo lugar, suas análises servirão de guia para a descrição do papel das formas verbais dentro das cláusulas narrativas - se Labov coloca-as como núcleos narrativos e Vendler atribui ao próprio tema dos verbos a realização do aspecto verbal, Dowty nos indica que ambas as noções devem ser relativas - o papel do verbo é relevante, mas ele não é o único elemento lingüístico responsável pelas diferentes características que as cláusulas narrativas apresentam, já que outros elementos, ao combinarem-se com as formas verbais, podem modificar aspectos considerados como de responsabilidade exclusiva dos verbos.

5.1. A contribuição de Dowty para a análise das cláusulas narrativas

Vendler já levantara a possibilidade de um verbo pertencer a mais de uma categoria, (17) dando indícios de que alguns verbos dependem de outros constituintes para funcionarem como "activity" ou "accomplishment", (18) mas seu trabalho não é suficiente para elucidar as ocorrências verbais que se apresentam em mais de uma categoria nas nossas narrativas.

A partir das considerações de Dowty a respeito da combinação de constituintes para caracterizar os verbos como "activity", "accomplishment" ou "achievement" avançaremos no estudo desses verbos, examinando à luz dessas considerações cada um dos vinte e quatro verbos em questão.

1. verbo ANDAR

O verbo andar, quando usado com complemento que delimita de maneira precisa a ação do verbo, adquire a característica dos verbos "accomplishment", qual seja, tarefa a ser completada - andei uma quadra. Entretanto, com complemento 'indeterminado', classifica-se como "activity" - andei um pouco.

2. verbo ACORDAR

Nesse caso, embora a diferença esteja na presença ou ausência de objeto direto:

- a. 'acordei a Lígia' (accompl. - presença do objeto direto).
- b. 'acordei' (achievement involuntário - ausência de objeto direto).

Nota-se que essa diferença acompanha uma caracterís-

tica importante para a classificação dos verbos - a presença do papel Ator. De fato, em b. não há alguém que age, não há "ator"; mas "processo invadindo a consciência" (que caracteriza os verbos tipo "achievement"), enquanto em a. temos o papel "ator", que permite a paráfrase com fazer "o que eu fiz foi acordar a Lúcia".

3. verbo BATER

Dentre as ocorrências que levantamos desse verbo, algumas não nos interessam para o estudo do mesmo, pois nelas o verbo bater perde seu significado habitual, adquirindo um significado especial, de "frases idiomáticas"; são elas - "o cara bate as botas" - "achievement" involuntário, "batemos pra casa do Alaor", "accomplishment", "batíamos palma", "activity".

Em relação às outras realizações, examinemos em primeiro lugar a diferença entre as consideradas "achievement" involuntário e as consideradas "achievement" voluntário. Fillmore diferencia entre sujeito "instrumento" e sujeito "agente", (19) e é essa a distinção que parece estar agindo nesse caso.

a. o carro bateu nele.

b. ele bateu a porta com toda força

Em a. temos sujeito "instrumento", em b. sujeito "agente".

Essa diferença explica onde difere o "achievement" voluntário do involuntário, mas não cobre todas as ocorrências do verbo bater. Restam os casos considerados "activity" - "bati numa porta"; "o cara bateu nela", que apresentam papel "ator" (o que eu fiz foi ...). O que as diferencia dos casos de "achievement" é o tipo de ação, que nesse caso é durativa, não pontual, enquanto

to que em "bater a porta" é ação pontual.

4. verbo BOTAR

As realizações desse verbo, consideradas exemplos de "gíria", caracterizam-se como "activity" ou "accomplishment", dependendo da complementação verbal. Se a complementação é específica, indicando não apenas o objeto envolvido pela ação como também o lugar que coube ao objeto, temos "accomplish", mas se o lugar não está presente temos "activity", como em "botei a mão para trás". (20)

5. verbo CHAMAR

Em primeiro lugar temos a diferença entre sujeito "a gente" e sujeito "instrumento", que coloca de um lado as ocorrências tidas como "activity" e "accomplishment", e de outro as "achievement" involuntário. Em segundo lugar, temos a diferença entre "activity" e "accomplishment", que no caso liga-se à especificidade da realização. Isto é, "chamar a polícia" foi considerada "accomplishment" em função da especificidade do objeto - a polícia, enquanto "chamar uma pessoa" é "activity". Desse modo, se "estou chamando João" é verdade, "chamei João" também será, o que não acontece com "chamei a polícia", que pode não ser verdade mesmo que eu diga que "estou chamando a polícia".

6. verbo CHEGAR

A realização de chegar como "activity" parece ligar-se ao tempo verbal imperfeito. Todas as outras realizações, no presente ou pretérito perfeito ligam-se ao "achievement" involuntário - ação pontual como papel inerente. Em "ele chegava

mais perto" temos ator (o que ele fazia era chegar mais perto, e ação durativa, dada pela imprecisão - se tivéssemos "chegou em Santos", ou "em casa", etc., e não simplesmente "mais perto").

7. verbo COMEÇAR

Em relação a esse verbo, temos que considerar em primeiro lugar as realizações não seguidas por infinitivo - "começou um rosário terrível". ("achievement" involuntário), e "começamos um pequeno comício" ("achievement" voluntário). Nesse caso a diferença está na presença do sujeito "agente" ou "instrumento". O "rosário" não começou voluntariamente, ao contrário do comício, que nós começamos. Essa diferença pode estender-se às ocorrências seguidas de infinito, sendo que nesse caso o verbo no infinitivo ajuda a caracterização de Começar como voluntário ou involuntário. Assim começaram a descobrir (involuntário) comecei a expor (voluntário).

8. verbo CORRER

A diferença está na tarefa a ser completada, que aparece ou não na ocorrência. "Correu na sala", ou "correu para a sala", são diferentes de "correu", que não apresenta complementação, não indicando portanto "tarefa a ser completada", como as ocorrências anteriores.

9. verbo DAR

Muitas ocorrências do verbo dar são "perífrases que substituem um outro vocábulo". Assim: dar uns tiros - atirar; dar um grito - gritar; dar uma batidinha - bater; dar uma passada - passar; o carro deu duas voltas - o carro virou; demos uma

- volta pela cidade - passeamos; dei ordem - ordenei; deu pra encaixar - encaixou. É por isso que encontramos ocorrências desse verbo espalhadas nas diferentes categorias consideradas por nós.

10. verbo DESCER

Esse verbo apresenta-se, nas ocorrências encontradas, como "accomplishment", mas é fácil supor que comporta-se como "activity" em muitas orações, como em "o carro está descendo", pois se essa oração é considerada V, então "o carro desceu" também será V. Descer de algum lugar implica uma ação acabada, isto é, indica ação que se completa. Assim, mesmo que "ele está descendo do quarto" seja considerada V, "ele desceu do quarto" pode se não V. Além disso, encontramos uma ocorrência do verbo descer como "activity", num uso considerado "gíria" "eles desceram um cacete incrível". Nesse caso o verbo não significa locomoção, mas tem um sentido especial, como tem sentido especial seu uso em orações tais como - "a inflação está descendo", que também é um exemplo de "activity".

11. verbo EXPLICAR

Esse caso parece interessante, pois o verbo explicar, assim como falar, contar, são considerados "activity", mas a ocorrência considerada "accomplishment" (nar. 20) liga-se ao verbo da oração subordinada, que indica ação futura "o Adrian estava explicando como seria ..." não implica "o Adrian explicou como seria ...", daí seu comportamento no caso ser de "accomplishment" e não de "activity".

12. verbo FICAR

O verbo ficar quando indica mudança de estado é considerado "achievement". No entanto, pode denotar diferentes tipos de ação. Por exemplo, "fiquei impressionada" denota um tipo de ação involuntária, enquanto "fiquei quietinha", ação voluntária. Por outro lado, muitas das ocorrências podem ser consideradas como "states", como sinônimas de "permanecer":

"fiquei quietinha" (durante 10 minutos)

"o cara ficou como morto" (por mais de 2 horas)

"o Guilherme ficou preocupadíssimo" (durante toda a tarde).

Isso não quer dizer que nessas ocorrências os verbos deixem de significar mudança de estado. Esses verbos refletiriam uma sobreposição de duas categorias: "state" e "achievement", na medida em que indicam uma "mudança de estado" e uma "permanência" do novo estado por um período de tempo.

Entretanto, o problema da ação "voluntária" ou "involuntária" permanece, só a ocorrência podendo esclarecer: "fica-se quieto" voluntariamente, enquanto "fica-se emocionado" involuntariamente.

13. verbo FAZER

O verbo fazer comporta-se como "accomplishment" ou "activity" dependendo do objeto direto. "Fazer um gesto" ou "fazer sinal" são exemplos de "activity", "fazer exame", "fazer reunião" são "accomplishment", pois "reunião", "exame", são palavras que indicam algo que necessita ser completado, tarefas que duram um certo tempo.

14. Verbo IR

O verbo ir normalmente "accomplishment", pois a ação de ir a algum lugar implica uma "ação que necessita ser completada", isto é, é preciso que se chegue a algum lugar. "Estou indo" não implica "fui". Entretanto, mesmo sem perder o sentido de locomoção, o verbo ir pode combinar-se com outras palavras e tornar-se "achievement", como "foi pro chão" que significa caiu, ou "foi contra o poste", que significa bateu no poste.

14a. Verbo IR Auxiliar

De modo geral, esse verbo tem como auxiliar as mesmas classificações que como principal: "accomplishment" ou "achievement" involuntário, sendo "accomplishment" na maioria das ocorrências, implicando a "ação completa que o verbo ir denota", e "achievement" involuntário quando combinado com verbos do tipo "achievement", como por exemplo o verbo parar. "Fui parar", "fomos parar". Além disso, encontramos o verbo ir como "activity" - quando apresenta-se seguido de gerúndio, pois conserva o papel "ator", como quando pertence à categoria "accomplishment", mas não indica ação que precisa ser completada, mas ação indeterminada. Uma ocorrência entretanto, parece desmentir que o verbo ir seguido de gerúndio pertença à categoria "activity". É a narrativa 9, que apresenta o verbo ir seguido de gerúndio num caso "accomplishment": "foi correndo pedir". Temos porém, que nesse caso o verbo ir liga-se mais a pedir do que a "correndo". Na realidade, a ação seria a de "ir pedir", e o vocábulo "correndo" indicaria mais o modo como "ele foi pedir".

15. Verbo LEVAR

Como seu sentido normal, levar caracteriza-se como "accomplishment", pois levar algo para alguém implica ação que necessita ser completada. No entanto, em perífrases pode funcionar como "achievement" involuntário: "levei um susto".

16. Verbo PASSAR

Quando é o tempo que passa, temos "achievement" involuntário, pois não há papel "ator". Já quando é alguém que passa, temos "accomplishment". No entanto, há uma ocorrência onde alguém passa e temos "achievement" involuntário. "Aí eu passei de repente por um móvel" (Nar. 24). Notamos que não há voluntariedade, pois é como a ocorrência "passa na polícia rodoviária" (Nar. 30). A pessoa passa pela polícia ou pelo móvel pois esses objetos estão no caminho por ela seguido, e não por deliberação, como no caso de "passou na casa de uma amiga dela", onde é possível a perífrase "o que ela fez foi passar pela casa de uma amiga dela".

17. Verbo PEGAR

Quando o verbo pegar tem como complemento um objeto, "pedra", "cara", etc., temos "activity". No entanto, combinado com "ônibus", já caracteriza-se como "accomplishment", pois "pegar o ônibus" é uma ação que necessita complementação.

18. Verbo PARAR

A diferença de comportamento do verbo parar deve-se à presença ou ausência do papel "ator". A ação é sempre pontual,

mas pode apresentar ou não "agente". "O ônibus parou", por exemplo, onde o sujeito é "instrumento", leva ao "achievement" involuntário, enquanto "eles pararam o carro" apresenta sujeito agente, responsável pela classificação do verbo como "achievement" voluntário.

19. Verbo SUBIR

Nesse caso temos que se "as senhoras estão subindo" é V, então "as senhoras subiram" também é V, pois subir é ir para cima, e ir para cima um milímetro já é subir, funcionando como o verbo empurrar. No entanto, subir uma montanha já exige que a ação se complete, "ela está subindo a montanha" sendo V não quer dizer que "ela subiu a montanha" seja também V.

20. Verbo TER

De fato, o verbo ter só aparece em cláusulas narrativas como "achievement" involuntário. No entanto, em cláusulas não narrativas, com o sentido de possuir, ele aparece como "state", geralmente no pretérito imperfeito.

"eu tinha uma prima" (Nar. 6)

"não tinha bicho, mas tinha cobra" (Nar. 7)

Nas ocorrências em cláusulas narrativas o verbo perde o sentido de "duração" e passa a indicar "ação pontual":

"tive um sonho".

"a Dora tem um ataque".

21. Verbo VIRAR

O sujeito animado ou não animado parece ser o responsável pela diferença entre o comportamento "accomplishment" ou

"achievement" desse verbo. "O que ele fez foi virar-se" só é possível se "ele" é um agente, e não um "instrumento", como em "o carro virou", onde não podemos parafrasear "o que o carro fez foi virar". O interessante é que essa diferença acompanha o fato de a ação ser ou não durativa. "Ele virou-se" é sem dúvida durativa, enquanto "o carro virou" não é.

22. Verbo VER

A ocorrência do verbo ver como "activity" pode apresentá-lo em cláusulas não narrativas:

"o Alaor estava excitadíssimo, via as coisas entrar...", mas pode também apresentá-lo em cláusulas narrativas:

"tudo ficou pronto,
Jorge e eu rodamos por lá,
vimos
e o Alaor deu o jantar".

De fato, tais casos distanciam-se bastante das ocorrências do verbo ver como "achievement": "o Nelson viu um barco", onde o barco surge aos olhos de "sujeito", enquanto que em "rodamos por lá, vimos ..." interpretamos como "o que fizemos foi ver (tudo), vimos significando "passar em revista as coisas".

23. Verbo VIR

O verbo vir, sem complemento que torne sua ação imprecisa, exige complementação, isto é, mesmo sem exigir complemento verbal indica ação que se completa, sendo portanto classificado como "accomplishment". "O português veio", "a empregada veio".

No entanto, há algumas locuções adverbiais que têm o dom de modificar essa necessidade de complementação da ação verbal de vir. Por exemplo "veio atrás de mim"; "veio mais perto". Além disso, há ocorrências do verbo vir que não apresentam o papel "ator". "Me veio a idéia", "me veio uma sensação de mal estar", ou mesmo "nisso, veio um ônibus lotado". Nessas ocorrências não há o papel ator inerente, e são consideradas "achievement", enquanto "veio atrás de mim" classifica-se como "activity".

24. Verbo VOLTAR

O verbo voltar, quando indica "locomoção", "voltar para algum lugar", classifica-se como "accomplishment". No entanto, como "auxiliar" comporta-se como "começar" ou "parar": "voltou a trabalhar", "começou a trabalhar", "parou de trabalhar", são classificados como "achievement" voluntário.

Essa análise sumária desses vinte e quatro verbos servem para mostrar que realmente é temerário classificar os verbos de uma vez por todas como "activity", "accomplishment" ou "achievement", pois eles comportam-se de maneira diferente conforme combinam-se com outros elementos da oração. Desse modo, as orações é que devem ser consideradas como comportando-se de acordo com as categorias -"activity", "accomplishment", "achievement". Em relação às narrativas, nota-se que nas cláusulas narrativas encontramos todas as categorias estabelecidas por Vendler, com exceção da categoria "state", que é própria das cláusulas não narrativas, como por exemplo nas narrativas:

15. "tio Sérgio era um sujeito muito rico".

- 17. "essa história é suposta ser verídica".
- 17. "a Mary estava de mau humor nesse dia".
- 19. "eu sou psicólogo".
- 28. "o Guilherme estava dando aula no Iferge".

A grande maioria das orações consideradas de "state" aparece nas cláusulas não narrativas. Temos mesmo uma narrativa, a 35, que apresenta todas as suas cláusulas não narrativas pertencendo à categoria "state":

- 0.a.9 - é uma estorinha pequenininha
- 1.b.8 - eu tava procurando uma casa
- 2.c.7 - e eu estava com o endereço errado
- 3.d.6 - essas casas eram ali na Angélica
- 0.e.0 - então eu bati numa porta
- 0.f.0 - e perguntei pela pessoa que eu tinha que entrevistar
- 0.g.0 - então a moça falou: não, ... não conheço
- 0.h.0 - e eu falei assim: olha, é uma pessoa mulata
- 0.i.0 - aí ela falou: ah, se é mulata então não é aqui mesmo ...

Nota: as cláusulas e, f, g, h, i, que apresentam zero à esquerda e à direita da letra, são cláusulas narrativas, enquanto as outras a, b, c, d, são não narrativas, pois são consideradas livres.

Em termos pois, de características lingüísticas das cláusulas narrativas, temos que essas cláusulas se apresentam nas três categorias "activity", "accomplishment" e "achievement", graças à combinação dos elementos que as compõem. Dentre esses elementos que se combinam, sujeito, verbos e complementos verbais são essenciais, como demonstrou nossa análise até agora. Outros elementos vêm corroborar com esses, principalmente no estabelecimento dos elos e entre as cláusulas, reforçando a dependência.

dência temporal entre elas. São eles as conjunções, principalmente a conjunção coordenativa "e", e alguns advérbios e locuções adverbiais, como por exemplo "de repente", locução usada inclusive para marcar o início da parte essencialmente narrativa, como acontece na Nar. 3:

- estava sentado ...

.....

- de repente, surge uma perua ...

"de repente" marca nessa narrativa o início do acontecimento narrado, chamando assim a atenção do ouvinte para o fato que introduz, dispensando a desinência morfêmica no verbo, que depois de "de repente" vem no Presente.

Algumas narrativas apresentam partes consideradas extensas na forma assindética, sem conjunções coordenativas ou outros elementos, tais como, "aí", "daí", "então". Um exemplo pode ser dado com a narrativa 36.

- o homem olhou bem pra mim

- saiu

- pôs a xícara em cima da mesa,

- não falou nada,

- foi embora.

- na mesma hora eu tranquei a porta,

- sentei numa cadeira,

- quase desmaiei.

O mais comum, entretanto, é que o narrador utilize "aí", "daí", "depois", "então", "no dia seguinte", "mais tarde", etc., para estabelecer o nexu temporal entre as orações. Esses vocábulos não alteram substancialmente as características internas das cláusulas, mas podem influenciar, como "de repente", que

liga-se de preferência a orações do tipo "achievement"-de repente surge; de repente eu vejo, dispensando o morfema do pretérito na forma verbal. Mas de modo geral, pode-se dizer que essas palavras são importantes não para a análise interna das cláusulas narrativas, mas para o relacionamento entre cláusulas.

Em suma, a parte do texto narrativo que analisamos nesse trabalho é composta de cláusula em juntura temporal, denominadas narrativas, que se ligam ou de maneira assindética ou utilizam partículas "temporais", e são consideradas orações de ação, comportando-se ou como "activity", ou como "accomplishment" ou como "achievement", conforme o aspecto durativo, de "ação acabada" ou pontual que apresentam. Isso não é tudo. Notamos que a maioria das formas verbais das cláusulas narrativas encontram-se no Pretérito Perfeito, e essa parece ser também uma característica própria das cláusulas narrativas - qual seja, trazer o morfema do pretérito perfeito nas suas formas verbais.

Como estabelecemos desde o início do trabalho, essa parte essencialmente narrativa, cujas cláusulas vimos descrevendo, veicula um acontecimento inaudito, que é, por assim dizer, a causa material da narrativa. Como conclusão da presente dissertação, apresentaremos as relações entre o conteúdo (acontecimento inaudito) e a forma (cláusulas em juntura, etc.) das cláusulas narrativas.

Notas do Capítulo II

- (1) Halliday, M.A.K. - "Estrutura e Função da Linguagem", in Novos Horizontes em Lingüística, John Lyons, Editora Cultrix, São Paulo, 1976, pp. 134-160.
- (2) Vendler, Zeno. - "Verbs and Times" in Linguistics in Philosophy, Cornell University Press, Ithaca, New York, 1968.
- (3) Dowty, D.R. - Studies in the Logic of Verb Aspect and Time Reference in English.
- (4) Halliday, M.A.K. - "Estrutura e Função da Linguagem", op.cit.
- (5) Halliday, M.A.K. - Idem, p. 140.
- (6) As duas outras categorias de orações de processo mental, as de "reação" e "cognição", serão analisadas mais adiante em 3.3., quando compararmos a classificação de Halliday com a apresentação do trabalho de Vendler a respeito de aspecto verbal.
- (7) Vendler, Zeno. - "Verbs and Times", op.cit.
- (8) Como temos em 2.1.: - o que ela fez foi olhar; - o que aconteceu a ela foi que ela viu; - o que ele fez foi dizer; - o que ele fez foi falar. Daí, como estabelecemos de acordo com Vendler, olhar, dizer e falar, cujas orações podem ser parafraseadas com o uso de fazer, são exemplos de "activity" ou "accomplishment", enquanto Ver, que admite paráfrase com acontecer, é exemplo de "achievement".
- (9) Vendler, Zeno. - "Verbs and Times", op.cit. p. 107.
- (10) Idem, p. 108.
- (11) O verbo ser também é encontrado em cláusulas narrativas que apresentam-se na voz passiva "fomos atendidos" (n.20).

- (12) Dowty, D.R. - Studies in the Logic of Verb Aspect and Time Reference in English.
- (13) Dowty, D.R. - Studies in the Logic of Verb Aspect and Time Reference in English. op.cit.
- (14) Dowty, D.R. - Studies in the Logic of Verb Aspect and Time Reference in English. op.cit.
- (15) Vendler, Zeno. - "Verbs and Times", op.cit.
- (16) Dowty, D.R. - op.cit., p. 29.
- (17) Vendler, Zeno. - "Verbs and Times", op.cit. p. 98.
- (18) Assim, por exemplo, cita o verbo pintar como tipicamente "activity", enquanto apresenta pintar a casa como exemplo claro de "accomplishment". Ver item 3 deste capítulo.
- (19) Fillmore, citado por Halliday, em "Estrutura e Função da Linguagem", op.cit., p. 142. "Ator": "instigador percebido da ação, tipicamente animado, seu agente"; "instrumento": "força ou objeto inanimado envolvido na ação".
- (20) Haverá uma exceção para esse verbo, que será "botar ovos", que não precisa especificar lugar, mas cujo significado é diferente, e as ocorrências não serão consideradas "gíria" - "a galinha botou ovos" - "accomplishment".

III - CONCLUSÃO

A descrição dos elementos lingüísticos que compõem as cláusulas narrativas parece ter-nos afastado de uma análise da "parte narrativa" como um todo. Para que possamos apresentar nessa conclusão a correlação de que falamos no final do capítulo anterior entre forma e conteúdo da "parte essencialmente narrativa" de um texto narrativo, partimos de um resumo de Weinrich (1) sobre os tempos verbais.

De acordo com Weinrich, as formas verbais, através de seus morfemas de tempo, transmitem do locutor ao ouvinte um sinal bem específico: "isso é uma narrativa", "isso é um comentário". A isso ele designa atitude de locução. Os morfemas temporais, assinalando comentário ou narrativa, permitem ao locutor influenciar o ouvinte no sentido de assegurar para seu texto a acolhida que ele deseja - empregando os tempos comentativos faz saber ao interlocutor que o texto merece uma atenção vigilante; com os tempos narrativos, ao contrário, adverte que outra maneira de escutar, mais descontraída é possível.

Os tempos, segundo indiquem comentário ou narrativa, transformam a situação de comunicação. Se chamarmos "mundo" ao objeto semântico que pode tomar formas variadas segundo a comunicação, os tempos marcarão a oposição entre "mundo comentado" e "mundo narrado". É essa oposição que Weinrich caracteriza como atitude de locução.

O uso do Presente, por exemplo, liga-se ao comentário, indicando ao ouvinte que é tempo de concentrar atenção. Já o uso do Imperfeito ou do Passado Simples indicam que é possível relaxar a atenção, pois estamos no mundo narrado.

Weinrich distingue também "tempo de texto" de "tempo da ação". "Tempo da ação" é o tempo ao qual corresponde o conteúdo da comunicação. O tempo do texto deve ser divisível segundo as duas direções fundamentais da comunicação, a informação prévia e a informação futura.

O tempo de texto e o tempo da ação podem coincidir, como no caso dos discursos performativos, quando o texto é a própria ação. O "tempo da ação" pode preceder o "tempo de texto", ou pode se situar depois dele. Os tempos têm por função exprimir a relação entre tempo de texto e tempo da ação. A expressão dessa relação será a Perspectiva de Locução, que divide os tempos verbais em três tipos - tempos de grau zero, tempos da retrospecção e tempos da prospecção.

O grau zero indica que a relação entre o tempo do texto e do tempo de ação é deixada em aberto, isto é, nada é dito em relação à coincidência ou falta de coincidência entre "tempo de texto" e "tempo da ação": a perspectiva de locução é decretada sem interesse. O "grau zero" é representado, no Comentário pelo Presente, e na Narrativa pelo Imperfeito e pelo Passado Simples.

Uma terceira dimensão é ainda necessária, segundo o autor, para uma teoria do tempo: os tempos têm por função dar realce a um texto, projetando para o primeiro plano alguns conteúdos e rechaçando outros como "panos de fundo".

Somente nessa dimensão é que aparecerão as diferenças entre Imperfeito e Passado Simples. Como vimos, ambos são caracterizados como tempos narrativos (pertencem ao mundo do narrado), no que diz respeito à atitude de locução, e pertencem ao "grau zero" no que diz respeito à "perspectiva da locução".

Qual é pois o papel desses dois tempos na estrutura das narrativas?

Examinando uma lenda narrada por Camus, Weinrich percebe que ela é composta por verbos no Imperfeito e no Passado Simples. Os primeiros dominam no começo e no fim da lenda, enquanto o Passado Simples ocupa o meio. Weinrich nota,então, que os Imperfeitos, localizados no começo e no fim da lenda, representam circunstâncias secundárias, embora tenham funções precisas e indispensáveis a cumprir. Entre essas duas partes localiza-se o corpo narrativo propriamente dito, onde se faz a progressão da narrativa; nessa parte os verbos aparecem no Passado Simples. Conclui que o Imperfeito é na narrativa o tempo do Plano Posterior (pano de fundo), e o Passado Simples o tempo do Primeiro Plano. Nessa parte central uma mudança do Passado por Imperfeito pode ser interpretada como um prolongamento do Imperfeito inicial interrompido pelos Passados simples. É impossível decidir "a priori", numa narrativa, o que será o primeiro plano e estará portanto no Passado Simples. Pertence ao primeiro plano aquilo que o autor deseja constituir como tal. No entanto,há certas leis de narratividade que indicam que o primeiro plano seja constituído daquilo porque a história é contada:aquilo que o título resume ou poderia resumir, ou seja o acontecimento inaudito.

De acordo com Weinrich, portanto, a flexão verbal é responsável tanto pela diferença de atitude de locução e pela perspectiva de locução como também pelo realce.

A narrativa é, assim, em primeiro lugar, uma "atitude do locutor" em relação ao mundo; mas como o próprio Weinrich diz, o texto narrativo vem mesclado de partes narrativas e par-

tes comentativas, ou simplesmente não narrativas. A "narrativa", marcada com o sinal de atenção vigilante coincide, segundo nossa análise, com a parte essencialmente narrativa, cujo conteúdo é impessoal, pois é onde o narrador transcreve objetivamente um acontecimento, sem colocar suas impressões pessoais, que aparecerão muitas vezes nas partes não essencialmente narrativas, como no texto 98:

- a. saímos de Roma,
- b. e andamos a Itália toda para o sul até chegar à Calábria.
- c. agora, todo mundo fala que eu sou fanática pela Itália, mas o que eu posso fazer? Lá é muito melhor prum velho viajar... porque as cidades são perto ...

As cláusulas a. e b., cláusulas essencialmente narrativas, instauram o acontecimento, podendo ser consideradas marcadas com atenção vigilante do ponto de vista da atitude de locução, enquanto c., cláusula não narrativa, apresenta um comentário, sendo marcada por atenção vigilante.

Hã, porém, cláusulas não narrativas marcadas com atenção vigilante, como apresenta a nar. 27:

- 1. o G. (...) morava num apartamento assim muito bem situado, em Higienópolis,
- 2. e eles eram o A. e o G., eram colegas da faculdade de direito e na faculdade de filosofia.
- 3. viviam sempre juntos,
- 4. eram amigos íntimos
- 5. então, (...) eles estavam voltando pra casa
- 6. e o Aluísio deu carona pro Guilherme,
- 7. chegaram na porta do apartamento,
- 8. o Guilherme convidou o A. pra subir tomar um café e tal.

Nessa narrativa, as cláusulas 1, 2, 3, 4, 5, são não narrativas, enquanto as cláusulas 6, 7, 8, são essencialmente narrativas. No entanto, do ponto de vista da "atitude de locução", todas são marcadas como atenção vigilante.

Daí concluirmos que a "atitude de locução" distingue de fato, a parte essencialmente narrativa de certas partes "comentativas" que o texto apresenta, mas não de outras partes do texto também não narrativas, mas ao mesmo tempo "não comentativas", como é o caso das cláusulas 1, 2, 3, 4, 5, do texto 27.

O que distinguirá essas partes ao mesmo tempo não narrativas e não comentativas das partes essencialmente narrativas será o que Weinrich denomina de Realce: distinção feita pelo narrador entre aquilo que é novo, inaudito, digno de ser narrado, do que ele considera "pano de funco". Ao nível formal, essa distinção estabelece-se através da flexão das formas verbais - o uso do Pretérito Perfeito liga-se à veiculação do novo, o uso do Imperfeito ao que Weinrich denomina "pano de fundo". Essa descrição está perfeita para o caso do excerto da narrativa 27, apresentado acima. Mas notamos que nem sempre o uso do Pretérito Imperfeito, por si, nos leva a cláusulas não narrativas, assim como o simples uso do Pretérito Perfeito não nos leva diretamente a cláusulas narrativas. Há, de fato, outros fatores implicados nessa "colocação em relevo" que caracteriza a parte essencialmente narrativa.

Vejamos, como exemplo, a narrativa 2, onde o Pretérito Imperfeito aparece desvinculado do não narrativo:

- a. ele disse: Marino Marini.
- b. ela disse: não, meu Deus.
- c. aí cada um dizia um nome

- d. a Elisinha tirou o telefone do gancho,
- e. discou.

O fato da cláusula c. trazer o verbo "dizer" no Pretérito Imperfeito não a diferencia das outras em termos de estabelecimento da narrativa, do "acontecimento", dado o encadeamento em que ela se encontra e ao fato de juntar-se às outras em junctura temporal.

O mesmo se dá em relação à narrativa 32.

- ele começou a querer pegar na minha mão.
- então eu chegava prá lá.
- ele vinha
- chegava mais perto
- eu gritava,
- a Carlina botava a mão para trás
- daí eu mostrava o rapaz
- daí o rapaz endireitava
- daqui a pouquinho ele vinha outra vez
- a Carlina olhava pra trás
- o rapaz arredava.

Toda essa sequência de cláusulas em junctura temporal, com orações de ação, fazem parte do primeiro plano, veiculam o acontecimento inaudito, não pertencem ao "pano de fundo", embora apresentem suas formas verbais no Pretérito Imperfeito.

Por outro lado, na narrativa 7, o uso do Pretérito Perfeito não colabora na instauração do acontecimento inaudito, dado o tipo de verbo utilizado, o verbo Ser.

Nar. 7

- e apareceu um bicho
- e começou a mexer nas panelas.

- mas eu levei um susto!
- foi essa a história.

Essa última cláusula não se liga à veiculação do acontecimento novo, mas sim a uma função diferente, que é fazer voltar a perspectiva verbal para o momento da enunciação.

Há casos onde os fatos se dão como descreve Weinrich em relação ao Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, como a narrativa 27, já apresentada nas páginas anteriores, ou como a narrativa 84, onde o Imperfeito, mesmo intercalado, não veicula o novo, mas ação habitual.

Nar. 84

- no percurso da casa do preso pra delegacia eles cruzaram com o rapaz.
- então pararam o caminhão.
- lá se fazia prisão num caminhão.
- então pararam o caminhão
- e um dos soldados desceu.
- e foi prender o rapaz.

Nesse excerto, a única cláusula no Pretérito Imperfeito faz parte do segundo plano, do plano de fundo, como diz Weinrich, pois não veicula o acontecimento que está sendo narrado.

Assim, temos, de um lado, uma visão da parte essencialmente narrativa que se coaduna com a análise de Weinrich: a parte do texto na qual o acontecimento novo é veiculado, que traz pois como atitude de locução a marca atenção vigilante e corresponde a "uma colocação em relevo", ou seja realce, em relação ao resto do texto.

Em termos de perspectiva de locução, o tempo da ação

não corresponde ao tempo da locução. Portanto, a função da parte essencialmente narrativa é veicular o acontecimento, o que merece ser narrado, enquanto que as outras partes do texto têm outras funções tais como orientar o ouvinte, avaliar o fato narrado, fazer voltar a perspectiva verbal ao momento de enunciação. Mas por outro lado, encaramos de maneira diversa o papel desempenhado pelas formas verbais das cláusulas, tanto narrativas como não narrativas. Em relação à parte essencialmente narrativa, muitos fatores estão em jogo, simultaneamente, para que ela cumpra a função exposta acima. Esses fatores são o encadeamento de orações (juntura temporal), o uso de orações de ação, o aspecto perfectivo (nem sempre realizado apenas pelo uso do morfema do Pretérito Perfeito). Nesse sentido, a narrativa 15 é bastante interessante:

- a. eu tinha um tio na minha família, irmão do meu avô, tio Sérgio, casado com a tia Dora.
- b. tio Sérgio era um sujeito muito rico,
- c. foi presidente do Botafogo,
- d. era advogado famoso,
- e. foi diretor da Cruzeiro do Sul
- f. morava na Urca,
- ...
- g. um belo dia, tio Sérgio tem aí uns sessenta anos,
- h. a Dora tem um ataque, desses troços na cabeça, no cérebro,
- i. fica completamente paralisada,
- j. e mantém-se em vida exclusivamente por coisas artificiais
- k. a coisa chega a um ponto em que ela não podia continuar a vi
ver
- l. pra ela continuar a viver as despesas eram fabulosas,

m. e o tio Sérgio, que já não trabalhava,

n. voltou a trabalhar

(...)

o. e montou dentro da casa dele um verdadeiro hospital.

(...)

Esse excerto demonstra que as coisas são bem mais complexas do que separar as cláusulas simplesmente pelas formas das formas verbais. As cláusulas c. e e. apresentam formas do Pretérito Perfeito, mas pertencem à parte não narrativa do texto. As cláusulas g. e h., apresentam o mesmo verbo, ter, na mesma forma verbal, Presente, e no entanto cumprem funções totalmente diferentes, a g. pertencendo ao "pano de fundo", e a h. servindo de ponto de partida para a ação, que nesse caso não começa "na primeira aparição de um verbo no Pretérito Perfeito", mas serve como um exemplo do Presente Histórico, tão largamente encontrado em cláusulas narrativas quanto o Pretérito Perfeito.

As marcas morfológicas das formas verbais, por si, não levam de imediato à separação entre o "Primeiro Plano" (parte essencialmente narrativa) e o "Pano de Fundo" (parte não narrativa). Se o aspecto perfectivo é o responsável pela veiculação do novo (singular e único), temos que ele pode realizar-se também através da escolha dos vocábulos (o tema traz implicitamente a variação temporal, como Vendler estabelece), da combinação de constituintes: verbos, sujeitos e complementos (ver Cap. II). Daí as cláusulas g. e h. da narrativa 15, transcrita acima apresentarem o mesmo verbo ter e serem consideradas orações diferentes:

Dora tem um ataque ~ oração de ação, realizando-se como "achievement".

O tio Sérgio tem 24 anos - operação relacional, do tipo "state"

Outras considerações a respeito dos aspectos verbais poderiam ser elaboradas, mas fugiriam do âmbito desse trabalho, cujo objetivo é equacionar o papel do verbo e dos outros elementos lingüísticos que colaboram na realização da "parte essencialmente narrativa" do texto narrativo.

Nota da Conclusão

(1) Weinrich, Harold, Le Temps, Éditions du Seuil, Paris, 1973.

BIBLIOGRAFIA

- Ali, Said M. - Gramática Secundária da Língua Portuguesa, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1969.
- Ali, Said M. - Dificuldades da Língua Portuguesa, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1957.
- Barthes, R. - "Introdução à Análise Estrutural da Narrativa", in Análise Estrutural da Narrativa, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- Bechara, E. - Moderna Gramática Portuguesa, curso médio, Companhia Editora Nacional, 1967.
- Benveniste, E. - "Structures des Relations de Personne dans le Verbe", in Problèmes de Linguistique Générale, Paris, Gallimard, 1966.
- Benveniste, E. - "De la Subjectivité dans le langage". Idem.
- Benveniste, E. - "La Nature des Pronoms". Idem.
- Benveniste, E. - "Les Relations de Temps dans le Verbe Français". Idem.
- Brémond, Cl. - "A lógica dos possíveis narrativos", in Análise Estrutural da Narrativa, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- Brémond, Cl. - "A Mensagem Narrativa", in Literatura e Semiologia, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- Buarque, A.H.F. - Novo Dicionário Aurélio, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.
- Câmara, M.J.Jr. - Estrutura da Língua Portuguesa, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1970.
- Castilho, A.T. - A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português, edição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1967.

- Castilho, A.T. - Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, Revista Alfa, Marília.
- Chomsky, N. - Aspectos de la teoria de la Sintaxis, Ediciones Aguilar, Madrid, 1971.
- Cunha, Celso. - Gramática do Português Contemporâneo, Editora Bernardo Alvares, S.A., Belo Horizonte, 1972, 3a. edição.
- Ducrot, O. - "Les Échelles Argumentatives", in La Preuve e le Dire, Paris, Mame, 1973.
- Greimas, A.J. - "Elementos para uma teoria da Interpretação da Narrativa Mítica", in Análise Estrutural da Narrativa, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- Guilhaume, G. - "Temps et Verbe", apud G. Moignet - Essai sur le Mode Subjonctif, Paris, PUF, 1959.
- Halliday, M.A.K. - "Estrutura e Função da Linguagem", in Novos Horizontes em Lingüística, John Lyons, Editora Cultrix, São Paulo, 1976.
- Harris, Z. - "Discourse Analysis", in Katz, J.J. e Fodor, J.A., The Structure of Language, Readings in the Philosophy of Language, New Jersey, Prentice-Hall, 1964.
- Jakobson, R. - "Lingüística e Poética", in Lingüística e Comunicação, Editora Cultrix, São Paulo, 1969.
- Labov, W. e Waletzky, J. - "Narrative Analyses. Oral Versions of Personal Experience", in J. Helm, Essays on the Verbal and Visual Arts. University of Washington Press, 1967.
- Labov, W. - "The Transformation of Experience in Narrative Syntax" in Language in the Inner City, Philadelphia, Univ. of Pennsylvania Press, 1972.
- Lapa, R.M.L. - Estilística da Língua Portuguesa, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959.
- Lévi-Strauss, Cl. - "Análise Estrutural do Mito", in Antropologia Estrutural, Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970.

- Meira, M.I.M. - Coordenação na Narrativa de Crianças de 6 anos: Aspectos Semânticos e Sintáticos, Dissertação de Mestrado, PUC, São Paulo, 1977.
- Osakabe, H. - Argumentação e Discurso Político, Editora Kairós, São Paulo, 1979.
- Pêcheux, M. - Analyse Automatique du Discours, Paris, Dunod, 1969.
- Propp, V. - Morphologie du Conte, Seuil, 1965, Paris.
- Propp, V. - Las Transformaciones del Cuento Maravilloso, Rodolfo Alonso Editor, Argentina, 1972.
- Searle, J. - Les Actes de Langage, (trad. francesa de Speech Acts) Paris, Hermann, 1972.
- Strawson, P.F. - "Intention and Convention in Speech Acts", in Searle, J. The Philosophy of Language, Oxford University Press, 1971.
- Todorov, Tz. - As Estruturas Narrativas, Editora Perspectiva, São Paulo, 1970.
- Vendler, Z. - "Verbs and Times", in Linguistic and Philosophy, Cornell University Press, 1967.
- Vogt, C. - O Intervalo Semântico, Editora Ática, São Paulo, 1977.
- Weinrich, H. - Le Temps, Éditions du Seuil, Paris, 1973.

APÉNDICE

Anexo I. O Corpus - os cem textos coletados.

Ficha 1.

Informante: A.L.H., 47 anos, curso colegial completo.

"você já ouviu uma história... eu já te contei alguma vez uma história minha com Cacá, um papo nosso dentro de um táxi? Eu vinha com o Cacá, do médico, da cidade, dentro de - um táxi. Praticamente às vésperas de ter a Bia. Então, preparando o Cacá pro irmão, ou pra irmã, que ele ia ganhar: -meu filho, você sabe que a mamãe tá esperando um bebê; e você vai ganhar mais um irmãozinho, ou uma irmãzinha, vai ser tão bom. Você gostaria de ter o que? um irmão ou uma irmã? o que que você ia ficar mais feliz, e tal ...

Aquelas psicologias de mãe, baratas, que você aprende em livros.

Aí o Cacá, muito sério, olhando pra mim e pensando, e eu esperando aquela resposta ... Ele vai e diz assim: Cavalo também pode, mamãe?"

Informante: J.de S.H., 57 anos, curso universitário.

"mas essa não só é muito boa, como eu posso dizer porque eu fui testemunho. Uma sala, cinco e meia, quase seis horas da tarde, Elisinha Moreira Sales, Marcelo Garcia, e eu. E a conversa era sobre arte. Falava-se de diversas coisas, começamos a falar sobre pintura, depois a conversa, pouco a pouco descambou para escultura. Então, M. G., que sempre gostou muito de arte, apesar de médico, estava falando sobre Giacometti, qualquer coisa assim, e eu arrisquei uma outra coisa, quer dizer que cada um falava. E a Elisinha, então, dizia: 'bom, mas realmente, olha, escultor pra mim, melhor do que todos, aquele que diz pra mim tudo, que fala à minha alma, é...é...aquele escultor que todo mundo conhece, como é o nome daquele escultor? não, vocês sabem qual é, como é o nome dele? aquele que vocês estão pensando!'

'Marino Marine!'

'não, não é M.M., imagine. M. M. é muito bom, mas o outro é fantástico, uma coisa extraordinária... oh, meu Deus!'

E aí cada um dizia um nome, e cada vez que a angústia dela ia complicando, e cada um de nós se enredilhando mais, e nós mesmos nos dando assim um atestado de ignorante, porque era um escultor tão fantástico. Bom, a Elisinha não teve a menor dúvida. Tirou o telefone, que estava ao lado de la, discou -toc, toc...

'Sônia! Sônia é a irmã dela.' 'Sônia, como é mesmo o nome daquele escultor que eu gosto?'

'Brancusi'.

'Brancusi'. E continuou calmamente a conversa."

Ficha 3.

Informante: N.M., 53 anos, curso superior.

"É uma história muito, muito simples. Estava uma noite de verão, lá pelos lados do Sul da Ilha de Santa Catarina, no fim da picada. E... Estávamos vendo a ... a... como é que chama?... a Via Láctea, e eu estava fumando um havana supremo, né. E sentado, assim, tranquilo, numa pedra em frente à casa de meu irmão, quando de repente surge uma perua, pára em frente de casa, e eu pergunto quem é, e surge um amigo de meu irmão, e mais sete pessoas; aí foi um desespero, eles invadiram a casa, a gente tava vendo a hora que ia acabar a nossa... as nossas férias lá, mas... A Dina só olhava pra mim e eu olhava pra ela. Mas tudo bem. O pessoal foi dormir na casa de seu Hortêncio, em frente. Até que foi tranquilo. No dia seguinte eles sumiram, a gente não viu mais. Pode ser que nessas alturas eles estejam lá, né."

Informante: G. L. da C., 37 anos, curso superior.

"Ela estava na rua direita, ali perto da casa São Nicolau, e a rua direita naquela época, como lembram, muita gente fo ra na chuva, o pessoal tem dificuldade de andar na mesma - calçada. Então ela estava com o guarda chuva na mão e com a outra mão cheia de pacotes. Engraçado é que ela tava an- dando, chovia pra burro, ela olhou, e viu um sujeito de guar- da chuva, capa e chapéu, andando, mas na direção dela, olho no olho, pac, pac, pac. Ela falou: esse cavalheiro, que vem na minha direção, naturalmente vai se desviar quando che- gar perto de mim, porque o passeio é curto, ele vai ter que me dar lugar. E ela vai em frente, reto. E o sujeito não mu- da de direção. E chega, olho com olho, nariz com nariz ne- la, e passa através dela. Atravessou... e ela sentiu, quan- do o cara passou, ela sentiu o vento, não propriamente o vento, mas um aroma, um pegar por debaixo, que os espíritas falam, entende? é que era um espírito, era um ente, não era uma coisa, um ser, não não, o cara passou, né.. thruumm!"

Ficha 5.

Informante: C.F.S.B., 18 anos, curso colegial.

"Bom, a gente tava no acampamento, e já era de noite, né. A gente foi dormir, e eu já estava deitado, né. E do meu lado apareceu uma sombrinha assim, então eu peguei o sapato, e matei, né. Eu vi que era um bicho, e eu pensei que era uma barata, qualquer coisa assim, e eu pedi pro meu colega pegar a lanterna e iluminar o bicho, né, que eu matei. Então ele iluminou, era um escorpião. Todo mundo ficou com medo, em cinco minutos acabou o acampamento lá. Foi isso."

Ficha 6.

Informante: F. S. B., 21 anos, curso colegial.

"Essa história que eu vou contar foi um negócio assim que o Mário ... foi idéia dele... Acontece que eu gostava de uma menina lá na Escola de Química, e ela tinha um namorado, já mais de ano, e tal. Então não tinha esperança nenhuma. Então o Mário me deu uma idéia, né. Como eu achei uma pedra verde, aqui tem pedreira, aqui pertinho; tinha uma pedra verde dessas brilhantes, bonitas, né, que não é muito fácil achar. Então eu peguei essa pedra, tirei toda a sujeira dela, né, e levei pra menina. E isso o Mário que me explicou a história, então eu contei pra ela. Sabe a nossa prima Regina, ela era assistente social, então eu contei que eu tinha uma prima, a Regina, que era assistente social, e ela tinha passado em casa de manhã pra gente fazer umas visitas, aí num bairro meio longe da cidade, né, e que estando por lá, nós fomos levar comida pra uma casa, e tal, uma casa tinha um velhinho, e o velhinho tava ultra doente, e tal, e chegamos lá, e demos leite quente pra ele com Toddy, e tratamos o velhinho ultra legal, né, eu, porque eu que fiquei com o velhinho, E por fim, então, o velhinho tava fraco, parecia que ia morrer, até... então antes de ir embora assim, ele pegou e me deu essa pedrinha, que era para eu dar pra alguém que eu tivesse muita amizade, uma admiração muito grande, que essa pedrinha ia lhe trazer sorte, né. Então eu entreguei pra ela essa pedrinha e contei toda essa história. A menina ficou toda assim, né, puxa vida, olha aí... mas também o engraçado é que ela falou 'mas você desinfetou?' Então eu falei que passei álcool, e tudo."

Ficha 7.

Informante: V. L. , 58 anos, curso superior.

"A gente tinha ido acampar em Goiás, lá naquele lugar que a gente ia sempre, Divinópolis. A gente levou o Rodrigo, que era pequenininho ainda, e fizemos o acampamento no meio do mato. Negócio longíssimo, mas longe mesmo, não tinha uma pessoa, e tinha... Não tinha bicho, não mas tinha cobra. Bom, e com aquele negócio de dizer que tem muita cobra e todo mundo ficar com medo, eu fui ficando meio com medo; quer dizer, com medo não, apreensivo. E de noite, aí, tinha feito churrasco o dia inteirinho, tava cheio de carne, e apareceu um bicho, a gente não sabe o que que é, um cachorro do mato, mas um cachorrão desse tamanho, enorme, magro, e começou a mexer nas panelas e comer o resto do churrasco. Puxa! Eu tava numa rede com o Rodrigo, o resto do pessoal tava a uns cem metros... mas sozinho naquele descampado, quando o Rodrigo berrou que era um leão. Mas eu levei um susto. Claro que não era um leão, mas olha. Realmente! Foi essa a história."

Ficha 8.

Informante: M.R.de S., 31 anos, curso superior.

"Mas então foi assim, né. Eles saíram lá da reunião, né, na segunda feira, aí deu uma passada no bar do Zé. Chegou lá, tava fechando o bar do Zé, tomou uma cerveja, encontrou o Cláudio, um cara que trabalha com ele lá no Metrô. Aí tavam saindo do bar do Zé encontraram o Albertinho também. Aí, vamos tomar mais uma cerveja, vamos não vamos, tal, aí resolveram tomar cerveja, mas tudo quanto é boteco conhecido tava fechado, que era segunda feira. E foram num barzinho chamado Xereta, ali na Major Quedinho. Acho que é essa rua que é fatídica, viu. E disse que o boteco fica assim bem em frente a uma boite de lésbica, né. Aí disse que entrou uma menina, uma lésbica, com outra, e o Albertinho começou a contar uma história assim: que uma vez ele tinha saído com uma mulata lindíssima, tal, mas quando ele foi ver a mulher não era mulher, era homem, né. Aí o português do bar chegou pro Albertinho falou assim: 'escuta aqui, rapaz, isso daqui é um bar de família, né.' No que ele falou isso, todo mundo caiu na gargalhada. E o Albertinho aí começou a contar a mesma história, só que era uma loira, depois era uma morena, depois era uma ruiva, enfim, provocando, o jeito do Albertinho. Mas aí.... Ficaram lá no boteco mais um tempinho, mas nem tavam bêbados, nada. Isso era uma hora da manhã; chamaram a conta, veio a conta, era doze cruzeiros a cerveja. Daí eles deram a maior bronca com o português 'pô, ninguém tá bêbado aqui o suficiente para você cobrar isso, né.' Aí o português veio com um estilete na mão dizendo 'ou vocês pagam, ou senão vai

ter pau'. Eles resolveram pagar. Resolveram pagar, já tavam na porta, né, reclamando o dinheiro da cerveja, tal. Tavam na porta, quando ... aí o português .. O Albertinho e o Cláudio já estavam na calçada, o Elcio tava saindo do bar ainda, o português chamou o Elcio, falou assim: 'oi, grandão, você que não é o corajoso, agora tá se afinando, tá indo embora? se você for homem volta aqui'. Aí o Elcio voltou dizendo "pô, que enchecão de saco, vamos deixá isso pra lá, eu já paguei a conta'. Mas voltou, né. No que ele entrou no bar, tinha dois empregados do bar, com porretes na mão, que desceram um cacete, mas um cacete incrível: dois cortes na cabeça, um de seis pontos e outro de dois, fora as costas dele que estão todinha roxas, um negócio maluco, né. Tá todo mundo assim abismado, uma violência gratuita, sem nenhum propósito."

Ficha 9.

Informante: D.S.A.M., 36 anos, curso colegial.

"Nós fomos passar o carnaval em Santa Catarina, numa praia chamada Caceira do Sul, que é o fim duma praia, assim, o fim da estrada, uma casinha de pescador. E aí um dia, um menininho que mora em frente convidou o N. pra fazer um passeio no dia seguinte de manhã numa praia que era uma hora à pé, andando uma hora à pé. Aí a gente foi. O N. perguntou se tinha mato, porque lá tem muito mato, e a gente tinha comprado umas botas até os joelhos, pra andar no mato, por causa das cobras, e o menino falou que não havia mato, então nós fomos, porque era praia, de maiô e sandália havaiana, e fomos andando... Subimos uma montanha durante uma hora. Mas era mato! Tinha horas que o mato subia assim até mais ou menos aqui, a gente pisava, foi uma aventura. E uma hora eu vi uma cobra. O menininho na frente, eu atrás, e o Nelson; uma hora o menino falou: "uma cobra". Eu olhei e vi o rabinho da cobra assim, aí foi... Uma hora em cima da montanha, no meio do mato, tinha, tinha lugares que o mato fechava assim, e a gente ficava no meio, e o mato assim em volta, né. Daí depois de uma hora a gente chegou na outra praia, chamada Naufragados, uma praia maravilhosa, mar aberto... Daí chegou lá, um sol, tinha um pessoal acampando, convidou a gente pra comer linguça, tomar batida, porque a gente não tinha nada, depois de uma hora andando, no meio do mato... Daí o N. viu um barco de pescador, foi correndo lá pedir pro cara se ele levava a gente até a nossa praia, porque a gente não teria que voltar pelo mato. Aí ele falou que podia, e levou. Mas quando saiu, o mar tava muito revolto, quebrou

o motor do barco, e daí eles ficaram uma hora tentando, tentando... tinha mais um casal com a gente, a menina vomitou, ficou nervosa, com aquele mar revolto, a barca quebrada; Daí eles foram à remo. Dois velhinhos, começaram a remar. E eu falei 'será que não é melhor voltar?' Daí o N. falou: 'não, eles são pescadores, entendem mais do que a gente. Foram remando, até chegar lá, à remo. Foi uma aventura."

Ficha 10.

Informante: D. S. A. M., 56 anos, curso colegial.

" Eu tinha acabado de mudar pra uma casa nova, ali na travessa Carlos Chagas, e fazia uns 4 dias que eu fazia um caminho pra ir pra casa, e quando chegou numa noite, acho que era um sábado, depois das dez, umas dez e quinze da noite, a gente ia indo, eu e um amigo meu, e quando nós deparamos com um cavalete, no meio do caminho, assim, impedindo que o carro passasse. Aí, como não havia nada escrito no cavalete, nós olhamos, não havia nada na rua também, nenhum conserto, nada... Então nós achamos que eles tinham impedido de dia para fazer alguma coisa, ele falou 'ah, então vai lá e tira o cavalete e passa'. Eu fui, desci, afastei um pouquinho o cavalete, que desse pro carro passar, e atrás do nosso carro tinha mais um casal que vinha vindo atrás, e aproveitaram também e passaram. Depois eu voltei, ele parou, eu voltei, pus o cavalete no lugar e seguimos. Quando chegou dali a meia quadra, tinha novos cavaletes. Aí eu fiz a mesma coisa, e o casal também passou, agradeceu, aí a gente continuou andando, eu ainda comecei a brincar, falei 'olha, parece que a gente está na fazenda, igual à chácara do meu avô, que a gente tirava a porteira, parece porteira de fazenda' comentando... Nisso a gente viu que tinha um carro, uma perua veraneio, seguindo a gente ... Estava assim com os faróis altíssimos e pegado, assim encostava quase no carro. Daí eu falei pra ele 'olha, essa perua tá seguindo a gente!' ele falou 'imagine'. Eu falei 'é claro'. Vinha quase em cima, quase que não dava pra gente andar. Daí quando a gente entrou na rua, que era uma rua de vila, que não tinha saída na rua, que a gente percebeu mesmo que a perua veio, daí pa-

rou quase em cima da gente, era uma perua veraneio, desceram quatro homens armados com metralhadora e vieram dois do meu lado, dois do lado dele. Ele desceu do carro, eles cercaram o Eleutério e eles falaram assim pra ele 'onde de viu vocês passarem assim?' daí a gente falava 'mas por quê?' ele perguntava 'o que aconteceu?' e eles não explicavam, falavam assim 'olha, ser a mais um que a gente ia matar. Quase que a gente disparou a metralhadora; a gente não disparou, mas poderia ter disparado, seria mais dois que a gente matava, mais 2.' Aí não explicavam o que, falavam 'não viu o cavalete?' Mas a gente explicou que a gente tinha mudado aquele dia, que a gente não sabia o que tinha acontecido, não tava escrito trânsito impedido, não era tabuleta do DEIC, de nada. Então nós explicamos, mas eles nem deixaram a gente explicar, falou assim 'doutra vez a gente atira, viu que tava lá o cavalete, como é que faz isso? não sei o que,' bravíssimo. Depois a gente ficou sem saber o que ia acontecer. No dia seguinte, eu tava contando prum amigo meu do jornal e ele me falou que ali, naquela quadra, era a casa do Buzaid, o pegado à casa dele, era uma casa que ficava a segurança dele, por isso que a gente não viu nada. Os homens, quando a gente fez aquilo, tavam lá dentro, vira, e saíram imediatamente. Foi isso que aconteceu."

Ficha 11.

Informante: S. B. L., 51 anos, curso superior.

"Bom, eram umas dez horas da noite, mais ou menos, e nós ou vimos um barulho que parecia de revólver, mas nós achamos - que era hombinha de São João, em plena dez horas da noite. Aí nós abrimos a janela do quarto para ver o que tinha acontecido. E em frente a nossa casa, logo assim na casa de - frente, tinha um ou dois rapazinhos, e o guarda noturno que era da PM, com revólver na mão, berrando feito louco e gritando pra eles deitarem no chão. Daí eles deitaram no chão. E os rapazinhos tinham assim uma aparência de dezesete anos; deitaram no chão de costa, e o guarda da PM, que era o guarda noturno da nossa rua, começou a revistar os dois deitados no chão, e tirou um pacotinho de um deles. Daí, depois, ele mandou os dois levantarem, e mandou primeiro um correr. O moço correu, acho que ele não atirou nesse. Depois ele falou pro outro correr de costas, e enquanto o outro ia correndo, ele ia atirando, e deu uns dois tiros na perna, que a gente viu. E o pior de tudo é que a Tatiana, que naquela época tinha acho que três anos, quando nós abrimos a janela, ela falou 'ah, quero ver, quero ver'. Daí então nós pegamos a Tatiana, e pusemos a Tatiana na janela; então a Tatiana assistiu toda essa cena, né. E desse dia em diante você pode imaginar que ela ficou morrendo de medo da polícia, né. E... Mas... então, o rapazinho tava correndo, como eu tava contando, e o guarda tava atirando pelas costas, na perna, pegou dois tiros. Depois disso, não deu pra gente ver mais o guarda direito. Mas o guarda chamou no radinho o resto da polícia e depois de cinco minutos estava

cheio de carros da polícia em casa, ali na rua de casa, parecia até que estava tendo um assalto, um negócio assim muito sério mesmo."

Ficha 12.

Informante: P.S.P., 55 anos, curso superior.

"Bom, isso já é o segundo capítulo de uma história, segundo ou terceiro, eu não vou contar os outros capítulos porque seria cansativo. Bom, nós fomos, nós, hoje, depois de eu hesitar durante muito tempo, resolvi ir à Imobiliária - para discutir algumas cláusulas do contrato imobiliário. Sem eu saber, eu rompi uma regra de ouro do contrato imobiliário, que não pode ser discutido. O contrato da imobiliária não é para ser discutido, aquilo é para ser assinado. Você não pode discutir. Mas nós havíamos, Ana havia consultado um advogado e nós fomos lá. Então eu comecei a expor cláusula por cláusula o que eu não concordava. E o cara só me respondia assim: 'mas isso é padrão'. 'todo mundo assina, o senhor tá vendo esse senhor aqui assina, o senhor vai ter que assinar, nós não vamos voltar atrás em nada'. Aí eu disse 'não, mas eu , é um contrato, há umas coisas que eu ' ; aí a Ana interveio, disse 'não, não assino, nós vetamos'. Aí disse 'um minutinho'. Foi lá dentro e veio um cidadão. Um cidadão com uma cara realmente assustadora, né... cheia sabe essas caras, bexigoso, né. Quer dizer, com uma larga vinculação com o ar policial. Aí sem perguntar, sem dizer quem era, sem perguntar quem eu era. Eu, pra colocar num certo nível, me apresentei, disse 'muito bom dia, e tal, eu sou fulano de tal'. Aí ele disse assim 'Palaia Imobiliária', que era o nome da empresa, 'que que é?' Eu disse 'não, o problema é esse'. A Ana aí interveio e começou a dizer que era má fé, que não queriam modificar coisa nenhuma, né. Aí

sabe o que ele disse? 'olha, eu não falo com mulher. Eu vou conversar aqui com o Dr. Paulo'. Aí o tempo fechou. Aí nesse contexto, a Ana disse 'não, isso é racismo.' Aí começamos um pequeno comício relâmpago, e dissemos que não íamos assinar coisa nenhuma. Ele saiu, bateu a porta com toda força, e nós fomos embora."

Ficha 15.

Informante: G. L. da C., 57 anos, curso superior.

"A história do meu amigo Pacheco, um rapaz com quem nós fomos, em 1975, pra Argentina juntos. E ele andava sempre de paletó, porque ele achava que não era bem mostrar o braço, o ante braço, e a mão. Meio bichona. E um dia... Quem me contou o caso foi o Aluísio, do Pacheco. Ele tava na cozinha, preparando uma comidinha pra ele. E ele tinha uma namorada, e a namorada chegou por trás dele. Ele tava com um garfo na mão, e com uma faca, né, cortando lá um quitute, uma cebolinha, qualquer coisa. E a mulher, a namorada dele, chegou por detrás dele e deu uma encoxada nele, assim por trás, apartou o Pacheco. Ele ficou tão nervoso, que deu uma garfada na mão da namorada, pedindo a ela pra nunca mais fazer isso."

Ficha 14.

Informante: G. L. da C., 37 anos, curso superior.

"A história desse mesmo Pacheco, juro por Deus que não minto uma vírgula, esse Pacheco que foi conosco pra Argentina, o Aluísio contou, foi a seguinte história: que ele foi visitar um tio dele que era exportador-importador de alimentos em Santos. E chegou em Santos, disse 'tio! antes de dormir, ele falou o seguinte 'eu não quero aborrecer o senhor, eu quero que o senhor saiba o seguinte - eu sou casto. Eu sou casto, e fiz esse voto, eu acho importante, acho que é válido, e realmente... Mas o senhor sabe, eu não me controlo, de noite, às vezes, eu posso ter uma poluição. Eu quero que o senhor compreenda, que talvez às vezes, os lençóis fiquem sujos. Daí o tio, com uma sensibilidade de elefante, responde o seguinte 'olá, José, está muito bem, desde que tu não me esporres na cabeça, está muito bem."

Ficha 15.

Informante: M. D. de O., 32 anos, curso superior.

"Eu tinha um tio na minha família, irmão do meu avô, tio Sérgio, casado com a tia Dora, né. Tio Sérgio era um sujeito muito rico, foi presidente do Botafogo, Futebol e Regatas, que vocês sabem, na época de Garrincha e Didi, portanto uma personalidade muito importante, era advogado, famoso, foi diretor da Cruzeiro do Sul, era um sujeito muito rico, morava na Urca, numa casa absolutamente fabulosa, sabe onde é que é a TV Tupi, né, atrás do Cassino, tinha uma casa na montanha que parece um castelo, ele morava lá, pois é, uma casa absolutamente extraordinária, que a gente vê da Baía do Rio, e morava num casarão gigantesco, sozinho com a mulher dele, a Dora, que era uma mulher lindíssima, mais moça que ele, assim uns dez, quinze anos, loura de olhos verdes, mulher extraordinariamente bonita, muito bem. Um belo dia, tio Sérgio tem aí, o que, uns sessenta anos, por aí, sessenta anos, a Dora uns quarenta e pouco, a Dora tem um ataque, um desses troços na cabeça, no cérebro, não sei que, fica completamente paralisada, e mantém-se em vida exclusivamente por coisas artificiais, por aquele troço artificial, né, muito bem, mas a coisa chega a um ponto né, que ela não podia, não podia continuar a viver, para ela continuar a viver era uma despesa assim quotidiana, uma coisa absolutamente assombrosa; e o tio Sérgio, que já não trabalhava mais, estava aposentado, voltou a trabalhar para poder ganhar essa soma absolutamente absurda de dinheiro, né, necessária para manter a mulher em funcionamento, em vida, né. E montou dentro da casa dele um verdadeiro hospital, com remédios, com coisas fabulosas que tinham de vir fresquinhas do

exterior, dos Estados Unidos, da Europa, enfim, uma operação de uma complexidade fabulosa, né, e todo mundo dizia 'ele está cada vez mais maluco, essa mulher não volta jamais voltará ao que quer que seja', e ele dizia 'não, eu tenho absoluta certeza que ela vai ficar boa, pois quando eu estive sozinho na sala de operação, sozinho com ela, eu senti claramente que ela estava olhando pra mim, e ela riu pra mim. Então sei que ela sabe que eu tou presente e daí então eu não posso abandonar ela, sei que isso vai melhorar, etc. etc.'. Muito bem. E o tempo passa, passa, assim um mês, três meses, seis meses, e acaba a coisa entrando numa rotina, né. Num andar, no terceiro andar da casa, lá está a mulher, num quarto e com a cara que ela tinha quando ela caiu doente, isso é que é o mais extraordinário - jovem, linda, deitada numa cama, o olho aberto, sem se mexer, né. Com uma enfermeira lá dia e noite ao lado, lá, né. Aquela parafernália, aquela medicamentália e o tio Sérgio que nem um maluco trabalhando que nem um doido para ganhar o dinheiro necessário a manter a mulher em vida. Passa-se mais algum tempo, passa-se mais algum tempo, um belo dia, o que acontece? Chega ele em casa, encontra a Dora no chão, no chão, né. Drama. O que aconteceu, como é possível, como ela conseguiu cair da cama, enfim. Aí a família começa a falar, começa então a haver um disse que não disse, que diabo é qsse que está acontecendo? E aí então, que não só a tia Dora, a Dora, tinha caído no chão, como já tinha aparecido um Serginho, um menininho, filho dele com a enfermeira. Ele, que nunca tinha tido filho, teve então um filho com a enfermeira, e a enfermeira tentou matar, desconectando os remédios todos, e jogando a mulher no chão. Não acaba aí a história. Não acaba aí. Não sei se me lembro de todos os detalhes. O fato aí é que uma culpabilidade fabulosa, um dra

ma, não sei que, morre... A enfermeira é despachada pra longe, com o filho, bem dotado, fornido com dinheiro, pra se calarem, desaparecerem de circulação. Morre tio Sérgio. Dora lá. Morre tio Sérgio. Dora então herda, né, uma fortuna do Sérgio, e começa a voltar a si. Começa a falar, começa a fazer isso e aquilo e hoje está aí, tendo sido dada pelos maiores médicos do Brasil como absolutamente incurável. Primeiro abriu o olho, depois sentou na cama, depois se levantou, e hoje tá aí."

Ficha 16.

Informante: Sílvio, 36 anos, curso superior.

"Negócio seguinte: o meu pai, enquanto ele era vivo, durante todos os anos da minha vida, enquanto eu era, eu era inclusive interno, eu estive 5 ou 6 anos interno em Minas Gerais a primeira pessoa que me telefonava no dia do meu aniversário era o meu pai. Batia assim oito horas da manhã, 7 horas, fazia questão de me cumprimentar. Muito bem, então, o meu pai morreu em agosto, eu faço anos em outubro, e no dia do meu aniversário, que era 22, que é 22 de Outubro, eu fui dormir. Agora um detalhe, um parênteses. Quando o meu pai tava quase morrendo, já tava lá agonizante, e tal, a Marlene tava grávida da Gabriela. Aí eu fui, falei com ele 'olha, nós dois fomos ao exame, e tal'; Marlene tinha ido fazer um exame, e tal, e eu disse 'olha, o senhor tem que ficar vivo porque vou chegar, a criança vai nascer daqui a pouco! Ela ia nascer em Setembro. E nasceu em Setembro. E ele morreu nos últimos dias de Agosto. Falei 'o senhor tem que ficar vivo, põxa'. Não falei, o senhor tem que ficar vivo., mas enfim, reaja, e tal, por que vai nascer o seu neto. Aí falou 'vou, vou reagir, e tal', aí morreu. O fato é que ele morreu dois dias depois. Aí, bom, morreu, né, nasceu a Gabriela, e tal, enfim. Aí no dia do meu aniversário, foi, realmente, isso é verídico, é fato verídico. Eu não estava pensando nele, fui dormir e tive um sonho. Um sonho muito bonito, que começava.. Em primeiro lugar, foi o primeiro sonho colorido que eu me lembro, deve ter tido outros, mas esse foi o único que eu me lembro colorido, e que meu pai aparecia, assim,

numa distância. Eu nunca tinha visto, outro detalhe, eu nunca tinha visto neve na minha vida, hoje em dia eu já vi neve, mas naquele tempo, naquela época, eu não tinha visto neve. Então tava uma distância como daqui àquela porta, exatamente assim, em que ali nevava, no lugar onde ele estava, e aonde eu estava não nevava, e fazia calor. E eu tinha uma sensação que ali fazia muito frio. Mas eu não sentia frio, e ele estava sentado ali numa tora de madeira, conversando comigo muito placidamente, e dizendo pra mim, e eu tendo consciência de que ele estava morto, e isso que era o mais grave, quer dizer, eu sabia que ele tava morto, e que eu tava vivo. E então eu dizia pra ele assim 'mas como é que o senhor tá agora?' e ele dizia 'eu tô muito bem, não dá pra te explicar.' Nevando no lugar que ele estava, e no meu não. 'Não dá pra explicar o que eu sou, que que eu estou fazendo. Mas se eu pudesse dar uma imagem do que que eu estou fazendo eu diria pra você que você, enfim, só para te dar um exemplo,' ele dizendo, 'é mais ou menos como se eu fosse um embaixador da paz. Eu procuro fazer a paz e encontrar a paz, mas num outro mundo completamente diferente do que você está vivendo! Quando ele tava falando isso comigo aparecem duas meninas pequenas, muito graciosas, com uma capa, põem a capa nele, nó, assim por cima, fecham, e ele fica sentado com aquela capa assim, como um velho, começa nevar, a capa fica assim cheia de neve, e ele conversando comigo. Aí ele vira pra mim, diz assim 'olha, meu filho, negócio seguinte, eu vim, eu fiz questão de vir, porque hoje é o dia do seu aniversário, pra te dar um abraço, mas eu não vou voltar mais, não posso voltar mais, tenho muito trabalho pra fazer e, mas eu queria vir pra te dar um abraço hoje, e agora eu tenho que ir embora '

porque, aí ele falou 'a tua filha, que ele não tinha visto nascer, que nunca tinha visto, nem sabia que era filha, 'a sua filha está precisando de você'. Daí eu escutei o choro da minha filha Gabriela, e acordei. E fui lá, no quarto dela, dei uma batidinha nela, uma viradinha, e ela dormiu direto, Agora, detalhes. Nunca acordei com o choro da Gabriela. A Marlene, qualquer berro, qualquer gemido dela, pulava da cama. Nesse dia, a Marlene não ouviu isso. E foi o único dia da minha vida em que eu levantei de noite pra atender filho. E isso é um negócio que realmente me impressionou. Eu conto esse negócio. A Marlene está cansada de ouvir essa história. E não sou espírita, não tenho nada de espírita."

Ficha 17.

Informante: R. D. de O., 33 anos, curso superior.

"Bem, essa história é suposta ser verídica. Me foi contada pela Mary Pedrosa, que como é do conhecimento geral, é atea, materialista, enfim, tudo que se possa imaginar, né. Então, a história é a seguinte, né: A Mary estava construindo uma casa em Cabo Frio, numa zona completamente abandonada, perdida, uma praia deserta, onde a construção da casa dela tornou-se o único polo econômico, ou seja, o único lugar que dava emprego. E ela era por isso mesmo vista pela população local como uma mulher muito rica, como alguém que detinha muito poder e muito dinheiro, porque era ela que empregava todo mundo da região, e essa casa, enquanto ela era construída, enquanto ela construía essa casa, ela construiu uma espécie de barracão ao lado pra onde ela vinha de vez em quando pra controlar o desenvolvimento da obra. E ao mesmo tempo ela empregou um sujeito do lugar pra ser o vigia da obra, uma espécie de capataz, mestre de obras, enfim, um sujeito que controlava os operários. Um belo dia ela foi pra lá, com a Lígia Clark, que é muito amiga dela, e durante o dia, elas estavam as duas sentadas do lado de fora, quando chegou o capataz e disse a ela 'olha, dona Mary, tem aí um cunhado meu que queria falar com a senhora.' Chegou um sujeito todo arrebitado, pobre, enfim, maltrapilho, e disse a ela que era pescador, e queria pedir dinheiro, se ela queria dar um dinheirinho a ele pra consertar a rede dele, que estava furada. A Mary, que via desfilar diariamente na porta da casa dela gente pedindo emprego, dinheiro, o diabo a quatro, estava de mau humor nesse dia, e disse 'não, não, não

tenho, não, não posso não, vai andando, 'enfim, tratou mal o sujeito, que foi embora. E de noite, ela foi pro barracão com a Lígia, e foram dormir, né. E ela não conseguia dormir, inquieta, rodando na cama, enfim, um mal-estar danado. E esse barracão tinha uma janela, sem vidro, sem coisa nenhuma. Era na prais, era uma janela assim aberta. De repente ela olha pra janela e vê uma forma, dum homem, como se tivesse um homem na janela, só que era um homem sem braços, era um busto, uma espécie de busto. As formas dos braços se desfaziam, numa espécie de nuvem, o sujeito se esvaía, de uma certa maneira, e um rosto que ela viu que conhecia, um rosto muito triste, muito triste, mas que ela viu que conhecia e não reconhecia quem era. Ela levou um susto, deu um grito. Pensou que era o pai dela, que estava morrendo, que estava muito doente, e gritou 'Lígia', acordou a Lígia que estava ao lado 'olha para a janela'. A Lígia pula, olha pra janela, e diz 'o que foi, mas o que que aconteceu, não tem nada, o que que você tem, e tal'. 'Lígia, tinha um homem na janela, eu vi, Lígia, é meu pai, que tá morrendo;' enfim, entrou num pânico total, a Lígia disse 'não tem nada, você está nervosa, você está preocupada com o seu pai, vai dormir, é bobagem'. Ela dormiu. A Lígia dormiu. Sem problema. No dia seguinte de manhã chegou o capataz e disse 'olha, dona Mary, eu, eu hoje não posso trabalhar, porque eu tenho que ir ao enterro do meu cunhado. E senhora lembra do meu cunhado? Imagine a senhora, ele teve aqui ontem, conversando com a senhora; foi aquele rapaz que veio lhe pedir dinheiro. Imagine a senhora que durante a noite, lá pelas três horas da manhã' e a coisa tinha se passado por volta das três horas da manhã; 'por

volta das três horas da manhã ele saiu pro mar, com a canoa dele, se embrulhou na rede e se jogou no mar. E assim ele se suicidou. Ele tava com dificuldades financeiras horríveis, a rede tava furada, ele não podia consertar, e ele se suicidou.' Bom, essa é a história, né."

Ficha 18.

Informante: Sílvio, 36 anos, curso superior.

"Posso contar uma com a Marlene também, e que é verídica, completamente verídica, palavra de honra que é verídica. Eu não estou absolutamente fantasiando em nada. E que aconteceu também com a gente. A Marlene tinha uma avó, a D. Ermelinda, que era muito querida dela, muito querida mesmo, e que foi uma pessoa muito importante na vida dela, e que morreu antes de nós nos casarmos. Muito bem, e.. quando nós nos casamos, eu me lembro uma noite em que de madrugada, quer dizer, quase o dia amanhecendo, eu num determinado momento, assim, acordei, sabe aquele negócio que você fica assim entre o sonho e a realidade, e você fica assim, meio -pôxa, é dia, é noite, o que que é isso? Você está acordando... E eu vi nesse momento eu vi a D. Ermelinda, avó dela, que já estava morta há vários meses, na cama, ao lado da Marlene, afagando, aqui, a fronte da Marlene. Ela afagando... Quando eu vi aquele negócio, fixei o olho, ela virou pra mim, fez um gesto de uma tal, de um tal amor, de tal passividade, como se dizendo assim 'não se preocupe, vai dormir, me deixe em paz, nos deixe em paz', que eu virei pro lado e dormi. Bom, de repente, não sei qual foi a fase de tempo que ocorreu entre isso, deve ter sido muito longa, mas no período de, de, no meu tempo de sono deve ter sido muito pequena. Eu acordo, com a Marlene dando um berro 'Ah, não sei tal, aí'. Eu acordo. A Marlene tinha feito um negócio, que é inacreditável. A Marlene tinha virado na cama, de repente, e batido com essa parte que a mulher tava afagando na mesinha de cabecei-

ra, no bico da mesinha, e tava furando, saindo sangue, por tudo quanto é ... sangrava por tudo quanto é lado. É verdade, é fato isso. Eu levantei feito um louco da cama. Saí correndo, peguei o lençol, e tal, peguei na cabeça dela, saí correndo, fui pro carro, peguei fui pro pronto socorro, foi pra dá ponto. E isso é fato."

Ficha 19.

Informante: Sílvio, 36 anos, curso superior.

"Eu sou psicólogo. Quer dizer, eu fiz o curso de psicologia. E nos últimos anos de psicologia, eu tinha que fazer um estágio no Hospital Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, e no setor de psicóticos. Quer dizer, porque eu queria fazer também. E então, o meu papel era o seguinte: eu era encarregado do setor de famílias. Quer dizer, fazia orientação pra família dos psicóticos que estavam internados. Então um dia, eu entro no Pedro Ernesto, mais ou menos assim umas três horas da tarde pra falar com essas famílias, e vem um rapaz, psicótico, mais ou menos de uns vinte e poucos anos, atrás de mim. Eu entro, ele vem atrás de mim, e diz assim 'eu quero falar com o senhor'. Eu digo 'hum' o cara fixou em mim, e disse 'senhor doutor, qu quero falar com o senhor, eu tenho um problema muito grave'. Aí eu disse 'olha,'- como psicótico, você tem sempre, ele tem sempre um nível de realidade que você tem que manter esse nível de realidade com ele, né? Aí eu disse 'olha, eu não sou doutor, eu sou encarregado, eu sou psicólogo estagiário, encarregado do setor de família.' Ele disse 'não, o senhor é o meu doutor, e o senhor tem que me ouvir porque eu só vou falar com o senhor.' Eu disse 'olha, não há possibilidade, eu não posso falar com você, você vai falar com o médico, que tá aí de plantão, que é na sala tal,' disse 'vai lá em cima, etc'. Daí ele veio atrás de mim. Calou a boca e veio atrás de mim. Era um esquizofrênico catatônico. O cara veio atrás de mim. Eu entrei na sala, sentei na sala, comecei a falar com as famílias. O cara sentou, ficou me ouvindo, olhando pra

minha cara. Eu falei com todo mundo, fiz a reunião durante uma hora, acabou a reunião, o pessoal foi embora, ele ficou olhando pra mim, e disse 'eu quero falar com o senhor'. E eu disse 'olha, não há possibilidade, qu não posso ouvir'. 'mas é um problema, mas é um problema que eu só posso falar com o senhor, o senhor tem que me ouvir! Eu disse ' eu não posso falar com você, você vai procurar o seu médico'. Ele disse assim 'não, mas não, ou o senhor me ouça, ou vai acontecer uma coisa muito grave'. Eu disse 'não, mas vai falar com o seu médico'. Aí botei o meu paletó, a minha gravata, e tal, pumba, té logo, boa noite, fui imhora, boa tarde. No dia seguinte chego no hospital tá a maior merda. Suicidou-se um paciente do setor dos psicóticos esquizofrêntes. Quem era? O próprio. Aí houve uma reunião do setor todo de psiquiatria do hospital pra analisar o problema. Aí eu falei 'quero dizer que aconteceu isso' . Daí relatei a história toda. Aí o chefe do setor falou que eu estava correto, podia dormir tranquilo."

Ficha 20.

Informante: J.E. de S. H., 28 anos, curso superior.

" Chegando um dia na casa do Adrian, ele falou que no dia seguinte teria a filmagem da T.V. Globo. É um sistema de trabalho que é uma reportagem, assim, autônoma, pra Domingo Gente, programa Domingo Gente, em que a T.V. Globo paga profissionais, e que esses profissionais então levam seus equipamentos e tudo o mais. E a Globo vai junto com o repórter. Bom, então tava interessante, etc, né, fazer um trabalho, aí, ligado à Globo, e foi, o Adrian então explicou como seria, que horas seria, etc. e tal. Evidentemente me interessei pelo assunto, né, o que que afinal de contas nós ámos fazer, ou que pessoa nós áamos entrevistar. E aí, qual foi a minha surpresa quando ele falou que era a figura de Nelson Ned, dito maior cantor do Brasil, quer dizer, isso em termos de voz, sendo que em tamanho é o menorzinho que existe. Bom, fomos na Globo. Estávamos sem carro aquele dia, e normalmente as pessoas quando vão trabalhar devem levar seus carros também. Pegando táxi com 9 reais, tudo quanto é tipo de equipamento, chegando na Globo, despejando as coisas na rua, e quando encontramos o repórter lá dentro ele já também meio puto da vida porque tinha que levar o seu carro, etc, e fomos pra casa de N;N. Bem, toca, toca, toca, e tal, lá perto de Santo Amaro, alto da Boa Vista ou coisa assim. E por incrível que pareça era uma casa com pé direito normal. Quer dizer, as pessoas podiam andar em pé assim sem se curvar na casa. Aí tocou a campainha. Ah, sim, tinha um Gálexie parado na porta, gigante. Imenso o gálexie, e posteriormente reparamos que tinha um chauffeur. Quer dizer, o N. N. era incapaz de sozinho dirigir aquele carro. Fomos atendidos, começamos a entrar na casa. Quando come-

çamos a entrar, o repórter que ia na frente tropeçou em alguma coisa, pluf. foi pro chão. Logo em seguida os outros 2 também tropeçaram, que era eu e o Adrian. Ao repararmos, em quem? Simplesmente os filhos de N.N. que atravessaram na nossa frente, que não passam assim da altura do joelho de cada um. Então, pensando inicialmente que eram bonecos assim espalhados pelo chão, essas pessoas começaram a ter um trânsito de se enrolar nas pernas, pluf, foi todo mundo ao chão. Bom, aí levantamos, e tal. Até que eram criancinhas assim simpáticas, todas elas com certo estilo de cantores, e tal, tudo igualzinho ao pai. E ficamos sentados no sofá no local em que ia ser feita a entrevista. O repórter foi lá pra cosinha pra onde o N.N. estava comendo, que ele ainda mantém aqueles hábitos de mineiro do interior, que come na cosinha, apesar de ter uma sala de jantar. E ficou, eu e Adrian, então medindo ali o local da entrevista, a luz, as condições de som e tudo o mais. Quer dizer, e procurando então ver, que ele ficaria coberto pela luz que entrava por trás do sofá, tinha uma série de dificuldades pelo fato do cara ser anão. Bom, aí serviram cafezinho, veio a empregada serviu cafezinho, etc. né. De repente aparece a mulher de N. N' né, que é uma morena assim, e tal, peitos assim, razoavelmente grandes, a mulher tipo de mulher assim de televisão, bom, casada com N. N; mas que não conseguiu ter a menor influência na condição dos filhos. E posteriormente chega por trás do Adrian o N.N. e fala assim 'como vai, rapaz?' O Adrian se vira e não encontra ninguém na sua frente. Aí começa olhar pra baixo, pra baixo, pra baixo, até que encontra a mãozinha de N.N. e tal, que é cumprimentado, razoavelmente sacudido, né. Depois cumprimenta N.N. e tal. Bom,

e senta N.N. no sofazinho perguntando se estava tudo pronto pra começar a entrevista, etc, etc, e começa então a falar, falar que era a primeira vez que mostrava a família dele; não sei se por receio dos filhos... que mostrava a família na televisão, etc, e que ... e começou a emitir conceitos de família, da tradição que ele tem de comer tutu com couve mineira, assim, e coisas assim do mais variado tipo. Até que chegou o momento, assim, o momento máximo do acontecimento, que era ele imitando eles cantando na televisão. Então trouxe um brinquedinho que os filhos têm chamado o pequeno cantor, com alto falante, microfonezinho, coisas assim, instalou ali pertinho da lareira, e o N.N. atrás desse microfone, que deve ter uns 60 centímetros de altura, o microfone, começou a apresentar 'e agora apresento a vocês o maior cantor do Brasil: Nelson Ned Júnior.' Aí todos nós batíamos palma tá.tá.tá,tá. E entra por detrás do sofá uma figura de 40 centímetros assim, né, então, e chega perto do microfone 'eu vou cantar pra vocês Tomo Um Banho de Lua! Então 'tomo um banho de lua, tum, tum, tum, tum tum tum, fico branco como a neve, tum.tum. Bom, a maior dificuldade realmente era conseguir manter um certo ar de seriedade frente aquilo tudo, e tentar entender a relação de maior cantor com menor cantor; quer dizer, porque que um garoto de 40cm, de altura pode ser o maior cantor do Brasil, enfim,tudo era razoavelmente complicado. E assistimos então posteriormente, N.N. tocando violão no jardim, quer dizer, tocando, cantando suas músicas, e tal, tudo o mais e depois explicando o estilo de música que ele canta.E no estilo de música ele falava: Bom, o que eu canto é aquilo que traz alegria

pro povo. Porque vocês vejam bem, o povo já é um povo sofrido, etc, e se a gente vem com certas músicas que ficam mostrando só a realidade, só vêm trazer a tristeza pra eles, então eu procuro dar um pouco de alegria, contribuir com a alegria do povo, e é claro que o meu público, quer dizer, é um público que tá despertando para o amor, etc, uma série de questões. Quer dizer, e deu então pra ter uma visão assim da situação do N.N., né, de seu tamanho, de sua casa, etc, um certo sucesso que faz, passeios pelo interior, disco de ouro no México, e em outros cantos mais, e até que findou-se a entrevista, tendo então uma imagem de N. N. extremamente simpático, que ele se mostrou durante todo o período."

Ficha 21.

Informante: J. de S.H., 57 anos, curso superior.

"Eu nem sei como é que esse sujeito surgiu na minha vida, Alaor, que nós agora vamos chamar de brincadeira de Alaor Prata. Coitado.. um militar... acredito que até fosse... diz o Jorge Eduardo que ele é engenheiro... engenheiro militar, eu não sei. Mas eu acho que o interesse deve ser o fato de eu poder reeditar, de uma certa forma, a história de cinderela ao contrário, ou cinderelo ao contrário. Compreende? O Alaor era um indivíduo que como eu disse a você eu não me lembro exatamente como é que ele apareceu. Mas um dia ele surgiu apresentado por alguém, me pedindo um favor. Era um indivíduo que tinha uma casa vazia e que pretendia receber o ministro das relações exteriores pra um jantar. Eu achei a coisa engraçadíssima, porque ele, ao lado desse programa, me prometia ser um cliente, capaz de... ele tem mania de ser rico... capaz de poder assim, em muito pouco tempo... aliás em pouquíssimo tempo - estabelecer até a possibilidade de prêmios para que ele viesse a ter uma instalação perfeita em muito pouco tempo. E no seu grau de exigência ele falava em pintores brasileiros, falava em móveis de excelente qualidade, falava em tapetes persas ... uma série de coisas. Agora, ele pretendia dar um jantar pro para o ministro das relações exteriores num determinado dia. Então assim, tinha assim uns quatro ou cinco dias pra fazer isso. Bom, eu resolvi aceitar o desafio de brincadeira, né, como eu disse, pensando muito no caso de cinderela. Mas uma cinderela ao contrário, quer dizer, uma cinderela

sem "happy end", né, então eu não sabia ainda que o Alaor também era um comedor de bananas. Um ogro verdadeiro, sabe?E, um belo dia, eu telefonei pra uma série de fornecedores desses que são pessoas relacionadas comigo, amigos, e tal, disse 'olha, eu vou precisar recolher um caminhão gigantesco, desses assim Andorinha, ou um FinK, um negócio desses, tudo que eu possa precisar: mesas, cadeiras, alfaias, consolos, mesas de encosto, cómodas, abajures, quadros, tapetes, tudo, absolutamente tudo! Bem, fiz uma das rapinas aí que eu costumava às vezes fazer e que a Ana Luísa depois me proibiu, que era vir em casa, e recolher assim numa tarde, dez tapetes, diversas plantas, quadros, objetos de prata, castiçais, velas, enfim, tudo. Bom, um dia, eu juntei aquela coisa toda, caminhão gigantesco, mas gigantesco, caminhão da Andorinha, imenso o caminhão. Chamei o Jorge Eduardo para ver como é que era o negócio, e tabemos lá pra casa do Alaor. Bom, a chegada do caminhão foi uma dessas coisas de sucesso... O Alaor, de tal maneira estava entusiasmado que encadernou-se numa espécie dum biquini sumário, uma, um, nunca soube até hoje se era uma cueca ou um short, compreende? Barriga imensa, o umbigo era uma espécie de uma condecoração japonesa, compreende? Era uma coisa assim gigantesca, luzidia, e que tinha um movimento próprio, movimento próprio. Bom, ficou, desse tipo de pessoa que fica tão nervosa quando fica excitado, compreende? que comia bananas sem parar. Ele passeava pelo apartamento enquanto as coisas entravam, e entravam aos borbotões, né. Os sujeitos afastavam o Alaor com umbigo e tudo, e punham cómodas no meio, tiravam tapetes, afastavam, eu ordenava coisas 'não pra esse lado'. Tinha uma brigada de eletriciístas que pendurava coisas, modificava, arrancava as coisas do Alaor, eu mandava 'jogue na cozinha, no terraço de serviço'. Os trastes do Alaor eram amontoados quase como lixo. Alguns acho que se perderam definitiva-

mente. Eram recheados, assim, varridos pros cantos, compreende? A mulher apareceu de papelote e também foi afastada, compreende? Inclusive tomada assim como cosinheira do vizinho e afastada .. fizeram... afastaram a tal mulher. O Alaor excitadíssimo, via as coisas entrar, e tal. Bom, duas horas e meia depois, foi uma coisa fulminante, a casa do Alaor ficou pronta. Bom, isso aconteceu numa sexta feira. Ele ficou excitadíssimo, ficou alucinado. Comia bolinhos, porque já estavam fazendo de ante-véspera as coisas pro tal jantar. Então ele comia diversos bolinhos, comia travessas de bolinho. Oferecia, rodava pelo tal apartamento, via, e tal, e tudo ficou pronto. Quando ficou pronto, J. E. e eu rodamos por lá, vimos, e tal, e o A. deu o jantar. Que parece que foi um sucesso. O negócio tinha tudo. Inclusive um 'know How' - 'olha, as velas devem ser acessas tal hora, antes de tal, veja bem como é que vão colocar esse problema das mesas, enfim, o negócio correu perfeitíssimo. Agora, a coisa fantástica é a seguinte: é que no dia seguinte do jantar, com a mesma eficiência que eu mandei chegarem as coisas lá, eu dei ordem para que tirassem tudo, mas absolutamente tudo. Então a mesma brigada entrou, uma eficiência incrível, rodando, enrolando tapetes, dobrando coisas, tirando os móveis, tirando as coisas do Alaor, levando inclusive de cambulhada algumas que eram deles próprios. E a casa do Alaor, uma vez tirado tudo, foi assim a desolação absoluta, porque ficou muito mais nua do que era. Metade das coisas que o Alaortinha tinham sido jogadas fora, compreende? Outra metade, como tinha ficado na cozinha, havia sido pilhada pelos garçons, os mercenários que ele alugou pra festa, que levaram tudo, tudo d'ele. E Alaor então ficou sozinho no tal apartamento, que aliás ele, safadamente, aquilo era promessa, nunca chegou a fazer nada, né, e a única coisa que ficou lá, que ele tinha se determinado a comprar, que era um quadro, uma ceia de Eduardo Correa, ele demorou 2 anos a pagar.

Ficha 22.

Informante: J. de S. H., 57 anos, curso superior.

"Bem, era nosso sexto e último dia em Madrid, compreende? Havíamos feito uma série de tentativas para falar com o João Cabral, que eu conhecia mal, Ana Luísa não conhecia nada, e tinha, aliás, uma grande antipatia porque não simpatizava com a mulher dele, não sei bem porque. E nós conhecíamos alguém que era muito amigo dele, que era a Edi, nossa cunhada. E era o nosso último, sexto e último dia em Madrid e a última tentativa de falar com João Cabral, que permanentemente está com dor de cabeça. 'João Cabral, é Jorge Ilue'. 'ah, sim, como é que vai?' e eu perguntando quase sem conhecer 'e a Stela' ele dizia 'bem, e você?' 'muito bem, também. Olha aqui, eu não quero amolá-lo nem quero inclusive atropelar o seu tempo, mas é que como nós estamos muito interessados em assistir um espetáculo de - Flamengo, e eu sei que você é uma pessoa que conhece incrivelmente bem isso, e bastava nos indicar algum lugar.' 'não, mas eu faço com prazer isso. Eu posso sair com vocês' Eu digo 'mas não é necessário isso, quer dizer, se você nos indicar já é muito bom'. Ele disse 'então vamos fazer o seguinte, hoje, no fim da tarde, vocês ligam pra mim, nós vamos combinar encontrar, depois nós podemos cear, falar e ir pra lá'. Eu digo 'ta certo, então tá bem'. Ligamos de novo, 'onde é que está o João Cabral, e tal', até que conseguimos encontrar. Então ele disse assim 'bem, então vocês vão nos encontrar em tal lugar. é um lugar facilimo, compreende, e é extraordinariamente bom, e eu me encontro lá com vocês, fica em tal ponto, na ~~vave~~ ta, número tal, e tem um espetáculo de flamengo extraordinário'. Aí nós descemos, um frio

tremendo, um frio, era finalzinho de inverno, de nariz duro. Aí tomamos um táxi. Eisse assim 'pra cave tal, número tal, queremos assistir um espetáculo de flamengo, e nos indicaram que era um bom lugar'. Aí o chauffeur parte pra ... pára no meio daquela coisa, um frio tremendo, nós saltamos, e entramos num lugar, a aparência até muito estranha, muito sofisticada, com ar internacional. Deserto. Comprrende? uma espécie assim de uma cuper cave, sabe, de vários andares, e dissemos 'vamos esperar o João Cabral que ele deve chegar por cá, né, e deve ocorrer a qualquer momento o tal do espetáculo de flamengo'. Toca a esperar. Uma fome tremenda. Já era de madrugada, quase, uma fome cruel, e nada do espetáculo. Daqui a pouco vem um garçon e pergunta o que que nós queremos. 'Bem, enquanto o mininstro não vem, nós queremos um sanduiche'. E pedimos um sanduiche. Aí ficamos muito espantados deles nos oferecerem sanduiche de turista, assim, de galinha com não sei que lá, e tal. Tá muito bem, pode trazer. E ficamos ali. Daí a pouco vem um crooner, tristíssimo, poucas pessoas ali, e anuncia um show. E vem uma senhora, e começa a cantar. Negócio que não tem nada de flamengo. Uma música assim como se fosse um tango argentino, compreende? e depois começa a cantar em inglês, e começa a cantar em francês. Bom, aí eu olho no relógio, tardíssimo, já. Eu digo 'não é possível que o J. C. nos tenha feito essa incrível desfeita, não aparecer até aqui nesse momento, e tal'. E tento telefonar. Já não respondia mais ninguém na casa do J. C. Aí nós chamamos o garçon. Eu digo assim: 'por favor, que horas tem o espetáculo de flamengo?' 'Espectáculo de fãamengo? Non hay'.

'Mas como não hay? aqui não é o lugar de espetáculo de flamengo?' 'Non, senhor, aqui chama-se 'la Boite Flamengo', que é um restaurante de Madrid. O melhor restaurante de Madrid'. Eu digo 'restaurante de Madrid? E lo flamengo? la dança do flamengo?' 'nom hay. É restaurante Flamingo. lo pássaro.' Eu digo 'flamingo o pássaro?' Aí nós começamos a notar que tudo tinha o flamingo, bicho, o copo tinha flamingo, as louças tinham flamingo, os vidros, os tapetes, os homens. E flamingo era o restaurante. E os sanduiches foram os mais caros que eu paguei na minha vida. Também se vocês soubessem a nossa despedida fria ao João Cabral de Melo Neto."

Ficha 23.

Informante: J. de S. H. 57 anos, curso superior.

"Eu vou contar... me lembrei de repente... Eu anos atrás tinha uma Kombi, e tinha um colaborador no escritório, que chamava-se Humberto Gianotti; era italiano. Era a pessoa mais distraída que eu já vi na minha vida. Ele por exemplo, ele estava conversando com você de repente, conversando, assim na prancheta, e enfiava por exemplo o compasso na mão, machucava-se todo. Uma vez... ah, descia a escada conversando com você, ele tinha sempre a mania de dar, era muito gentil, tinha sempre a mania de dar a direita, e tudo, então, o conversando com você, aí de repente ele saía fora da escada e caía num buraco. Acontecia muito isso. Uma vez nós estávamos descendo na Icomi num prédio de 20 andares em construção, ele foi descendo, então conversando com você, esqueceu do leque, né, bruuuum, caiu lá no buraco fundo, caiu lá embaixo. Um dia, eu estava na kombi, comprrende? Andando pela rua Siqueira Campos. No momento, é que tavam fazendo uma obra, e tal. Mas então eu vinha na minha mão, direitinho, e tinha chovido, sabe? Então o chão tava molhado, ainda era de paralelepípedo, porque tinha bonde naquela época. E eu vinha na minha mão. Descendo. E o Humberto ao lado. Ah, e ele tinha mania de sempre dizer 'ah, eu acho que você foi muito imprudente, nesse momento, você não devia'. Ele não dirigia automóvel naquele tempo. 'tenho impressão que era o momento de andar mais devagar', ele sempre tinha uma observação. Ele ao lado, sempre falando essas coisas, e eu dirigindo o carro. De repente, eu vejo uma coisa de louco. Ti-

nham aberto pra mim aquela bandeirinha verde de poder passar. A pista era estreitíssima porque era uma coisa assim "one way", o outro lado tinha um gigantesco buraco, e eu de repente vejo, crescendo sobre mim, um ônibu. Um ônibus enorme, compreende? Porque tinham, com certeza, aberto também pra ele, pro ônibus. Bom, aí eu tentei frear um pouco, né, o carro escorregando, aquela coisa. Aí eu diêse 'vou soltar tudo pro lado, nós vamos bater, mas pelo menos vai.. ser um acidente menos dramático do que ser esmagado por aquele ô-nibus, e de frente, né'. Então manobrei feito um louco, foi uma coisa assim terrível, um drama, que ele não assistiu nada, né, aí eu vi crescer diante de mim, assim a esquina, o um poste. E havia uma carrocinha da Kibon, e um fulano, vendedor do Kibon, e um casal de namorados. Bom, e eu senti que eu ia esmagar os dois, né. O carro deu duas voltas, virou, e o Humberto sempre falando num sei que e tal, e aí pára. E o Humberto assim colado na cara da namorada. Porque a Kombi é um negócio assim, né. Aí o Humberto, que é um sujeito discretíssimo, assim, ó 'desculpe, nós não pretendíamos... eu não quero devassar segredo de ninguém...' Se desculpando, de estar invadindo a intimidade deles. É um negócio único. É o Humberto Gianotti."

Ficha 24.

Informante: J. de S. H., 57 anos, curso superior.

" O Humberto Gianotti foi pra Europa, e eu tive uma nova cliente, que era Jeanne Lacraix. J. L. era uma pessoa impressionante, sabe. Primeiro que ela era igual o Muludi, aquele cantor muludi, comprrende? Bicuda, possivelmente homossexual. Mas muito elegante, uma figura sempre com um cheiro perfeito, tinha um xinotzer, cego nessa época, coitado, mas que nos seus momentos de glória sabia separar carta de baralho. Sabia separar naipes. Você punha assim, dizia copas, e ele pegava o negócio, e tal. J. L. era editor, em Paris, de música. Tinha um apartamento fantástico. Bom, e aí eu contei ao H., depois que ele chegou, que ela era uma maravilha, eu inventei aquele personagem, uma espécie de 'Laura', que sabia tudo, tinha um cachorro que distinguia naipes, era editor em Paris de música, tinha uma sensibilidade incrível... e fui conversando sobre ela. E ele 'deve ser uma maravilha'. Aí eu fui andando, e aí, não aí eu entrei no tal apartamento. Ela estava fora naqueles dias. Eu entrei no apartamento pra mostrar a ele. Um apartamento lindo, lá no Flamengo. Um negócio perfeito. E aí eu fui andando. Aí eu passei de repente por um móvel, era uma cômoda, tinha um retrato assim... 'Aliás, essa aqui é J. L.' E fui andando. Aí eu andei um pouco e vi que ele parou. Então, ele parou assim diante do móvel, compreende, ficou olhando o retrato dela, que era tudo diferente, e eu só vi ele falar assim 'Puxa!'."

Ficha 25.

Informant: A. V., 37 anos, curso superior.

" Eu vou contar uma história que aconteceu com o F. C. Essa história diz respeito ao fato de que as pessoas mudam de opinião de repente. Então aconteceu o seguinte: O F. C. passava férias, descansando depois de ter redigido a tese, no Rio de Janeiro. Aí .. Aqui comendo a crise, aqui em Campinas, né, na Unicamp. Aí finalmente apresentou-se a possibilidade de uma solução da crise, aí do Fausto, Zeferino, e tal, pelo Faustoficar com a chefia do Departamento de Filosofia, e ceder a direção do instituto pra alguém sobre quem houvesse acordo entre as partes litigantes, em letígio. Bom, Luís e eu fomos então pro Rio, e discutindo no caminho, no firme propósito de convencer o Fausto de que tinha de aceitar e ficar com o Departamento de Filosofia e deixar a diretoria do instituto. Bem, chegamos lá, aquele ambiente agradável, e tal. O Fausto também muito solícito, e tal, assim, equilibrado, e concordou que a gente tinha razão, e tal, o negócio era ele aceitar a chefia do departamento de filosofia e deixar a direção do instituto. Seria uma maneira de superar a crise, e tal. Bom, aí nós fomos procurar o P. S., né. Aí demos uma volta pela cidade. Afinal, o Paulo e eu fomos, estávamos num carro, e o Fausto, a Cármen e o Luís estavam num outro carro. E a Cármen, o tempo todo não aceitando muito a solução conciliadora. Aí depois, chegamos no apartamento lá na Almirante Alexandrino, e o Paulo já entra direto 'É o cúmulo isso, precisamos lutar até o fim'. Aí o Fausto explodiu. Ele tava precisando disso. E o Paulo falou retoricamente, mas a coisa pegou. Bom, daí termina a história. A expressão retórica do P. foi o ponto de apoio que o Fausto precisava."

Ficha 26.

Informante: A. V., 37 anos, curso superior.

"Bom, essa história aconteceu com o F. N. Bom, segundo o Guilherme Cunha, aconteceu com o F. N., Primeiro eu preciso descrever o Fernando na antiga fase, porque o F. agora é uma pessoa muito liberal, descontraída, e tal. Mas antigamente o F. ia dar aula de paletó e gravata, e sobre o paletó e a gravata, um gurada pó impecavelmente branco, né, e muito sério, pegava o giz assim com os movimentos muito rígidos, né, e dava a aula muito seriamente, extremamente bem preparada, nenhuma palavra gratuita, tudo era muito bem amarrado, né. Então o F. dando aula, aquele silêncio, não podia ninguém chegar atrasado, se chegasse atrasado não podia entrar; uma aula toda formal, né. Então o F. dando a aula, e falando sobre sei lá, vamos supor, revolução industrial na Inglaterra, e, em meio à exposição do F., alguém lá atrás diz 'não concordo com nada disso que o senhor está falando'. Aquele silêncio na classe. O F. parou a exposição. Tava escrevendo na lousa, ele parou, pôs o giz em cima da mesa, assim, do professor, e virou-se pra pessoa que tinha dito isso e falou 'porque é que o senhor não concorda com tudo que eu estou falando?' Aí o sujeito disse 'bom, é porque, porque eu li um autor que contradiz tudo isso que o senhor está dizendo.' 'Bom, então o senhor me diga o nome do autor, porque provavelmente eu li, e eu posso fazer um comentário sobre o que ele disse. Ou então se eu não li, então eu vou verificar, e tal, porque se afinal contradiz tudo que estou dizendo... eu estou dizendo a coisa mais ou menos canônica, né, que a bi-

bliografia diz a respeito... então o senhor diz o nome do autor'. Aí ficou ... continuaram aquele silêncio na classe, aquele clima de tensão, né, e o sujeito não dizia nada, né, ficou em silêncio. Aí o Fernando repetiu 'o senhor não quer dizer o nome do autor? diga o nome do autor, porque eu preciso... já que o senhor diz que o autor contradiz o que eu estou dizendo, eu preciso rebater'. aí o sujeito 'nhumm.. nhumm', ficou meio assim, né, e o F. insistindo, cada vez mais, com maior firmeza, né, até que finalmente, ele diz 'nurunhum.... ' e o Fernando 'como?' 'nurunhumurumm'. 'Como'? 'Isquiciiii..'. "

Ficha 27.

Informante: A. V., 37 anos, curso superior.

"Essa história os personagens são o Guilherme e o Aluísio, né, que viviam se passando trote mutuamente. E de resto cada um descarrega no outro as coisas desagradáveis que inventa. Então, aconteceu o seguinte. Uma vez... Bem, o G. é preciso dizer, quando morava com a família dos pais e os irmãos morava num apartamento assim muito bem situado, em Higienópolis, um prédio assim muito circunspecto, né. E eles eram, o A. e o G., colegas na faculdade de direito e na faculdade de filosofia. Viviam sempre juntos, eram amigos íntimos, e tal. Então, à noitinha, assim, numa quinta-feira, por exemplo, eles estavam voltando pra casa e o A. deu carona pro G. Quando chegaram na porta do apartamento o G. convidou o A. pra subir tomar um café, e tal. Bom, subindo no elevador, eles estavam acompanhados. Tinha duas senhoras, assim, respeitadas, que eram vizinhas do G., que subiram junto. Aí nisso o A. soltou um sonoro 'prrrr', né, e clinicamente, falou 'G., não faça isso, as senhoras presentes, fica feio, né. O guilherme ficou roxo, queria sumir naquela altura, bom, foi o maior vexame. Bom, dias depois, o G. deu carona, saindo da Faculdade de Direito, deu carona pro A., levou o A. até em casa. O A. morava numa casa, não era um apartamento, morava numa casa, mas numa vizinhança assim também muito respeitada, tal, o pai do A. tinha sido deputado pela UDN, quer dizer gente muito respeitada ali na vizinhança. E o A. muito seriamente, quando desce da rural, que o G. tinha, não sei se é rural, bom, do carro que o G. foi dar condução pro A. Desce, tinha uma vizinha na porta, en-

tão o A. Cumprimenta, com todo respeito, a vizinha, né.
Quando o A. vai adentrando a cas, assim, tinha um jardim,
um corredor, assim, o A. Vai entrando, o G. Grita do auto-
móvel 'Beimmm, não vai esquecer, hein, quarta feira próxi-
ma, hein, olha, então boa noite, hein. Agora quer dinheiro,
né, Aproveita o corpo da gente, depois não quer mais."

Ficha 28.

Informante: A. V., 37 anos, curso superior.

"O G., muito inseguro, estava dando aula no Iferge, tinha arranjado finalmente um seminário no Iferge, que era o Instituto dos dominicanos. E ele então tinha um seminário, tava indo muito bem, muito bem, e tinha um aluno japonês. Aí um dia, o G. já vencida a insegurança, recebe uma carta desse japonês, uma carta ambígua, né, uma admiração terrível pelo G., revelando problemas pessoais, mas um certo envolvimento assim suspeito, entendeu, uma relação muito pessoal, meio sexual, assim, e o G., então, ficou preocupadíssimo e resolveu mostrar essa carta aos amigos dele para saber o que ele faria. E o rapaz marcava hora do encontro com o G., né. E o G. ansiosíssimo, ná, nervoso, não sabia o que fazer. Ia chegar a data do encontro e ele não sabia o que fazer. Então quando ele estava prestes a se encontrar com o japonês, se revela a história, era o Aluísio que tinha mandado uma carta batida em papel rosa e tudo pro G., agregando alguns detalhes reais da vida do japonês."

Ficha 29.

Informante: A. V. 37 anos, curso superior.

" A história é a seguinte: todos combinaram de telefonar pro Cláudio Volga dizendo que era o Asdrúbal, né, deixando um recado pro Cardoso. Bom, do Asdrúbal pro Cardoso, simplesmente. Bom, então a pessoa que telefonava primeiro, voz de homem, Asdrúbal, as outras ou eram, no caso da Anete, por exemplo, era secretária do Asdrúbal, ou então outra pessoa era amigo do A., porque o A. tinha pedido pra deixar um recado pro Cardoso, e tal. Bom, sem dizer quem era o C. e quem era o A, né. Bom, então, a primeira pessoa que telefona diz que é um amigo do A., é um amigo do A. que telefona pedindo pro C. anotar um recado pro C., que o C. disse que ia passar por lá. Então o C. pensa que é o F. H. C., né, e fica todo contente, e tal, né, e anota o recado do tal amigo do A. Bom, aí mais tarde telefona a Anete, dizendo ser secretária do A., dá outro recado mais estranho ainda pro C., que contradizia um pouco aquele primeiro. O C. anota, e tal. Aí depois telefona mais outra pessoa dizendo que era amigo do A., e tal, dá um outro recado. O C. tá encafifado com aquele negócio do A., C., e tal, aí finalmente telefona, sei lá, a coisa vai assim, não me lembro mais direito. Bom, aí, os recados vão ficando mais absurdos, né, e finalmente telefona o A. e pergunta se tem um recado do Cardoso pra ele, é uma confusão total, né. O C. já está meio doido com a coisa. Finalmente o C. descobre, depois de um longo e tenebroso processo, que não existia nem Asdrúbal, nem Cardoso, nem coisa nenhuma, né. Bom, aí fica puto da vida, né, e um dia telefona um sujeito

e pergunta se a Anete está. Ele tava ficando na casa da Anete enquanto a Anete tava viajando nas férias. Pergunta se a Anete está. Ele diz que a Anete não está. Aí o sujeito fala 'você não pode deixar um recado pra Anete aí?' O Cláudio já tá puto, né, já acha que é um outro trote, né, aí ele fala 'tá bom, pode dar o recado'. Ele dá o recado, ele anota, pergunta quem é, o sujeito fala 'é o Nicos Poulantzas'. Ele agarra no telefone, e fala 'vá pra puta que pariu'. E era o Nicos Poulantzas."

Ficha 30.

Informante: R. M., 33 anos, curso superior.

"Eu e o Dalton dávamos aula em São José dos Campos; aí, todo dia na Dutra, e tal, né. E aí o Dalton, era muito maluco, né, e Dalton também tem um pouco esse negócio que você falou, nunca transou muito com, sabe, repartição, burocracia... esse negócio, e tal, um fulano, e tal, daquele tipo assim mais introspectivo, que sempre viveu em casa, família mais ou menos rica, e ele mexe com música, né, então música é fogo, né sabe desses caras bem introspectivo, se expressa através de instrumento, e tal... Tem uma dificuldade incrível de falar com todo mundo, né. Mesmo na aula, tal, ele se expressa através de música mesmo. Bom, saiu ele um um MG velho, tudo, sabe, o negócio chama uma puta atenção, né. Ele não tinha nem um documento. Ele não tinha nem documento de identidade, nada, nada; passa na polícia rodoviária, os caras pá. Pára aí, né. 'Documentos'. Nada, não tinha picas, né. Falei 'puta, D. você vai ter que dar uma grana pra esses caras.' Ele falou 'nossa, mas será, dar uma grana, mas não posso, não sei o que né, ficou assim meio sem graça, e tal, falei 'não D., entra com tudo.'. Aí fomos lá. O cara chamou lá pra dentro. Abriu lá aquele clássico gesto, abriu o código nacional de trânsito: 'artigo num sei o que, uma nota de multa. Artigo num sei o que, e tal, o senhor tá sem isso, sem aquilo, outra nota de multa. O senhor também não tem extintor, não tem placa, não tem plaqueta, não tem triângulo, outra nota de multa.' E foi somando assim, e dando risada. E o D. Falava 'mas o senhor veja, 'tentando dar explicação, 'o senhor tem que entender o seguinte, olha, fica o meu amigo aqui, eu pego um táxi,

vou até em casa buscar os documentos que eu esqueci e volto aqui'. Ele falou 'o que? vai deixar o seu amigo de refém, aqui, meu, o que que é isso?' E ele não entendia, não se mancava, né. E eu dando cutucão 'Dalton, passa uma grana'. Nada, não queria saber. Aí, tentando propor mil soluções, e os caras já rindo, né, os dois, o chefe do posto e o praça lá, rindo pra burro d'ele, né, e ele assim, uma dificuldade: 'o senhor entenda que eu fui na estação, num sei o que, então eu deixo o carro aí, vou-me embora'. 'Pois é, nós vamos ter que apreender o carro, e tem mais, hein, o senhor vai ter que ir à Delegacia também prestar declarações sobre o momento que o senhor está andando com esse carro, pra ver se não é roubado'. Aí eu dei um cutucão nele, por fim ele se convenceu, né. E todo sem jeito, todo assim, falou: 'mas será que se, se o senhor me quebrasse o galho, talvez eu pudesse quebrar o galho do senhor, também, e tal, né.' Aí o cara 'quá, quá quá, porra, até que enfim o senhor começou a falar português, né."

Ficha 31.

Informante: M.S.A., 63 anos, curso secundário.

"Ontem eu fui lá no INPS tirar um exame de sangue, de urina e de fezes, e quando eu cheguei lá a moça pediu o papelzinho que eu devia levar para fazer o exame. Então eu, como estou fazendo muitos exames, muita papelada que o INPS pede, procurei, procurei na bolsa e não achei. Então eu disse pra ela 'eu acho que deixei aqui. Eu quase tenho certeza que deixei aqui no dia que vim marcar o exame, porque eu não estou achando aqui na minha bolsa.' Aí a moça foi procurar lá, e voltou e me disse 'não, a senhora não deixou aqui'. Então 'me dá licença, eu vou procurar mais um pouquinho'; e tirei tudo da bolsa, essas bolsas grandes, que cabo tudo, um monte de coisa, tinha mais de umas 5 carteiras, e procurei, procurei até que achei, numa das carteiras, numa separaçõezinha assim num lado, e tinha o papelzinho do INPS. Eu falei 'ah, tá aqui, tá aqui o papel, eu achei, a senhora me desculpa'. Daí a menina não falou nada, ficou olhando assim pra minha cara, e começou a tomar nota. Enquanto ela tomava nota ela falou pra outra menina que trabalhava junto 'e ela tinha certeza que tava aqui, hein? e ela tinha certeza que tava aqui, hein?' Eu já fiquei meio sem graça, humilhada, mas fiquei quieta, continuei ali firme, esperando ela acabar de escrever, quando uma outra do lado, moreninha, olhou pra minha cara assim e disse a mesma coisa 'e ela tinha certeza, hein?' As duas sorrindo, caçoando. Na mesma hora, entrou uma outra, doutra sala, que veio buscar uns papéis ali no balcão, e a moça tornou a contar pra essa aí 'viu, e ela tinha certeza que tava aqui o papel'. Ah, eu não aguentei mais. Eu então comecei, aí eu falei gritando, mesmo, tinha mais de umas cem pessoas na sala: 'o que que vocês querem? vocês querem que todo mun-

do aqui da sala sabia que eu esqueci o papel, e disse que tinha.... na bolsa, e disse que tinha trazido, que estava aí, que eu tinha esquecido aí? É isso que vocês querem? Porque que não põem no alto falante aí? Vocês deviam por no alto falante, porque assim todo mundo ficava sabendo que uma velha, de 65 anos, que tá doente, fazendo todos os exames sozinha, sem ninguém ajudando, vem aqui e se esquece do papel dentro da bolsa e começa a ser humilhada, caçoada, sendo... por duas menininhas tontinhas, que estão aí pensando que eu estou aqui de graça. Eu não estou de graça. Nós todos aqui! falava pra todo mundo, chamava todo mundo, a atenção de todo mundo, 'nós todos aqui', com a mão mostrava todo mundo, 'estamos aqui com direitos adquiridos, nós não devemos nada a ninguém, vocês não estão trabalhando aí pra nós de graça, não. Depois, duas meninas mesmo que não respeitam nem a velhice, não são moças que deviam estar trabalhando aqui, como vocês, devia ser uma moça que tivesse pelo menos respeito ao doente, e ao velho. Vocês não acham que eu tenho razão?' Virci pra todo mundo e daí, das quatro partes da sala, um levantava e dizia 'a senhora tem razão, a senhora tem razão'. Um lá então me disse 'a senhora deve gritar por aqueles que não gritam, porque assim o INPS tem que por empregados melhores, e tem que tratar melhor o público'. Daí eu fiquei quietinha, sentei num canto, abri um livro, e fiquei lendo. Mas eu sabia que eu ia ser... elas iam demorar agora, que de vingança, elas iam demorar pra me chamar, pra tirar os exames. Então, uma hora, eu levantei e disse'olha, eu sei que vou ficar aqui até meio dia, mas não tem importância nenhuma, porque eu falei o que eu

quis, o que vocês mereceram, e agora eu vou ficar lendo aqui, esperando a minha vez, vocês podem me deixar quanto tempo queiram.' Daí dois minutos me chamaram, precisa ver como me trataram lá dentro, pegaram minha bolsa, guardaram, mandaram sentar, e me fizeram os exames, e eu saí, fui embora, acabou."

Ficha 32.

Informante: A. S. T., 65 anos, curso secundário.

"No tempo de mocinha, um fato que eu gosto de contar se deu lá em Santos. E lá no Guarujá, comecei a flertar um rapazinho, né. Tinha os meus 18 anos, e ele tinha uns 20. Aí, namora que namora, conversa, e tal, ele ficou de nos buscar à noite pra darmos um passeio. E pra fugir do papai e da mamãe na pensão lá em Santos foi um Deus nos acuda. Quando chegou ali pelas 8 horas, veio o tal rapazinho, e o outro, chauffeurando. Então pararam na esquina, nós 3 entramos. Mas meu lugar tava reservado, assim, atrás, eu e o rapazinho. A Carlina, a Maricota, e o tal Alfredo, que eu fiquei sabendo o nome, do chauffeur eu fiquei sabendo o nome, do rapazinho que eu estava namorando mesmo, não fiquei sabendo nome nenhum. Eu estava conversando e ele então começou a querer pegar na minha mão, começou querer me beijar, né. Eu então chegava pra lá, né. Ele vinha, chegava mais perto. Quando eu via que ele ia avançar muito, eu gritava, fiquei morrendo de medo, né, 'Carlina'. A C. botava a mão assim pra trás, assim 'o que que é?' Daí eu mostrava o rapaz. Daí o rapaz se endireitava. Daqui a pouquinho ele vinha outra vez 'mas porque que você quer uma boca tão bonita assim, tem que ser pra beijar, né'. E vinha chegando outra vez, e eu 'Carlina'. A Carlinha olhava pra trás, e o rapaz arredava. Olha, depois de umas 3 tentativas, estávamos lá numa praia longe, afastada, nem sei em que ponto, pararam o carro, parou, falou assim 'olha, vocês podem descer que vocês são 3 chatas'. Aí descemos, sem dinheiro, não podíamos tomar táxi, olha, nós fomos parar em casa quase 10 horas da noite, com um medo do papai e da mamãe."

Ficha 33.

Informante: A.S.T., 65 anos, curso secundário.

"O Alfredo começou a namorar a Dirce Lacerda, essa D. tinha sido namorada muito tempo do Dino Valerini, que tocava violino, e ela tocava piano. E eram vizinhos, assim, dō rua, um numa esquina, outro noutra. Então, quando ela começava a tocar piano, ele tocava violino, e a gente passava naquela rua pra ver o dueto. Era engraçadinho o namoro dos dois. Depois o Dino brigou com a D. e ela começou a namorar o A. Eu sei que daí uns tempos, por coincidência, a senhora com quem eu morei, o filho dela tinha uma farmácia, então um dia, a D. Marlene chegou pra mim, e disse assim 'não sei não, mas o A. acho que tá aprontando com a D., porque tá comprando remédio lá na farmácia do João pra aborto'. Então eu fiquei dentro da estória, né. Mas não comentei nada com ninguém. Daí uns tempos rebentou a bomba. No dia que o Dr. Lacerda foi pra S. P., sabe? A Dirce tava grávida mesmo, então deu parte na polícia, chamaram o coitadinho do Alfredo, aí ele disse que não era o pai da criança, e que não tinha sido ele, mas que ele gostava muito da D., não fazia questão, e casava-se com ela né. Mas então, quando a D. ouviu isso, foi esperta, né. Ela disse que então tinha sido o Dino Valerini, e foi atrás dele. Mas ele tava namorando uma tal Elza Faria, e quando a D. chegou lá com a polícia e tudo, ele disse que não, que ele ia se casar com a Elza, a Elza também já estava grávida. Aí o A. disse. Apesar de tudo isso, de ela ter preferido o outro, ele disse 'não, mas eu me caso, eu gosto muito dela, eu me caso.' Olha, casaram-se, ela judiou desse A. Judiou do Alfredo, a Dirce, mas judiou tanto, até.. eu sei que ele morreu logo depois, tuberculoso."

Ficha 34.

Informante: R. M. 33 anos, curso superior.

"Bom, o negócio é o seguinte, eu tava na Imigrantes, né, às 11 horas da noite, depois de um dia terrível de trabalho, e tava dirigindo um automóvel, evidentemente. Dormi, e mergulhei na ribanceira da rodovia dos Imigrantes. Até aí tudo bem, porque foi um acidentezinho que não aconteceu nada, quer dizer, eu só machuquei o nariz, o joelho, e tal, e o carro se arrebentou razoavelmente. E eu, assustado com o sangue que estava me saindo do nariz, subi correndo a ribanceira, achando que eu tava todo destruído, subi meio assim me arrastando pela ribanceira, uma ribanceira de umas 20 metros, né. Subi me arrastando, cheguei lá em cima, e ... a única coisa que me passou pela cabeça foi de correr prum pronto socorro, né. Então eu fiquei no meio da pista, que nem um doido, pedindo socorro, esquecendo que ninguém tava vendo o automóvel, porque o automóvel tava lá embaixo, de noite, né? O que os motoristas tavam vendo era exclusivamente um maluco, de camisa meio aberta, todo sujo, no meio da pista, sangrando, e fazendo assim 'ahhh, ahh, e tal', quer dizer, acharam que no mínimo ou era crime do esquadrão da morte ou coisa que o valha. Ninguém parava. Mais pro fim, quando parou um ônibus, né, eu pedi pra ele me levar correndo prum pronto socorro de S.P. e não fiz uma coisa que aí que tá, né, nessas horas, você sofre um acidente é fundamental nessa burocracia que a gente vive. Você não pode sofrer um acidente, por pior que você esteja, sem telefonar para a Dersa. Tem um telefone cada um quilômetro, né. Mas eu não ia ima-

ginar isso, mesmo, não ia ter a idéia de telefonar, porra, sabe? Daí peguei o ônibus, fui embora, tal. Fui no Pronto Socorro, não tinha nada, e tal, tudo bem, então fui dormir, tava exausto, nervoso, tenso pra burro, tomei cachaça, fui dormir. De manhã cedinho, de madrugada, fui lá ver o carro, né, mas o carro já tinha sido apreendido, e daí começou um rosário, mas terrível, assim, né. Os caras apreenderam o carro, né. Bom, viram o carro caído lá embaixo, não sabiam o que tinha acontecido, o carro fechado, guincharam, levaram pro pátio da Dersa e abriram uma ocorrência, quer dizer, um inquérito. Foi aberto um inquérito, né, puta que o pariu. Aí que eu vi que negócio terrível. De repente, eu, pelo fato de não ter telefonado pra Dersa fui colocado como criminoso, quer dizer, eu tinha cometido um crime - não telefonando pra Dersa!"

Ficha 35.

Informante: S. B. L. 31 anos, curso superior.

"É uma estorinha pequeninha. Eu tava procurando uma casa que eu ia fazer entrevista, e eu tava com o endereço errado. Essas casas eram ali perto da Angélica, tipo de pensão, de cortiço que tem por ali. Então eu bati numa porta e perguntei pela pessoa que eu tinha que fazer a entrevista. Então a moça falou 'não, aqui é uma pensão, mas eu não conheço'. E eu falei assim 'olha, é uma pessoa mulata', aí ela falou 'ah, se é mulata, então não é aqui mesmo, porque aqui não mora ninguém assim.'"

Ficha 36.

Informante: M. S. A., 63 anos, curso secundário.

" Eu estava só em casa, o Amêndola tinha saído, ido trabalhar na livraria, a empregada não havia chegado, e então eu estava lavando a louça toda da cozinha, quando eu vi pela porta dos fundos da cozinha um vulto chegando. Quando eu olhei, eu vi um preto mal vestido, todo maltrapilho, olhando sério pra mim. Eu então fiquei morrendo de medo, e ao mesmo tempo eu não queria dar na vista que eu estava com medo do homem. Então imediatamente me veio a idéia, eu perguntei 'o senhor quer café, com pão, com manteiga, quer leite também?' E o homem olhava só pra minha cara, e não respondia. E eu então enchi de leite uma xícara, pus o café, levei depressa pro moço, pro velho, eu nem sei se era velho ou moço, pro homem, e dei pra ele, e disse 'o senhor vai tomando o café aí, e espera um momento que eu vou lá em cima ver se meu marido já arranjou a roupa do banho, que ele estava querendo, vai tomar banho.' Não havia ninguém em casa, eu estava sozinha, mas eu corri na sala, e gritei, 'minha casa é assobradada, e gritei pra cima 'Amêndola, tira a roupa aí no .. tá aí, deixei tudo em cima da cadeira, e vai pro seu banho que eu tou dando café prum homem que tá aqui embaixo e eu já subo já já. E corri outra vez pra cozinha, e falei pra ele assim! esses maridos são assim, quando casam eles pensam que em vez de uma mulher eles têm uma criada, precisa dar tudo na mão deles, o senhor já viu como é que é?' O homem olhou bem pra minha cara assim, saiu, pôs a xícara em cima da coisa, saiu, não falou nada, foi embora. Na mesma hora eu tranquei a porta, sentei numa cadeira, quase desmaiei de tanto medo."

Ficha 37.

Informante: Sílvia, 32 anos, curso superior.

"Um tio meu, irmão do meu pai, ele já tem 68 anos, sêi lá. Sei que todo ano ele vai pra Poços de Calda, fica em apartamento lá. Daí ele foi, tava lá a semana passada, e o cara foi tomar banho, escorregou no banheiro, quebrou a perna, a cabeça do fêmur. Aí ele conseguiu se arrastar até a sala e ficou dois dias lá na sala estendido, sem roupa, com a janela aberta, o cara sem comer, sem dormir, sem beber, não chegava ninguém. Daí depois de dois dias que chegou. Conseguiu chamar a mulher lá, chegou, e tal. Aí veio pro hospital, eu sei que o cara tá super traumatizado. Você já pensou o que é ficar dois dias estendido sem poder fazer nada."

Ficha 38.

Informante: C. B. L., 32 anos, curso superior.

"Outro dia, um colega meu de trabalho contou uma história que passou no Rio de Janeiro. Ele é carioca. E ele conhecia uma menina, e essa menina, ela transava negócio de tóxico, etc, esses bichos, aí. Depois ela conheceu um cara. Dizia ele que era pintor, e tal, era francês. E numa noite, no hotel, eles tavam lá tomando injeções de cocaina, toma pra cá, toma pra lá, de repente, numa dessas, o cara bate as boças. E ela não sabe o que fazer, né. Então ela ficou... ela tava com tóxicos também, não sabia o que fazer, se chamava a polícia, o que fazia. Não conhecia ninguém que conhecesse ele, ela ficou dois dias dentro do apartamento com o morto lá. No terceiro dia ela resolveu sair, andou, andou, andou, até que procurou um amigo dela, contou, e esse amigo dela não transava tóxico, mas contou pra ele, e ele orientou, né, pra chamar a polícia, que tinha uma pessoa morta num apartamento, foram no apartamento, e tal, encontraram o cara morto."

Ficha 39.

Informante: S. B. L., 31 anos, curso superior.

"Bom, uma estagiária que contou a história de uma senhora muito velha, que mora num cortiço ali perto da Angélica, onde eu fui entrevistar. De uns tempos pra cá já que disse que ela não saía do quarto, então ela recebia comida por uma portinha, os vizinhos punham comida lá, e ela só ficava dentro do quarto, não saía. Comia lá, não deixava ninguém entrar, tudo isso. Quer dizer, ela devia tá com aquilo que a vovó tem, e daí, daí ela morreu agora, e depois acho que de uns dois dias que ela tinha morrido lá dentro do quarto, eles bateram, bateram, não havia nada, arrombaram a porta, entraram, ela tinha morrido de morte natural segundo a autópsia."

Ficha 40.

Informante: Sílvia, 32 anos, curso superior.

"Essa história aconteceu comigo, é um negócio assim, é uma puta coincidência, mas .. Teve uma época aí que eu transava com um cara que eu gostava muito dele, e ele tava fora um tempo aí, sabe, e daí eu arrumei uma correntinha com a cruzinha, inclusive eu tava andando com ela, e tava pensando em dar pro cara. E daí vamos dizer, no dia que eu perdi a cruzinha, no dia que eu perdi, logo depois eu fiquei sabendo que o cara tinha morrido, perdi assim... eu tava andando de carro, quando eu vi tinha sumido a cruzinha, até hoje não sei como eu perdi a cruzinha."

Ficha 41.

Informante: S. B.L. 31 anos, curso superior.

"É uma outra estagiária que contou. Ela tava lá, ela trabalhava na Cecon, é uma firma, um negócio médico, lá, pra operários de construção civil. Então ela falou que um dia foi um cara lá na clínica geral, e então o médico da clínica geral achou que ele não tinha nada de clínica geral, encaminhou pro psiquiatra, não tinha psiquiatra lá, por que psiquiatra só vai de manhã, então mandaram pra assistente social, e uma estagiária atendeu ele. E daí o cara ficou nervoso, por que não tinha psiquiatra e a menina mandou ele voltar pra clínica geral, então começou a empurrar e daí foram lá, amarraram todo o cara e puseram numa maca. E daí disse que o cara na maca e amarrado, ele deu um salto, deu um salto contra a parede. Na maca e amarrado, deu um salto contra a parede. E daí todo mundo ficou apavorado, lá, esvaziaram todo o edifício, no fim chamaram a polícia, todos esses negócios, e daí ele falava assim 'oxum, estou com oxum, eu vim com o oxum, e tal', daí até que quando ele viu a polícia ele se acalmou, e daí foram lpa, deram uma injeção, o cara ficou como morto, assim, já tinham dado duas injeções e ele tava assim com duas injeções lá não sei do que. Daí ele se acalmou e depois levaram ele lá pro INPS pra ser internado."

Ficha 42.

Informante: Sílvia, 32 anos, curso superior.

"Eu fui viajar, fui pro interior, fui na casa de uma amiga minha, e daí essa foi uma cena assim medieval, ela namora um cara, o cara também é amigo meu, namora assim há uns seis anos. Eu sei que eles saíram, tiveram uma briga, e o cara inclusive tava num fogo violento, aí, menina, chegou em casa, eu já tava dormindo, se você visse o jeito que a menina chegou, bom, ela chegou chorando, assim, os dois foram lá num lugar afastado, tiveram uma briga assim, ela levou uma surra do cara, mas eu fiquei impressionada, ela bateu no cara também, mas sabe essas cenas assim, inclusive de sair correndo, cair no chão, e tava chovendo, e o pior é que é um cara assim que transa política."

Ficha 43.

Informante: S. B. L., 31 anos, curso superior.

"É o caso de uma menina que estagiou no Franco da Rocha. Ela falou que um rapaz que foi interno lá ficou seis meses internado; inclusive disse que tinha um nível econômico assim, bom, ela não sabe direito porque ele foi pra lá. Disse que é um rapaz muito bonito, inteligente, e que até depois ele ficou noivo de uma funcionária de lá, deu o maior rolo. Os médicos se reuniam pra discutir o caso dele, e tal. E ela falou assim que era um rapaz muito bonito, que já tinha viajado pelo mundo todo, mas que tinha mania de falar de Marx, de Lênin, e dessas coisas, tal, ficou lá seis meses internado, e depois que ele saiu, e ele saiu, disse que ele já estava assim, melhor, já conversava bem, e tal, inclusive o diagnóstico dos médicos, não sei bem qual o tipo de loucura eles puseram ele, mas que eles não tinham certeza do diagnóstico."

Ficha 44.

Informante: C. B.L., 52 anos, curso superior.

"Um caso que aconteceu há tempos, tava eu e minhas cunhadas, e minha mulher, é claro. Então nós estávamos na fila do Guarujá, da balsa do Guarujá, pra fazer um picnic, nós os farofeiros, íamos fazer um picnic lá no Guarujá num sábado, né, e nós távamos na fila de repente um carro, acho que era o terceiro na nossa frente, pára o motor, não me lembro bem, ou o cara não estava dentro do carro. Enfim, daí os carros que estavam na minha frente, atrás desse carro, começaram a sair, porque a fila começou andar, né, e eu percebi que na hora que eu comecei sair pra ultrapassar o carro arrancou também. Como eu estava com maior velocidade, eu segui atrás dos carros que tinham passado na frente desse carro, e deu pra encaixar. Daí o cara veio, quando parou a fila o cara veio, o cara do carro de trás, brigar comigo porque eu tinha furado fila, né. E discute de cá, discute de lá, e eu não dou pelota, o cara 'oh, vou chamar o guarda'. Foi lá na frente, falou com o guarda. Eu tô quase chegando na embocadura da balsa, tinha assim um guardinha rodoviário pedindo pra mim sair da faixa. Eu não saí da faixa. Daí ele veio conversar, daí veio um guarda civil PM. E começa a discutir. Daí as quatro mulheres que estavam dentro do carro começam 'ruuuuummm , brummm', e o guardinha fica nervoso, e eu tentando ponderar, daí o guardinha chega, e fala 'bom, manda ' como é que ele falou... 'essas, elas pararem de falar', e acho que ele xingou, não me lembro mas xingou, eu sei que eu saí do carro a essa hora. Foi a hora que eu saí do carro, e começo a discutir, fico bravo, etc .

Numa dessas elas continuam falando, falando, e xingam o guarda. Daí eu avanço por cima do guarda, vem um por trás de mim, me dá uma chave de braço, desacato à autoridade, vamos todo mundo pra delegacia. Aí voltamos pro carro, fomos parar todo mundo na delegacia, e eu não vou contar, né. É isso aí."

Ficha 45.

Informante: S. B. L. 31 anos, curso superior.

"É uma ex-aluna minha, tinha sido aluna minha o ano passado. Então aconteceu o seguinte com ela. Ammm, na época que estava tendo passcata, tudo isso, ela ia nas assembléias, tudo, ela não participava muito... Então, um dia que ia ter uma assembléia, o pai dela pediu pra ela não ir à assembléia, que ele tava muito preocupado. O pai era muito amigo da filha, sabe. Então ela não foi, falou 'bom, então eu vou fazer outro programa'. Passou na casa de uma amiga dela, e foi num barzinho. Ficou até umas 3 horas da manhã no barzinho com essa amiga dela, depois levou a amiga dela até a casa dela, e depois tava pertinho da casa dela, tava indo pra casa dela de carro, e aí a história é meio contravertida, eu sei que tinha um carro da polícia, veio atrás, bateu nela, e ela foi contra o poste, morreu. E depois tinham testemunhas do caso que contaram que parece que ela passou no sinal vermelho, então a polícia veio atrás pra dar um susto nela, qualquer coisa assim, bateu no carro e ela morreu. E daí quando ... o pai ... eles iam viajar de madrugada, porque era feriado, então quando o pai dela viu a polícia chegando, falou 'ah...' achou que ela tinha sido presa, qualquer coisa assim, e daí ela tinha morrido."

Ficha 46.

Informante: C. B. L., 32 anos, curso superior.

"Esta é uma história já antiga, né, que aconteceu quando, uma festa que teve no Centro Acadêmico 22 de Agosto em comemoração da vitória de uma chapa lá. E nessa festa, né, eu bebi pra burro e tava no fim da festa juntou um grupo de 5, né, que saímos tudo num carro, abarrotado, né. E nós íamos pra um apartamento de um amigo, então como tinha sobrado algumas garrafas da festa, nós pusemos no carro e íamos acabar a noite bebendo lá na casa de um amigo. E aconteceu que nós estávamos na General Olímpio da Silveira, aquela avenida, atravessamos no sinal vermelho, já era tarde pra burro, não tinha carro, né, eu olhei, sinal vermelho, atravessei. E andei uma quadra, de repente um jipe da polícia civil, né, nos faz sinal pra parar e eu parei, né. A turma 'pára, pára', eu achei que não tinha problema, parei. Daí me saiu de dentro um dos guardinhas me falou 'olha, você pegou justamente um cara caxias'. O resultado é que fomos parar todos na delegacia. Um problema de bebida, fomos até tirar exame de sangue, né, o motorista, que era eu, lá no Pátio do Colégio. E daí só saímos no dia seguinte de manhã, com a intervenção do pessoal do departamento jurídico do 22 de Agosto."

Ficha 47.

Informante: Cida, 19 anos, curso primário.

"Vou contar uma historinha, ela não é muito pequenininha mas dá. É a estória de uma ex-patroa da gente, tá. Eu e a Nice trabalhava com ela. Bom, essa ex-patroa da gente, era um instituto de beleza, que antes de nós vir pra cá nós trabalhava no salão. Ela se chamava Lúcia, ela era casada, gostava de um rapaz desde do tempo de solteira. Aliás, em solteira, ela era gamada por um senhor, era um senhor, porque ele era casado, certo? Mas a família dela, como ela era uma moça, o cara era casado, a família dela não aceitou. Então, né, tudo bem, ela namorava com ele às escondidas, tal, né. Mas assim sempre com um medão assim, né, de alguém descobrir. Quando foi... Depois passou uns 3 ou 4 anos que ela conhecia ele, os pais dela começaram a descobrir, né, e aí começaram a dar em cima, que ela estava encontrando com ele ainda, eles começaram a dar em cima. Daí tudo bem, eles começaram a dar em cima, ela falou 'hom, o jeito é eu esquecer ele, porque não tem jeito mesmo, é pedir pra ele parar de vim aqui, né, tal'. Tudo bem, aconteceu isso. Ela impediu dele de encontrar com ela, e tal. Começou a namorar com outro rapaz que era do gosto da família dela, né. Aí ela começou a namorar com esse outro rapaz, encontrava com ele todos os dias, quando foi... Aí casou, né, casou com esse moço. Daí quando foi um belo dia, o cara desquitou da esposa dele, o casado, pra ficar com ela. Mas ela já tinha se casado, aí não tinha condições mais. Mas tudo que impedia o casamento dela com esse cara que era casado, casamento, sei lá, se eles amigassem, né, o que eles resolvessem fazer, tudo que impedia eram os pais dela, a família dela que não aceitavam ele. Aí tudo bem, aí ele voltou, ela já era casada, tudo, ele desquitou, aí ele começou a dar em cima né, depois

de uns 4 ou 5 anos, né, ele começou a dar em cima dela, tudo bem. Aí ela pegou ..., e ficaram de encontrinhos, sabe? eles ficaram se encontrando. Mesmo ela casada, e o cara desquitado, eles ficaram se encontrando, e tal, até que um dia faleceu o pai dela primeiro. Tudo bem, né, já foi um. Daqui a pouco, passou mais uns 3 ou 4 anos faleceu a mãe dela. Bom, né, bom pra ela. Aí tudo bem. Daí faleceu o pai e a mãe, aí eles começaram a se encontrar, né, mesmo ela sendo casada, mas o cara desquitou, né, o pai morreu e a mãe, eram os únicos que impediam. Ela não conseguiu esquecer ele. Nessas alturas ela já tinha um filho de uns 6 anos. Aí eles começaram a se encontrar, se encontrar, até que um dia, ela ia pro salão, ele descobriu que ela tava lá, hora de almoço ela ia pra casa dela, mais ou menos eles tinham aquele sinal. Tinha um muro bem grandão, o cara ia lá de cima do muro, de carro, de lá ele via a casa dela, né. Então quando o cara, o marido dela estava em casa, ela colocava um pano branco. Quer dizer, ele estava naquele dia ele não podia encontrar com ela, né. E quando ele não estava ela colocava um pano vermelho, pendurado assim, aí ele já sabia. Quando esse pano branco estava, aí ele ia encontrar com ela à noite. Aí foi onde eles ficaram nessa vida muito tempo. O marido dela já desconfiando. Quando foi um belo de um dia, ela já não aguentava mais, ela falou 'olha, cida, como que eu faço, ele tá louco pra que eu vá morar com ele, mas como que eu faço'. Mas ela não suportava o marido dela. O marido dela era tão bonzinho, ele não era ruim, sabe. Ele não demonstrava ser ruim. Aí né, ela resolveu, ela disse: 'olha cida, agora não pode passar, eu tenho que morar com ele,

qualquer coisa, porque senão ele vai dar muito em cima, e o Zé, 'que é o marido dela, 'Ele vai acabar descobrindo, né! Fala 'ah, minha filha, você que sabe, faz o que você achar melhor! Tudo bem. Quando foi um dia, ela resolveu. Bom, hoje nós vamos. Aí o cara, ele tinha um filho de 18 anos, aí eles resolveram buscar a mudança dela tal dia. Aí eles foram. O marido saiu pra trabalhar, né. A bandeirinha ficou lá, branca, né, a-quele dia que ele ia buscar as coisas lá. Aí o marido saiu pra trabalhar. Ele arrumou carro tudo pra levar ela. E a noite fechou o salão mais cedo, convidou nós pra gente ir ajudar ela a carregar a mudança. O marido foi trabalhar, e quando foi 7 e meia o cara chegou lá. Tava um dia chuvoso que tava danado. Aí foi eu e a Nice, e ela, e o filho do rapaz, do Humberto, e o menininho dela, de uns 6 anos. Aí carregou todinha as coisas. Ela deixou tudo no jeitinho, sabe? Era só quando o carro chegasse, era carregar as coisas e ir embora. Aí ela carregou todas as coisas, nós carregamos tudo, né, tal. O carro lotou, ficou lotado o carro. Ela deixou lá pra ele só os guarda-roupa, algumas coisinhas pra ele cozinhar, deixou o fogão, alguns pratinhos pra ele. O resto ela carregou tudo, foi embora. Aí o cara começava ameaçar eu e a Nice, ele queria que a gente dava a pista aonde que ela tava. No fim ela acabou ficando mesmo com o cara desquitado. Não adiantou nada os pais dela impedirem, impedirem. Isso aí foi o que aconteceu."

Ficha 48

Informante: Nice, 19 anos, curso primário.

"É com a mesma pessoa, a Lúcia, com o mesmo casal. Como a gente se dá muito bem, né, ela, o marido dela, o filho dele, que é o Wagner, e o sobrinho dele, Valtinho. Então eles de vez em quando aparecia lá, a gente tinha muita amizade, eles iam sempre lá no salão, né, até que um dia nós fomos convidadas pra ir numa festa em Itu, e tinha que ser trajes longo, e tal, então foi o maior barato, porque nós trabalhamos o dia inteiro, sábado muito puxado, quando foi a noite, todo mundo lá, e a Cida tinha um ex-namorado dela, e nesse dia ela resolveu voltar com ele, né. Então quer dizer, o Carlo foi, ela convidou ele, tudo bem. Deu a hora certa, ele apareceu lá, ficamos no salão esperando a Lúcia porque a Lúcia tinha um casamento pra ir. Então ela foi no casamento, quando foi às 10 ela voltou, encontramos lá no salão, e daí nós fomos tudo, todos para a festa, chegamos lá. Chegando lá foi o maior fôro, porque chegamos lá os caras tinham que entrar de paletó, gravata, tudo. E eles, como são muito folgados, foram tudo esporte, à vontade, né, e as madames aqui todas de longo. Aí resolvemos ir pra Itu, até que depois no caminho nós paramos, tava uma noite gostosa, cada uma com o seu paquera. O Humberto é muito sarcástico, gostava de amolar a gente, e o filho dele aquele dia tava muito chato porque ele tava de vela, ficou passeando sozinho, nós fomos ao bar tomar alguma coisa, a Lúcia saiu com o H., foi passear até uma certa hora, até tarde. Até que nós cansamos, aí resolvemos voltar. Chegamos em casa já era tarde umas 4 horas."

Ficha 49.

Informante: Marília, 30 anos, curso superior.

"É um passeio que nós fizemos, faz mais ou menos um mês. Nós saímos um domingo, o Paulo, eu e as crianças e meu irmão com os três filhos. Nós resolvemos ir ao Eduardo's Park, lá na Paroso Tavares, adiante de Cotia. É um restaurante assim, uma churrascaria, que tem um parque grande, tem piscina pras crianças nadarem, tem play ground, e nós chegamos lá mais ou menos umas 11 e mais. Era um dia assim dando pra dia chuvoso, não era um dia quente, então a piscina estava vazia. Uma piscina só pra criança, e nós estávamos assim naquela fase assim de conhecer como é que é o lugar, aonde que vai ficar, e meu irmão tava carregando uma criança de 3 meses no colo, e nós paramos bem em frente à piscina, uma piscina de forma assim toda irregular, e não muito funda, e ficamos vendo se o local era bom, onde íamos ficar com as crianças, e o meu irmão mais atrás, e a criancinha brincando perto da gente. E tinha uma cerca de mais ou menos 1 metro de altura que impedia o acesso à piscina. Nós paramos assim pra olhar e eu vi uma criança de um ano e três meses andando na beirada da piscina, mas do outro extremo, a uns 50 metros de distância. Era... não dava pra perceber, de longe, se era menino ou menina. Eu comentei com a minha cunada 'como que essa criança está sozinha assim dentro do cercado, 'um dia frio, não tinha ninguém nadando, tinha só um japonês tomando conta da piscina, de short, 2 menininhos brincando. Falei 'como que uma criança de roupa, calça comprida, bota, andando aí na margem da piscina'. E aquilo preocupou, chamou nossa atenção. Nós ficamos parados olhando. E a gente observou que a menininha continuou avançando e

começou a andar assim na borda da piscina, num pedaço que tem vinte centímetros assim de passagem, a pedra meio úmida, e não bastou que ela desse 3 passos que ela caiu na água. Caiu na água, e caiu de bruços. Com a cabeça na água, não caiu de pé, porque talvez a piscina não fosse suficientemente funda para cobrir a menina inteira. Mas caiu. Então eu comecei a gritar. A primeira vez assim que eu me via na minha vida, numa situação de desespero mesmo, porque eu vi a criança com a cabeça na água, e não levantava. Eu comecei a gritar dizendo que tinha uma criança na água. E chamou a atenção realmente desse rapaz que tava dentro da água, mas como a piscina tinha uma forma toda irregular, ele não via a menina, e ele ouvindo a minha gritaria, pensou que fosse, que eu estava me referindo às crianças que estavam comigo, porque eu falava 'uma criança na água'. Ele escutava os gestos, assim escutava minha voz, via meus gestos mas não percebia, e a criança na água, né. Então o meu irmão que estava atrás largou o nenê no chão, falou pra minha cunhada olhar o Fábio, saiu correndo, pulou o cercado, entrou na água de roupa e tudo, tirou a menina, né, daí o pai apareceu. Depois de toda essa gritaria. E tem um enfermeiro, um médico que tomá conta assim da piscina, devia estar lá de plantão, pegou a criança e realmente a menina tava bem, não chegou a beber muita água."

Ficha 50.

Informante: Eliana, 37 anos, curso secundário.

"Bom, é um caso bancário. É o seguinte, quando a gente faz financiamento agrícola, né, quando você vai fazer o custeio de uma lavoura no Banco do Brasil, normalmente você pega da pessoa um penhor. Em primeiro lugar da safra, né, que ele vai chegar lá, vai pedir dinheiro pra cultivar uma lavoura, então você vai pegar um penhor da safra e também se a safra não, assim não der certo, você pega uma garantia subsidiária que chama, então alguma coisa que ele tenha, uma máquina, um arado, um trator. Bom, já deu pra entender o que é penhor da safra e garantia subsidiária, então a safra seria a garantia principal para o banco e um outro bem qualquer seria a garantia subsidiária. Então disse que uma vez foi no B. do B. de Campinas um lavrador muito humilde, desenhavido, disse que queria custear uma lavoura de arroz no sítio dele e como ele não tinha mais nada pra dar assim em troca pro banco, de garantia, como garantia subsidiária pegaram um burrico dele também, além da safra de arroz, o burrico. Bom, passou o tempo certo do financiamento, venceu o financiamento e o homem não veio pagar. Não sei o que aconteceu, deu chuva de pedra, estragou a safra dele por algum motivo. Então o banco, como é normal nessas situações, mandou um fiscal pra ver o que que tinha acontecido. Bom, chegou lá o fiscal fez o laudo e mandou de volta pro banco e quando o pessoal leu, leu, e tava escrito assim: 'cliente tomou a garantia principal e fugiu com a garantia subsidiária'".

Ficha 51.

Informante: C. B. L., 53 anos, curso superior.

"Bom, nós fomos em um restaurante, lá... marcamos em frente à churrascaria ali na entrada da cidade universitária. Mas o restaurante eu pensei que era churrascaria, marquei com um colega lá, era pizzaria, e tava fechada. Aí nós fomos na quele rodízio que tem na esquina. Chegamos lá, era um big dum restaurante chic, né. Chegamos lá, tal. O N. falou ah, aqui é 'la Carte', etc, e do outro lado é, é rodízio. Eu falei 'ótimo, né, porque eu não gosto de rodízio, detesto rodízio'. Bom, sentamos lá, começamos a conversar, de repente, aí, começa a vir. Vem linguixa. Eu falei 'pera aí, né, nós queremos a la carte, né'. O cara parou assim. 'O senhor tem filé?' 'ann? Bom, filé nós não temos'. Eu falei 'então vem..' 'nós temos alcatra'. Alcatra. Falei puxa... 'como é que seria o alcatra, como é que o senhor apresenta?' 'ah, pode ser no espeto'. Falei 'tá bom, né'. Meu colega concordou também. Aí dentro de minutos ele vem de novo com bisteca. 'Quer bisteca?' Eu falei 'nós não queremos rodízio. Nós tamos querendo a la carte'. 'ah, vocês querem só alcatra, né.' Eu falei 'é'. Aí eu olhei pro N. falei 'ôpa, será que só tem rodízio aqui?' Bom, aí vem o garçon e ... um outro garçon e pergunta se nós já tínhamos sido servidos. Eu falei que não, que nós não queríamos rodízio e que nós tóvamos querendo a la carte. Daí ele fala que não tem a la carte, só rodízio. Daí eu falei 'como não tem, se o outro garçon acaba de me falar que tem, né'. 'não, não tem realmente'. Aí ele chama o outro garçon 'ele não sabe nem o que é a la carte', pergunta 'você sabe o que é a la carte? Aí o outro garçon vira 'olha, tão chamando na

mesa seguinte' Aí o garçon 'tá vendo, ele não sabe o que é a la carte. Aí nós pegamos, chamamos o Maitre, pedimos a conta e fomos embora. Não pagamos nem a entrada que nós tínhamos comido."

Ficha 52.

Informante: Cida, 19 anos, curso primário.

"Vou contar de um cara que gostava de mim, certo? Então esse cara, era o seguinte. Eu comecei a namorar com ele, e ele estudava o ginásio. Estudava junto com a minha irmã. Então ele, quando foi um dia minha irmã chegou em casa e falou 'Cida, - cuidado com o Elias porque tem uma menina lá que é louca por causa dele. 'Mas essa menina não tem namorado?' Ela falou 'ela tem'. Aí eu peguei falei assim 'ah, ela tem namorado, então não tem problema, né.' Ela falou 'não, ela é noiva, mas ela dá muito em cima dele'. E a minha irmã estudava na mesma classe que ele, sabe. Então eu falei 'não, deixa comigo que eu vou dar um jeito'. Aí eu falei pra ela assim 'quem é essa menina, né'. Aí ela pegou falou assim 'essa menina é' 'como que ela se chama?' Ela falou 'é a Marlene, aquela menina assim, assim, assim, me explicou, né. Era conhecida da gente. Aí eu peguei falei assim 'tá legal, ela trabalha na Capitólio, essa menina.' A Capitólio é uma fábrica que tem lá, sabe, onde meus pais trabalham. Eu falei 'ela trabalha na C., assim que ela sair do serviço eu vou lá. Sabe que horas que ela sai?' A minha irmã falou assim 'ela sai às 6 horas'. Falei 'então tá legal, eu vou lá.' A minha irmã falou 'cida, vê lá o que você vai fazer, hein?' Eu falei 'não, não vou fazer nada demais, só vou dar uns tranco nela'. Aí eu peguei e fui né. Quando deu 15 pras 6 eu saí da minha casa. Quando foi 6 horas, passou um pouquinho da hora de eu chegar lá, cheguei 6 e pouco na firma, ela já tinha ido pra casa dela, né. Daí eu peguei quando eu cheguei lá, bati palma lá na casa dela. Aí a mãe dela que veio atender. A mãe dela é invocada pra ca-

cete. Aí eu peguei falei assim 'a Marlene está?' Ela falou assim 'a Marlene está, o que que você quer com ela?' Aí eu peguei falei assim 'ah, eu queria falar com ela um minutinho.' Ela falou assim 'espera que eu vou chamar.' Foi chamar. Aí chamou a Marlene, a Marlene veio. Fazia muitos anos que a gente nem se conversava, sabe. Eu não topava ela. Daí eu peguei cheguei na casa dela, assim, chamei ela, quando ela viu que era eu, ela ficou meio assustada, né. Aí eu falei 'Marlene, faça o favor de descer aqui um pouquinho.' Ela falou 'ah, já vou. Aí ela veio. Demorou um pouquinho mas ela chegou. Aí eu peguei falei pra ela assim 'oi, M., como vai, tudo bem? Você se lembra de Mim?' Ela pegou falou assim 'você não é irmã da Minervina?' Falei 'sou, sim'. Daí ela falou 'ah, tudo bem, e você?' 'tudo bem'. Daí ela falou 'você sumiu, né?' Falei 'não, tou sempre por aqui mesmo'. Aí eu peguei falei assim 'Marlene, escuta aqui, você está noiva, não está?' Ela pegou falou assim 'estou, porque?' Ela ficou assustada, né. Daí eu falei assim 'você conhece o Elias, não conhece?' Ela falou 'conheço'. Aí eu falei 'você tem alguma coisa com ele?' Aí ela falou assim 'não, por que?' Aí eu peguei falei assim 'não, por que eu soube que você anda com coisinhas com ele, lá, e você é noiva, né, porque você anda assim com ele, com essas frescurinhas?' Aí ela pegou falou assim 'não, eu não ando com frescura, imagine, eu sou apenas colega do Li, e tal. Ah, fala baixo pra minha mãe não ouvir, né.' Ela ainda com um medão da mãe dela. Ela noiva, né, de aliança, ela era noiva. Aí eu peguei falei pra ela assim 'olha, M., acontece o seguinte, eu vim aqui pra dizer uma coisa pra você. Estou namorando com

ele. Eu conheço ele desde crianças, nós somos criados juntos, e a mãe dele é muito amiga minha, e a mãe dele também soube que você anda com frescurinhas com ele, e você é noiva, e a mãe dele tem medo, de repente o seu noivo descobrir e querer fazer qualquer coisa com ele, né.' Aí ela pegou falou assim 'não, imagine, Cida, eu não tenho nada com o Elias, nós somos amigos, tal, tudo bem'. Aí eu falei assim 'mas acontece que tem professoras lá na escola que me conhecem, professoras suas, de ... tem umas professoras lá que me conhecem, elas têm muita amizade comigo porque eu faço as coisas pra elas e elas me contaram que você anda mesmo com frescura e que elas ficam até boba admirada de saber...' tudo mentira, eu nem conhecia professora nenhuma. Aí ela pegou falou assim 'imagine, mas quem foi q professora?' Mas era minha irmã que contava, sabe. Mas minha irmã era amiga dela, eu tinha que disfarçar. Ela falou 'mas não foi a Minervina, né, porque eu sou tão amiga dela'. Eu falei 'dejeito nenhum, pela Mirna eu não sabia de nada disso, ela nem tá sabendo que eu vim até aqui'. Então ela falou 'ah, então tá bom'. Eu falei 'olha, e tem um a coisa, Marlene, eu só quero que você fique sabendo disso, nós tamos namorando e tal, né. Eu sou muito amiga da mãe dele, e tal. Se você não fosse noiva eu não me importaria que você... Eu deixava você ficar com ele, mas acontece que você é noiva e você não quer nada com ele. Se você continuar namorando com ele eu vou entregar você pro seu noivo, tá. E tem uma coisa, M, eu vou entregar você pro seu noivo, e vou chegar na sua mão e falar com ela! Daí ela falou 'não, cida, pelo amor de Deus, não faz nada disso, né, tal'. Eu aho o maior barato isso daí... Aí eu peguei, né, falei assim 'se você parar de gracinha com ele,

aí tudo bem, eu não vou dedar você pro seu noivo, nem nada, mas do contrário eu vou te entregar pra sua mãe e pro seu noivo, hein?' Aí ela pegou falou assim 'não, pode deixar que eu não vou nem olhar mais na cara do Li, não quero nem papo com ele, você pode ficar tranquila, né.' Aí eu falei 'e outra, hein, M., se você falar pro Li que eu vim aqui se você falar pro Elias que eu vim aqui e te falei alguma coisa, aí amanhã eu venho na sua casa e falo com sua mãe, que eu fico sabendo, ele me conta tudo.' Aí ela falou 'então, cida, tudo bem, então sabe o que você faz, pra minha mãe não desconfiar nada', ela morre de medo da mãe dela, a mãe dela é muito carrancuda mesmo. Daí eu peguei falei assim 'não, eu não vou contar nada, nós ficamos assim'. Ela falou 'então você faz o seguinte, fala pra minha mãe que você veio tratar de serviço, pra você ir trabalhar na Capitólio comigo, pra ver se eu consigo algum serviço pra você lá. Eu, você dá ciao pra mim, e eu falo pra você 'oi, cida, vou ver se eu consigo, tá?' Então eu falei assim 'tá legal, pode deixar que eu vou falar'. Aí quando ela subiu a escada da casa dela, a mãe dela lá de bicão, de olhão, as irmãs tudo olhando. Aí ela pegou falou assim 'ciao, Cida'. Eu falei 'ciao'. Ela falou assim 'se eu conseguir o serviço pra você na firma daí eu pego e te aviso amanhã, tá'. Eu falei 'tá legal, ciao'. E ficaram lá, a turma ficou pensando, né, que eu fui ver

Ficha 53.

Informante: S. A., 30 anos, curso primário.

"Você conheceu o Juca, não conheceu? Aquele menininho cancelano. Daí a mãe dele era o maior barato. Você ia na casa dele, a mãe dele vinha. Tava estudando. Tava no ginásio. Primeira e segunda série. E ela fazia. Mas ela gostava de bíblia. Ela falava 'eu tou estudando mas é pra ler as Bíblias'. Imagine, ela estudava pra ler bíblia. O Juca adorava ela, né. Aí foram fazer uma viagem pra Bolívia, aí eles iam morar em Mar Grande. Ela sabia que ele fumava maconha, e tudo... Aí foram viajar. Foram pra Bolívia. Aí foi ela, o Xuxu e ele, que moravam juntos a vida inteira. O mesmo prédio, prédio pequeninho. Daí foram viajar, foram pra Bolívia, disse que curtiram, o Juca e a mãe dele. A mãe dele falava, desde pequeno, a mãe dele falava 'eu, quando o meu filho morrer, vou morrer junto, eu não vou viver sem o meu filho, que o meu filho é a minha vida'. Falava pra todo mundo issô. Aí foram viajar, foram pra Bolívia, e tal. Curtiram. Disse que tava uma maravilha, trouxeram mil fotos coloridíssimas, não sei o que. Daí veio o Xuxu, o Juca e a mãe. Aí foram comprar passagem de avião só tinha 2 passagens no avião, daí o Xuxu não veio. Ficou, né, porque só tinha duas. Veio a mãe e o Juca. Tomaram o avião, daí quando tavam entrando no Brasil que tomaram um ônibus, desceram não sei aonde, tomaram um ônibus, veio um caminhão.. Foram os 2 primeiros a morrer. O Juca não sobrou nada. Aí morreram juntos, juntinhos. E ela disse que ia morrer junto com o filho dela. A vida inteira falou. Legal, né, incrível, você não acha?"

Ficha 54.

Informante: S. A. 30 anos, curso primário.

"O Dionísio tinha nascido. Era pequenininho, tinha um mês e pouco. Aí o Baiano tava com gripe, né, foi dormir lá no sofá e eu fiquei no quarto com o D. Daí fui dormir, comecei a escutar uns barulhos de vento, não sei o que, parará. Daí escuto alguém batendo na porta. E a porta tava trancada com chave. E eu lá com o D., doentinho, o D. tava, e eu não queria pegar a doença do baiano nele pra não piorar, né. Quando eu olho, Ana, eu vejo um cara, de branco, assim, abrindo a porta, e entrando, a porta trancada. E o homem todinho de branco, assim, entrando. E aí eu, puxa. Fechei o olho, agarrei o Dionísio, e fiquei lá, aí eu vi o homem entrando no quarto, saindo pela janela, assim, aí o baiano, pá, pá, pá, batia na porta, batia na porta, daí eu abri a porta, falei 'baiano'. O baiano falou 'quem tá aí, quem tá aí, eu vi um homem entrando aí de branco, não sei o que. O baiano tinha visto, e eu tinha visto o homem, olha que horror.'"

Ficha 55.

Informante: S. A., 50 anos, curso primário.

"Aí o baiano, quando o Juca morreu, ficou impressionadíssimo achando que ia contar, escrever a história do Juca e da mãe do Juca. Daí tá com aquilo na cabeça. Porque ele tem mania de escritor. Pegou, pensando em escrever a história do Juca, e ganhar dinheiro, não sei o que. E de repente, ele tá andando na rua ele vê o Juca, depois de morto, passar. Aí ele viu o Juca. Falou! ô, Juca, ô, Juca, ô Juca! Aí o Juca passou com uma cara de bravo, assim pra ele, ficou uma fera com ele. Aí ele pegou chegou todo arrepiado em casa, falou que não ia escrever mais a história do Juca coisa nenhuma, que ele tinha visto o Juca morto na rua, as maiores histórias."

Ficha 56.

Informante: S. A., 30 anos, curso primário.

"Daí eu tinha acabado de sair do banho, daí vem um carinha com 3 facas na mão, e falou assim 'se você gritar eu te furo toda'. Aí eu falei 'ann, o que?' Ele falou 'se você gritar eu te furo toda'. Só falava isso. Daí eu falei 'não, imagine se eu vou gritar, não sou boba'. Daí eu falei 'vamos, pera um pouquinho, um minutinho, não sei o que', tava sem roupa, a toalha caindo, e tal, fui por uma roupa. Falei 'o senhor vai descendo que o meu marido tá lá embaixo, vamos conversar com ele calmo'. O homem me esperou na escada, não desceu. Daí quando eu pus uma calça assim, né, cheguei lá falei 'vamos, vamos, ele tá lá embaixo, não sei o que, né'. Aí eu cheguei falava assim 'o que aconteceu?' Ele falava assim 'já matei um sábado, matei mais um hoje, né'. Daí, e com as três facas na mão, fazia assim, em mim, me apontava as facas. Daí eu falei 'não, imagine, eu não vou gritar, vamos conversar, e tal. Nun sei o que, olha, este é o meu marido', e tava o Quentim dando mamadeira pra Rêca, olhava assim atrás dos óculos, uma cara... O Quentim era engraçado com aqueles olhão dele de míope. Fazia assim 'quem é esse?' Descendo lá de cima da escada, né. Aí eu falava assim 'olha, Q., esse moço tá fugindo da polícia', o Q. falava 'muito prazer'. 'Ele tá fugindo da polícia, e tá querendo, acho que alguma coisa, se esconder', 'o senhor quer se esconder aqui, o senhor pode ficar, quanto tempo o senhor quiser, lá atrás, porque a polícia a gente não brinca, mesmo, não é brincadeira, que a gente também foge da polícia, a polícia não tá com nada,' falava pro homem. Aí ele pegou ficou lá conversando comigo. 'o senhor quer um copo d'água?' Daí ele falava 'ah, tá, acci-

to sim'. 'quer comer alguma coisa?' 'não, não que eu comi lá no morro agora, não quero nada não'. Aí ficou com as facas na mão até ir embora, né. Aí pegou as facas, deixou, falou que não ia roubar nada, que a gente era muito pobre, e que tinha gostado muito de mim. 'ah, cadê a mina?' ele falava, 'cadê a mina?' gostei muito da mina', ele falava, 'gente fina, gente boa'. Aí a gente falou 'ah, a polícia vem aí, né, a gente precisa saber se a polícia vem aí, né, pra fugir também, a gente também foge. E é verdade, o Quentim já foi preso, né. E o homem ficou meu amigão, falando 'ciao', té logo, a gente se vê nas quebradas, não sei que lá."

Ficha 57.

Informante: Waldeci, 30 anos, analfabeta.

"A minha irmã, antes do Natal, né, ela veio passar uns dia em casa. Então, pra passar as festas, né. Então ela ficou em casa, tudo e meu cunhado mora na rua Manoel de Nóbrega, mas ele quase não vem, passa muito tempo sem vir. Então, Natal, acho que era umas 11 e mais, ele chegou, né. Nós tava no quarto tudo se aprontando pra ir na missa. Então tava eu, umas amiga, minha irmã, tudo, né. Minha irmã tinha soltado o cabelo, então nós tava colocando um brinco. Quando eu olho assim, eu vi meu cunhado, né. Daí eu peguei e falei 'olha quem tá aí. O Mujica, né,' apelido dele. Então ele veio assim, ele não falou nada, entrou, não cumprimentou nem sequer sinal de andar dele, né. Então eu peguei falei 'olha quem táí, o Mujica, né'. Então minha irmã olhou falou assim 'ah, que bom né, veio passar festas junto com a gente'. Depois ele não falou nada. Então ele foi perto dela deu um soco, assim nos olhos assim, inchou, ficou vermelho. Daí eu peguei, enfrentei ele, agarrei ele, falei porque você veio fazer isso, né. Ele não falou nada. Daí ficamos ali lutando, né, pra ele não continuar bater nela, tudo. Daí eu peguei chamei meu marido, ele pegou as crianças, e saiu. Daí eu peguei e falei 'odeta, você corre na vizinha! senão ele matava ela. Então ela foi na vizinha, ficou lá. A mulher pegou falou assim 'é melhor você sair por que se o meu marido vê, ele vai ficar nervoso de ver você assim'. Então ela pegou saiu e ficou nos fundo. E eu fiquei lá na esquina com ele. Então eu peguei fui chamar uma viatura. Cheguei lá não achei uma viatura. E nisso tem um guarda noturno na vila. Então passou o guarda noturno, e

eu corri atrás. Daí eu cheguei perto da perua assim, o guarda parou, viu que eu tava correndo, desesperado, parou. Daí expliquei, assim mesmo expliquei pra ele. Daí ele pegou voltou, pegou ela, com as crianças, e pôs dentro da perua, e falou assim 'agora a senhora vai junto pra gente ver pra onde ele foi'. Daí nisso eu desci junto com eles, e ele tava na esquina perto do mercado, né. Daí ele pegou, e parado por lá, e pegaram ele, pôs ele dentro da perua, e foi conversando com ele, porque que ele fez isso, se ele não sabia que era crime agredir uma pessoa assim, né. Daí ele falou que ele agrediu por que era mulher dele, né. Mas não tinha motivo. O guarda apertou ele e ele não tinha motivo nenhum, é que ele tava embriagado, né. Mas assim mesmo ele é de gênio ruim. E nisso a minha irmã falou assim 'e olha, parece que ele é irmão do sargento Caetano; que é o irmão dele. Daí os guardas falaram: 'nossa, o seu irmão cem por cento e você nessa?' Daí ele falou assim 'não quero nem saber'. Daí os guardas aconselharam ele, tudo, falaram 'hoje é um dia de festa, então nós vamos colaborar com você. Você vai embora pra sua casa, deixa sua esposa aí na casa da sua cunhada'. E ele pegou disse que tinha que pegar uma blusa em casa. Então ele foi em casa pegar uma blusa. Então o guarda noturno falou assim 'você vai embora?' Ele falou que ia. Ele pegou a blusa, foi embora, mas depois ele voltou outra vez, começou falar, xingar, tudo, né. Então eu tornei chamar os guarda outra vez. Daí os guarda vieram tudo e levou a minha irmã e as crianças lá para a casa dela, na vila Manoel de nobrega. Então quando chegou lá disse

que ela passou mal a noite. Depois, quando foi meia noite ela ficou ruim, ele teve que levar ela na clínica psiquiátrica, aqui no Cambuí. Levou ela no médico, e ontem ela foi internada no Santa Isabel. Acho que atingiu a cabeça dela. Agora só daqui dez dias que a gente vai ver."

Ficha 58.

Informante: Waldeci, 50 anos, analfabeta.

"Hoje de manhã eu ouvi no rádio, né, uma senhora que espancou sua própria filha de um ano e seis meses. Então a criança foi medicada no pronto socorro e a mãe foi pro segundo distrito. Chegando lá ela passou pelo médico e o médico falou que ela tava sofrendo das faculdade mental."

Ficha 59.

Informante: S. A. 30 anos, curso primário.

"Aí eu cheguei na casa do Eleutério, fui lá levar para ver se ele podia dar uma atestado de saúde pro Dionísio, né. Aí eu cheguei lá ele falou assim 'vem conhecer meu apartamento' Eu falei 'ah, vou'. Aí ele falou assim 'olha, aqui é a sala'. Eu falei 'ai, que lindo'. 'aquí é o quarto, não sei o que... gostou do quarto?' Eu falei 'ah, é lindo'. Ele falou 'Art Nouveau'. Eu falei 'ah, era do teu avô?' Ele falou assim 'não, Art Nouveau'. Eu falei 'ah, o seu avô morreu'. Aí ele falou 'é um estilo, um estilo'. Aí eu saí de lá encontrei com a Martinha. Falei 'não sei, a arte do avô dele' A Marta ria tanto, falou 'não é isso, tal?'".

Ficha 60.

Informante: S. A. 50 anos, curso primário.

"Então daí a gente saía toda noite, eu, a Martinha, e todo mundo. Aí um dia ninguém queria sair, nem você, nem ninguém. Aí fomos sair eu e a Marta. Sozinhas as duas. Tomamos sei lá quantos litros de ... martini, pusemos as roupinhas, pintamos pra burro, pá... pra Rua Augusta. Eu e a Martinha. As duas. Carona. A martinha com o dedinho. Aí pedimos carona, pararam uns boysinhos, nós fomos. O cara andou, andou com a gente, levou a gente lá pra puta que o pariu. Quando chegou lá longe, assim, o cara falou 'ou dá ou desce'. Aí a gente falava 'o que?' ele falava 'ou dá ou desce'. A Martinha falava 'ah, mas não é assim, né cara, você nem conversou com a gente, nem perguntou nada' Aí ele falava 'não não quero saber de nada, ou dá ou desce'. Aí nós pegamos e descemos, né. Quando a gente viu a gente tava sem nada, sem um puto, lá na merda, mas longe, longe, longe. Nós ficamos puta, porque a gente saiu da Rua Augusta, pra ir num 'beite', nalgum lugar, né, e távamos lá não sei aonde, tivemos que tomar carona, táxi, sem um tostão."

Ficha 61.

Informante: S. A. 30 anos, curso primário.

"Em Santos, onde a Marta tinha um apartamento, daí nós fomos sair, arrumamos uns boysinhos de novo, a gente tinha mania, né. Arrumamos uns carinha, fomos sair, e tal, batendo papo. A Marta atrás e eu na frente com um menino, e ela com os carinhas atrás, só os três assim, você não tava junto. Tinha mais alguma menina, a prima da Marta, sei lá. Três carinhas e três meninas, eu na frente com um carinha. Eu falei 'você é de onde? eu sou de Campinas'. Aí ele virou pra mim e falou assim 'ah, mas em Campinas parece que tem muito veado, muito bicha, né'. Eu falei assim 'ah, tem, sim, olha, eu sou um'. Aí ele falava 'o que, você é homem?' Eu falava 'eu sou homem, sou veado, sou bicha.' Falava 'sou homem, mas... e que, que tem isso? tem alguma coisa'? Mas bem sério mesmo. Aí eu fiquei falando pro cara que eu era veado, que eu era homem, eu era de Campinas, o cara deixou a gente na próxima esquina, ficou impressionadíssimo, falava que não parecia. E deixou a gente lá, e a gente desceu. A Marta 'ah, mas por que será? por que será?' Eu falei 'ah, acho que é por que eu falei que eu era veado'. Aí a Marta falou 'o que?' Ela num sabia da história, ficou puta. Ela tava curtindo o carinha de trás."

Ficha 62.

Informante: S. A., 30 anos, curso primário.

"Lembra quando nasceu o nenê da Cármen, morto? Então eu não sabia, né, que o nenê tava morto. Daí eu morava lá em Mar Grande. Foi logo que eu mudei em Mar Grande. Tava dormindo com o Baiano, aí dormi a noite inteira, sonhei. Vi minha mãe, a Cármen e a Sandra no hospital, na maternidade, minha mãe pegava o nenê e falava 'tá morto'. Aí aparecia o nenê, a Sandra falava 'tá morto'. Sonhei a noite inteira. Aí eu peguei, quando eu acordei de manhã, veio pro Baiano, falei 'ai, que horror, que horror, sonhei que o filho da Cármen tava morto. Aí o Baiano falou 'ah, Sílvia tua mãe te telefonou hoje, eu não tive coragem de te contar, que o menino da Cármen nasceu morto. Aí ele não tinha me contado, e eu sonhei a noite inteira que o menininho tava morto, vi minha mãe pegando a criança, falando tá morto, tá morto, acordei o Baiano, a hora que eu acordei o Baiano falou 'olha, Sílvia eu não tive coragem de te contar, aconteceu mesmo, o filhinho da Cármen nasceu morto.' Daí eu não acreditava, falei 'imagina, baiano, é verdade?' 'Verdade'. Esquisitíssimo, você não acha?"

Ficha 63.

Informante: M. T., 34 anos, curso superior.

"Essa foi a despedida do papai como piloto. O ano passado. Ele ia parar. Quer dizer, ele não tinha certeza se ele ia parar de voar, ou não, mas ele então pensou 'eu vou pegar os filhos e fazer uma viagem, né. Nunca fez, assim, com todos juntos, né, então nós fomos pra Salvador, eu, O Luís Carlos, Vera, Juca, mamãe e papai, né. E quando nós távamos chegando na cidade de Salvador, sabe aquelas tempestades incríveis que arma assim, que as nuvens ficam muito baixas, próximas do mar, e o mar assim encapelado, mesmo. Você mal enxergava aquela pontasinha assim, sabe, perto do farol, uma pontasinha da cidade, não dava pra enxergar campo nem nada. O L. C. ficou verde. Sabe, você olhava assim, o L. C. verde, a V. tremia, e fumava sem parar. Dentro da cabine do avião já estava assim esbranquiçado de tanta fumaça de cigarro. Eu estava com medo, sabe, mas a Cláudia diz sempre que eu sou que nem a Naga Patológica, que adora, assim, esses climas estranhos, né, trovoadas, chuva, dessas coisas estranhas, então eu tava achando fascinante, o avião voando baixinho, o mar todo encapelado, aquelas nuvens pretas, não enxergava o horizonte, aquela coisa estranha. Mas tava tão bonito. Esquisitíssimo, mas sei lá por que, eu tava achando assim diferente, né. Mas a turma toda tão assustada, que teve uma hora que o papai faltavam 5 minutos pra nós pousarmos. Papai olhou pra trás, tinha que atravessar uma camada de nuvens muito espessa, então quando ele olhou pra trás e viu a turma toda assim assustadíssima, ele resolveu voltar. Sabe, ele falou 'nunca que

eu vou atravessar essa camada branca com essa turma toda verde aqui dentro, eles vão ter um ataque dentro do avião'. Daí nós voltamos, pousamos em Ilhéus. Passamos dois dias em Ilhéus. Fomos conhecer aquele bar onde trabalhou a Gabriela do Jorge Amado, sabe? Fomos comer lá os quitutes do Nassif. Mas ele já não mora mais lá. Parece que tinha vindo pro Rio."

Ficha 64.

Informante: Beto, 54 anos, curso colegial.

"Não, a história é o .. eu tava trabalhando, né, no Novo Mundo, junto com um rapaz e apareceu lá esse que o Moisés conhece, o Sarmiento, deve conhecer, né. Aí eu tava a fim de namorar uma menina, disse 'olha, vamos a um aniversário'. Então nós chegamos lá no aniversário. Não tinha bebida alcoólica, e nós resolvemos comprar uma garrafa de pinga e ficamos, nós três tomando, fora, né. Eu sei que nós tomamos um porre danado, daqueles. Aí descemos e ficamos por ali, difícil de decidir a coisa, a menina não dava a brecha, e eu querendo falar, fui ficando bêbado nessas alturas. E ficou esse rapaz que o Moisés conhece e mais o outro, né. Bom, esse que o M. conhece é do Rio, e nós fomos os três por que eu levei, né. Eu sei que na hora de ir, eu não sei como é que foi, eu sei que um veio embora e tinha uma descida muito grande, né, e ele, bêbado pra danar, e pensava 'eu vou rolar, eu vou rolar, eu vou rolar', ele tava achando muito longa a descida e esse cara do Rio, não sei como, ele achou o hotel onde ele tava e foi a pé e eu dormi na rua, acabou não decidindo nada, né, não falei com a menina, os três ficaram bêbados, todo mundo sujo, foi essa história aí."

Ficha 65.

Informante: W. S. S., 60 anos, curso secundário.

"Jô Soares tava contando que ele perguntou pra uma aluna dele que essa mocidade é um espanto. Que ele perguntou pra uma aluna dele quem tinha um olho de vidro, se era Antero de Quental ou se era Camões, e ele se surpreendeu com a resposta dela, achou extraordinária, por que ele diz ... Ela respondeu que era Antero de Quental. Aí as pessoas que tavam ali - 'mas que extraordinário, que aluna ótima, né'. Ele disse 'ó, mas o espanto meu foi do transplante que ela fez, tão rápido, do olho de Antero de Quental pro olho de Camões."

Ficha 66.

Informante: M. S. A. 65 anos, curso secundário.

"Nós távamos almoçando aqui na.. na copa e tinha visita também aqui, e o Carlos tinha mais ou menos uns 4 anos. Quando a gente acabou de almoçar ele saiu correndo da mesa e eu até fiquei pensando 'que que o Carlos foi fazer, né?' Voando pra cozinha, e lá ele pegou o manjar que tava no prato e veio correndo trazer. Quando ele chegou na.. entrou na copa assim, pra... caiu, levou aquele tombo, voou longe o bolo, arrebentou tudo, esparramou pelo chão, ele ficou com a cara chorando, assim, desapontado, né."

Ficha 67.

Informante: Yolanda, 47 anos, analfabeta.

"Uma vez o meu marido viajou pro Paraná e eu fiquei sozinha em casa com 5 filhos, então à noite minha cunhada veio dormir comigo e um ladrão quis abrir a porta, a janela, e então ele enfiava a faca na janela pra abrir, e nós gritava 'socorro, socorro'. Daí umas duas horas que veio a minha sogra pra socorrer, eu com a minha cunhada e meus 5 filhos. Naquilo que eles viram que eles vinham chegando, ele pegou... ele saiu correndo e ainda a minha sogra falou 'olha, só acreditei por que vi! ele pulou o balaustre e foi embora, quase morri de susto. A minha sogra pegou, não deixou mais eu ficar sozinha em casa, me levou eu embora com as crianças e falou 'você não vai voltar mais aqui até que seu marido não chegue'".

Ficha 68.

Informante: Y., 45 anos, analfabeta.

"Olha uma vez eu tinha perdido o endereço de uma irmã minha, que eu só tenho uma irmã, nós somos só em duas filhas, num temos mãe, num temos pai mais, tudo falecido. Então eu perdi o endereço dela, fiquei 15 anos sem saber notícias dela, depois um dia, veio o meu sogro na minha casa, falou pra mim 'olha, você não sabe, vim trazer uma notícia alegre pra você, eu soube notícia da tua irmã, tua irmã mora em Andradina'. Eu quase morri de alegria, ele falou pra mim 'olha, você não pode ir lá, que eu sei que a tua situação não dá, mas então vamos fazer o seguinte, você vai passear em minha casa no .. na Páscoa, e eu te levo você lá. Quando eu cheguei lá na casa dela, ela já tinha 2 filhos, quase moços já, que nós encontramos, foi a maior alegria de nossa vida, então as crianças dela falavam assim pra mim 'tia, a senhora é minha tia de verdade?' porque a mamãe manda nós chamar todas mulheres de tia, mas eu não acredito que a senhora seja a minha tia, por que nós não temos nenhuma tia que o papai não tem nem uma irmã, a mamãe também não, só tem a senhora'. E me abraçavam, e me beijavam e falavam assim 'mas a senhora é minha tia de verdade?' Eu falava 'sou, meu amor, sou sua tia, sim'. Aí então elas correram e chamaram a vizinhança 'vem vê minha tia de verdade, porque ela é minha tia de verdade, por que as outras a mamãe manda nós chamar mas não são nossa tia'. Então elas ficavam me abraçando e me beijando, e me chamando de tia, que eu era tia de verdade. Então esse dia foi o dia de mais alegria de minha vida."

Ficha 69.

Informante: F. V., 17 anos, curso ginasial.

"Fui... Fui pro Rio. Lá eu conheci uma prima que não...

Tem catorze anos e eu ainda não a conhecia, e fiquei gostando da garota, e passei um tempo com ela, três dias junto com ela, e conheci vários amigos dela, e virou rotina ir pra lá, todo fim de semana. Todo fim de semana agora eu fico lá, e a gente tá numa boa."

Ficha 70.

Informante; H. de A. 35 anos, curso superior.

"Foi em 76, finalzinho, em Dezembro, eu tinha feito uma capa pra revista Exame, na Aurélia, na Lapa. Estava saindo de carro e era um cruzamento perigoso ali, Aurélia com, se não me engano, com a Fábria, não sei bem. E eu tava atravessando e veio um Volkswagen, bateu na minha porta 'bum'. E era uma mulher, com uma criança, e eu não fiquei apavorado, mas ela ficou muito apavorada, e eu me adiantei, né, porque nós távamos bem no meio da rua, eu me adiantei pra sair, né, pra dar passagem, pra conversar depois com a mulher. No que eu saí, a mulher se mandou. E eu fiquei, né, sem saber o que fazer, e ela me amassou bastante o carro; mas eu também não liguei; mas quando tava indo embora, veio um rapaz correndo e falou 'olha, você num... num quer o número da chapa?' Eu falei 'não, não quero'. 'mas eu tenho a chapa'. 'não, mas eu não quero, pô, tudo bem, deixa pra lá, né.' 'mas que coisa estranha, você não vai realmente querer o número da chapa?' 'não, não vou querer'. Aí à noite telefonou um amigo meu da Revista Exame 'Ô, Hélio, tem um negócio pra você aqui que vou te levar hoje à noite em casa, é uma surpresa'. 'Então tá bem, eu te espero'. E fiquei esperando, o Arena. Daí chegou o Arena em casa, com a chapa do carro da mulher, que tinha caído, por isso que o cara queria dar a chapa pra mim. Caiu a chapa. Aí eu fiz o seguinte. A chapa tava toda amassada, e eu mandei pintar bonitinho e mandei entregar na casa da pessoa. Fui no DER, descobri o endereço dela, mandei embrulhar direitinho e devolvi."

Ficha 71.

Informante: H. de A., 35 anos, curso superior.

"Bom, é um caso bem antigo, de um amigo que foi, que foi morar nos Estados Unidos, e lá conheceu uma menina, né, se casaram, e tal. E a menina gostava muito do Picasso. E ela resolveu, juntamente com ele, juntarem bastante dinheiro, né, e irem até a França conversar com Picasso pra ver se podiam comprar uma gravura dele, uma coisa muito simples, né. E juntaram o dinheiro pra ... pra comprar o quadrinho, né. E chegaram lá na França foram procurar o Picasso, e tal, aquele negócio todo, até chegar perto dele, né, aquele negócio todo. E o Picasso não quis atender, mil compromissos, enfim, o cara não quis atender, o "marchand" não deixou. Aí ela escreveu uma carta pra ele e deu um cheque pra ele, dizendo 'olha, a gente veio especialmente aqui pra comprar uma gravura sua, nós não queríamos comprar em galeria, nós queríamos comprar pessoalmente, por isso que é muito importante pra mim,' e fez uma carta muito longa, bonita até. E fez o cheque direto pra ele, dizendo 'essa aqui é a quantia que eu tenho, agora não sei, você vê o quadro que você achar melhor', e ficou esperando. Deu o endereço lá da França, do Estado, e nada, né. Aí ela escreveu outra carta, dizendo 'olha, agora nós vamos embora pros Estados Unidos, e nesse endereço lá é esse.' E foi embora pros Estados Unidos, foram os dois. Três meses depois ela recebe o cheque de volta, e atrás do cheque de volta, e atrás do cheque um desenho do Picasso."

Ficha 72.

Informante: Mônica, 23 anos, curso secundário.

"Foi em 74. Daí foi viajar eu e o João, o João Betar. A gente pegou um dinheiro assim, e foi sem saber de nada, né, pegou o dinheiro e comprou uma passagem de avião pro México, depois ficou lá no Panamá; aí ele chegou no Panamá, comprou um equipamento fotográfico, que era pra ir trabalhando durante a viagem de volta, né. E fomos parar no México. Daí, do México a gente... A viagem seria a volta pro Brasil, né. Assim, né.... A intenção era durante a viagem a gente ir trabalhando também, pra ir juntando dinheiro pra volta, né. Tinha um dinheiro, mas assim pouquíssimo. Mas não apareceu o trabalho, né. Então a viagem teve ... teve que ser assim simplificada ao máximo, e justamente por causa disso ela, em primeiro lugar, dobrou de tempo... ia ser três meses, ficou seis meses, e ficou muito mais interessante, por que a gente viajou assim a pé, de carona, de trem, de barco, de burro, de avião também, de navio. Nós viemos do México, Cidade do México, né, conhecemos tudo do México, todo, atravessamos quase todas as fronteiras a pé, assim, né, aquelas pontes, geralmente pegava trens ou ônibus... E de ônibus não era aqueles ônibus de turismo, era ônibus de transporte das pessoas, né, aí você vai por meio daquelas estradinhas assim, de repente você pára no meio dos Andes, aí pode dar uma descida, tem chá de coca, aí continua a viagem. Esse foi o clima da viagem."

Ficha 73.

Informante: Serrano, 54 anos, curso superior.

"Eu sempre tive muito medo de andar de veículos dirigidos por outras pessoas. Nunca tinha confiança na pessoa que estava dirigindo a não ser que fosse eu mesmo. Uma vez, eu estava voltando do Ceará, num ônibus horrível, da Empresa Fortaleza, chamado de semi-leito, mas que de semi-leito não tinha porra nenhuma, era cadeira mesmo. Naquele tempo havia dois motoristas que viajavam juntos, enquanto um dirigia o outro dormia. Aí lá pela uma hora da manhã, nós tínhamos na Baía, o ônibus parou... pra gente tomar um cafezinho, num sei que, qualquer coisa desse tipo. Aí todo mundo desceu, tomou café, etc, etc, trocou o motorista, nós continuamos viagem, todo mundo se acomodou ali, etc. Eu estava assim meio sonado, mas não dormindo, eu não consigo dormir em ônibus viajando. Daqui a pouco, um barulho terrível, tudo começou a girar, etc, coisas caindo em cima de mim, eu caindo em cima de coisas, etc. Aí parou, silêncio total, aí começou berro de todo lado, não sei o que, etc. Eu olhava em volta não entendia porra nenhuma, mas desconfiei que o ônibus tinha capotado. Então eu comecei a dar chute no vidro, pra ver se eu saía, mas o vidro não quebrava. Até que alguém gritou atrás de mim 'achei a porta de emergência'. Aí eu olhei pra trás, e vi um clarão assim... saí por ali, de repente eu estava na estrada, olhei pra trás, o ônibus tinha capotado de quatro, estava com as rodas pra cima. O gozado foi que eu saí, nem vi as pessoas que estavam do meu lado, saí o mais rápido possível. E desde então o meu medo de andar de ônibus aumentou muito mais."

Ficha 74.

Informante: Ana Márcia, 36 anos, curso superior.

"Bom, eu saí de S.P., ia passar uma semana de pernas pro ar em Recife, aí o Doutor Mino Carta resolveu que já que... se eu ia pra lá, eu tinha que trabalhar em Recife. Então fui programada daqui pra fazer três entrevistas em Recife. Uma delas com o Gilberto Freire, cuja obra eu desconheço, ou se ja, eu não li nenhum livro dele, mas não era muito bem impressionada com ele exatamente, né, que as idéias dele são fartamente conhecidas. E daí eu cheguei lá no Instituto Joaquim Nabuco, fui muito bem recebida-e que foi inclusive um choque, porque eu fui lá com quatro pedras na mão, porque é um cara, enfim, reacionário, o fim da picada, um cara que fez 64, etc., super enfronhado no poder. Aí eu fiquei meio desarmada pela gentileza do homem, pela cordialidade e na entrevista, quer dizer, o cara saiu meio pela tangente, e também acabou tão cortialmente como tinha começado - beijos, abraços, etc., isto é, modo de dizer, mas acabou tão cordialmente como tinha começado."

Ficha 75.

Informante: Dionécia, 22 anos, curso secundário.

"Coisa interessante aconteceu comigo. Um dia eu fui na Telesp, pra telefonar pra minha amiga Graca, de orelhão, é claro. Aí eu fui comprar ficha, não tinha dinheiro trocado. Com muito custo eu consegui enfrentar toda a fila, e dei com cruzeiros pra menina, ela trocou pra mim tudo bonitinho...E, o que aconteceu depois? Ah, eu saí com a bolsa aberta, e toda apavorada, né, e saí correndinho, e nisso deu um encontrão com um cara, e quando eu olho assim pra cima não acabo mais de enxergar gente, né. Dois metros de homem. Aí derrubei bolsa no chão, toda aquela coisa, né. O cara abaixou, catou tudo pra mim, em vez de eu agradecer, eu olhei pra ele, falei 'olha por onde anda'. Olha, incrível, foi mesmo. Aí eu fechei a bolsa, guardei minhas tranqueiradas e tava saindo, né. Nisso eu olhei, alguém pega no meu braço, olho para a cara do cara 'vamos tomar um guaraná?' Falei 'vamos, né'. Entrei na lanchonete, pedi um suco de laranja. Ele falou 'um refrigerante'. Falei 'bem, suco de laranja pra mim também é refrigerante'. Aí a gente acabou fazendo amizade, tudo bem. C'est fini."

Ficha 76.

Informante: Rosa, 20 anos, curso secundário.

"Vou contar uma história daquelas que acontecem na cidade de São Paulo. Tava no viaduto do Chá, cinco pra seis, seis horas da tarde, correria de São Paulo, de repente eis que dou um esbarrão num cara, e pergunto 'você é cego?' Olho pro lado, o cara tá de bengala e é cego mesmo.

Ficha 77.

Informante: Graça, 19 anos, curso secundário.

"Uma vez eu ia indo numa rua da cidade, lá do centro, e estava um trânsito miserável, né. Então eu pá, comecei a atravessar no meio dos carros, sem que o sinal tivesse aberto pra mim, né. Passando um monte de carro, então eu passo perto de um carro, um moço muito bacana, assim, né, olha, assim, bota a cabeça fora da janelinha e fala assim 'passa logo, gorda', Eu viro pra ele falo assim 'gorda não, boazuda',"

Ficha 73.

Informante: D., 22 anos, curso secundário.

"Bom, em 74, nas vésperas das eleições... Então, sabe, havia um panfleto do ... é Carvalho Pinto, não é? Tinha um pintinho desenhado, não tinha? Muito bem. Estava indo eu e uma amiga minha na rua, e tinha um panfleto daqueles, mas não tava na calçada, tava na pista. Ela desceu pra catar o panfleto, e se abaixou. Passou um carro raspando, assim na.... 'poupança', e quase pega na menina, né. Aí ela ficou meio apavorada, levantou correndo e gritou pra mim 'olha, esse cara é doido'. Eu falei 'tá vendo, moral da história, nunca perca a bunda por um pinto. "

Ficha 79.

Informante: Maria, 32 anos, curso secundário.

"Foi engraçado. Eu estava assim chateada, então eu resolvi ir embora pra casa da minha mãe. Morando em S. P., fui pra S. Caetano. Peguei um táxi, muito aborrecida, chateada. Quando tava chegando na Av. Goiás, um carro preto assim, e o cara deu marcha-ré, voltou assim, e o carro enganchou no carro. E o cara levantou pra ir falar pra ele, o motorista do táxi. Conforme ele levantou pra ir falar, o cara foi embora, e foi puxando o carro, e eu lá dentro. Eu fiquei apavorada, porque eu não dirijo, eu não sabia no que mexer naquilo, e quando o cara diminúia assim, eu ia pra abrir a porta, pra pular fora, e eu não conseguia, eu tinha medo, e ele dava arrancada, ia outra vez, e conforme ia passando no ponto de ônibus, passou 2 pontos, né, cheio de gente assim no ponto, mas o pessoal olhava de uma maneira tão engraçada. Um carro assim puxando o outro sem motorista e uma pessoa atrás com uma cara, devia estar assim apavorada, com uns olhos desse tamanho. Aí foi até chegar no outro farol. No outro farol, aí eu abri a porta, foi chegando gente, correndo, assim. E foi tão engraçado, nisso, eu olho lá atrás, vem o motorista que não estava aguentando nem mais correr. Ele corria... aí o homem foi lá gritou com ele 'o senhor vê o que o senhor tá fazendo aí?' Depois ele desceu, deu um dinheiro lá pro cara, pra conserto, esses negócios. Mas olha, depois eu ria tanto, que eu não aguentava, de pensar o engraçado que foi andar aquele pedaço."

Ficha 80.

Informante: Maria, 52 anos, curso secundário.

"Olha, esse fato ocorreu, é verídico, e deixa eu contar. É uma linha de um ônibus que serve a Praça da República à Santana. Chama-se Lausane. Eu entrei no ônibus e sentei no banco dos bobos, lá atrás. Naquele banquinho dos bobos. E na minha frente tinha um cara que era a encarnação da embriaguês. Tava bêbado mesmo. E nisso entrou uma senhora grávida. E quando ela foi passar ali na catraca, ela soltou um pum. Mas ela disfarçou o mais que ela pode. Ela ficou vermelha que nem um pimentão. Eu não sei se a barriga dela bateu ali, sei lá o que que foi. Só sei que o cara, que tava sentado ali bêbado, mas ele falou alto 'ah, dona, não fique vermelha não, a senhora tá envergonhada por que soltou um peido? Aqui todo mundo peida, eu peido, ela peida, ela peida...' Juro por Deus, isso foi verídico comigo. Eu queria morrer. Fiquei com dó da mulher. A mulher atravessou... que ela queria morrer. Juro."

Ficha 81.

Informante: Renato, 20 anos, curso secundário.

"Eu estava no ônibus. Isso saindo do serviço, 6 e meia, 7 horas da noite. Tava chovendo, e tal, peguei um ônibus cheio de gente. Dali um pouco me entra uma senhora com um nenezinho de colo, devia ter o que, uns 8 meses de idade. E ela pegou ficou de pé na minha frente. Então, tinha o banco todinho tomado, né, eu falei 'bom, deixa eu levantar e dar o lugar pra essa senhora, né'. E nessa que eu vou me levantar pra dar lugar pra ela, me levanta um cara que tava do meu lado. Daí a mulher sentou, e os pezinhos do nenezinho caíram em cima da minha perna. Aí ele começou a brincar, né, chutar, bater os pezinhos na minha perna. Aí eu olhei praquela negocinho lá, pensei 'como é que pode, um negocinho tão pequeno, quanto que não vai sofrer'. Porque que a gente não pode sei lá, tantar arrumar alguma coisa pra ele melhor. Um negócio assim, sabe quando você sente que dá aquele estalo em você, você fala assim 'pô, você já sofreu bastante, já imaginou o que essa coisinha pequena vai sofrer na vida. Pode ser que tenha alguma coisa melhor, pode ser que não, mas vai sofrer. Aí me deu um monte de vontade de ser pai, de ter uma criança. Aí eu desci do ônibus, fui pra casa, contei pra minha mãe. Ela achou um fato estranho, achou uma loucura, que era besteira minha. Aí eu fui dormir, que já era tarde. Assisti um pouco de televisão antes de dormir, e fui dormir. E comecei a pensar naquilo que tinha ocorrido, e acabei chorando. Mas eu chorei mesmo de derramar lágrima, coisa que eu nunca tinha feito. E eu achei a coisa mais sensacional do mundo. Uma experiência fora do comum."

Ficha 82.

Informante: Renato, 20 anos, curso secundário.

"Bom, nós terminamos o festival de teatro lá do Objetivo e no decorrer desse festival de teatro eu tinha uma idéia fixa, não desde o começo do festival, mas a partir de um determinado tempo, eu tava com uma idéia fixa de sair de casa, eu ver a vida em si, sozinho, sem apoio de ninguém. Então eu decidi sair de casa. E até, me lembro, foi 21 de setembro, último dia, dia de julgamento das peças. Eu peguei saí. Resolvi sair. 'Não, eu quero sair, tantar sozinho, sem ninguém.' Eu peguei fui morar eu, um amigo meu, e o pai dele. Três jovens num apartamento. Eu trabalhava com o pai dele. Aí eu fiquei trabalhando com o pai dele: dirigia caminhão de 11 toneladas, na estrada, sem carta, sem nada. A gente vivia. E assim nós fomos levando. Carnaval, passamos o carnaval juntos. Fomos pra poços de Calda, nós nos divertimos em Poços de Calda. Esse tempo que eu passei com eles eu me diverti, aprendi coisas, aí surgiu um problema na minha vida. Pintou um problema de filho, que eu ia ter um filho que não era meu. Daí a pressão foi tanta nessa casa, que eu saí e resolvi viajar. Bom, daí eu resolvi viajar. Daí eu não tinha lugar pra ir. Resolvi, decidi, assim de última hora 'não eu vou pra tal lugar'. Bom, fui. Peguei um ônibus, fui para Curitiba. Isso era meia noite, uma hora, se não me engano. Cheguei no outro dia lá, às 7 horas. Passei o dia inteiro tentando arranjar um emprego, qualquer emprego que fosse. Bom, chegou a noite, eu falei 'bom, se eu não conseguir nada aqui, vou embora pra outro lugar. Fui pra Florianópolis. Cheguei também de manhã lá, no outro dia. Tentei mais alguma coisa, lá eu fiquei 2 meses.

também não consegui nada. Eu falei 'agora, a última solução é Cordeirópolis'. Eu conhecia uma pessoa lá, aí foi, aonde que eu cheguei, entrei em contacto com essa pessoa, e ela me arranhou um lugar de assador de carne num restaurante. Deu tudo certo. Então aí eu fiquei acho que uns 5 meses, daí resolvi sair. Fui parar no Rio de Janeiro, e foi aonde que eu peguei voltei pra São Paulo, e é aonde que eu estou até agora."

Ficha 83.

Informante: Renato, 20 anos, curso secundário.

" Eu fui trabalhar numa churrascaria, fiquei muito amigo do pessoal da churrascaria, então daí ocorreu que a mulher do dono da churrascaria se engraçou comigo, não sei o que, e bom, nós tivemos um caso. Um caso pequeno, mas tivemos. E depois de um determinado tempo... eu não fui o primeiro a ter caso com ela. Eu fui um a ter caso com ela, existiam vários que tinham casos com ela, longos, bem grandes, nisso, então, o cara descobriu, entende...E a minha história ele não ficou sabendo. Houve aquele... ela não era casada com ele, era amasiada, né, mas fazia muito tempo, fazia 7 anos, então quer dizer, ela tinha os mesmos direitos de uma mulher casada. Então ela recorreu ao juiz, aquele rolo todo. E ele pra se livrar dela então ele utilizou o adultério, mas ele não tava conseguindo ganhar a causa com duas pessoas, ele precisava de mais pessoas, então foi onde eu entrei no rolo todo, e nisso eu fui depor, né, tive que prestar depoimento, e depois desse depoimento ela começou me seguir, queria me bater, então eu tive que fugir."

Ficha 84.

Informante: L.J., 33 anos, curso secundário.

"Na minha cidade natal, Palmeiras, em Goiás, em 1967 ocorreu um caso assim de crime, mais ou menos típico na região. Então o início da história foi que um rapaz tinha uma namorada, e acabou perdendo a namorada para um outro rapaz; bom, ele aceitou o fato como natural, embora cortasse relações com o Orivaldo. Então, dias depois, ele deu a festinha de aniversário dele. O perdedor, no caso, e o Orivaldo foi na festa dele, dançou inclusive com a menina, né. Então ele perdeu a calma, e partiu pra agressão, com uma faca ele saiu correndo atrás do cara, e o sujeito foi e deu queixa na polícia. E no dia seguinte, a polícia foi então, fazer a prisão, e então quando chegou na casa dele pra prender, ele não estava, estava 2 irmãos dele. Então a polícia prendeu os dois irmãos pra que dessem conta do cara que eles queriam. Mas no percurso da casa do preso pra delegacia, eles cruzaram com o rapaz que eles tavam procurando. Então pararam o caminhão, lá se fazia prisão em caminhão. Então pararam o caminhão e um dos soldados desceu e foi prender o rapaz. Chegou, deu voz de prisão, o rapaz obedeceu, e seguiu. Nesse percurso de onde o cara tava até o caminhão, o soldado começou a espancá-lo, dar chute, e o cara então, quando tava próximo já do caminhão reagiu. No que reagiu, desceu mais o delegado e um outro soldado e foram. No que os dois iam passando lateralmente ao caminhão, os dois assim, pulou, tirou o sobre, a faca do soldado, não sei, jogou pro de cima, o de cima pulou já com a faca, matou o soldado. E puxou o revólver, o delegado, o de cima pegou na tou o delegado e o outro polícia, assim, em questão de segun-

dos. né. Bom, aí, saíram, foram pra casa. Nesse período, vamos dizer, a força policial da cidade tinha acabado. Então no que eles foram pra casa deles arrumar a trouxa pra se mandar, o filho do delegado juntou uma força amiga na cidade e foram atrás, né. Então pegaram eles ainda tentando sair de casa. Aí iniciou o tiroteio. Nesse tiroteio o filho do delegado, no que levantou pra dar um tiro, levou um tiro em cima do peito esquerdo, né. O cara já morreu na hora. E os rapazes saíram atirando da casa, e o pessoal atrás, até que acabou a munição deles. Quando acabou a munição eles já estavam cercados na cidade, aí então, a mãe deles tinha acompanhado, inclusive, tem uma versão lá na cidade de que a mãe deles tinha benzido o corpo deles pra, fechado o corpo contra a bala, e vestiu a camisa deles do lado do avesso, que era pra proteger, mas eles não podiam pular córrego. Então disse que eles, não versão lá da cidade, eles pularam o córrego, então quando acabou a munição o pessoal que chegou atirou num, feriu outro, mas mesmo assim o cara ainda reagiu à face, querendo pegar... Eu sei que no fim o cara ferido, a mãe deitou em cima, e pediu que não atirasse mais, que já tava ferido, não tinha condição de resistência, ele tava entregue. Um dos caras, até parente meu, empurrou ele com o pé, e deu um tiro de carabina a queima roupa, no peito do rapaz, matou na hora. Então., quer dizer, foram os três rapazes dessa família, morreram, e quatro, vamos dizer, três policiais, mais o filho do delegado, e isso, todo o desfecho numa questão de duas horas, né."

Ficha 85.

Informante: L. J. 53 anos, curso secundário.

"Mas... é um outro caso, vivido em Pirinópolis, também Goiás, né, em que a vítima, no caso, aí é primo meu. Ele era um filósofo com filosofia própria. Ele acreditava que com o tempo, com as meditações que ele fazia... Bom, é uma cidade pequena, em que todo pessoal de maior capacidade intelectual saía pra trabalhar fora porque a cidade não oferecia condição nem de trabalho nem de estudo. Ele foi um cara auto didata e que esteve fora alguns tempos, inclusive trabalhou como jornalista, e depois retornou pra cidade e lá ficou, com trabalhos esporádicos de assessoria local ou trabalho de contabilidade. Na última vez que eu estive com ele, ele tava trabalhando como auxiliar de produção num filme sobre Antônio Silvino, um camagaceiro precursor do Lampião. Bom, então ele vivia na cidade com trabalhos de biscates intelectual. E nessa época que ele estava na cidade foi fundada a cooperativa dos mineiros da cidade. É uma cidade que tem uma mina de lajes, então uma grande parte dos trabalhadores da cidade vivem da extração dessas lajes pra venda pra outras praças, né. Ele começou a auxiliar esse pessoal na organização dessa cooperativa. No fim ele descobriu que os mineiros pagavam uma taxa pra exploração da pedreira pra alguém que tinha requerido o direito de exploração junto ao ministério de Minas e Energia. Então eu sei que ele pesquisou a coisa e descobriu que era possível que eles extraíssem as lajes sem ter que pagar taxa pra esses outros exploradores, né. E no que ele começou a desenvolver isso, e que houve prejuízo financeiro pra parte interessada, ele começou a sofrer perseguição da parte interessada, inclusive po-

líticos locais, e resolveram eliminá-lo fisicamente, né. Então a idéia escolhida primeiramente foi a de partir pra provocação pra que ele reagisse e então matasse em legítima defesa. Então no episódio primeiro, um advogado lá famoso, pistoleiro, ... esse cara encontrou com ele na rua e partiu pra provocação, ele respondeu sem aceitar a provocação, o indivíduo então arrancou a bolsa da mão dele, porque ele tinha uma arma na bolsa, e jogou a bolsa no chão, à curta distância, pra que ele tentasse apanhar a bolsa e o sujeito atirasse, pra formalizar a legítima defesa. Então ele não foi procurar a bolsa. Ele ficou quieto. O sujeito puxou então um chicote, e tentou dar uma chicotada nele. Ele segurou a mão do sujeito e tomou o chicote. Jogou fora, né. O sujeito então, o agressor puxou do revólver e deu um tiro no pé dele. A reação que ele teve então foi fazer um boletim denunciando o ocorrido e o porque e distribuiu na cidade, de mão a mão, e também num jornalzinho local que ele também fazia. O agressor, não satisfeito com o episódio, contratou um jagunco, e mandou matá-lo, né. Então no que ele estava andando pela rua da cidade, ele recebeu um chamado pelo nome dele, no que ele virou, já recebeu o primeiro tiro. Ele tentou então sacar da arma, recebeu já um segundo. O sujeito deu seis tiros nele, assim, direto. Aí ele caiu, já antes de morrer ele virou pro assassino e deu um sorriso. Porque no panfleto ele já alertava pra possibilidade de ele morrer, mas que não tinha importância, era consequência natural."

Ficha 86.

Informante: Cibeles, 30 anos, curso secundário.

"Bom, eu estava presa numa cadeia na Suécia, junto com uma alemã de 19 anos, numa sala em comum, e essa menina planejou uma fuga com um dos entregadores de comida lá da cadeia. Ele entrava no jardim, ela acabou tendo contacto com ele, e planejaram uma fuga. Ele vinha buscar ela de carro, na hora que a gente ia pra sauna, num horário determinado, à tardezinha, e ela ia correr até a cerca, ele ia pegar ela com o carro e ia levar ela até a cerca, ele ia pegar ela com o carro e ia levar ela até a fronteira. Bom, no dia seguinte nós fomos até a sauna, no horário determinado, ela ficou numa puta tensão, antes de ir, né. Mas ia, né, com certeza que ia. Nós fomos na sauna começamos a ver por onde ela poderia sair, se era pela janela, ou na saída mesmo ela desse uma corrida. Aí a gente resolveu que pela janela ela não ia poder passar, que ia ter que ser numa parte que era uma janela, mas que tinha uma guarda, que ali dava pra ela passar. Mas a guarda tava lá. Então a gente ia ter que distrair a guarda, pra ela poder ir pra lá. Bom, quando chegou mais ou menos no fim da sala, a gente pediu pra guarda diminuir a pressão que tava muito forte, enquanto isso ela fugiu, ela conseguiu correr até a cerca, o cara já tinha cortado o arame. Porque lá só tem um cerca de arame. É um campo enorme cercado de arame. Quando ela entrou no carro, o cara tava esperando, o cara tinha mudado de idéia. Nessa altura ele chegou pra ela e disse assim 'olha, resolvi não te ajudar mais, porque não vai dar certo. Porque você vai chegar na esquina e vão te prender. Você não vai conseguir an-

dar muito. Mesmo que eu te ajude um tempo você não vai chegar, porque eles têm, tem... têm tudo tão planejado, tão controlado. Eles têm helicóptero em todo lugar, eles controlam tudo. Quando ela tava lá e viu que ele não ia ajudar, ela tinha pedido um cigarro pra ele, e apagou o cigarro assim no braço dele. Ela nem esperou ele terminar a história dele, apagou o cigarro no braço dele, abriu o carro e saiu correndo. Saiu correndo prum bosque passou a noite inteira naquele bosque, sendo mordida por todos os mosquitos do bosque. Quando foi de manhã ela conseguiu chegar numa casa, pedir água. Mas o pessoal da casa já tinha escutado no rádio a estória, e avisou a polícia, aí a polícia chegou e levou ela de novo pra cadeia. Aí ficou um mês na solitária. Mas solitária lá só não tem direito de conviver com os outros, tem televisão, livros, etc. Depois voltou pro convívio normal, e ela tentou nova fuga, e nova frustração."

Ficha 87.

Informante: M.C. 35 anos, curso superior.

"A Maria Sílvia, né, nunca tinha visto uma Romiseta, então o Fernando Henrique comprou uma né, comprou e levou a M. S. pra ver a romiseta. Aí ela viu aquele carrinho, pequenininho, né, e ela disse 'ah, mas é de brincadeira. Como é que anda, né?' O F. H. tirou uma chave do bolso, e disse pra ela 'a gente dá corda, né'. E ficou por isso. Aí eles voltaram pro trabalho, e à noite, à noitinha, né, eles, ele se ofereceu pra levá-la na casa dela, né. Então tomaram... Entraram na romiseta. E a M. S. cruzou os braços e ficou à espera, que a romiseta andasse, porque o Fernando entrou junto com ela, né. Aí ela viu o Fernando tomar todas as providências de quem... de quem vai dirigir um carro, então ela disse 'Fernando, o que você vai fazer?' Daí ele disse 'ué, eu vou... eu vou ligar, eu vou dar a partida, vou dirigir a romiseta'. Aí ela disse 'ah, mas você disse que ela anda com corda'. E ela, ela realmente tinha esperado que a romiseta andasse como se fosse dando corda."

Ficha 88.

Informante: M. C., 75 anos, curso superior.

"Bom, eu tenho certeza que é um sonho que eu só poderia ter depois das minhas experiências no Império... em Washington, né. Eu conheci... bem, eu queria cortar o cabelo, essa nossa conversa de cortar o cabelo. Eu queria cortar o cabelo. Então fui ao cabelereiro. Fui ao cabelereiro, encontrei um velho. Tava um enorme balcão, e tinha um velho. Que é o velho do arquivo. Então o velho... Eu disse 'eu quero cortar o cabelo'. Então ele disse 'primeiro a senhora precisa identificar e me deu montes de fichas. E eu dizia 'mas eu só quero cortar o cabelo'. Ele disse 'mas a senhora não pode cortar sem se identificar'. Eu preenchi, preenchi, dezenas de fichas. Aí ele colocou as fichas num casier, e disse pra mim 'agora a senhora passa pra sala seguinte. Aí entri na outra sala, né, uma sala vazia, havia um pequeno espelho, uma poltrona, pensei 'aquí que vai ser a função, né'. Aí entra uma moça. Entra uma moça e eu digo, né 'eu quero cortar o cabelo, e eu queria saber quanto vai custar'. Ela disse 'ah, mas a senhora só pode depois que a senhora se identificar'. Aí eu disse 'mas eu acabei de me identificar. Eu preenchi muitas fichas'. Aí ela disse 'ah, não, mas aquilo é prova outra parte, pro que vai acontecer aqui agora a senhora precisa se identificar. E tem que ser com seus próprios papéis. 'Aí eu dizia pra ela 'mas eu não tenho onde escrever'. Aí ela dizia 'ah, a senhora procure, a senhora encontre'. Porque o papel tem que ser da senhora'. Então eu peguei na minha bolsa, o que pude, né, arranjei uns pedaços de papel, mas já havia coisa escrita neles, eu escrevi por cima,

eu percebi que era impossível ler o que eu tinha escrito, que aquilo não ia servir pra identificação, e eu fiquei à procura de algum objeto onde eu pudesse me identificar. Então eu encontrei um quadro. Como esses quadros onde a gente coloca poster, só que em vez de ter o poster havia um salofane vermelho em cima. Eu pensei 'eu vou escrever aí, é o único lugar que eu tenho pra escrever'. Então eu escrevia, mas à medida que eu escrevia apagava, o papel não retinha o que eu escrevia. Então eu arrangei um spray branco, leitoso, e eu escrevia com o spray, mas o spray desmancava também, né. Até que finalmente eu peguei um estilete e gravei meu nome e outros dados dos quais eu não me lembro, muitos números, muitas datas, eu gravei com o estilete, eu fui rasgando o papel, fui recorrendo, e a identificação ficou enorme, pronta. Aí eu dei pra moça. E ela colocou num canto. E aí apareceram mil instrumentos. Tesouras, pentes, escovas, e outros instrumentos que eu não consigo identificar. Uma mistura de seção de ginecologia de dentista, de marceneiro, os objetos mais incríveis. E eu pensei 'meu Deus, mas será que só pra cortar o cabelo vão usar tudo isso?' E eu sentei muito assustada na cadeira. E aí eu disse para a moça 'e as identificações?' Ela disse 'ah, é mera formalidade, nós não vamos fazer nada com isso. É só uma formalidade'. Eu disse pra ela 'mas a senhora viu o desespero que foi pra eu conseguir encontrar um lugar pra me inscrever, e agora a senhora está me dizendo que é só uma formalidade?' 'Ah, aqui é assim, é só uma formalidade. Agora nós vamos cuidar do seu cabelo'. E aí eu acordei."

Ficha 89.

Informante: M. C. 75 anos, curso superior.

"Quando nós, o Zé Augusto e eu fomos a Lisboa, né, a primeira vez, nós descemos do avião, tomamos um táxi, e fomos conversando. Quando chegou mais ou menos no meio de Lisboa, o motorista virou pra trás e disse 'Ai que língua é essa que falam os meninos em que eu entendo tudo e não entendo nada'. Aí nós dissemos pra ele, né 'Nós estamos falando português'. Aí ele disse 'Português'. 'Português do Brasil'. Aí ele disse 'ai, devia ter desconfiado, falam tão descansadinho'. Aí nos levou pro hotel, né, e na hora que nós nos despedimos, ele disse 'saúdinha, saúdinha, lembranças ao pessoal da colônia'. E eu pensei comigo 'ele ainda se considera da metrópole.'"

Ficha 90.

Informante: S. L., 34 anos, curso superior.

"Era uma vez um extraordinário jogador de xadrez, eu, é claro. De um lado, um grande mestre internacional chamado Henrique da Costa Mequin, mas conhecido por Mequinho. Do outro eu, um pobre mestre sub-urbano que mal havia conseguido se tornar campeão na sua própria casa. Finalmente eu tive a chance de começar com as brancas. Por que o Mequinho tinha acabado de se tornar campeão do torneio inter regional de Petrópolis, que o levaria a mais um dos tradicionais fracassos do esporte brasileiro no exterior. Começamos a partida bravamente, agressivamente, e, para encurtar a história, no trigésimo segundo lance o Mequinho venceu. Eu, orgulhoso por haver resistido até tal momento, perguntei 'Mequinho, em que momento você percebeu que a partida estava ganha?' E ele disse 'Antes mesmo dela começar'. E termina esta ridícula estória do meu infúnie histórico."

Ficha 91.

Informante: H. C. M., 30 anos, curso superior.

"Bom, o negócio é o seguinte, eu vou contar um acidente que eu tive de motocicleta, eu em cima de um veículo de duas rodas, contra um de quatro rodas. Evidentemente eu me dei mal, né. Enfim, eu ia indo para a Rua Augusta, com a minha nova motocicleta, sem saber andar de motocicleta, quando cruza um táxi, na frente da motocicleta, onde eu freiei, não adiantou, bati no táxi. O incrível da estória é a reação que a gente tem, pô, que você se sente, você num veículo de duas rodas, você se sente assim, como diria, sabe, inferiorizado, então eu sou um cara calmissimo, pô, a reação primeira que eu tive, eu estava no chão, né, foi levantar e partir pra cima do cara pra dar porrada, né, é uma coisa que nunca me aconteceu, eu sou um cara calmissimo, não. Então, sei lá, o cara saiu do táxi, e veio pedir desculpa, eu caí em mim, montei na motocicleta, e fui embora."

Ficha 92.

Informante: Gastão, 45 anos, curso secundário.

"Em 1975 eu trabalhava na economia da USP, a parte de acessoria da economia. E no mesmo tempo eu dava uma acessoria no planejamento no Governo do Estado. E fim de tarde, eu saía da cidade universitária e pegava a moto. Sempre andei de moto, é a minha condução favorita, né, até o planejamento. Você vê, que é do mesmo lado, no Morumbi, né. Cidade Universitária pro Planejamento. Um belo dia, e um belo dia mesmo, um belo fim de tarde, um pôr do sol bonito, e também agradável, tinha passado um belo dia de trabalho, quer dizer, o trabalho rendeu, né, aqueles dias que tudo que se faz dá certo. Eu me encaminhava pra marginal, né, Pinheiros, pra pegar o Morumbi, e nisso uma senhora avançou uma das ruas que sai, desembocam ali naquela marginal, ainda dentro da cidade universitária, ela avançou e quase me pegou. Eu virei-me, andando, virei pra recriminá-la, comeei recriminá-la, quer dizer 'a senhora precisa olhar pra frente, veja só o que a senhora poderia ter ocasionado, um desastre horrível aqui, motocicleta não tem proteção nenhuma, prarará, parará. Nisso eu vi estampado no rosto dela uma expressão de espanto, de perplexidade, assim, tal. Quando eu olhei pra frente, tinha um carro na minha frente. E eu obviamente, naquele diálogo, ou monólogo monólogo, né, mas tava andando... correndo mais ou menos sessenta, setenta por hora. Não deu tempo de frear, e eu bati no outro carro. Você vê, eu incriminava a mulher por ter me... quase ocasionado um desastre, acabei, por imprudência, não olhando pra frente, ocasionando um desastre."

Ficha 27.

Informante: PSP, 77 anos, curso superior.

"Você se lembra daquela vez que nós fomos ver um filme, em Paris? Bem, na saída do cinema, nós fomos tomar ônibus, então no ponto do ônibus tinha um velho atarracado, gordo, de chapéu - preto, parecia um padre. Eu pensei que fosse um padre, porque ali é uma congregação de dominicanos, né. E então o padre começou a contar que era muito bom aquele cinema, tinha ciclo de arte, que ele vinha sempre. E enquanto o ônibus não chegava nós ficamos conversando, então ele começou a falar do Eisenstein e do filme 'O Encouraçado Potequim', e de repente, a grande sensação foi que ele começou a se lembrar das cenas que ele tinha visto, acho que na praia de Odessa, não sei se é exatamente a praia de Odessa, 'eu estava com o meu pai, eu me lembro perfeitamente dos tiros de canhão, e depois eu vim ver o filme aqui, nesse mesmo cinema, esse filme O Encouraçado Potequim'. Eu achei, quer dizer, haveria outros lances, eu anotei expressões do velho, eu achei realmente fantástica esta estória."

Ficha 94

Informante- repórter da televisão.

"Aqui no Rio, as braçadas que não atingiram o índice: Cristina Barsanti, Flávia Nadalutti e Paulo Geanneu. Os três fizeram domingo na piscina do fluminense a última tentativa pra atingir o índice estabelecido pela COB, mas não conseguiram. Flávia nadou sem condições psicológicas, ontem era a missa de um mês da morte de seu irmão. Flávia tentou por duas vezes superar a marca do comitê nos 200 metros borboleta. Na primeira vez fez o tempo de um e vinte e três, e na segunda vez um minuto e vinte e quatro segundos. Muito nervosa, F. chorou quando soube que não tinha conseguido. Paulo e Cristina ficaram até de noite na piscina. Ele nos 100 metros costas e C. 100 metros nado de peito. Os 2 ficaram a décimos de segundos do tempo exigido. No final, C. desabou ' eu estou achando esses índices estabelecidos pela COB um absurdo', "

Ficha 95.

Informante: J. E. de S. H., curso superior.

"Em 1966, a Globo, jornal Globo do Rio de Janeiro lançou um concurso de pintura chamado O Segundo Salão pra os Adolescentes. E como prêmio havia uma viagem à Europa, evidentemente para o primeiro colocado. Naquela época eu pintava um pouco, não muito, e me propus a concorrer ao prêmio. Estava então pintando com o meu padrinho que é pintor, José Paulo Moreira da Fonseca, e resolvi colocar 2 quadros no concurso, um deles que tinha pintado com 12 anos de idade, e que durou oito meses a execução do quadro, dado a exigência do meu pai a respeito da qualidade do quadro, e outro que tava pintando já nessa época, era 66, segundo semestre. Bom, foi para o concurso com molduras de excelente qualidade, e tive que esperar algum tempo para saber o resultado. No dia 23 de Novembro de 66 era o dia em que saía o resultado do concurso e, coincidia com o aniversário do meu irmão. Foi acordado pela minha irmã e pela minha mãe e pela babá, aos berros, dizendo que tinha ganho o prêmio, e deveria viajar pra Europa, e tudo mais. A noite era o jantar de aniversário de meu irmão, e chegou inclusive o jornal Globo lá em casa pra uma entrevista, e evidentemente, tirou fotografias de toda a família, 7 filhos. Bom, foi uma alegria bastante grande, com perspectiva de uma viagem sozinho por países novos, marcou a minha passagem da adolescência pra idade adulta. É uma coisa, a partir daí eu nunca mais pintei."

Ficha 96.

Informante: P. D., 71 anos, curso superior.

"Então naquele época de ... do suicídio de V., quando chegou... quando essa coisa toda chegou na Unicamp, tinham prendido o A., havia manifestação dos estudantes da Unicamp, o Dep. de C. S. se reuniu, que o A. é professor de história, e o Departamento decidiu lançar uma espécie de manifesto apoiando ... no fundo era um manifesto dizendo que o A. tinha uma cobertura social, e depois disso, eu comuniquei a decisão a que a gente tinha chegado na Assembléia dos alunos. Voltando para o Instituto, tinha chegado todo o Departamento de Economia, o Dep. de Linguística, estavam todos reunidos. E o J. M. na direção do Instituto, fez voltar tudo pra trás. E a nota ... mandou alguém pra S.P. porque a nota tinha ido pro Estadão. Fizeram voltar a coisa atrás, então voltaram atrás, nomearam três caras pra dirigir os pronunciamentos."

Ficha 97.

Informante: PSP, 57 anos, curso superior.

"Nós tínhamos ido, o André e eu, ao Cebrap, um seminário, não me lembro mais que debate era esse. Então a estrada estava extremamente chuvosa e molhada, eu acho que eu estava dirigindo, né. Mas naturalmente eu usava o meu poderoso cinto de segurança. Era um Volkswagen azul bourdeau, antipático, eu não gostava dele. Bati duas vezes com ele. Acho que bati duas vezes com ele. Então nós vínhamos quase chegando em Campinas, naquele local que a estrada é tão boa, tem 4 pistas, retinha, então de repente eu sinto perder o controle. Não sei se era eu ou o André que tava dirigindo. Aí o carro perdeu o controle, ultrapassou o canteiro do meio da pista e foi parar em cima de um barranco. O carro não sofreu quase nada. E nós também. Eu me lembro que eu fiquei fumando um charuto com as pernas tremendo, fora do carro, esperando que chegasse um polícia, né. O André como não estava com cinto de segurança, acho que bateu a cabeça no vidro. Mas não aconteceu absolutamente nada."

Ficha 98.

Informante: M.S.A., 65 anos, curso secundário.

"Eu fiz uma viagem pra Itália maravilhosa. Fomos visitar a Calábria, onde achámos muitos amigos, e visitámos Cecília, visitámos Milasso, visitámos uma porção de cidades, e adorámos. Estivemos em Roma, em Florença, onde encontrámos bons amigos, vimos muitas praias, o mar... O mar belíssimo. Em toda a Itália - as costas nunca vi tanto mar na minha vida. Saímos, por exemplo, saímos de Roma e andámos toda para o Sul, até chegar à Calábria, mais ou menos umas 12 horas de trem, umas 9 horas se margeou o mar. Você vê. Agora, todo mundo fala que eu sou fanática pela Itália mas o que eu posso fazer? Lá é muito melhor pra um velho viajar. Porque as cidades são perto, o turismo é muito mais barato. É por isso que eu gosto de viajar na Itália."

Ficha 99.

Informante: J. C., 17 anos, curso primário.

"Certo dia, eu ia descendo pela rua D. Francisco de Campos Barreto, na Nova Campinas, andando de bicicleta. Tava em passeio muito gostoso, sabe, eu pedalava muito bem, e bicicleta também muito bonita e gostosa de se andar. Mas no cruzamento duma rua com outra, por infelicidade minha, ia passando um Volks né. Daí eu não tive tempo de breicar, e bati no paralamo do Volks e caí com a bicicleta, e a bicicleta ficou no chão. Aí o motorista do carro, né, desceu do carro e veio olhar o que aconteceu, né. Daí eu falei pra ele 'comigo não aconteceu nada'. Aí ele olhou no paralamo do carro tinha feito um furinho no paralamo do carro, assim. A alavanca do breque furou, né. Aí eu fiquei pensando comigo 'puxa, acho que ele vai querer me levar pra polícia agora, né, me prender'. Mas por felicidade minha ele falou assim 'olha aí o que você fez no carro, vê se você toma mais cuidado andando de bicicleta, ná. Você não pode ficar andando assim, né. Falei assim 'tá bem'. Daí ele entrou no carro dele, foi embora. Eu fiquei ali na esquina pensando 'puxa, e se ele me levasse para a polícia, que que eu ia fazer, né. Agora eu vou embora pra casa, tomar um banho, e vou refrescar o cueca, porque isso agora foi pra nunca mais, sabe."

Ficha 100.

Informante: C.S.V. 70 anos, curso superior.

"Bom, o desastre que eu sei foi o seguinte: eram 5 horas da madrugada. Vinha vindo um ônibus pro centro, que tava lotadíssimo, e vinha voltando um do centro pra estação, como é que fala, pro agência, pra recolher, que tava vazio. Então esse que tava vazio foi ultrapassar o outro caminhão, perdeu o controle, e ultrapassou a pista, bateu no que vinha em sentido contrário. E como o outro tava muito lotado, foi uma coisa assim bem feia, morreram umas 20 pessoas, morreu o motorista, o cobrador caiu fora do ônibus. E foi isso. Agora ninguém sabe direito porque o cara... Dizem... uns falam que o motorista tava dormindo, cochilou... mas é meio difícil, porque ele tava ultrapassando o outro, né. E outros falam que é porque o ônibus perdeu o freio, entende? A Daí aconteceu isso. Foi horrível o desastre. Foi um desastre medonho."

Anexo II. As Cláusulas Narrativas. (do texto 1 ao 51, com
exceção do texto n.º 43).

Narrativa 1.

- preparando o Cacá pro irmão ou irmã que ele ia ganhar, (falei):
a mamãe tá esperando bebê ... você gostaria de ter o que, um
irmão ou uma irmã?
- aí o Cacá muito sério, olhando pra mim, e pensando, e eu espe-
rando aquela resposta, ele vai e diz assim: cavalo também po-
de, mamãe?

Narrativa 2.

- começamos a falar sobre pintura.
- depois a conversa, pouco a pouco, descombou prara escultura.
- e a Elisinha então dizia: bom, mas realmente, olha, escultor -
pra mim, melhor do que todos é aquele, como é o nome dele?
- (disse) Marino Marini.
- (ela disse) não, não é, oh, meu Deus.
- e aí cada um dizia um nome.
- bom, (...) A E. tirou o telefone que estava ao lado dela
- discou: toc, toc.
- (falou) Sônia. Sônia, como é mesmo o nome daquele escultor que
eu gosto?
- (falou) Brancusi.
- Brancusi.
- e continuou calmamente a conversa.

Narrativa 3.

- estava sentado tranquilo quando surge uma perua.
- (a perua) pára em frente de casa.
- eu pergunto quem é.
- surge um amigo de meu irmão, 7 pessoas.
- eles invadiram a casa.

- o pessoal foi dormir na casa de S. Hortêncio, em frente.
- no dia seguinte eles sumiram.
- a gente não viu mais.

Narrativa 4.

- ela olhou.
- viu um sujeito de guarda chuva, capa e chapéu andando na direção dela, olho no olho.
- ela vai em frente, reto.
- e o sujeito não muda de lugar.
- e chega, olho com olho, nariz com nariz, nela.
- e passa através dela. Atravessou, o cara passou.
- ela sentiu, quando o cara passou, ela sentiu o vento (...)

Narrativa 5.

- a gente foi dormir.
- e do meu lado apareceu uma sombrinha assim, se mexendo.
- então eu peguei o sapato.
- e matei, né.
- e eu pedi pro meu colega pegar a lanterna e iluminar o bicho, né, que eu matei.
- então ele iluminou.
- (vi que) era um escorpião.
- todo mundo ficou com medo.
- em cinco minutos acabou o acampamento lá.

Narrativa 6.

- então o Mário me deu uma idéia.
- como eu achei uma pedra verde
- então eu peguei essa pedra
- tirei toda a sujeira dela, né.
- e levei pra menina.

- e o M. me explicou a estória
- então eu contei
 - eu e minha prima fomos levar comida pra uma casa
 - e chegamos lá
 - e demos leite quente com toddy pro velhinho doente
 - e tratamos, eu tratei o velhinho ultra legal.
 - então, antes de ir embora, assim, ele pegou e me deu esse pedrinha que era pro dar pra alguém que tivesse muita amizade (..)
- então eu entreguei pra ela essa pedrinha
- e contei toda essa estória,
- a menina ficou toda assim, né, puxa vida, olha aí....
- mas ela falou 'mas você desinfetou?'
- então eu falei que passei álcool, e tudo.

Narrativa 7.

- a gente elvou o Rodrigo que era pequeninbo ainda,
- e fizemos o acampamento no meio do mato.
- eu fui ficando meio com medo
- e de noite... e apareceu um bicho.
- e começou a mexer nas panelas e comere resto do churrasco.
- ... o Rodrigo berrou que era um leão.
- mas eu levei um susto.

Narrativa 8.

- eles saíram lá da reunião, né, na segunda feira
- aí deu uma passada no bar do Zé.
- chegou lá,
- tomou uma cerveja,
- encontrou o Cláudio,
- aí encontraram o Albertinho também,
- aí resolveram tomar cerveja,
- e foram num barzinho chamado Xereta, ali na Major Quedinho.

- aí disse que entrou uma menina, uma lésbica, com outra,
- e o A. começou a contar uma história assim (...)
- aí o português do bar chegou pro A. falou assim 'escuta aqui, rapaz, isso aqui é um bar de família, né.
- no que ele falou isso, todo mundo caiu na gargalhada.
- e o A. aí começou a contar a mesma história,
- ... ficaram lá no boteco mais um tempinho,
- chamaram a conta,
- veio a conta,
- era doze cruzeiros a cerveja.
- daí eles deram a maior bronca com o português 'pô, ninguém...'
- aí o português veio com um estilete na mão dizendo 'ou vocês pagam ou senão vai ter pau'.
- eles resolveram pagar.
- o português do bar chamou o Élcio.
- falou assim: oi, grandão, você que não é o corajoso, agora tá se afinando, tá indo embora? se você for homem volta aqui'.
- aí o Élcio voltou dizendo 'pô, que enchecção de saco, vamos deixá isso pra lá,
- no que ele entrou no bar,
- tinha 2 empregados do bar, com porretes na mão, que desceram um cacete, mas um cacete incrível.

Narrativa 9.

- Nós fomos passar o carnaval em Santa Catarina, ...
- e aí um dia, um menininho que mora em frente convidou o N. pra fazer um passeio no dia seguinte de manhã.
- O N. perguntou se tinha mato.
- e o menino falou que não havia mato
- então nós fomos de maiô e sandália havaiana,
- e fomos andando.

- subimos uma montanha durante uma hora.
- e uma hora eu vi uma cobra. Uma hora, o menino falou 'uma cobra!
eu olhei, e vi o rabinho da cobra
assim, aí foi (cobrão).
- daí depois de uma hora a gente chegou na outra praia.
- daí chegou lá,
- tinha um pessoal acamado,
- convidou a gente pra comer linguica, tomar batida.
- daí o N. viu um barco de pescador,
- foi correndo lá pedir pro cara se ele levava a gente até a nos-
sa praia.
- ele falou que podia,
- e levou. Quando saiu, quebrou o motor do barco,
e daí eles ficaram uma hora tentando, tentando.
tinha mais um casal, a menina vomitou, ficou nervosa.
daí eles foram a remo, 2 velhinhos. Começaram a remar.
e eu falei 'será que
não é melhor voltar
daí o N. falou: não,
eles entenderam mais.

Narrativa 10.

- e quando chegou uma noite nós deparamos com um cavalete, no
meio do caminho, assim, impedindo que o carro passasse.
- aí nós olhamos,
- não havia nada na rua também, nenhum concerto, nada.
- ele falou 'ah, então vai lá e tira o cavalete e passa'.
- eu fui,
- desci,
- afastei um pouquinho o cavalete, que desse pro carro passar,
- tinha mais um casal, e aproveitaram também,

- e passaram.
- depois eu voltei,
- ele parou,
- pus o cavalete no lugar
- e seguimos.
- quando chegou dali a meia quadra, tinha novos cavaletes.
- aí eu fiz a mesma coisa,
- e o casal também passou,
- agradeceu,
- aí a gente continuou andando,
- eu ainda comecei a brincar, falei 'olha, parece que a gente está na fazenda,...'.
- nisso a gente viu que tinha um carro, uma perua verancio seguindo a gente.
- daí eu falei pra ele 'olha, essa perua tá seguindo a gente'.
- ele falou 'imaginê'.
- eu falei 'é claro'.
- daí quando a gente entrou na rua que a gente percebeu mesmo que a perua veio
- daí parou quase em cima da gente,
- desceram 4 homens armados com metralhadora.
- e vieram 2 do meu lado, 2 do lado dele,
- ele desceu do carro,
- eles cercaram o Eleutério,
- e eles falaram assim pra ele 'onde se viu vocês passaram assim?'
- daí a gente falava 'mas porque?'
- ele perguntava 'o que aconteceu?'
- e eles não explicavam,
- falavam assim 'olha, seria mais um que a gente ia matar.
- e aí não explicavam o que,

- falavam 'não viu o cavalete lá?'
- mas a gente explicou que a gente tinha mudado aquele dia, não
tava escrito trânsito impedido, não era tabuleta de Deic, ..
- então nós explicamos,
- mas eles nem deixaram a gente explicar,
- falou assim 'doutra vez a gente atira.'
- depois a gente ficou sem saber o que ia acontecer.

Narrativa 11.

- e nós ouvimos um barulho que parecia de revólver.
- mas nós achamos que era bombinha de S. João, em plena 10 h. da noite
- aí nós abrimos a janela do quarto pra ver o que tinha acontecido
- e em frente a nossa casa, logo assim na casa de frente, tinha 1
ou 2 rapazinhos, e o guarda noturno que era da PM, com revólver
na mão, berrando feito louco e gritando pra eles deitarem no chão.
- daí eles deitaram no chão. deitaram no chão de costa.
- e o guarda da PM, (...) começou a revistar os 2 deitados no chão.
- e tirou um pacotinho de um deles.
- daí depois ele mandou os 2 levantarem.
- e mandou primeiro um correr.
- o moço correu.
- acho que ele não atirou nesse
- depois ele falou pro outro correr de costas,
- e enquanto o outro ia correndo, ele ia atirando,
- e deu uns 2 tiros na perna, que a gente viu.
- depois disso, não deu pra gente ver mais o guarda direito.
- mas o guarda chamou no radinho, chamou pelo radinho o resto da
polícia,
- e depois de 5 minutos estava cheio de carros da polícia em casa,
ali na rua de casa.

Narrativa 12.

- depois de eu hesitar durante muito tempo, resolvi ir à Imobiliária para discutir algumas cláusulas do contrato imobiliário.
- e nós fomos lá.
- então eu comecei a expor cláusula por cláusula o que eu não concordava.
- e o cara só me respondia assim 'mas isso é padrão, todo mundo assina, o senhor tá vendo esse senhor aqui assina, o senhor vai ter que assinar.
- aí eu disse 'não mas eu '.
- aí a Ana interveio, disse não não assino, nós votamos.
- aí disse 'um minutinho'.
- foi lá dentro.
- e veio um cidadão.
- eu, pra colocar certo nível, me apresentei,
- disse muito bom dia, e tal, eu sou fulano de tal.
- aí ele disse assim Paleia Imobiliária (...) que que é?
- eu disse não, o problema é esse.
- a Ana aí interveio.
- e começou a dizer que era má fé, que não queriam racificar coisa nenhuma, né.
- aí sabe o que ele disse? 'olha, eu não falo com mulher, eu vou conversar aqui com o Dr. Paulo.
- aí o tempo fechou.
- aí nesse contexto, a A. disse 'não isso é racismo'.
- aí começamos um pequeno corício relâmpago,
- e dissemos que não íamos assinar coisa nenhuma.
- ele saiu.
- bateu a porta com toda força.
- e nós fomos embora.

Narrativa 13.

- e a namorada dele chegou por trás dele, e a mulher chegou por trás dele,
- e deu uma encoxada nele, assim por trás,
- apertou o Pacheco.
- ele ficou tão nervoso
- que deu uma garfada na mão da namorada, pedindo a ela pra nunca mais fazer isso.

Narrativa 14.

- que ele foi visitar um tio dele que era exportador importador de alimentos em Santos,
- e chegou em Santos,
- disse 'titio! antes de dormir, ele falou o seguinte: não quero aborrecer o senhor, eu quero que o senhor saiba, eu sou casto, (...) quero que o senhor compreenda, que talvez as vezes os lençóis fiquem sujos.
- daí o tio, com uma sensibilidade de elefante, responde o seguinte 'ora, José, está muito bem, desde que tu não me esporres na cabeça, está muito bem.

Narrativa 15.

- um belo dia a Dora tem um ataque, um desses troços na cabeça,
- fica completamente paralisada.
- e mantém-se em vida exclusivamente por coisas artificiais,..
- mas a coisa chega a um ponto, né, em que ela não podia, não podia continuar a viver,
- e o tio Sérgio, que já não trabalhava mais, estava aposentado, voltou a trabalhar para poder ganhar essa soma absolutamente absurda de dinheirô, necessária para manter a mulher em funcionamento, em vida, né.
- e montou dentro da casa dele um verdadeiro hospital, (...)

- e o tempo passa, passa assim um mês, 3 meses, 6 meses,
- e acaba a coisa entrando numa rotina
- passa-se mais algum tempo,
- um belo dia o que acontece? Chega ele em casa,
- encontra a Dora no chão, no chão, né.
- aí começa a família a falar, começa então haver um disse que não disse, que diabo é esse, o que está acontecendo?
- e aí então (...) já tinha aparecido um Serginho, um menininho filho dele com a enfermeira.

ele (...) teve então um filho com a enfermeira
e a enfermeira tentou matar, desconectando os
remédios todos e jogando a mulher no chão.

- a enfermeira é despachada para longe, com o filho, (...)
- morre tioS.
- Dora herda né, uma fortuna do Sérgio,
- e começa a voltar a si.
- começa a falar,
- começa a fazer isso e aquilo.
- e hoje está aí.
- primeiro abriu o olho,
- depois sentou na cama,
- depois se levantou,
- e hoje tá aí.

Narrativa 16.

- muito bem, então o meu pai morreu em agosto.
 - e no dia do meu aniversário, (...) eu fui dormir,
aí eu fui falei com ele 'olha, nós 2 fomos ao exame, e tal'
e eu disse 'olha, o senhor tem que ficar vivo porque vai
nascer a criança...' 'reaja, e tal'.
aí falou 'vou, vou reagir'
aí morreu,
nasceu a Gabriela, e tal.
-

- e tive um sonho.
- e então eu dizia pra ele assim 'mas como é que o senhor tá agora?'
- ele dizia 'tô muito bem, não dá pra te explicar, não dá pra explicar o que eu sou, que que eu estou fazendo. (...)'
- enquanto ele falava isso, aparecem duas meninas pequenas.
- põem a capa nele, né, assim por cima,
- fecham
- e ele fica sentado com aquela capa assim, como um velho.
- começa nevar,
- a capa fica assim cheia de neve,
- aí ele vira pra mim,
- diz assim 'olha, meu filho, negócio seguinte, eu vim, eu fiz questão de vir, porque hoje é o dia do seu aniversário, pra te dar um abraço, mas eu não vou voltar mais (...)'
- aí ele falou 'a tua filha, a sua filha está precisando de você.'
- daí eu escutei o choro da minha filha gabriela.
- e acordei.
- e fui lá no quarto dela.
- dei uma batidinha nela, uma viradinha,
- e ele dormiu, direto.

Narrativa 17.

- um belo dia ela foi pra lá com a I. C. que é muito amiga dela.
- e durante o dia estavam as duas sentadas do lado de fora, quando chegou o capataz.
- e disse assim a ela 'olha, d. M., tem aí um cunhado meu que quer falar com a senhora.
- chegou um sujeito todo arreventado, pobre, enfim, maltrapilho,
- e disse a ela que era pescador, e queria pedir dinheiro (...)
- (a Mary) disse 'não, não tenho não, não posso, não, vai andando, enfim, tratou mal o sujeito, que foi embora.
- e de noite, ela foi pro barracão com a I.
- e foram dormir, né.

- e ela não conseguia dormir, inquieto, (...) um mal estar danado.
- de repente ela olha pra janela
- e vê uma forma, dum homem, como se tivesse um homem na janela.
- ela levou um susto,
- deu um grito.
- e gritou Lígia.
- acordou a L. que estava ao lado
- (disse) olha pra janela.
- a Lígia pula,
- olha ra janela.
- e diz 'o que foi, mas o que que aconteceu, não tem nada,...).
- (diz) 'Lígia, tinha um homem na janela, eu vi, é meu pai, que tá morrendo, enfim, entrou num pânico total.'
- a Lígia disse 'não tem nada, você está nervosa, (...) vai dormir'
- ela dormiu.
- a Lígia dormiu, sem problema.
- no dia seguinte chegou o capataz,
- e disse 'olha, D. M., eu, eu hoje não posso trabalhar porque eu tenho que ir ao enterro do meu cunhado. A senhora lembra do meu cunhado? aquele rapaz que veio lhe pedir dinheiro, imagine a senhora que durante a noite, lá pelas 7 horas da manhã, por volta das 3 horas da manhã, ele saiu pro mar com a canoa dele,
- se embrulhou na rede
- e se jogou no mar.
- e assim ele se suicidou '.

Narrativa 18.

- muito bem, quando nós nos casamos eu me lembro uma noite em que de madrugada (...) eu acordei.
- e eu vi nesse momento, eu vi a D. E., avô dele, (...) na cama...
- quando eu vi aquele negócio, fixei o olho.

- ela virou pra mim,
- fez um gesto de um tal amor, de tal passividade,
- que eu virei pro lado
- e dormi.
- bom, de repente, eu acordo com o M. dando um berro'aaaaai).
- eu acordo.
- a Marlene tinha feito um negócio inacreditável (...)
- eu levantei feito um louco da cama.
- peguei o lençol, e tal.
- peguei na cara dela,
- saí correndo
- fui pro carro
- peguei fui pro pronto socorro,
- foi pra dar ponto.

Narrativa 19.

- então um dia, eu entro no P. E. (..)pra falar com essas famílias
- e vem um rapaz, psicótico,(...) atrás de mim.
- eu entro,
- ele vem atrás de mim.
- e diz assim'senhor doutor, eu quero falar com o senhor,(..)'
- aí eu disse 'olha, eu não sou doutor, eu sou encarregado, eu sou psicólogo estagiário, encarregado do setor de família.
- ele disse 'não, o senhor é o meu doutor, e o senhor tem que me ouvir porque eu só vou falar com o senhor.
- eu disse 'olha, não há possibilidade, eu não posso falar com você, você vai falar com o médico (...)
- disse 'vai lá em cima, etc.'
- daí ele veio atrás de mim.Calou a boca,
- e veio atrás de mim.
- eu entrei na sala,
- sentei na sala,

- comecei a falar com as famílias.
- o cara sentou,
- ficou me ouvindo, olhando pra minha cara.
- eu falei com todo mundo,
- fiz a reunião durante uma hora,
- acabou a reunião,
- o pessoal foi embora,
- ele ficou olhando pra mim,
- e disse 'eu quero falar com o senhor'.
- e eu disse 'olha, não há possibilidade, eu não posso ouvir'.
- (disse):mas é um problema,(...) o senhor tem que me ouvir.'
- eu disse 'eu não posso falar com você, você vai procurar o médico'.
- ele disse assim- não mas não, ou o senhor me ouça, ou vai acontecer uma coisa muito grave.
- eu disse 'não, mas vai falar com o seu médico.
- aí botei o meu paletó, a minha gravata,
- (falei) 'têlogo, boa noite,
- fui embora.
- no dia seguinte chogo no hospital,
- (soube que) suicidou-se um paciente do setor dos psicóticos esquizofrênicos.
- quem era?
- o próprio.
- aí houve uma reunião do setor todo de psiquiatria do hospital
- aí eu falei 'quero dizer que aconteceu isso'.
- daí relatei a história toda.
- aí o chefe do setor falou que eu estava correto, podia dormir tranquilo.

Narrative 20.

- chegando um dia na casa do A. ele falou que no dia seguinte teria a filiação da TV Globo.
- o A. então explicou como seria, que horas, etc. e tal.
- evidentemente me interessei pelo assunto, né, ..(...)
- e aí ele falou que era a figura de Nelson Ned (...)
- bem, fomos na Globo.
- e fomos pra casa de N. N.
- bem, toca, toca, e tal, lá perto de Santo Amaro (...)
- aí tocou a campainha.
- fomos atendidos,
- começamos a entrar na casa.
- quando começamos a entrar, o repórter que ia na frente tropeçou em alguma coisa, pluf,
- foi pro chão.
- logo em seguida os outros 2 também tropeçaram.
- bem, aí nos levantamos, e tal.
- e ficamos sentados no sofá no local em que ia ser feita a entrevista.
- o repórter foi lá pra cozinha.
- e ficou, eu e Adrian, então medindo ali o local (...)
- bem, aí serviram cafezinho, veio a empregada,
serviu cafezinho.
- de repente aparece a mulher do N.N.,
- e posteriormente chega por trás do Adrian o N.N.,
- e fala assim 'como vai, rapaz?'
- o A. se vira.
- e não encontra ninguém na sua frente.
- aí começa olhar pra baixo, pra baixo,
- até que encontra a mãozinha de N. N. (...)
- depois cumprimenta N. N., e tal.

- bom, e senta N. N. no sofazinho perguntando se estava tudo pronto.
- e começa então a falar.
- e começou a emitir conceitos de família, da tradição que ele tem de comer tutu com couve rabeira,(...)
- até que chegou o momento máximo do acontecimento, que era ele imitando eles cantando na televisão.
- então trouxe um brinquedinho que os filhos têm (;;;)
- instalou ali pertinho da lareira,
- e o N.N. começou a apresentar 'agora apresento(...)'
- aí todos nós batíamos palmo.
- e entra por detrás do sofá uma figura de 10 cm., assim, né.
- então chega perto do microfone,
- (fala) 'eu vou cantar pra vocês 'tomo um banho de lua'
- então 'cantou'
- e assistimos então posteriormente o N. N. tocando violão no jardim, e depois explicando o estilo de música que ele canta.
- e deu então pra ter uma visão assim da situação do N.N.,(,...)
- e até que findou-se a entrevista, (....).

Narrativa 21.

- mas um dia ele surgiu apresentado por alguém, me pedindo um favor.
- bom, eu resolvi aceitar o desafio (....)
- e um belo dia eu telefonei pruma série de fornecedores (...)
- disse 'olha, eu vou precisar recolher um caminhão gigantesco,
- bem fiz uma das rapinas aí que eu costumava as vezes fazer,(...)
- bom, eu juntei aquela coisa toda,
- chamei o J. E. pra ver como é que era o negócio,
- e batemos lá pra casa do Almor.
- bom, duas horas e meia depois, a casa do Almor ficou pronta.
- quando ficou pronto, Jorge e eu rodamos por lá,

- vimos, e tal,
- e o Alaor deu o jantar.
- a coisa fantástica (...) é que no dia seguinte do jantar eu dei ordem para que tirassem tudo, mas absolutamente tudo.
- então a mesma brigada entrou, (...)
- e a casa de Alaor uma vez tirado tudo, foi assim a desolação absoluta.
- e o Alaor então ficou sozinho no tal apartamento.

Narrativa 22.

- ligamos...
- então ele disse assim 'bem então vocês vão nos encontrar em tal lugar, fica em tal ponto, etc.
- aí nós dessemos, de nariz duro..
- aí tomamos um táxi.
- disse assim 'para a cave tal, número tal'.
- aí o Chauffeur ... para no meio daquela coisa.
- nós saltamos,
- e entramos num lugar, deserto.
- sentamos lá.
- e dissemos 'vamos esperar o J.C. que ele deve chegar por cá, né
- toca a esperar.
- daqui a pouco vem um garçon.
- e pergunta o que que nós queremos.
- (dissemos) bem, enquanto o ministro não vem nós queremos um sanduich
- e pedimos um sandwish.
- aí ficamos muito espantados deles nos oferecerem sandwighde turista,
- e ficamos ali.
- daí a pouco vem um crooner tristíssimo,
- e anuncia um show.
- e vem uma senhora,
- e começa a cantar. Negócio que não tem nada de flanco.

- e depois começa a cantar em inglês,
- e começa a cantar em francês.
- bom, aí eu olho no relógio,
- (vejo que é) tardíssimo já.
- eu digo, 'não é possível que o J. C. nos tenha feito esse desfeito'.
- e tento telefonar.
- já não respondia ninguém na casa do J.C.
- aí nós chamamos o garçon.
- eu digo assim 'por favor, que horas tem o espetáculo de flamengo?'
- (diz) espetáculo de flamengo? non hay.
- (disse) mas como não hay? aqui não é o lugar de espetáculo de flamengo?
- (diz) não senhor, aqui chama-se 'La Noite Flamengo', que é um restaurante.
- eu digo restaurante de madrid? E lo flamengo, la dança (..)?
- non hay, é restaurante Flamingo, o pássaro.
- eu digo flamingo , o pássaro?
- aí nós começamos a notar que tudo tinha o flamingo, bicho, o copo, as louças, os vidros, os tapetes, os homens.

Narrativa 25.

- tinham aberto pra mim aquela bandeirinha verde de poder passar.
- e eu de repente vejo, crescendo sobre mim, um ônibus (..)
- bom, aí eu tentei frear um pouco, né, o carro escorregando....
- aí eu disse 'vou soltar tudo pro lado, nós vamos bater, mas pelo menos vai ser um acidente menos dramático (...)
- então manobrei feito um louco,
- aí eu vi crescer diante de mim, assim, a esquina, e um poste.
- e havia uma carrocinha de kibon, e um fulano, vendedor do kibon, e um casal de namorados.

- bom, e eu senti que eu ia esmagar os dois, né.
- o carro deu 2 voltas,
- virou,
- e aí pára, e o Humberto colado na cara da namorada.
- aí o H, que é um sujeito discretíssimo, assim 'desculpe', nós não pretendíamos, eu não quero devassar segredo de ninguém, se desculpendo, de estar invadindo a intimidade deles.

Narrativa 24.

- o Humberto G. foi pra Europa.
- e eu tive uma nova cliente, que era Jeanne Lacroix.
- bom, e aí eu contei ao Humberto, depois que ele chegou, que ela era uma maravilha.
- eu inventei aquele personagem, uma espécie de Laura, que sabia tudo, (...)
- e fui conversando sobre ela.
- e ele (disse) 'deve ser uma maravilha.
- e aí eu entrei no tal apartamento.
- e aí eu fui andando.
- aí eu passei de repente por um móvel, tinha um retrato assim,
- (disse) 'aliás, essa aqui é J. L.
- e fui andando.-
- aí eu andei um pouco.
- e vi que ele parou.
- então, ele parou assim diante do móvel,
- ficou olhando o retrato dela, que era tudo diferente,
- e eu só vi ele falar assim 'puxa'.

Narrativa 25.

- aí finalmente apresentou-se a possibilidade de uma solução da crise aí, do P., X, e tal, (...)
- bom, Luís e eu fomos então pro Rio, e discutindo no caminho, no firme propósito de convencer o P. de que tinha que ficar com o D. e deixar a Diretoria do Instituto.
- bem, chegamos lá,

- o P. também muito solícito, e concordou que a gente tinha razão, e tal.
- bom, aí nós fomos procurar o P. S. né.
- aí demos uma volta pela cidade.
- afinal, o paulo e eu fomos.
- aí depois chegamos no apartamento lá na Almirante Alexandrino,
- e o paulo já entra direto : é o cúmulo isso, precisamos lutar até o fim.
- aí o Fausto explodiu.

Narrativa 26.

- e em meio à exposição do P., alguém lá atrás diz 'não concordo com nada disso que o senhor está falando.
- o P. parou a exposição. Ele parou.
- pôs o giz em cima da mesa, assim, do professor,
- e virou-se pra pessoa que tinha dito isso
- e falou porque é que o senhor não concorda(...)?
- aí o sujeito disse: bom, é porque eu li um autor que contradiz tudo isso que o senhor está dizendo.
- (falou) então o senhor me diga o nome do autor, porque
- aí ficou,,. continuaram aquele silêncio na classe,(...)
- e o sujeito não dizia nada, né.
- aí o P. repetiu 'o senhor não quer dizer o nome do autor? diga o nome do autor, porque eu preciso
- aí o sujeito (falou) um,,um...
- ficou meio assim,né.
- até que finalmente ele diz: murmurururururur..
- e o P. 'como?'
- (falou) murmurururur...
- como?
- lsquicicicicic....

Narrativa 27.

- e o Aluisio deu carona pro Guilherme,
- quando chegaram na porta do apartamento
- o G. convidou o A. pra subir tomar um café, e tal.
- subindo no elevador, tinha duas senhoras, assim, respeitosas, que eram vizinhas do G. que subiram junto.
- aí nisso o A. soltou um sonoro 'br...né'.
- e clinicamente, falou 'gui, não faça isso, as senhoras presentes, fica feio,né'.
- o G. ficou roxo, queria sumir naquela altura.
- bem, dias depois, o G. deu carona (...) pro A.
- levou o A. até em casa.
- quando desce da rural, desce,
- então o A. cumprimenta com todo respeito a vizinha, né?
- o G. grita do automóvel 'heina... não vai esquecer, hein, quarta feira próxima, hein?

Narrativa 28.

- aí um dia o G. recebe uma carta desse japonês, (...)
- e o G. então ficou preocupadíssimo
- e resolveu mostrar essa carta aos amigos dele pra saber o que ele faria.
- então quando ele estava prestes a se encontrar com o japonês, se revela a história,
- era o A. que tinha mandado uma carta batida em papel rosa e tudo pro G., agregando alguns detalhes reais da vida do japonês.

Narrativa 29.

- todos combinaram de telefonar pro C. V. dizendo que era o A. deixando um recado pro Cardoso.
- bem, então a primeira pessoa que telefona diz que é um amigo do A. (...) pedindo pro C. anotar um recado, pro Cardoso.

- então o C. pensa que é o F.H. C. né
- e fica todo contente, e tal.
- e anota o recado do tal amigo do Andrébal.
- bom, aí mais tarde telefona a A. dizendo ser secretária do A.
- dá outro recado mais estranho ainda pro Cardoso.
- o C. anota, e tal.
- aí depois telefona mais outra pessoa (...)
- dá outro recado.
- aí finalmente telefona (...) não me lembro mais direito.
- e finalmente telefona o A.
- e pergunta se tem um recado do C. pra ele.
- finalmente o C. descobre que não existia nem A., nem C.
- bom, aí fica puto da vida, né,~
- e um dia telefona um sujeito
- e pergunta se a Anete está.
- ele diz que a anete não está.
- aí o sujeito fala 'você não pode deixar um recado pra A, aí?
- aí ele fala 'tá bom, pode dar o recado.
- ele dá o recado.
- ele anota,
- pergunta quem é,
- o sujeito fala é Nicos Poulantzas.
- ele agarra no telefone,
- e fala 'vá pra p que te p.
- e era o N. P.

Narrativa 30.

- bom, saiu ele com um MG velho, tudo, (...)
- passa na polícia rodoviária,
- os caras (falam) pára aí, né, documentos.
- nada, não tinha dicas, né.

- falei 'ô, D. você vai ter que dar uma grana pra essas ceras.
- ele falou 'nossa, mas será? dar uma grana, mas não nossa..'
- ficou assim meio sem graça, e tal.
- falei 'não, D. entre com tudo.
- aí fomos lá.
- o cara chamou lá pra dentro.
- abriu lá aquele clássico gesto, abriu o código nacional de trânsito,
- falou 'num sei o que , uma nota de multa, (...)
- e foi somando assim, e dando risada.
- e o D. falava 'mas o senhor veja, (...)
- ele falou 'o que, vai deixar o seu amigo de refém, (...)
- aí eu dei um empurrão nele,
- por fim ele se convenceu, né.
- e todo sem jeito, todo assim, falou 'mas será que se o senhor me quebrasse o galho, talvez eu pudesse quebrar o galho do senhor também, e tal,nô.
- aí o cara 'qua,qua,qua', porra, até que enfim o senhor começou a falar português, né.

Narrativa 31.

- ontem eu fui lá no INPS tirar um exame de sangue.
- e quando eu cheguei lá
- a moça pediu o papelzinho que eu devia levar pra fazer o exame.
- então eu ... procurei, procurei na bolsa,
- e não achei.
- então eu disse pra ela ' eu acho que deixei aqui.
- aí a moça foi procurar lá.
- e voltou,
- e me disse 'não, a senhora não deixou aqui.'

- então 'e dá licença, eu vou procurar mais um pouquinho.
- e tirei tudo da bolsa,
- e procurei, procurei,
- até que achei.
- eu falei 'ah, tá aqui, tá aqui o papel.
- daí a menina não falou nada.
- ficou olhando assim pra minha cara
- e começou a tomar nota.
- enquanto ela tomava nota ela falou pra outra menina que trabalhava junto 'e ela tinha certeza que tava aqui, hein?
- eu já fiquei meio sem graça, humilhada.
- mas fiquei quieta.
- continuei ali firme, esperando ela acabar de escrever.
- quando uma outra do lado, moreninha, olhou pra minha cara assim
- e disse a mesma coisa 'e ela tinha certeza, hein?'
- na mesmaa hora entrou uma outra, de outra sala,
- e a moça tornou a cantar pra essa aí
- (falou) viu, e ela tinha certeza que tava aqui o papel.
- ah, eu não aguentei mais.
- então eu comecei ' o que que vocês querem? (..)'
- (falei) 'vocês não acham que eu tenho razão?
- virei pra todo mundo.
- e daí um levantava
- e dizia ' a senhora tem razão, a senhora tem razão.
- um lá então me disse ' a senhora deve gritar po aqueles que não gritam, (...)
- daí eu fiquei quietinha,
- sentei num canto,
- abri um livro,
- e fiquei lendo.

- então uma hora, eu levantei,
- e disse: olha, eu sei que vou ficar aqui até meio dia, mas não tem importância nenhuma.
- daí 2 minutos me chamaram,
- pegaram minha bolsa,
- guardaram,
- mandaram sentar,
- e me fizeram os exames,
- e eu saí.
- fui embora.

Narrativa 32.

- e lá no Guarujá comecei a flertar um rapazinho, né.
- aí ele ficou de nos buscar a noite pra darmos um passeio.
- quando chegou ali pelas 8 horas,
- veio o tal rapazinho, e o outro choferando.
- então pararam na esquina,
- nós 3 entramos.
- eu tava conversando e ele então começou a querer pegar na minha mão, começou querer me beijar, né.
- então eu chegava pra lá, né.
- ele vinha, chegava mais perto,
- quando eu via que ele ia avançar muito,
- eu gritava 'Carlina'.
- a C. botava a mão assim pra trás, assim,
- (falava) o que que vc?
- daí eu mostrava o rapaz.
- daí o rapaz se endireitava.
- daqui a pouquinho ele vinha outra vez,
- (falava) Mas porque que você quer uma boca tão bonita assim, te-
que ser pra beijar, né.'
- e vinha chegando outra vez.

- e eu 'Carlina'.
- e a C. olhava pra trás,
- e o rapaz arredava.
- Olha, depois de umas 3 tentativas, perderam o carro,
- parou,
- falou assim olha, vocês podem descer que vocês são 3 chatas.
- aí descemos, sem dinheiro.
- nós fomos parar em casa quase 10 horas da noite, com medo do pai e da mamãe.

Narrativa 53.

- o A. começou a namorar a D. L.
- um dia a D. M. chegou pra mim e disse assim 'não sei não, (...)'
- então eu fiquei dentro da estória, né,
- mas não comentei nada com ninguém.
- daí uns tempos rebentou a bomba.
- A dirce da parte na polícia.
- chamaram o coitadinho do Alfredo.
- aí ele disse que não era o pai da criança
- ela disse que então tinha sido o Dino V.
- e foi atrás dele,
- e quando a D. chegou lá com a polícia e tudo,
- ele disse que não, que ele ia casar com a Elza.
- aí o A. disse 'não, mas eu me caso , eu gosto muito dela, eu me caso.
- casaram-se,
- ela judiou desse Alfredo, (...)
- eu sei que ele morreu logo depois, tuberculoso.

Narrativa 54.

- dormi
- e mergulhei na ribanceira da Rodovia dos Imigrantes.
- e eu subi correndo a ribanceira
- cheguei lá em cima
- então eu fiquei no meio da pista (...) pedindo socorro, (..)
- ninguém parava.
- mais pro fim, quando parou um ônibus, né.
- eu pedi pra ele me levar correndo prum pronto socorro de S.P.
- e não fiz uma coisa (...) que é telefonar pra Dersa.
- daí peguei o ônibus,
- fui embora, tal.
- fui no pronto socorro,
- não tinha nada, e tal, tudo bem.
- então fui dormir,
- tomei uma cachaca, fui dormir.
- na manhã seguinte, de madrugada, fui lá ver o carro
- mas o carro já tinha sido apreendido.
- e daí começou um rosário, mas terrível, assim, né.
- os caras apreenderam o carro caído lá embaixo,
- guincharam,
- levaram pro pátio da Dersa,
- e abriram uma ocorrência, quer dizer, um inquérito.

Narrativa 55.

- então eu bati numa porta.
- e perguntei pela pessoa que eu tinha que fazer a entrevista.
- então o moço falou 'não aqui é uma pensão, mas não conheço'.
- e eu falei assim 'olha, é uma pessoa mulato'.
- aí ela falou 'ah, se é mulato, então não é aqui mesmo, porque aqui não mora ninguém assim.

Narrativa 36.

- eu vi um preto mal vestido, todo maltrapilho, olhando sério (..)
- e então fiquei morrendo de medo(...)
- então imediatamente me veio a idéia,
- eu perguntei ' o senhor quer café, com pão, (...)'
- e o homem olhava só pra minha cara,
- e não respondia,
- e eu então enchi de leite uma xícara,
- pus café,
- levei depressa pro moço, pro velho,
- e dei pra ele,
- e disse ' o senhor vai tomando o café aí, e espera(...)
- mas eu corri na sala,
- e gritei pra cima 'amêndola, vai pro seu,, (...)'
- e corri outra vez pra cozinha,
- e falei pra ele assim, 'esses maridos são assim, (...)
- o homem olhou bem pra minha cara assim,
- pôs a xícara em cima da coisa,
- saiu,
- não falou nada,
- foi embora,
- na mesma hora eu tranquei a porta,
- sentei numa cadeira,
- quase desmaiei de tanto medo,

Narrativa 37.

- e o cara foi tomar banho,
- escorregou no banheiro
- quebrou a perna, a cabeça do fêmur,
- aí ele conseguiu se arrastar até a sala,
- e ficou 2 dias lá na sala estendido,

- não chegava ninguém,
- daí depois de 2 dias conseguiu chegar a culker lá,
- e chegou, e tal,
- aí veio pro hospital.

Narrativa 58.

- conheceu um cara
- e numa noite, no hote,
- o cara bate as botas.
- e ela não sabe o que fazer, né.
- então ela ficou ... dois dias dentro do apartamento com o morto lá
- no terceiro dia ela resolveu sair,
- andou, andou, andou,
- até que procurou um amigo dele,
- contou,
- e ele orientou, né, pra chamar a polícia ...
- foram no apartamento, e tal,
- encontraram o cara morto.

Narrativa 79.

- daí ela morreu agora,
- e depois acho que de uns 2 dias que ela tinha morrido lá dentro do quarto, eles bateram , bateram,
- não havia nada,
- arrombaram a porta,
- entraram.
- ela tinha morrido de morte natural segundo a autópsia.

Narrativa 40.

- eu arrumei uma correntinha com uma cruzinha,
- no dia que eu perdi a cruzinha , logo depois eu fiquei sabendo que o cara tinha morrido.
- perdi assim: tava andando de carro, quando eu vi tinha sumido a cruzinha.

Narrativa 11.

- um dia foi um cara lá na clínica dela
- e então o médico da clínica geral achou que ele não tinha nada de clínica geral,
- encaminhou pro psiquiatra,
- não tinha psiquiatra lá porque psiquiatra só vai de manhã,
- então mandaram pra assistente social,
- e uma estagiária atendeu ele.
- e daí o cara ficou nervoso, porque....
- então começou a emburrar,
- e daí foram lá,
- amarraram todo o cara
- e puseram numa maca.
- ele deu um salto, deu um salto contra a parede.
- e daí todo mundo ficou apavorado, lá,
- esvaziaram todo o edifício,
- no fim chamaram a polícia, todos esses negócios.
- e daí ele falava assim 'oxum, estou com oxum'
- daí até que quando ele viu a polícia,
- ele se acalmou,
- e daí foram lá deram uma injeção,
- o cara ficou como morto,
- daí ele se acalmou
- e depois levaram ele lá pro INPS pra ser internado.

Narrativa 12.

- eu fui viajar, fui pro interior, fui na casa de uma amiga minha
- eu sei que eles saíram
- tiveram uma briga,
- aí, menina, chegou em casa, ela chegou chorando assim,
- mas eu fiquei impressionada.

-foram lá num lugar afastado,

-tiveram uma briga

- ela levou uma surra

- ela bateu no cara também.

Narrativa 44.

- de repente um carro(...) pára o motor,

- daí os carros(..) começaram a sair, porque a fila começou andar.

- e eu percebi que na hora que eu comecei sair pra ultrapassar o carro arrancou também.

- eu segui atrás dos carros que tinham passado na frente desse carro.

- e deu pra encaixar.

- quando parou a file,

- o cara veio brigar comigo.

- e discute de cá, discute de lá,

- eu não dou pelota,

- o cara (falou) 'vou chamar o guarda'.

- foi lá na frente,

- falou com o guarda,

- tinha assim um guardinha rodoviário pedindo pra rim sair da faixa.

- eu não saí da faixa.

- daí ele veio conversar.

- daí veio um guarda civil PM.

- e começa a discutir.

- daí as 4 mulheres que tavam dentro do carro começa 'prummmmm'.

- e o guardinha fica nervoso,

- daí o guardinha chega e fala 'bem, manda elas pararem de falar'.

- eu sei que eu saí do carro a esse hora.

- e começo a discutir,

- fico bravo, etc.

- numa dessas elas continuam falando, falando,

- e xingar o guarda,
- daí eu avanço por cima do guarda,
- vem um por trás de mim,
- me dá uma chave de braço,
- (fala)desacato à autoridade. Vamos todo mundo pra delegacia.
- aí voltamos pro carro,
- fomos todo mundo atrás do carro da polícia,
- e acabou o picinico.
- daí fomos parar todo mundo na delegacia.

Narrativa 45.

- então um dia que ia ter uma assembléia o pai dela pediu pra ela não ir à assembléia.
- então ela não foi.
- falou 'bom, então eu vou fazer outro programa.
- passou na casa de uma amiga dela,
- e foi num barzinho.
- ficou até umas 5 horas da manhã no barzinho com essa amiga dela,
- depois levou a amiga dela até a casa dela,
- eu sei que tinha um carro de polícia, veio atrás,
- bateu nela,
- e ela foi contra o poste,
- morreu.

Narrativa 46.

- e nessa festa, né, eu bebi pra burro
- e tava no fim da festa juntou um grupo de 5, né,
- que seámos tudo num carro, abarrotado, né.
- como tinha sobrado algumas garrafas (...), nós puseros no carro
- e fomos acabar a noite bebendo lá na casa de um amigo.
- e aconteceu que (...) nós atravessamos no sinal vermelho.

eu olhei
sinal vermelho,
atravessei.

- e andei uma quadra,
- de repente um jipe da polícia civil, né, nos faz sinal pra parar.
- e eu parei, né.
 a turma 'pára, pára'
 eu achei que não tinha problema,
 parei.
- daí me saiu de dentro um dos guardiães
- me falou 'olha, você pegou justamente um cara caxias'.
- o resultado é que fomos parar todos na delegacia.
- fomos até tirar exame de sangue, né, o motorista, que era eu,
- e daí só saímos no dia seguinte de manhã, (..)

Narrative 17.

- mas a família dela (...) não aceitou,
- então ele namorava com ele às escondida, tá, né?
- depois passou uns 3 ou 4 anos que ela conhecia ele,
- os pais dela começaram a descobrir, né.
- aí começaram a dar em cima
- ela falou 'hom, o jeito é eu esquecer ele ...'
- ela impediu ele de encontrar com ela, e tá.
- começou a namorar com outro rapaz, (...)
- aí casou, né, casou com esse moço.
- daí quando foi um belo dia o cara desquitou da esposa dele, (...)
- aí ele voltou,
- começou a dar em cima né?
- e ficaram de encontrinhos, sabe.
- até que um dia faleceu o pai dela primeiro,
- daqui a pouco, passou mais uns 3 ou 4 anos,
- faleceu a mãe dela,
- aí eles começaram a se encontrar, se encontrar,
- quando foi um belo dia, ela falou 'olha, C. ele tá louco pra que eu vá morar com ele, mas como eu faço?
- aí né, ela resolveu.

- ela disse 'olha cida, agora não pode passar (...)
- falei 'ah, minha filha, você que sabe',
- quando foi um dia ela resolveu,
- (falou) bom, hoje nós vamos.
- aí eles resolveram buscar a mudança dela tal dia.
- aí eles foram.
- O marido saiu pra trabalhar, né,
- a bandeirinha ficou lá,
- ele arrumou carro tudo
- e a noite fechou o salão mais cedo
- convidou nós pra gente ir ajudar.
- e quando foi 7 e meia o cara chegou lá
- aí foi eu e a nice, e ela, e o filho do rapaz, e o menininho dela, de uns 6 anos.
- carregou todinha as coisas
- o carro lotou, ficou lotado o carro
- aí o cara chateava a gente, eu e a Nice (...)
- no fim ele acabou ficando mesmo como o cara desquitado.

Narrativa 18.

- até que um dia nós fomos convidadas pra ir numa festa em Itu.
- nós trabalhamos o dia inteiro,
- quando foi a noite, todo mundo lá.
- e a cida tinha um ex namorado dela, e nesse dia ela resolveu voltar com ele,
- então quer dizer, o C. foi, ela convidou ele.
- deu a hora certa,
- ele apareceu lá.
- ficamos no salão esperando a L.
- então ela foi no casamento,
- quando foi as 10 horas ela voltou,
- encontramos lá no salão,
- e daí nós fomos tudo, todos para a festa.
- chegamos lá, aí resolvemos ir pra Itu.
- e o filho dele ficou passeando sozinho,
- nós fomos ao bar tomar alguma coisa,

- e L. saiu com o H.
- foi passear até uma certa hora,
- até que nos cansamos,
- aí resolvemos voltar.
- chegamos em casa já era tarde, umas 4 horas.

Narrativa 49.

- nós saímos um domingo, o P., eu, (...).
- nós resolvemos ir ao Eduardo's Park (...)
- e nós chegamos lá mais ou menos umas 11 e meia.
- e nós paramos bem em frente à piscina, uma piscina de forma irregular e não muito funda,
- e ficamos vendo se o local era bom,
- nós paramos assim para olhar.
- e eu vi uma criança de 1 ano e 5 meses andando na beirada da piscina, mas no outro extremo, a uns 30 m. de distância.
- eu comentei com a minha cunhada 'como que essa criança está sozinha assim dentro do cercado, um dia frio ...'
- falei 'como que uma criança de roupa, calça comprida, bota, andando aí na margem da piscina'.
- e aquilo preocupou,
- chamou nossa atenção.
- nós ficamos olhando,
- e a gente observou que a menininha continuou avançando,
- e começou a andar assim na borda da piscina, ...(...)
- e não bastou que ela desse 3 passos que ela caiu na água.
- caiu na água, e caiu de bruços.
- então eu comecei a gritar. (...) dizendo que tinha 1 criança na água.
- e chamou a atenção realmente desse rapaz que tava dentro da água.
- mas como a piscina tinha uma forma toda irregular, ele não via a menina.

- e ele (...) pensou que fosse, que eu estava me referindo às crianças que estavam comigo,
- então meu irmão, que estava atrás, largou o nenê no chão,
- falou pra minha cunhada olhar o Fábio,
- saiu correndo,
- pulou o cercado,
- entrou na água de roupa e tudo,
- tirou a menina, né,
- daí o pai apareceu.
- e tem um enfermeiro, um médico (...) pegou a criança,
- e realmente a menina tava bem, não chegou a beber muita água.

Narrativa 50.

- então disse que uma vez foi no Banco do Brasil de Campinas um lavrador muito humilde,
- disse que queria custear uma lavoura de arroz no sítio dele.
- então o pessoal pegou fez o financiamento.
- e penhorou a safra dele.
- e como garantia subsidiária pegaram um burrico dele também.
- bom, passou o tempo certo de financiamento,
- venceu o financiamento,
- e o homem não veio pagar.
- então o banco, (...) mandou um fiscal pra ver o que tinha acontecido.
- bom, chegou lá o fiscal fez o laudo,
- e mandou de volta pro banco.
- e quando o pessoal leu, leu,
- e tava escrito assim 'o cliente comen a garantia principal e fugiu com a garantia subsidiária.'

Narrativa 51.

- marcamos em frente à churrascaria ali na entrada da cidade universitária
- aí nós fomos naquele rodízio que tem na esquina.
- chegamos lá,
- era um big dum restaurante chic, né.
- chegamos lá, tal.
- o N. falou 'ah, aqui é la carte, etc, e do outro lado rodízio'.
- eu falei 'ótimo, porque eu não gosto de rodízio '.
- bom, sentamos lá,
- começamos a conversar,
- de repente aí começa a vir,
- vem uma linguica,
- eu falei 'pera aí, né, nós queremos a la carte, né.
- o cara parou assim.
- (falei) ('o senhor tem filê?'
- (falou) bom, filé nós não temos.
- eu falei então vem...
- (falou) nós temos alcatra.
- 'alcatra', falei puxa... 'como é que seria o alcatra, (...)?
- (falou) ah, pode ser no espeto.
- falei 'lá bom, né.
- meu colega concordou também.
- aí dentro de minutos ele vem de novo com bisteca.
- (falou) quer bisteca?
- eu falei 'nós não queremos rodízio, nós temos querendo a la carte
- (falou) ah, vocês querem só alcatra, né.
- eu falei é.
- aí eu olhei pro N.,
- falei 'opa, será que só tem rodízio aqui?
- bom, aí vem o garçon e, um outro garçon,
- o pergunta se nós já tínhamos sido servidos.

- eu falei que não, que nós não queríamos rodízio e que nós tá-
vamos querendo a la carte.
- daí ele fala que não tem a la carte, só rodízio.
- daí eu falei 'como não tem, se o outro garçon acaba de me fa-
lar que tem, né.'
- (falou) 'não, não tem realmente,
- aí ele chama o outro garçon.
- (diz) 'ele não sabe nem o que é a la carte'.
- pergunta 'você sabe o que é a la carte?'
- aí o outro garçon vira, 'olha, tão chamando na mesa seguinte'.
- aí o garçon 'tá vendo, ele não sabe o que é a la carte.
- aí nós pegamos chamamos o maitre,
- pedimos a conta,
- e fomos embora.